

O FERROLANO

**ERNESTO GUERRA
DA CAL**

**ESTUDO
DO SEU PENSAMENTO
POLÍTICO, BIOGRÁFICO
E DE CONTEXTO**

por

MANUEL LOPES ZEBRAL

ÍNDICE

| | Pág. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| I. Abreviaturas utilizadas | 8 |
| II. Introdução | 13 |
| III. Capítulo primeiro | |
| 1. Nascimento em Ferrol | 35 |
| 2. EGDC exilado em Madrid | 37 |
| 3. O Cancioneiro da Vaticana de Teófilo Braga | 38 |
| 4. O Cancioneiro da Ajuda de Carolina Michaëlis de Vasconcelos | 41 |
| 5. Cantigas de Santa Maria de Afonso X | 44 |
| 6. Cantigas de Amigo de José Joaquim Nunes | 45 |
| 7. EGDC descobre Eça de Queirós | 45 |
| 8. Prisão de EGDC nas lutas de estudantes | 46 |
| 9. A proclamação da República espanhola | 53 |
| 10. A Caravana Galeusca | 54 |
| 11. A ditadura militar em Portugal | 57 |
| 12. As armas do navio Turquesa | 59 |
| 13. EGDC durante a República (1931-1936) | 60 |
| IV. Capítulo segundo | |
| 1. Golpe militar de Franco contra a República | 65 |
| 2. Milícias Populares Galegas | 66 |
| 3. EGDC alista-se nas Milícias Populares Galegas | 69 |
| 4. EGDC representante das Juventudes Socialistas Unificadas | 70 |
| 5. O inimigo que EGDC combate: Frente de Toledo | 74 |
| 6. EGDC capitão do Exército Popular Republicano | 77 |
| 7. O combate à Quinta Coluna: As Checas | 77 |
| 8. As Milícias Populares Galegas transformadas em 4.º Batalhão Galego da 1.ª Brigada Mixta do Exército Popular da República | 82 |
| 9. EGDC agente secreto do Serviço de Investigação Militar do Exército Popular da República | 84 |
| 10. Missão soviética para ajudar a República esp. | 85 |
| 11. Aleksander Orlov | 88 |
| 12. Leonid Eitington | 89 |

| | |
|--------------------------------------------------|----|
| 13. Gustavo Duran | 90 |
| 14. A criação do Serviço de Investigação Militar | 90 |
| 15. Governo republicano em Valência | 93 |
| 16. Julian Grimau e EGDC | 94 |
| 17. Relacionamento galego-português | 94 |
| 18. Luís Soto | 95 |
| 19. EGDC escreve acerca de Serafim Ferro | 95 |
| 20. Brigadas Internacionais | 97 |

V. Capítulo terceiro

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. A Frente Popular Antifascista Galega e Unidade Galega | 105 |
| 2. Maria do Campo | 106 |
| 3. Luís Jiménez de Asúa | 106 |
| 4. A OSS (Office of Strategic Services) | 107 |
| 5. EGDC chega a Nova Iorque | 108 |
| 6. Miguel Pizarro Zambrano | 109 |
| 7. José António Aguirre Pres. do Governo Basco | 111 |
| 8. Castelão outorga-lhe a sua representação a José António Aguirre | 112 |
| 9. Apelo catalão às Nações Unidas, Galiza-Portugal nação única na Conferência de São Francisco | 113 |
| 10. Donald Downes (OSS) no Norte de África | 114 |
| 11. Operação Banana | 121 |
| 12. A traição anglo-norte-americana | 122 |
| 13. O exílio de Bernardino Machado em A Crunha | 125 |
| 14. A Liga de Defesa da República portuguesa conhecida como Liga de Paris | 127 |
| 15. Os exilados portugueses na Galiza | 128 |
| 16. Combatentes portugueses em favor da República espanhola | 131 |
| 17. O Plano Lusitânia | 133 |
| 18. O exílio português durante a Segunda Guerra Mundial | 134 |
| 19. A relação de Castelão com o exílio português | 135 |
| 20. Os Budas outorgam-lhe a sua representação a Castelão | 137 |
| 21. A missão confiada pelos Budas a Castelão como | |

| | |
|------------------------------------------------------------------------|-----|
| representante dos portugueses | 139 |
| 22. A intervenção internacional contra o governo franquista | 140 |
| 23. Atividade pública de EGDC em New York | 141 |
| 24. A Segunda Guerra Mundial | 143 |
| 25. As bombas atómicas sobre Hiroshima e Nagasaki: O Projeto Manhattan | 146 |

VI. Capítuo quarto

| | |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. A Literatura Galega por EGDC em 1946 | 151 |
| 2. A Literatura Portuguesa por EGDC em 1947 | 153 |
| 3. D. Segundo Sombra, teoria e símbolo do gaúcho | 188 |
| 4. A batalha na ONU dos republicanos no exílio | 191 |
| 5. Os bascos na ONU | 196 |
| 6. Os cinco pontos de Giral na ONU | 198 |
| 7. O Serviço Basco de Informação (SBI) | 204 |
| 8. EGDC e a Revolução Cubana | 207 |
| 9. Língua e estilo de Eça de Queirós | 208 |
| 10. EGDC contacta com Outeiro Pedraio e a Galiza | 210 |
| 11. EGDC penetra em Portugal graças a Alberto Machado Da Rosa | 211 |
| 12. EGDC na New York Academy of Sciences | 212 |
| 13. EGDC organiza o Junior Year na Espanha | 212 |
| 14. Instituto Brasileiro no Washington Square College of New York | 214 |
| 15. EGDC à altura de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir no Brasil | 214 |
| 16. EGDC com o sueco Magnus Mörner | 217 |
| 17. O IV Colóquio no Brasil | 218 |
| 18. Humberto Delgado abala o salazarismo | 219 |
| 19. Lua de além-Mar | 220 |
| 20. EGDC recebe do Brasil o Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul | 222 |
| 21. Ernesto Guerra Da Cal-Jean Paul Sartre-Simone de Beauvoir | 223 |
| 22. Oposição a Salazar encabeçada por Humberto Delgado | 224 |
| 23. O combate galego-português contra as ditaduras de | |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Franco e Salazar, o DRIL e o Santa Liberdade | 225 |
| 24. Ord. Militar de Sant'iago da Espada para EGDC | 227 |
| VII. Capítulo quinto | |
| 1. Criam-se na Galiza o PSG e a UPG | 229 |
| 2. Rio de Sonho e Tempo (RST) | 229 |
| 3. Uma única ortografia para galego-português-brasileiro, alfabetização mais rápida | 229 |
| 4. A Fundação Calouste Gulbenkian apoia à Galiza | 230 |
| 5. António Houaiss na ONU sintonia com EGDC | 231 |
| 6. A Luso-Brasiliens Review (1964) | 232 |
| 7. EGDC da New York University para a City University of New York | 233 |
| 8. EGDC e o Black Power | 234 |
| 9. EGDC e Armando Cortesão | 235 |
| 10. EGDC e a ONU | 235 |
| 11. Helena Cidade Moura publica em português Linguagem e estilo de Eça de Queiroz (1966) | 236 |
| 12. Contexto neiorquino de EGDC: A ONU na década de 1961-1971 | 236 |
| 13. EGDC e a Checoslováquia | 238 |
| 14. O porvir da língua galega | 238 |
| 15. EGDC Comendador do Infante D. Henrique | 239 |
| 16. Estela Glatt traduz a português LEEQ no Brasil | 240 |
| 17. EGDC os velhos combatentes vitalícios e os novos guerreiros do Amor | 241 |
| 18. EGDC em Angola e Moçambique | 242 |
| 19. EGDC no Centenário da Questão Coimbrã | 244 |
| 20. A insurreição operária em Ferrol de 10 de março de 1972 | 245 |
| 21. A Bibliografia Queirosiana (BQ) entra na Universidade de Coimbra | 245 |
| 22. Manuel R. Lapa combate em favor da Galiza | 246 |
| 23. Contra a nossa secular ortografia, a portuguesa | 247 |
| 24. A posição de Ricardo Carvalho Calero | 248 |
| 25. A língua galega reivindicada pelo Movimento Obreiro | 248 |
| 26. A Revolução dos Cravos | 249 |

| | |
|-------------------------------------------------------------|-----|
| 27. Ideologia política de EGDC em 1974 | 249 |
| 28. EGDC perante as nacionalizações da Revolução dos Cravos | 251 |
| 29. O Manifesto de Roma | 251 |
| 30. Conflito linguístico e ideologia na Galiza | 252 |

VIII. Capítulo sexto

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. Mudar tudo para tudo seguir igual | 257 |
| 2. A Comissão Linguística presidida por Ricardo Carvalho Calero | 258 |
| 3. Conto de Fadas poema revolucionário dedicado à juventude galega | 260 |
| 4. O pensamento de EGDC a respeito da Galiza em 1984 | 264 |
| 5. Antelóquio indispensável de Futuro Imemorial | 267 |
| 6. Rosalia de Castro, Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano | 276 |
| 7. Eduardo Ruiz Pons e Aurélio Aguirre | 288 |
| 8. Poema de Rosalia de Castro a Inês de Castro e Luís Vaz de Camões | 292 |
| 9. A solidariedade de Federico Garcia Lorca com a língua e a cultura da Galiza, com o povo galego: A colaboração linguístico-literária de EGDC com Federico Garcia Lorca | 293 |
| 10. O poema Toque de Rebate de Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas | 294 |
| 11. EGDC e o terrorismo do Estado Espanhol | 296 |
| 12. EGDC e a Galiza na formação de Portugal | 296 |
| 13. A Galiza em Fialho de Almeida | 296 |
| 14. O Portugal que encontrou EGDC desde 1977 até a sua morte | 298 |
| 15. Poema a Castelão de José Jorge Letria publicado em 1989 | 299 |
| 16. Homenagem a Castelão por Rodrigues Lapa | 301 |
| 17. Nota preambular de EGDC na edição de LAM e RST de AGAL de 1991 | 302 |
| 18. Relacionamento de EGDC com Jesús Galíndez | 304 |
| 19. Dois lusistas insólitos: Franco e Fraga | 309 |

ABREVIATURAS UTILIZADAS

- ADELA: Atlantic Development Group for Latin America.
AGAL: Associação Galega da Língua.
AGZVGF: Associação da Galiza de Vítimas do Genocídio Franquista.
AET: Agrupación de Estudiantes Tradicionalistas.
AH: Alexandre Herculano.
ANT: A Nosa Terra.
AP: Alianza Popular.
APE: Associação Portuguesa de Escritores
ASTANO: Astilleros y Talleres del Noroeste.
BI: Brigadas Internacionais.
BM: Bernardino Machado.
BMPG: Batalhão de Milícias Populares Galegas.
BNG: Bloco Nacionalista Galego.
BQ: Bibliografía Queirosiana (Lengua y Estilo de Eça de Queirós. Bibliografía Queirosiana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra).
CCB: Camilo Castelo Branco.
CIA: Central Intelligence Agency.
CIG: Central Intelligence Group.
CGT: Confederación General del Trabajo.
CMV: Carolina Michaëlis de Vasconcelos.
CNT: Confederacion Nacional del Trabajo.
COI: Office of the Coordination of Information.
CPIP: Comité Provincial de Investigación Pública.
CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.
CPRNGz-Pt: Comissão Para a Reunificação Nacional da Galiza e Portugal.
CUNY: City University of New York.
CUNY: Columbia University of New York.
CV: Cancioneiro da Vaticana.
DCRL: Docentes Contra a Repressão Linguística.
DRIL: Directório Revolucionário Ibérico de Libertação.
DSS: Dom Segundo Sombra.
EBA: Eduardo Blanco Amor.

EGDC: Ernesto Guerra Da Cal.
EGL: Emílio González López.
ERC: Esquerra Republicana da Catalunha.
ERP: Eduardo Ruiz Pons.
EUA: Estados Unidos da América.
EUDC: Enric Ucelay Da Cal.
EPR: Exército Popular Republicano.
ETA: Euskadi Ta Askatasuna.
FAI: Federação Anarquista Ibérica.
FBI: Federal Bureau of Investigation.
FE: Falange Española.
FJS: Federação das Juventudes Socialistas.
FPAG: Fronte Popular Antifascista Galega.
FOIA: Freedom of Information Act.
FUE: Federação Universitária Escolar.
GALEUSCA: Galiza-Euskadi-Catalunha.
GB: Grã-Bretanha.
GzS: Galiza Solidária.
HSA: Hispanic Society of America.
IC: Internacional Comunista.
JAP: Juventudes de Acción Popular.
JEL: Junta Espanola de Liberación.
JG: Julião Grimau.
JLFG: José Luís Franco Grande.
JMC: Joaquim Montezuma de Carvalho.
JONS: Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista
JSU: Juventudes Socialistas Unificadas.
KGB: Комитет Государственной Безопасности, Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti, Comité de Segurança do Estado.
LAM: Lua de Além-Mar.
LEEQ: Língua e Estilo de Eça de Queirós.
LJA: Luís Jiménez de Asúa.
MAOC: Milícias Antifascistas Obreiras e Camponesas.
MI6: Military Intelligence, Section 6.
MLZ: Manuel Lopes Zebral.
MP: Menendez Pelaio.
MPG: Milícias Populares Galegas.

MPZ: Miguel Pizarro Zambrano.
MSE: Manuel Sousa Ermida.
NKVD: Нарóдный Комиссариат Внутренних Дел (Comissariado do Povo para Assuntos Internos da URSS).
NYU: New York University.
OAS: Organisation de l'Armée Secrète.
OIT: Organização Internacional do Trabalho.
OMS: Organização Internacional da Saúde.
ONCE: Organización Nacional de Ciegos Españóis.
ONG: Organização Não Governamental.
ONI: Office Naval of Intelligence da Navy.
ONU: Organização das Nações Unidas.
ORGA: Organização Republicana Galega.
OSS: Office of Strategic Services.
OVRA: Organizzazione per la Vigilanza e la Repressione dell'Antifascismo.
PCE: Partido Comunista de Espanha.
PCF: Partido Comunista francês.
PCG: Partido Comunista de Galicia.
PCP: Partido Comunista português.
PG: Partido Galeguista.
PIDE: Polícia Internacional e de Defesa do Estado.
POG: Partido Obreiro Galego.
POUM: Partido Operário de Unificação Marxista.
PR: Primo de Ribera.
PROFITERN: Red International of Labor Unions.
PSG: Partido Socialista Galego.
PSOE: Partido Socialista Obreiro Espanhol.
RST: Rio de Sonho e Tempo.
PTG: Partido dos Trabalhadores de Galicia.
SA: Santiago Álvarez.
SBI: Serviço Basco de Informação.
SERE: Serviço de Evacuação de Refugiados Espanhóis.
SHC: Sociedades Hispánicas Confederadas.
SIICE: Serviço de Informação, Investigação e Contra-espionagem.
SIM: Serviço de Investigação Militar do EPR.
SIPM: Serviço de Informação e Polícia Militar franquista.

SIS: Special Intelligence Service (Serviço Especial de Inteligência do FBI).

SOE: Secret Operations Executive inglês.

SSU: Strategic Services Unit.

TB: Teófilo Braga.

UCD: Unión de Centro Democrático.

USC: Universidade de Santiago de Compostela.

UGT: Unión General de Trabajadores.

UJC: União de Juventudes Comunistas.

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UPG: União do Povo Galego.

URSS: União de Repúblicas Socialistas Soviéticas.

INTRODUÇÃO

Este Estudo do Pensamento Político de EGDC, da sua Biografia e do seu Contexto vital, foi realizado sobre a Tese de Doutoramento de Joel Gomes e do seu livro intitulado *Ernesto Guerra Da Cal, do exílio a galego universal* de Através Editora publicado pela Associação Galega da Língua (AGAL) em março de 2015. É de justiça explicitá-lo. Também como é de justiça explicitar as limitações quanto ao seu pensamento político, biografia e contexto[s] vitais que existem nos trabalhos, muito meritórios, de Joel Gomes relativamente a EGDC e que por sua vez, em nossa opinião, limitam a importância e atualidade do seu pensamento e obra para a Galiza e o Portugal de hoje. Para a sua Portugaliza ou ideal de UNIÃO NACIONAL da Galiza e Portugal. REVOLUCIONÁRIA questão que define a EGDC como REVOLUCIONÁRIO. Pensamento e praxe vital, de combate em favor de esse ideal até ao último alento, como Manuel Rodrigues Lapa afirmou de Castelão, e nós afirmamos, também o afirmam os factos, de EGDC. Não pretendemos fazer de EGDC um Che Guevara porque não o foi. Não foi um revolucionário de barba com armas na mão. Foi REVOLUCIONÁRIO para o contexto galego-português-brasileiro. Porque ao inserir à Galiza na língua e cultura portuguesa, sobretudo, e brasileira, ao afirmar a UNIÃO nacional da Galiza e Portugal, REVOLUCIONAVA todo esse campo. Campo dominado pelas implacáveis e genocidas ditaduras de Franco e Salazar que ele combateu de armas na mão no caso franquista, primeiro como combatente nas Milícias Populares Galegas e depois como oficial do Exército Popular Republicano e mais particularmente como agente secreto, espião, do Serviço de Investigação Militar do dito Exército Popular Republicano. Sem que a CENSURA que instalou o genocídio franquista possa ser desvendada a dia de hoje para termos conhecimento de pormenor não apenas da vida de combate de EGDC como de muitas outras pessoas combatentes: Cinquenta caixas com documentos relativos ao Serviço de Investigação Militar Republicano espanhol dormem

no Arquivo Militar de Ávila custodiado por militares, guardiães da espoliação e da VERDADE histórica ainda hoje PROIBIDA para os nossos interesses como povo que são os da Humanidade. EGDC combateu ao lado das maiores e melhores pessoas revolucionárias do mundo na altura, as bolcheviques, as da Terceira Internacional, as das Brigadas Internacionais.

O combate de EGDC contra a ditadura de Salazar, este sabedor – e a PIDE – do seu combate armado contra Franco, não foi mais do que com uma arma, possante arma, denominada *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, uma arma que derrotou toda a baba ideológica clerical-fascista com que o salazarismo pretendia alagar e sequestrar a revolucionária obra e prosa de Eça de Queirós. Arma tão convincente que foram convictos Marcello Caetano e outras figuras do salazarismo porque, em nossa opinião, EGDC justamente nesse campo e unicamente nesse campo foi mais revolucionário do que todo o Portugal esmagado pela miséria ditatorial salazarista. Ao afirmar isto sabemos e proclamamos que a Revolução dos Cravos foi obra do proletariado e o povo português em aliança com o Movimento das Forças Armadas, obra poemada, musicada e cantada pelo imortal Zeca Afonso. Uma arma tão terrível, a de EGDC-Eça de Queirós, cujo contido de denúncia da hipocrisia e corrupção da hierarquia da Igreja em Portugal produz desassossego mesmo em meios governamentais alegadamente de esquerdas que ordenam um caça escoltar o avião do Papa que chega para se banhar em massas na fátua Fátima.

O combate de EGDC no Brasil tem tanto sucesso, é tão vitorioso, como para que a um galego “que insiste em ser chamado de galego”, lhe seja outorgada a consideração que o iguala a duas figuras senlheiras da intelectualidade revolucionária mundial, Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre; o ferrolano EGDC recebe a mesma consideração que as duas graúdas figuras comprometidas na altura com toda quanta revolução abrolhara no mundo.

E ainda o combatente EGDC nos anos da Segunda Guerra Mundial combateu nos EUA como agente da inteligência, agente secreto, espião, em trabalhos preparatórios para os aliados, EUA-GB, invadirem a Espanha de Franco e o Portugal de Salazar, sem sabermos se ele foi um dos vinte “espanhóis e norte-americanos”

que Donald Downes e a OSS (Office of Strategic Services) levaram para o desembarco no norte de África e desde ali introduzi-los nos territórios franquista e salazarista como os traídos da Operação Banana – e outras – cujo desfecho foi o fuzilamento por Franco dos agentes introduzidos, todos, incluído o galego de Lugo, Lozar, a trabalharem para a OSS de Donovan e Donald Downes, sem que a dia de hoje o governo dos EUA assim os reconheça.

EGDC, até essa data de nome Ernesto Perez Guerra, tem o seu passaporte norte-americano, a nacionalidade norte-americana, em 18 de abril de 1945, na altura em que muitas outras pessoas, “sem papéis”, indocumentadas, o tiveram após trabalhos de espionagem de combate contra os nazis e o Eixo germano-italiano-japonês, que as tornaram legendárias – na página web da CIA estão referenciadas mais de uma.

Reparem que não todas as pessoas que se poderiam incluir nessa classificação tiveram o seu passaporte norte-americano, a cidadania norte-americana. Um exemplo próximo de EGDC, e ainda caso aberto passadas décadas da sua desapareição, sequestro, tortura e assassinato, foi o do basco Jesús Galíndez que nessa altura não dispunha de passaporte norte-americano embora a sua documentada pertença ao FBI e à CIA como espião em nómina.

A vida de combate de EGDC remonta-se à sua infância, dolorosamente EXILADO em Madrid onde teve de empregar os punhos para defender a sua ofendida, intensa e querida identidade galega: A sorte de muitos meninos e meninas galegas objeto de racismo nos países do seu forçado êxodo ou exílio. Uma galeguidade, a de EGDC, mamada em Quiroga onde o galego era ÚNICA língua de comunicação – exceto na escola com aulas presumivelmente em espanhol – em amores e afetos, os da sua tia Consolo, a “Teteio”, que lhes lia, aos dois irmãos Fernando e Ernesto, poemas de Rosalia de Castro e de Curros Henriques, e outras pessoas que ele evocará mais tarde. Pense-se no menino EGDC a receber aulas do seu tio – e vizinho que vivia no andar superior – Santiago Prol Blas, única pessoa na altura que tinha publicado um trabalho, em espanhol, de estudo acerca da obra de Rosalia de Castro – em vida de Murguía. Com certeza com uma

biblioteca importante, tanto que foi nela que o menino Ernesto encontrou *O Primo Basílio* de Eça de Queirós traduzido para espanhol cuja leitura foi a origem da paixão, amor e vida de EGDC para Eça de Queirós, desde aí até à *Bibliografia Queirosiana* final, toda uma vida. Uma biblioteca como, presumimos, teria a sua tia “Teteio”. Tudo num contexto ideológico galego significado pela criação da Irmandade da Fala, a inauguração da Estátua de Rosalia de Castro em Compostela em 30-VII-1917, a espanhola greve geral insurrecional de 13-17 de agosto desse ano e a Revolução Soviética em novembro de 1917.

Do seu combate madrilenho chama a atenção a rebeldia de EGDC contra os herdeiros do monarca Alfonso XIII, João e Gonçalo de Bourbon, concorrentes como ele no Instituto General y Técnico de San Isidro, ao encabeçar um protesto coletivo do alunado rejeitando se fotografarem com os filhos do rei Alfonso XIII. O dito Instituto de São Isidro talvez fosse o melhor de Madrid... e EGDC foi ameaçado de expulsão pelo fato descrito.

Do seu combate adolescente pela vida de galeguidade que bulia no seu interior são boa mostra como DEVORARAM em 1923, ele com onze anos, o irmão Fernando um pouco mais, *El Idioma Gallego, Su Antigüedad y Vida* de António de la Iglesia; como encontraram, devoraram?, o *Cancioneiro da Vaticana* de Teófilo Braga de 1878 e o *Cancioneiro da Ajuda* de Carolina Michaëlis de Vasconcellos de 1904. E ainda conseguiram em 1929 os três volumes de *Cantigas de Amigo* de José Joaquim Nunes publicadas em 1926-1928. E em Madrid tinham, publicadas desde 1889 pelo Marquês de Valdemar, Leopoldo Cueto e pela Real Academia Espanhola, o *Livro das Cantigas de Santa Maria*. Em termos educativos, poucas pessoas galegas teriam acesso ao que os dois irmãos tiveram.

Militância ativa de EGDC, combatente integrado na Federação Universitária Escolar fundada pelo maiorquino Sbert (Presidente) e o galego Emílio González López (Secretário), seu amigo nascido em 1903, contra a ditadura de Primo de Ribera e contra a monarquia de Alfonso XIII, com certeza desde a greve de maio de 1928; intensos combates cujo desfecho será a derrocada da monarquia e a implantação da República em 14 de abril de 1931

após Ernesto e Fernando sofrerem a repressão espanhola que os encerrou mesmo no cárcere. Combate direto como o que EGDC teve com Apolinar Rato, ascendente do delinquente Rodrigo Rato que fora vice-presidente do governo de Aznar e diretor do FMI. Combate na Galiza onde em 25 de julho de 1930, no Dia da Pátria, no Círculo das Artes de Lugo içam a bandeira galega proibida durante a ditadura.

Combatente pela liberdade nacional da Galiza como o demonstra a sua presença em Compostela em 25 de julho de 1933 na grande mobilização que foi a Caravana Galeusca que mesmo abalou o governo da República.

Combatente pela língua e a cultura da Galiza conseguindo a ternura poemada, a solidariedade para com o povo galego e a Galiza de uma das grandes figuras, um dos grandes criadores de beleza, da literatura universal, Federico Garcia Lorca que nos seus *Seis Poemas Galegos* manuscritos por EGDC deixou para sempre uma das mostras de solidariedade com a Galiza de mais valor a pesar das balas tricornes.

Combatente EGDC integrado no PCE como afirma o filho Enric Da Cal e como parece confirmar o “comunicado” das Milícias Populares Galegas publicado em *El Socialista* em 4-IX-1936 assinado dentre outras pessoas representantes políticos ou sindicais, por ERNESTO PÉREZ GÜERRA (J.U.), em representação das Juventudes Socialistas Unificadas criadas em 26-III-1936.

Combatente EGDC integrado no 4º Batalhão Galego da 1ª Brigada Mixta do Exército Popular da República e pertencendo ao SIM? Não sabemos. Pensamos que assim seria sem termos certeza pela falta de dados. Não sabemos se ele participou e de que maneira nos combates que o dito 4º Batalhão Galego travou contra nazis no Jarama até à tomada da Catalunha pelas forças germano-italianas que determinaram a vitória de Franco.

EGDC morará em Nova Iorque desde janeiro de 1939 até ao ano de 1977: Cerca de quatro décadas de exílio na “capital” do mundo. Nova Iorque foi sede das Nações Unidas, local onde se travou uma batalha que durou uma década (1945-1956), a batalha do republicanismo espanhol, galego, basco e catalão para evitar que o

regime de Franco fosse reconhecido e conseguir com mais facilidade a sua derrocada, para além do reconhecimento do direito à autodeterminação de galegos, bascos e catalães. Nessa grande batalha ganhada por Franco, desta feita não graças à ajuda de Hitler e Mussolini mas à ajuda norte-americana de Eisenhower e inglesa, embora saibamos a participação de representantes catalães e bascos, alguns com relacionamento com EGDC caso Fontanals ou Galíndez, desconhecemos se, por exemplo, EGDC, com o seu flamante passaporte de cidadania norte-americana, viajou ao São Francisco para participar ou acompanhar os trabalhos da Conferência que começou em 25 de abril e se prolongou durante o mês de maio até ao 26 de junho de 1945. Se houve representação galega.

Fontanals e Galíndez compartilharam com EGDC mesa de cabeceira no banquete de comemoração do Dia da Pátria na Casa Galicia em Nova Iorque em 25 de julho de 1946. Galíndez, seis dias antes do seu sequestro em 12 de março de 1956 visitou EGDC na sua morada de Riverside Drive em Nova Iorque.

Desde 17 de julho até ao 2 de agosto de 1945, na Conferência de Postdam, perto de Berlim, Churchill e Truman evitam a derrocada de Franco que Estaline defendia. Quase de imediato, em 6 de agosto, primeira bomba atômica sobre Hiroshima, em dia 9 sobre Nagasaki – a hegemonia do poder mundial nuclear dos EUA ficava demonstrada. Assim nasceu a ONU sediada na cidade de Nova Iorque, a do exílio de EGDC e de muitas outras pessoas a batalharem contra Franco para a liberdade das suas pátrias tiranizadas.

EGDC tem de viver todas as batalhas que se travam no mundo concentradas na sede das Nações Unidas na cidade de Nova Iorque. As do tempo do primeiro secretário-geral da ONU, o norueguês Trygve Lie (1946-1952) com a guerra da ONU-EUA para impedir a reunificação, para dividir a Coreia em duas Coreias, a Norte e a Sul; a guerra da França contra o Viet Nam continuada pelos EUA. As do tempo do assassinado secretário-geral, o sueco Dag Hammarskjöld (1953-1961) com a guerra anglo-francesa contra o Egito de Nasser, a independência do Congo com o assassinato de Lumumba; a Revolução Cubana. Ou as do tempo de

U Thant natural da Birmânia ou Myanmar, (1962-1971), a independência da Argélia; a Guerra dos Seis Dias de Israel contra os árabes; a guerra entre a Índia e o Paquistão em que surge Bangla Desh; a entrada na Checoslováquia das tropas do Pacto de Varsóvia e muitas outras...

Em 1946, dois anos depois da primeira edição do *Sempre em Galiza* de Castelão, uma significativa e avançada resenha da história da Literatura Galega é publicada em inglês pelo combatente EGDC no *Dictionary of World Literature* do editor Joseph T. Shipley, a primeira publicação da literatura mundial em língua inglesa que inclui a literatura galega. E em 1947, EGDC publica uma, com certeza, revolucionária resenha da literatura portuguesa, indicadora da sua coerência em termos de conhecimento e assunção da sua Pátria do Sul, Portugal. É Horatio Smith o Editor em inglês do *Columbia Dictionary of Modern European Literature* onde vai incluída a dita resenha.

Em 16 de maio de 1949 já tinha apresentada a sua tese de doutoramento redigida em espanhol, *Língua e estilo de Eça de Queiroz*, um trabalho “muito penetrante”, que será publicado em livro em espanhol em 1954 na Coleção dos Acta Universitatis Conimbrigensis com a “Nota Prévia” em português, datada no Natal de 1953, com a sua proclama de combate: “Portugal era o desenvolvimento da Galiza... era o que a Galiza deveria ter sido... sem imposição”. Será por fim Helena Cidade Moura que em 1966 traduzirá e publicará em português *Língua e Estilo de Eça de Queiroz* em Editorial Aster. Helena Cidade Moura, uma das grandes ALFABETIZADORAS do povo português mas não, infelizmente, do povo galego.

Já em 1954, o combatente EGDC reivindica a Rosalia de Castro, “obtusamente excluída pelos apologistas espanhóis [embora] em 1913... Fitzmaurice Kelly recebeu-a COM HONOR no *Oxford Book of Spanish Verses*...Uma Rosalia... culto e mito na Galiza... por razões emocionais coletivas... só tangencialmente literárias... Uma Rosalia apolotegizada...”. Esse ano fora denunciada na UNESCO a repressão franquista contra quem usar da língua e a cultura galegas.

No *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira*

dirigido por Jacinto do Prado Coelho publicado pela Editora Figueirinhas do Porto em 1956, o ferrenho defensor da Portugaliza, EGDC, foi um dos principais contribuidores elaborando verbetes das literaturas galega e portuguesa. EGDC destaca a ímpia *A Relíquia* da obra de Eça de Queirós – pense-se “no corpo de ouro de Jesús pregado na sua linda cruz de pau preto” a se transformar no corpo nu da Adélia “com dois rijos, direitos, esplêndidos seios... profanando o altar, com os braços abertos para mim” publicado em 1887 – derrotando o salazarismo e a sua representação no campo da crítica literária, Gaspar Simões ou outros que serão banidos ao ser ele, EGDC, o escolhido por Jacinto do Prado Coelho. A participação de EGDC em Lisboa no III Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros é mais uma mostra de como vence as reticências salazaristas relativas ao seu combate anti-franquista.

Combate que alcança um ponto álgido na sua proclamação de usar a ORTOGRAFIA portuguesa para o galego na “Nota de Autor” de *Lua de Alén-Mar* publicada em 1959 pela Editorial Galaxia. Combate para “estreitar mais os laços que nos unem [a Galegos e Portugueses]”, segundo Jacinto do Prado Coelho.

Em *Rio de Sonho e Tempo*, publicado em 1963 pela Editorial Galaxia, o combatente EGDC é qualificado por Outeiro Pedraio como “Mestre da Nova Galeguidade” e “um dos melhores representantes do espírito de Coimbra e Compostela”.

Em setembro de 1963 é pioneiro EGDC na proposta de uma ÚNICA ORTOGRAFIA para galego, português e brasileiro, germe dos Acordos Ortográficos de Rio de Janeiro em 1986 e de Lisboa em 1990, base para a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 1996.

Em 1964, EGDC recebe o reconhecimento de António Houaiss, representante do Brasil na ONU em Nova Iorque desde 1960, contrário ao colonialismo português em África e que trabalhou com Aparecido de Oliveira para criar a CPLP.

É em 1968, o ano da entrada das forças do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia, que Zdenek Hampl – antes Hampejs – publicou em Praga a sua obra que se ocupa da literatura galega junto com as ibéricas, influído por EGDC e o seu *RST*.

Em 1969, a sua proclama de combate do Natal de 1953 “Portugal era o desenvolvimento da Galiza” é publicado no Brasil numa nova tradução de Estela Gatt de *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*.

Em 1970, o combatente por Amor, EGDC, “velho combatente vitalício da batalha em prol da cultura luso-brasileira... futuro garantido pelas novas gerações de guerreiros...” defende “o Amor ser entre todas as formas de conhecimento humano a mais alta, a mais funda e a mais larga – e a mais nobremente duradoura”. Esse ano de 1970 e o de 1971 são os da batalha de *A Relíquia* em que EGDC vence e rende o salazarismo impondo os sonhos pornográficos de Teodorico Raposo sobre o relatório de Manuel Pinheiro Chagas, a Academia das Ciências de Lisboa e os seus preconceitos morais e religiosos: EGDC é recebido pelo Presidente do Conselho de Ministros, Marcelo Caetano, em reconhecimento público da sua dedicação à cultura portuguesa. E é aclamado num ato político da maior significância contra a ditadura salazarista na Universidade de Coimbra participando como conferencista sobre *A Relíquia* nas comemorações do centenário da Geração do 70, à que pertencia Eça de Queirós – Carlos Reis, assistente e estudante na altura, ficará convicto.

O trabalho de EGDC como jornalista radiofónico na *Voz de América*, em português e em espanhol, desde 1952 até 1974 é quase desconhecido, está por resgatar e investigar – em 1972 gravava cinco palestras mensais dirigidas à Espanha.

Outra das suas armas de combate, a *Bibliografia Queirosiana* (BQ) é entregue antes de maio de 1973 na Universidade de Coimbra e contribuirá a vencer a crítica literária salazarista de Alypio de Melo e Gaspar Simões.

A Batalha pelo Galego começa em junho de 1973 e durará até hoje. É Manuel Rodrigues Lapa quem a iniciará referenciando como autoridade a EGDC, “sucessor do ilustre Diego Sarmiento de Sotomayor, escritor galego superiormente apertrechado que defende para o galego a ORTOGRAFIA PORTUGUESA, por simples identidade”.

Será Dario Xohán Cabana quem iniciará o contra-ataque continuado por muitas outras “autoridades”. Uma particularmente

daninha será a de Francisco Rodrigues que publicará em 1976, *Conflito lingüístico e ideoloxía na Galiza*, com letal influência nas “forças da resistência”, até chegarmos ao ano de 1981, em plena ressaca do terror do golpe militar fascista do 23 de fevereiro, em que se reúnem na Universidade de Tréveris Alonso Monteiro, Ramom Lourenço, Ramom Pinheiro e outros vultos para perseguição e PROIBIÇÃO de tudo o que identifique galego com português com especial sanha contra a ORTOGRAFIA. Perseguição e PROIBIÇÃO que serão promulgadas no Decreto 173/1982 de 17 de novembro publicado no Diário Oficial de Galicia em 20 de abril de 1983.

O combatente EGDC responderá em 25 de abril de 1983 em entrevista no *Jornal de Letras* de Lisboa proclamando que Portugal é a Galiza livre... É em setembro de 1981 que EGDC data o poema intitulado “CONTO DE FADAS”, poema REVOLUCIONÁRIO “dedicado à juventude galega representada por M.^a Pilar Garcia Negro e Xose M.^a Dobarro”.

É em 12-XI-1984 que EGDC em carta a José Luis Franco Grande (JLFG) manifesta a sua indignação contra o “autonomismo” colonizador espanhol e lamenta a falta de combate. Esse vivo combate que ele continuará durante o ano de 1985, com os seus humildes meios, publicando com 72 anos duas monumentais proclamas políticas, o “Antelóquio indispensável” do seu *Futuro Imemorial* e *Rosalía de Castro, Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*. E ainda em 1988, em que publica *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas* com o seu poema de “natureza combativa”, “Toque de Rebate”, “badaladas contra o 'Sistema’”. Ou a “Nota Preambular” de 25 de abril de 1991 publicada na reedição de *LAM* e *RST* por AGAL. E mesmo pouco antes da sua morte, escrevendo-combatendo contra Franco e Fraga com toda a contundência que o caracterizou de por vida.

Um EGDC que, como Jean Paul Sartre, se manifestará contrário a Estaline e ao Estalinismo. Quanto às suas crenças religiosas EGDC confessa-se um “descrente desolado” e um “devoto sem Deus”, um ateu sem recato em nossa opinião.

Na Galiza, em maio de 1987, é publicado por AGAL, *Portugal no Quadro Peninsular* de Ramón López Suevos, dedicado a Elvira

[Souto Presedo] em que analisa desde a Galiza a UNIÃO NACIONAL e linguística da Galiza e Portugal embora a ORTOGRAFIA em que escreve não seja totalmente portuguesa.

Desde 1986 até 1991 aparece na Galiza um novo grupo denominado Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive integrado por pessoas galegas e portuguesas cujo contido programático fora publicado em julho de 1988 numa brochura intitulada *Nova Poesia Galega*, com ortografia próxima do português, em que defendiam para a Galiza, independência e socialismo e afirmavam que “a Galiza obrigada a viver de costas a Portugal” e que “uma Galiza independente sentirá a necessidade de se integrar na comunidade luso-afro-brasileira”.

É em 6 de dezembro de 1991, na manifestação convocada em Compostela pelo BNG em favor do direito à autodeterminação da Galiza, que aparece publicamente proclamado “Galiza Portugal, UNIDADE NACIONAL”; proclamação e organização coletiva com distribuição de três mil panfletos redigidos em português e presença na manifestação com uma grande faixa com a dita proclamação, tudo com grande repercussão nos média portugueses. A partir de 6 de dezembro de 1991 começa na Galiza um tempo, uma década, em que o uso da ORTOGRAFIA portuguesa para o galego e a reivindicação da UNIÃO NACIONAL da Galiza e Portugal serão permanentes na atividade coletiva de propaganda de difusão ideológica de grupos de pessoas organizadas em Docentes Contra a Repressão Linguística, Galiza Solidária até à criação em 16 de maio de 1998 da Comissão para a Reunificação Nacional da Galiza e Portugal baseada na i. Defesa da autodeterminação da Galiza nos foros internacionais. ii. Português, língua da Galiza. iii. A Galiza e Portugal, nação ÚNICA. Antes da sua criação, em março de 1995, foi colocada por Galiza Solidária perante a ONU a questão da liberdade nacional da Galiza e a sua UNIÃO com Portugal. No Dia da Classe Operária da Galiza, 10 de março de 1995, na Copenhaga, no quadro da Cimeira Mundial da ONU Contra a Pobreza e pelo Desenvolvimento Social, foram distribuídos quatro mil panfletos em inglês denunciando a repressão da Espanha contra “tudo o que identificasse a Galiza com Portugal”. No seguinte dia distribuíram-se outros quatro mil

em língua dinamarquesa num comício de Fidel Castro e Nelson Mandela ao que assistiram mais de dez mil pessoas. E ainda no seguinte dia 12 de março, ao tentar distribuir o mesmo panfleto em português foram ilegalmente detidos pela polícia dinamarquesa e ingressados no cárcere Jesus Peres Bieites e Manuel Lopes Zebral e posteriormente indemnizados pela polícia da Copenhaga. Indemnização com que se financiou uma equipa de computação para a Academia das Ciências de Cuba. Ainda nesse mesmo ano e noutros encontros internacionais em Barcelona, Madrid, na Bulgária, em Bruxelas, a voz portuguesa da Galiza foi ouvida graças ao esforço de Galiza Solidária.

Quanto ao trabalho de Docentes Contra a Repressão Linguística de denúncia da repressão encabeçada pelo franquista Fraga, ele diretamente, contra pessoas organizadas ou não em Docentes a usarem a nossa língua e a nossa secular ORTOGRAFIA, se pode afirmar que alcançou dimensões nunca vistas na Galiza quer pela capacidade de difusão a meio de panfletos quer pela SISTEMÁTICA utilização do português como língua em que eram redigidos os panfletos; para além do efeito multiplicador que as denúncias tinham ao serem publicadas nos média portugueses e não apenas. A firmeza e coerência das pessoas que integravam Docentes Contra a Repressão Linguística, organização nascida da própria necessidade de se defender da repressão franquista espanhola foi uma das realidades mais meritórias embora os custos pessoais que tiveram, perda de emprego, expedientes disciplinares, ameaças de morte, intimidações, perseguições, assédio e um sem fim de mecanismos dissuasórios do poder espanhol para esmagar a dissidência galega e portuguesa que essas pessoas representavam. O pensamento e a obra de EGDC foi muito além na Galiza do que nunca tivera ido como o demonstra o esforço e a intensidade repressiva do poder franquista espanhol representado por Fraga para esmagá-las – “eliminar como combatentes” – e impedir alastrarem as ideias que defendiam e que prendessem no proletariado e no povo galego antes de que fosse tarde para a sua possante estabilidade.

E apesar da repressão dou-se um salto qualitativo, passou-se da reivindicação linguística à reivindicação política, ao ser criada a

Comissão para a Reunificação Nacional da Galiza e Portugal cuja atividade nunca cessou até hoje. E também surge como uma necessidade para dotar de uma expressão organizativa à atividade ou praxe social que se vinha desenvolvendo. Nesse ano de 1998, mais de vinte pessoas galegas, moços e moças maiormente, o mais avançado da Galiza participaram em Lisboa no Festival Mundial da Juventude e na Conferência Mundial de Ministros responsáveis pela Juventude auspiciada pela ONU e com presença na inauguração em 8 de agosto do seu secretário-geral, Kofi Annan, ao que lhe foram entregados em mão por Manuel Lopes Zebral dois escritos em inglês, um da CPRNGz-Pt e outro de GzS, reivindicando uma resolução da ONU que reconhecesse o direito à autodeterminação, independência e soberania da Galiza. Conferência Internacional que por aclamação aprovou o Tratado de Lisboa em que a ONU implementaria o direito à Autodeterminação dos Povos. Nesse momento da aclamação apenas estavam presentes representantes de dois povos, o Timor Leste e a Galiza. Tratado de Lisboa sobre o que foi construída a fase final da Independência do Timor Leste, território sob a tutela da ONU a meio de Sérgio Vieira de Mello que organiza a sua declaração de independência para ser assassinado pouco tempo depois no Iraque atacado, invadido e ocupado pelos norte-americanos.

E muito antes do impune assassinato do nosso Sérgio Vieira de Mello, integrantes de Docentes Contra a Repressão Linguística, se deslocaram desde a Galiza até Lisboa no ano 1995 para ter com José Aparecido de Oliveira, na altura Embaixador do Brasil em Portugal e atribuído pai da criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, para que a Galiza fosse contemplada fazendo parte da Comunidade. Não fora possível o encontro com ele por não se achar em Lisboa nesse momento. Mas no ato de criação da CPLP, em 17 e 18 de julho de 1996 houve uma representação proletária da Galiza – pessoas que trabalharam em ASTANO – que fora convidada oficialmente pelo português Ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, e recebida por ele próprio na sua qualidade de presidente da CPLP, uma vez constituída, Marcolino Moco, secretário-executivo, e Rafael Branco, secretário-executivo

adjunto. Os integrantes da representação da Galiza recebêramos a mesma consideração que lhe foi dada ao representante do Timor Leste, José Ramos Horta.

Nesse ano de 1996 aparece publicado o livro *Manual Galego-Português de História* de Manuel Lopes Zebral, um relatório da história da UNIDADE NACIONAL da Galiza e Portugal.

Em dezembro de 1996, Galiza Solidária representada por Manuel Lopes Zebral, está em Oslo a acompanhar a cerimónia de entrega do Prémio Nóbel da Paz a José Ramos Horta e a Ximenes Bello. Rejeitamos o convite de Ramos Horta para a Galiza participar na Conferência Internacional de Imprensa para não lhe restar protagonismo ao Timor Leste. Ainda hoje temos dúvidas acerca de se a decisão foi a correta. Entregamos-lhe em mão um exemplar do livro *Manual Galego-Português de História* ao presidente da República portuguesa, Jorge Sampaio e lhe colocamos a questão de Portugal defender a direito à autodeterminação da Galiza. A sua risonha resposta foi: “Oh! Isso é muito complicado”.

Em julho de 1997, na cidade de Salvador da Bahia, celebrou-se o Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da CPLP em que foram “convidados especiais com VOZ”, Manuel Lopes Zebral pela Galiza e José Ramos Horta pelo Timor Leste. Esse foro tomou a decisão de defender o direito à autodeterminação do Timor Leste. No que diz respeito à Galiza foi debatida e rejeitada a defesa desse mesmo direito à autodeterminação embora a miúda e formal questão era “ONGs a defenderem a língua portuguesa no mundo terem VOZ na CPLP”. A noite do 17 de julho houve o debate da questão da Galiza no Palácio do Governador do Estado da Bahia em que participaram os Ministros dos Negócios Estrangeiros da CPLP, o próprio Governador e o representante dos Serviços Secretos espanhóis enviado por Aznar, Alonso Dezcallar. Debate do que fomos “amavelmente” excluídos Ramos Horta e Manuel Lopes Zebral – nós enganados. No seguinte dia 18 de julho pela boca do representante angolano saiu a intoxicação da tirania espanhola: “ETA, País Basco, a Galiza embora o representante esteja aí, são um problema para uma criança como é a CPLP, portanto para garantir o crescimento da criança eliminemos o problema...”. O representante de Moçambique em

identidade com o de Angola disse: “Concordamos todos com o do Timor Leste?... Mais nada!”. Defesa da autodeterminação do Timor Leste, para a Galiza nada...

A ingerência espanhola nos assuntos internos das sete repúblicas que constituíam a CPLP foi de tal magnitude que esteve a ponto de a fazer estalar. Achemos que a intervenção de Jaime Gama, vencida a posição concertada relativamente à Galiza, foi a que salvou a situação. Tudo seguido muito de perto por Fraga e uma parte de seu governo presentes na cidade de Salvador da Bahia nesses momentos. Regressaram à Galiza no mesmo avião que eu regresssei. Para o Timor Leste foi uma grande vitória...

Nove meses após, em 10 de abril de 1998, os acordos de Stormont para REUNIFICAR as duas Irlandas, são assinados sem que vinte e um anos passados a Irlanda seja UMA. O denominado pacto de Lizarra (Estella) para UNIR os diferentes territórios que integram Euskal Herria é assinado em 12 de outubro de 1998 nessa localidade navarra, Lizarra (Estella).

A CPRNGz-Pt é cofundadora da Plataforma Cidadã da Galiza “Nunca Mais” criada em 21 de novembro de 2002 em Compostela. No dia 1 de abril de 2003, Galiza Solidária e a CPRNGz-Pt, representadas por Manuel Lopes Zebral teve encontro em Genebra com o Grupo de Trabalho de Pessoas Forçadas ou Involuntariamente Desaparecidas do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos para denunciar o genocídio franquista na Galiza particularmente em Ferrol. Em dia 2 fomos acreditados pela Associação Americana de Juristas para participarmos na 59.ª Sessão da Comissão dos Direitos Humanos da ONU e na sexta-feira, 4 de abril, na reunião plenária da dita Comissão dos Direitos Humanos distribuímos um escrito redigido em francês em que denunciávamos a criminosa negligência do governo de Aznar perante a maré negra do petroleiro Prestige que alagou de piche as costas da Galiza e não apenas. Mais de cem representantes governamentais de todo o planeta receberam a informação distribuída – agradecéramos à representação portuguesa e belga a sua pronta resposta solidária com a população galega.

Desde 6 até ao 14 de abril de 2005, estadia em Genebra de Manuel

Lopes Zebral para assistir à 61.^a Sessão da Comissão dos Direitos Humanos da ONU, acreditado pela Federação Sindical Mundial.

Em 11-IV-2005, Manuel Lopes Zebral apresenta queixa redigida em português perante o Comité dos Direitos Humanos da ONU para solicitar reingresso em ASTANO A CONSTRUIR BARCOS e português língua oficial e de trabalho na ONU.

Esse mesmo dia, MLZ, presidente de Galiza Solidária e representante da Comissão Para a Reunificação da Galiza e Portugal, apresenta queixa redigida em francês – Protocolo Internacional ou Pacto Internacional dos Direitos Cíveis e Políticos – para solicitar: i. Galiza território tutelado pela ONU. ii. Direito à autodeterminação, independência e soberania da Galiza para a população determinar, livre, a UNIDADE da Galiza com Portugal.

Esse dia, MLZ, presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt, apresenta queixa perante o Comité dos Direitos Humanos da ONU para uso do português garantido na Galiza em todos os âmbitos, sociais, políticos, económicos, etc. particularmente na rede de Ensino, na Educação e nos Médios de Comunicação.

O mesmo dia 11 de abril e perante a Comissão dos Direitos Humanos, pelo Procedimento 1503, MLZ, presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt, apresenta os mesmos escritos de queixa que se apresentaram perante o Comité dos Direitos Humanos.

Em dia 12 de abril, MLZ, presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt, envia carta explicativa acerca da Galiza para o secretário-geral Adjunto da ONU em Genebra, Sergei Ordzhonikidz, rogando envie para o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, a mesma carta explicativa acerca da Galiza, um abaixo assinado com duas mil assinaturas em favor da autodeterminação da Galiza e a sua UNIÃO com Portugal e um exemplar do livro *Manual Galego-Português de História*.

Esse mesmo dia 12 de abril MLZ, presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt se dirige por escrito em francês para a presidenta do Conselho de Estado de Genebra, Martine Brunschwig Graf solicitando qualquer iniciativa em favor dos direitos nacionais da Galiza e a sua união com Portugal.

Em 14-IV-2005, MLZ, presidente de GzS e representante da

CPRNGz-Pt, apresenta perante o Comité dos Direitos Humanos e da Comissão dos Direitos Humanos da ONU queixa contra o genocídio franquista e a reparação das suas consequências com reconhecimento do direito à autodeterminação, independência e soberania da Galiza para, livre, determinar UNIÃO com Portugal. Todo isto foi acompanhado da distribuição de um panfleto redigido em francês informando a população da Genebra da violação dos direitos civis e políticos da Galiza. A resposta a este trabalho foi sermos identificados pela polícia e mesmo durante horas retidos na rua, às portas da ONU com retenção de passaporte para além das ameaças e intimidações de pessoas da Embaixada espanhola. Destaca o facto de nos ser impedido o acesso ao registo do Palácio Wilson, sede do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, tivemos que registar as queixas perante a segurança da ONU. E destaca a celeridade da resposta em espanhol às queixas apresentadas em 11 de abril: Em dia 12 são inadmitidas e enviadas chegando desde Genebra à minha morada em Ferrol às 13h30 do dia 14 de abril. Uma das razões da inadmissão foi não estarem redigidas em espanhol. Parece mais uma ingerência do Reino da Espanha que reage ao lhe tocar a corda sensível...

Nos dias 23 até 26 de outubro de 2006, houve sessão do Parlamento Europeu de Estrasburgo. Foi no dia 25 de outubro de 2006 que foi aprovada uma resolução em favor da paz no País Basco a proposta do grupo do PSE. O governo espanhol de J. L. R. Zapatero foi quem tomou a iniciativa. Durante esse período de tempo MLZ, presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt, esteve acreditado para assistir às sessões. Dentro e fora do Parlamento foram distribuídas folhas informativas redigidas em língua francesa informando acerca dos direitos nacionais da Galiza e a necessidade da sua UNIÃO com Portugal. No dia 23 foi distribuída a intitulada “Le Galice Spolièe”. No dia 24, “La Galice Incendiée”. No dia 25, “La Galice Libre: République Fédérative de la Galice et du Portugal”. No dia 26, “La Galice Massacrée”. Se a questão do direito à autodeterminação do País Basco foi o debate de fundo no Parlamento Europeu, a questão dos direitos nacionais da Galiza e a necessidade da sua UNIÃO com Portugal também

estiveram presentes mesmo com entrevistas com diferentes deputados e deputadas portuguesas que se manifestaram favoráveis.

Em dia 27 de outubro de 2006, MLZ, presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt, perante o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem do Conselho da Europa sediado em Estrasburgo, apresentou queixa redigida em português contra o Reino da Espanha por este violar na Galiza os Direitos Humanos, os Direitos dos Povos e outros reconhecidos no Protocolo Facultativo do Pacto Internacional dos Direitos Cívicos e Políticos. Particularizado no direito ao trabalho em ASTANO A CONSTRUIR BARCOS, nos direitos linguísticos da população da Galiza e do direito à livre determinação, independência e soberania da Galiza para se UNIR com Portugal. Admitida a queixa a trâmite em 15 de janeiro de 2007 em língua portuguesa, com a pertinente sabotagem espanhola, o seu desfecho demora até o 23 de fevereiro de 2010 em que “uma formação de juiz único (E. Myjer)” em espanhol, declara inadmissível a queixa por não “observar aparência de violação dos direitos e liberdades garantidos no Convénio ou os seus Protocolos”.

Em 1.º de maio de 2007 foi homenageado na cemitério de Meã em Mugarbos, na Ria de Ferrol, Francisco Martínez Leira, “Pancho”, um dos mitos populares da guerrilha anti-franquista. Organizado por MLZ com ajuda de João Vazquez Loureda, “Anido”, Carmem Felgueira e familiares, venceu-se a inaudita resistência de forças que ajudavam o franquismo a censurar a sua existência.

Desde 8 até 12 de outubro de 2007 celebrou-se em Ferrol o Congresso Internacional a Resistência da Galiza ao Franquismo, organizado pela Associação da Galiza de Vítimas do Genocídio Franquista. Esta associação fora legalizada por João Vazquez Loureda, Carmem Felgueira, Alfredo del Rio e MLZ após vencer a negativa de uma irmã de Fraga Iribarne com a escusa do emprego da língua portuguesa nos Estatutos.

Em 1.º de maio de 2009, no cemitério de Meã em Mugarbos, na Ria de Ferrol, nova homenagem a Francisco Martínez Leira, “Pancho” e a Manuel Bastida Franco, “O Chone”, guerrilheiro que fora cabo do couraçado Jaime I fiel à República, Florentino

Iglesias Varela, Joaquim Seco Franco, Ramom Diaz Diaz e Andrés Dopico Otero, estes quatro assassinados pelo franquismo como represália por ações da guerrilha.

Entre o dia 1 e o 22 de agosto de 2010, MLZ marcha a pé desde os estaleiros navais de Lisnave (Setúbal), passando pelos de Barreras (Vigo) até ASTANO (Fene) na Ria de Ferrol pela União Operária Galego-Portuguesa.

Antes de 2 de novembro de 2010, MLZ marcha a pé desde Ferrol até Compostela que esperava a visita do Papa Ratzinger que fora das Juventudes Hitlerianas: Compostela desolada...

Em 5-13 de outubro de 2012, MLZ participa na Marcha contra o Desemprego desde Braga até Lisboa convocada pela CGTP.

Desde 1 até 20 de agosto de 2014, MLZ marcha a pé desde o Cabo Ortegal na Galiza até ao Cabo São Vicente em Portugal, atravessa a Portugaliza de EGDC, em favor da União Operária e Nacional da Galiza e Portugal.

Em 24 de abril de 2015 uma representação da Comissão de Agricultura e Mar da Assembleia da República recebe a MLZ e Miguel Abreira contra os fogos florestais na Galiza e Portugal.

Em 19 de abril de 2016, audiência da Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto, presidida por Edite Estrela, a MLZ presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt, e a Susana Mendez da Mesa pela Normalização Linguística que explicam, denunciam e documentam a repressão que sofrem as pessoas na Galiza pela utilização da sua própria e oficial língua, o galego, para solidariedade e defesa do português da Galiza.

Em 24 de abril de 2016, no Porto, MLZ entrega carta ao candidato à secretaria-geral da ONU, António Guterres, com as demandas de UNIÃO nacional da Galiza e Portugal sob os auspícios da ONU.

Na Cimeira Portugal-Espanha realizada em Vila Real, em 30-V-2017, MLZ, presidente de GzS e representante da CPRNGz-Pt entregou em mão carta ao primeiro-ministro, António Costa em que demandava eliminar a fronteira que divide a Galiza de Portugal para os unir nacionalmente. Dezassete dias após, em 17 de junho, incêndios em Pedrogão Grande com massacre de mais de meio cento de vítimas.

Em 8-VIII-2017, MLZ, presidente de GzS e representante da

CPRNGz-Pt, se dirige à Associação José Afonso para colocar a questão de esta solicitar Estatuto de Observador Consultivo na CPLP. Nesse mesmo dia, escrito para o presidente da Câmara Municipal de Lisboa instando iniciativas para a defesa de LISNAVE-ASTANO CONSTRUIR BARCOS.

Em 10 de agosto de 2017, MLZ em Pedrogão Grande para levar ao presidente de Câmara Municipal solidariedade da Galiza com as vítimas dos fogos florestais. No seguinte dia 11, carta de MLZ entregue em mão em Pedrogão Grande ao primeiro-ministro, António Costa, para manifestar que a Galiza e Portugal unidos nacionalmente seriam a solução de muitos dos problemas particularmente os fogos florestais.

Por fim foi criada a Fundação Ernesto Guerra Da Cal, inscrita em 5 de outubro de 2017 no Registo de Fundações de Interesse Galego, classificada de interesse cultural e declarada de interesse galego pela Junta da Galiza. A Fundação tem como objetivo estudar, conhecer, dar a conhecer, pesquisar, divulgar, publicar o pensamento, obra e vida de Ernesto Guerra Da Cal, melhorar e desenvolver a sua teoria e obra...

Pode-se afirmar, o afirmam os factos, que durante o período que vai desde 6 de dezembro de 1991 até hoje as atividades que se referenciam tentaram continuar e ultrapassar o pensamento e a obra de EGDC nomeadamente no campo político, no sindical, no seio da classe operária, colocando os ideais democráticos, revolucionários e anti-franquistas de EGDC na ONU, na União Europeia, na CPLP, na República portuguesa, na autonómica Junta da Galiza, no Reino de Espanha, nos governos municipais galegos e portugueses, tentando que esses ideais fossem assumidos sobretudo pela classe operária quer galega quer portuguesa, quer dizer, criar a consciência da necessidade perentória da UNIÃO nacional da Galiza e Portugal, da Portugaliza de Ernesto Guerra Da Cal. Foi um novo período na Galiza e Portugal onde o novo é a reivindicação permanente e a todos os níveis da UNIÃO nacional da Galiza e Portugal. Reivindicação que colide nomeadamente na Galiza com todas as forças que CENSURAM até o silenciar o pensamento e a obra de Ernesto Guerra Da Cal. Este livro quer contribuir a marcar uma rota de ação particularmente para a

juventude, para o operariado, para o povo galego e português e os outros povos da nossa língua, ação que alcance o objetivo pelo que durante a sua vida combateu Ernesto Guerra Da Cal.

MANUEL LOPES ZEBRAL

Em Ferrol, sexta-feira, 30 de agosto de 2019

Capítulo primeiro

NASCIMENTO EM FERROL

Ernesto Guerra Da Cal (EGDC) nasceu em Ferrol, com o nome de Ernesto Pérez Guerra, em 19 de dezembro de 1911, no segundo andar do n.º 142 da rua da Igreja, na altura rua Sagasta. A sua mãe, Laura Guerra Taboada tinha 22 anos aquando o pariu nas condições em que pariam as mulheres no Ferrol da altura. O pai Ramon Pérez Cal, médico, morreu em 18 de julho de 1912, aquando o filho tinha apenas sete meses. Fora companheiro de turma e amigo íntimo de Castelão nas aulas da Faculdade de Medicina da Universidade de Compostela mesmo estiveram juntos na tuna compostelana.

A mãe de EGDC ao lhe morrer o marido foi para Madrid a acabar os estudos de Magistério na Escola Superior Normal e deixa os filhos, o maior Fernando e Ernesto, ao cuidado da sua mãe, Fernanda Taboada, e da sua irmã Consolo Guerra Taboada que moravam em Quiroga.

Em Quiroga, a tia de EGDC, a “Teteio” era a mestra da escola das meninas. Santiago Prol Blas era o mestre dos meninos e portanto professor do EGDC durante a sua estadia em Quiroga. Santiago Prol Blas era tio de EGDC; foi académico correspondente da Real Academia Galega e autor do único estudo acerca de Rosalia de Castro, em vida do marido desta, Murguia, intitulado *Estudio Bibliográfico Crítico de la Obra de Rosalia de Castro* publicado em espanhol na página 49 de *El Eco de Santiago* em 1917.

Em 30 de julho de 1917 fora inaugurada a estátua a Rosalia de Castro em Compostela. Descobriu-se o monumento às 11h00 coberto com a bandeira espanhola e com a bandeira galega o qual fora uma imposição dos partidos monárquicos espanhóis para lhe tirar a Rosalia de Castro a sua identidade galega, a sua defesa da liberdade nacional da Galiza mesmo unida a Portugal. Às 21h00 celebrara-se uma velada literária.

Atribui-se a Fraiz Andião o trabalho e o empenho para imortalizar Rosalia de Castro com um monumento o qual requeria pagar o

escultor que afinal fez a estátua. Fraiz Andião, que era mestre e diretor da Escola Normal de Compostela em 1 de janeiro de 1915, enviou cartas às mestras da Galiza para arrecadarem dinheiro elas, o alunado e familiares para financiar o monumento a Rosália de Castro. Temos que pensar que a tia de EGDC recebeu a carta e que contribuiria. Do mesmo jeito que o seu professor, Santiago Prol Blas, que vivia no primeiro andar, acima de onde EGDC morava com a tia. Acrescentemos que nessa altura foram criadas as Irmandade da Fala: Em A Crunha, em 18 de maio de 1916; em Ferrol, em 15 de abril de 1917 e em Compostela por essas datas com duas ideias basilares: i. Português, língua da Galiza. ii. Galiza e Portugal nação ÚNICA.

Resulta difícil não pensar na formação e ideias que recebera o menino Ernesto e o seu irmão Fernando quer do seu mestre Santiago Prol Blas quer da sua tia Consolo Guerra Taboada que “desde a infância lhes lera poemas de Rosalia de Castro e de Curros Henriques”. O ambiente ideológico e dos sentimentos que havia na Galiza da altura, achamos que o define Ramon Martínez López no *Columbia Dictionary of Modern European Literature* publicado em inglês nos EUA em 1949, ao se referir a Rosalia de Castro como “a poeta da Galiza” [que qualifica de Spanish Region] e que em Rosalia está “toda a REBELIÃO e as aspirações da Galiza”; qualifica a Rosalia “como precursora de Ruben Dario, Amado Nervo, António Machado e Federico Garcia Lorca”. Ramon Martínez López também se refere a Curros Henriques para dizer que desde temperã idade tomou parte em acaloradas campanhas liberal-republicanas; que foi excomungado pela Igreja católica por três poemas de *Aires da Minha Terra* (1879): “Mirando o Chão”, “Igreja Fria”, e o “Divino Sainete” em que “ataca uma degenerada Igreja, venal Administração de Justiça, Desigualdade Social, Hipocrisia, Licenciosa Vida Eclesial e urge o Papa para abandonar 'luxúria e pompa’”. Ramon Martínez López frisa que “nas colónias espanholas [sic] de emigrantes [galegos] na América sentiam DEVOÇÃO por Curros Henriques” e que depois da sua morte em 1908 “na Havana o seu corpo tornou à Galiza onde foi popularmente reconhecido”. Aos dois, Rosalia e Curros, Ramon Martínez López, apresenta-os como poetas “espanhóis”.

Na secção de Literatura Catalã, os poetas aparecem como o que são: catalães; Ramon Martínez López atribui aos poetas galegos o qualificativo de “espanhol-galego”.

Acrescentemos para marcar o contexto que em 18 de dezembro de 1916, os sindicatos CNT-UGT convocaram greve geral nos territórios dominados pela corrompida monarquia de Alfonso XIII e que em 13-17 de agosto de 1917 houve greve geral insurreccional que durou quatro dias.

EGDC EXILADO EM MADRID

Transladados [exilados como EGDC exprimira] a Madrid Ernesto e Fernando, compraram em 1923 em “Cuesta de Moyano” o livro escrito em espanhol *El Idioma Gallego, su Antigüedad y Vida* de António de la Iglesia, segundo conta EGDC em carta enviada para Teresa López Fernández em 8 de junho de 1991: “Fora de Rosália e Curros – que desde a infância nos tinham sido lidos por nossa tia Consolo [a 'Teteio' a quem dediquei *Lua de Além-Mar*] – esta antologia era o primeiro texto galego que nos vinha às mãos. DEVORÁMO-LA! E aí foi o meu primeiro contacto com alguns dos trovadores dos Cancioneiros medievais [João Zorro, João Ayres de Santiago, Pay Gomes Charinho, Pero Meogo, Balseiro, Meendinho, Codax e todos os outros que lá aparecem]”.

O que DEVORARAM EGDC com 11 anos e o irmão com pouco mais? Um livro que tenta documentar a existência da língua galega afastada já do latim: Marca o ano de 562 como o do terceiro Concílio da Igreja de Lugo ao que remeteu São Martim, arcebispo de Braga os “oitenta e quatro cânones e capítulos eclesiásticos que tinha recopilado e TRADUZIDO DO LATIM EM ROMANCE”, o romance da Galiza, o de Braga, a língua galega cuja existência também referencia e documenta nos séculos VII, IX, X e XI: *Cantigas* de Gonçalo Hermíguez e outros de Arnoia (1016). Referencia Dom Dinis de Portugal, o seu filho Afonso Sanchez, Afonso IX de Leão, o Conde de Barcelos, Arcediago de Touro, Bacharel de Salamanca em lide poética com Alfonso Álvarez de Vila Sandino, Macias... Referencia a ORTOGRAFIA DO GALEGO GRAVADA NA PEDRA: JAZ, FEZ, POVO, FAZER, VIRGE... O livro publica um poema de Francisco de la Iglesia Fernández, irmão do autor do livro, de 1885 em que emprega “g” e

“j” como em todos os poemas que o livro publica.

Afirma o galego como língua das duas Galizas, a Lucense e a Bracarense, como língua de Numância, o Berço, Leão, como língua de Portugal e as suas colónias no Brasil, em África, Oceânia e Ásia, 15 milhões de pessoas a falar galego no mundo; afirma o galego como pai do castelhano ou a língua castelhana filha do galego... (1886).

Acrescentemos que António de la Iglesia publicara em espanhol, em 1863, em A Crunha, um *Diccionario Gallego-Castelhano* da autoria do clérigo Francisco Javier Rodriguez, já falecido: a correspondência castelhano-galega vai acompanhada da portuguesa em IDENTIDADE com a galega...

Em suma EGDC e Fernando DEVORARAM uma resenha histórica da língua galega em IDENTIDADE com a portuguesa desde o século VI até fins do XIX século... O livro continha nove cantigas de João Zorro, nove de Pero Meogo, oito de Dom Dinis, sete de João Ayras de Santiago, sete de Codax, quatro de Pay Gomes Charinho e três de Balseiro... Todas com a nossa SECULAR ORTOGRAFIA. EGDC com 11 anos DEVORARA tudo isso!

A própria Teresa López Fernández continua a escrever que os dois irmãos, Ernesto e Fernando, no Instituto General y Técnico de São Isidro em Madrid encontraram o *Cancioneiro da Vaticana* publicado em 1878 por Teófilo Braga e o *Cancioneiro da Ajuda* publicado em 1904 por Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

O CANCIONEIRO DA VATICANA DE TEÓFILO BRAGA

No *Cancioneiro da Vaticana* Teófilo Braga utiliza os qualificativos de “miserável” e “mesquinho” para definir os monarcas João IV e João V, os dous séculos XVII e XVIII em que reinaram, a atividade da Academia das Ciências e os governos respetivos, com uma contundente crítica por não empregar o dinheiro na restituição do *Cancioneiro* publicado por Monacci: “Lançamo-nos a esse trabalho de restituição como quem cumpre um dever de honra nacional”, escreve Teófilo Braga e define o *Cancioneiro da Vaticana* como “O MONUMENTO PRINCIPAL DA LITERATURA PORTUGUESA, pela importância filológica,

histórica tradicional e artística e pela sociedade que representa, é indubitavelmente o grandioso *Cancioneiro Portuguez da Biblioteca do Vaticano*. Pertence aos séculos XIII e XIV, e compõe-se de mil e duzentas e cinco (1205) canções que se repetiram nas Cortes de D. Afonso III, D. Diniz e D. Afonso IV; ali se acham imitadas as várias escolas poéticas do fim da idade média, os contos trovadorescos da Corte de S. Luiz, os cantares de segrel das CORTES PENINSULARES, os dizeres gallegos, e os lais bretãos a que apenas se allude; em quanto as individualidades históricas, ali se acham representadas nos mais saborosos trovadores as famílias que estiveram com Afonso III em França, e conspiraram para o elevarem ao trono. Por qualquer lado que se compulse este monumento, redobra-se o seu valor. Desde o século XVI que se sabe da sua existência, os sábios estrangeiros o têm estudado sucessivamente, a estrangeiros devemos os fragmentos publicados até hoje, e hoje a admirável edição diplomática de Ernesto Monacci, que apareceu à luz em Halle, em fins de 1875. O texto primitivo do Cancioneiro supõe-se perdido desde 1516; existe um apographo de copista que não sabia portuguez, e que reproduziu o texto extraindo-o dentre a PAUTA MUSICAL; d'aqui resultou que o amanuense, apesar de toda a sua fidelidade reproduziu palavras imaginárias, as mais das vezes sem forma de verso. O ilustre Monacci que salvou este texto, provoca a nação portuguesa com o seu generoso brinde, a TRABALHAR para a reconstrução crítica da forma autenticamente perdida. É o que tentamos hoje de um modo integral. A nossa edição deve contar:

- i. De uma longa introdução sobre a HISTÓRIA da poesia provenzal portuguesa deduzida do texto do Cancioneiro e de um estudo da HISTÓRIA externa sobre a filiação dos diferentes Cancioneiros dos séculos XIII e XIV, com os quais o Cancioneiro da Vaticana tem íntima relação. [Teófilo Braga declara no começo: 'seguimos o exemplo do historiador HERCULANO na sua edição crítica dos Nobiliários'.]
- ii. Do texto das 1205 canções restituído em quanto à língua, à da época em que foi escrito o Cancioneiro, pelos processos críticos mais rigorosos; em quanto à poética,

fixando-lhes a sua justa metrificação e a forma estrófica, segundo os dados comparativos da poesia provenzal.

- iii. De um glossário de todas as palavras arcaicas empregadas no Cancioneiro, e notícias biográficas dos trovadores portugueses”.

Acrescenta Teófilo Braga: “A MISSÃO ESPECIAL DA GALLIZA NA UNIFICAÇÃO DA POESIA PENINSULAR, pela educação que os príncipes ali recebiam, e pelo encontro de trovadores de todas as cortes meridionais na romaria de San Thiago foi continuada por D. Diniz... e pelo estudo das canções do seu avo Afonso o Sábio de Castella...”.

“Em quanto a unificação política se fez por via da Galliza...” (pág. 69)

Tudo isto está tirado, extraído da EDIÇÃO CRITICA RESTITUIDA SOBRE O TEXTO DIPLOMATICO DE HALLE ACOMPANHADA DE UM GLOSSARIO E UMA INTRODUCCÃO SOBRE OS TROVADORES E CANCIONEIROS PORTUGUEZES POR THEOPHILO BRAGA. Professor de Litteraturas modernas e especialmente de Litteratura portugueza, no Curso Superior de Lettras. Lisboa IMPRENSA NACIONAL MDCCCLXXVII (1878)

Reparem que intitula *TROVADORES E CANCIONEIROS PORTUGUEZES*; elimina à Galiza do mesmo jeito que em *Cancioneiro PORTUGUEZ da Vaticana*.

Cumpre marcar as origens do *Cancioneiro da Vaticana*: Angelo Colocci Brancutti, antes de 1527 reuniu uma MAGNÍFICA LIVRARIA; morreu em 1549. Em 1555 ou 1558, Fulvio Orsini comprou aos herdeiros de Colocci Brancutti o seu legado integrado por quinhentos códices embora vandalizados no saque de Roma pela soldadesca do Condestável de Bourbon talvez em 1555. Fulvio Orsini morreu em 1600 e depois da sua morte o seu legado passou à Biblioteca do Vaticano; aí, nesta Biblioteca, no inventário do legado indagou Monacci, achando MAGNÍFICA LIVRARIA, duas vezes indicado um libro spagnolo di romance: *O Cancioneiro da Vaticana* que ele publica e chega a Portugal em dezembro de 1875.

O CANCIONEIRO DA AJUDA DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Carolina Michaëlis de Vasconcelos no seu *CANCIONEIRO DA AJUDA*, Edição Crítica e Commentada por ela, Doutora em Philosophia (Hon. Caus.). VOLUME II, INVESTIGAÇÕES, BIBLIOGRAPHICAS, BIOGRAPHICAS E HISTÓRICO-LITTERÁRIAS HALLE A. S. MAX NIEMEYER, 1904.

A / SUA MAJESTADE / A RAINHA DE PORTUGAL / SENHORA / D. MARIA AMÉLIA / COMO PROVA DO MAIS PROFUNDO / RESPEITO E GRATIDÃO / A AUTORA.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (CMV) qualifica o *Cancioneiro da Ajuda* de “Precioso Documento da História Social e Litterária da Península nos séculos XIII e XIV. Linguagem arcaica, dialecto [sic] português-galliciense fallado na província de Entre Douro e Minho [para Norte NÃO!] nos primeiros séculos da monarquia: Bastantes termos do modo de dizer extinto de há muito mas de que há exemplos no *Poema do Cid* [sic], nos *versos de Berceo* [sic] e nas *Cantigas de Alfonso o Sábio* [sec. XII e XIII], [tudo de Ribeiro dos Santos]. [Reparem que identifica os três em GALEGO!]”.

CMV reitera e repete a IMPORTÂNCIA DA REFERÊNCIA do Marquês de Santilhana [na carta-proemio do Marquês ao Condestável de Portugal, tratado da antiga lírica PENINSULAR com preponderância da Galiza] ao *Cancioneiro da Vaticana* na casa da sua avó.

CMV explica que “Alexandre Herculano (AH) é desde 1839 Bibliothecário de El-Rei D. Fernando e da Bibliotheca Real da Ajuda, onde estava depositado o *Cancioneiro* [dito da Ajuda] desde a publicação de Lovel Stuart. Após seis séculos de abandono AH abre um período de bonança e FECUNDA ATIVIDADE”. Destaca e amerita a obra de AH: “TORSO GRANDIOSO da História de Portugal e a língua e a litteratura do país e outras criações MAGISTRAIS de Herculano, não seriam o que hoje são. Desde 1832 até 1851, o 'MESTRE DE TODOS NÓS', como o chamavam Oliveira Martins e Antero de Quental, folheou muitas vezes os restos do *Livro das Linhagens* e o *Cancioneiro*: sem isto AH não teria feito nada do que fez”.

Entra na Academia – AH estava nela – em 1849 um Cancioneiro intitulado *Trovas e Cantares* de um Códice do XIV século ou antes, mui provavelmente o *Livro das Cantigas do Conde de Barcelos* (Madrid, 1849). Vernhagem, diplomata brasileiro, futuro Visconde de Porto Seguro, publica em Madrid em 1850 e depois viajou à Galiza para ESTUDAR A LÍNGUA VIVA, aumentando o seu trabalho. Este “comunica mais escriptos em dialecto galego” [à Academia].

Vernhagem explorou em Madrid a cópia do *Códice do Vaticano* resguardada em casa de um Grande [de Espanha], seu amigo, a qual mandou transladar para o ano seguinte [1858] a “collaccionar na Biblioteca do Papa com o Códice 4803”.

“No mesmo ano de 1870, Teófilo Braga (TB), moço português, que mal deixara a Universidade, iniciava com ímpeto juvenil estudos galaico-portugueses lançando nada menos do que quatro trabalhos e que expunha LUCUBRAÇÕES engenhosas”. Desde a página 39 até à 62 ou mais, CMV dedica-se à CRÍTICA FERROZ de monárquica proclamada [dedicatória à rainha M.^a Amélia] ao TB, revolucionário republicano DERROCADOR da monarquia; crítica feita após 26 anos, um quarto de século... Na página 65 todavia critica TB. Na página 58, CMV destaca esta importante tese: “A Galiza foi o foco da CIVILIZAÇÃO PENINSULAR e o berço da elaboração lírica... Graças tanto à sua situação geográfica como à sua constituição étnica, de misturas relativamente poucas, e com preponderância dos elementos célticos e suévicos (sobre um fundo turaniano, bem se vê) sendo nos séculos de conquista e reconquista pouco perturbada por invasões árabes, a Galiza foi o foco da civilização peninsular e o berço da elaboração lírica [não épica]. Graças ao abandono e à atonia e passividade provincial em que caiu posteriormente submetida a Castela, **depois da fatal desmembração da parte sul...**” [a fatal desmembração de Portugal da Galiza, importante tese!]

Continua CMV: “Estes dísticos das serranilhas e moineiras são o VERDADEIRO GÊNIO NACIONAL E TRADICIONAL que chegou a penetrar nas literaturas de Portugal e Hespanha: no cancionero individual de D. Dinis e seus próceres, nas poesias do Arcipreste de Hita [não escreve FITA! A possante falsificação

espanhola!] e Marquês de Santilhana, nos dramas de Gil Vicente, na lírica de quinhentistas como Castillejo e S. Juan de la Cruz e como motes de voltas e glosas ou como centões nas obras de Camões e Camonistas!. Continua a crítica a TB e afirma que a Real Academia Espanhola publicou em Madrid em 1889, as *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sábio* em dois volumes.

DURANTE TRÊS SÉCULOS, desde que Argote de Molina publicara na *Nobleza de Andaluza* a história do milagre de Chinoia apenas haviam sido DIVULGADOS MAGRÍSSIMOS EXCERTOS do *Cancioneiro Real* [ESPOLIAÇÃO E CENSURA SECULAR dum notável monumento da nossa universal literatura, as *Cantigas de Afonso X o Sábio*].

CMV, emocionada e namorada, faz uma resenha com opiniões abrangentes de muito valor: “O Marquês de Valmar, Leopoldo Cueto, colaborador de TB, denomina GALEGO ERUDITO – o do Afonso o Sábio. O Marquês avalia muito mais alto o mérito literário de Afonso o Sábio do que o do Dinis”. Frisa que “mal se pode duvidar que [Afonso] manejava [o galego] desde a sua infância”. Relativamente a Portugal e à Galiza “é notável a intimidade das suas relações com Castela e Leão que as cantigas manifestam”.

Tem como referente Menéndez Pelaio (MP): *Antologia de los poetas líricos castellanos*. Tomo III, vol. CLX da Biblioteca clássica, 1892. MP para caracterizar o período galaico [dos poetas líricos castellanos!] escolheu... textos colhidos de TB. Crítica leve de CMV para o pretenso “cantar de gesta” de MP.

Ainda CMV acrescenta na página 60, § 71: “Estes ecos ingénuos da alma popular inspiraram um compositor acreditado P. E. WAGNER o qual ideou MELODIAS para uma mão-cheia de versos, del rei D. Dinis (CV 141. “Pois ante vos estou aqui”); do aristócrata Joam Meendes Beesteiros (CV 450. “Amigo, bem sei que não há”); dos jograes João Zorro (CV 755. “El Rei de Portugal”); Lourenço (CV 867. “Três moças cantavam de amor”); Pero Meogo (CV 793. “Levou-se mui cedo”); Juião Bolseiro (CV 774. “Nas barcas novas foi-se”); e do clérigo Airas Nunes (CV 761. “Bailemos já todas, todas ai! amigas”).

Conta-nos que Henry R. Lang para saber da existência de uma ARCAICA poesia popular GALEGA, anterior à lírica palaciana, EXPLORA Constituições dos Bispados, Canones dos Concílios, Ordenações do Reino e historiadores primitivos [como faz António de la Iglesia González]. Junta vários desde 563 até ao ano 1116... Outros no gosto dos compostelanos pela música e o canto. Aparece Compostela como centro irradiador da poesia popular anterior a Afonso X o Sábio com preponderância da mulher e culto à donavirgo. Conclusão: A moda das galeguinhas a cantarem em coros ATESTADA na História Compostelana CONTINUOU pelos séculos em Portugal, em Galiza com Sarmento e Jovellanos e subsiste [em 1904] em Parada e Rebordainhos.

Toda esta SECULAR e imensa polémica resultado da CENSURA E FALSIFICAÇÃO, PATRANHA CASTELHANO-ESPANHOLA resolve-a Castelão no capítulo XXI do Livro III do *Sempre em Galiza* recorrendo ao padre Mourinho [José Mourinho: *La literatura medieval en Galicia*, 1929]: “O número dos trovadores galegos incluídos no Cancioneiro da Vaticana é de setenta e cinco; onze do resto da Espanha e trinta, dos quais, uns são duvidosos de serem portugueses ou galegos e outros que são portugueses, quer dizer, cerca das três quartas partes ou mais são galegos. Daí que a fonte do lirismo está na Galiza”.

CANTIGAS DE SANTA MARIA DE AFONSO X

Relativamente às *Cantigas de Santa Maria de Afonso X*, Ernesto e Fernando poderiam ter lido ao TB que escreve: “A posse do *Livro das Cantigas de Santa Maria* [publicadas em Madrid em 1889 pela Real Academia Espanhola pelo Marquês de Valmar, Leopoldo Cueto] era uma das minhas mais vivas ambições porque está ali uma das FONTES MAIS INTENSAS E PRIMITIVAS da poesia lyrica e das TRADIÇÕES PENINSULARES, é a verdadeira luz para a compreensão dos PRIMÓDIOS da história literária de Portugal”. Qualifica de TRABALHO IMPERECÍVEL, o do Marquês de Valmar, que este fez para “reparar injusto e vergonhento esquecimento, 'DESDORO' da Espanha, conservasse impassível no perigoso refúgio dos arquivos, o primeiro em idade, e porventura em importância, dos quatro cancioneros galaico-portugueses hoje conservados”. Poderiam ler do Marquês de

Valmar que “o Conde de Barcelos legou no seu testamento, outorgado em Lalim em 30 de março de 1350, o dito *Cancioneiro do Conde de Barcelos* ao rei de Castela [sic] Afonso XI”. *Cancioneiro* que, segundo TB, era “um vasto caudal de poesias galaico-portugueses apanhadas [recolhidas] desde 1230 até 1350 em Portugal, a Galiza, em Leão e Castela”.

Continua o Marquês de Valmar afirmando “FRATERNIDADE dos idiomas e das letras de Portugal e Castela [página 52 do *Estudo Crítico e Filológico sobre las Cantigas del Rey Don Afonso el Sábio*”. Memórias da Academia Espanhola, cuaderno 14. Vejam-se no mesmo estudo as observações relativas à UNIDADE de idioma dos *Cancioneiros* galego-portugueses].

O *Cancioneiro da Vaticana* “Está cheio de cantigas não apenas dos poetas galegos mas também dos poetas castelhanos e de outras províncias QUE FALAM TODOS A MESMA LÍNGUA e cantam os mesmo factos e os mesmos sentimentos e pulsam a mesma lira artificial [sic] imitadora da Provença quer amatória quer satírica quer desenvolta quer obscena. NUNCA se tinham visto as musas portuguesas e espanholas [sic] na mais íntima e FRATERNAL CONCÓRDIA [1340-1344]. Muitos destes poetas também como os trovadores e jograes PERCORRIAM A PENÍNSULA indo de povo em povo até em território maometano”. Conhecia, falava o povo a língua em que recitavam e cantavam?

CANTIGAS DE AMIGO DE JOSÉ JOAQUIM NUNES

Os dois irmãos, Ernesto e Fernando, conseguem em 1929 os três volumes das *Cantigas de Amigo* de José Joaquim Nunes “que me permitiram [escreve Ernesto] travar convívio continuado e doméstico com esse 'treasure house' da lírica amatória medieval europeias”. Os três volumes foram publicados desde 1926 até 1928. José Joaquim Nunes pertence ao notável grupo de linguistas portugueses integrado dentre outras pessoas por Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos... que por sua vez integraram a Comissão da REFORMA Ortográfica que a República criou em 1911.

EGDC DESCOBRE EÇA DE QUEIRÓS

“EGDC conhecia toda a obra de Eça de Queirós aos dezasseis

anos”, escreveu Marcelo Duarte Mathias na página 49 da *Homenagem a EGDC*, Universidade de Coimbra, 1997. Talvez por volta de 1920 ou 1921, com dez anos, Ernesto encontrou na biblioteca do seu tio e professor Santiago Prol Blas, morava acima dele no primeiro andar, *O Primo Basílio*, traduzido para espanhol. Joel Gómez escreve: “Foi a sua primeira leitura de Eça de Queirós; ficou entusiasmado. Ao regressar a Madrid continuou a leitura de outros produtos queirosianos também em português” e aos dezasseis anos conhecia toda a obra.

Em 1928 finalizou os estudos de ensino secundário no Instituto General e Técnico de San Isidro de Madrid. Concorria na sua sala de aulas o príncipe João de Bourbon, filho de Alfonso XIII. Ernesto teve de recorrer aos punhos para se defender do RACISMO reinante contra a Galiza e, segundo Gibson, 1987, chegou a sentir um implacável ódio contra a cultura castelhana. “EGDC, EXPATRIADO, GALEGO nunca foi espanhol, nem jamais o quis ser” afirma Marcelo Duarte Mathias. Foi ameaçado com ser expulso por encabeçar um rejeitamento coletivo à foto do alunado com os filhos do rei Alfonso XIII, João e Gonçalo de Bourbon. Conta-o EGDC em carta a Maria Victória Atencia.

PRISÃO DE EGDC

NAS LUTAS DE ESTUDANTES

Acabado o bacharelato de ciências com dezassete anos, estudou durante dois anos Arquitetura na Universidade Central de Madrid. Mudou para Letras e finalizou em junho de 1936 com vinte e quatro anos.

“É preso por militância ativa no movimento grevista estudantil que abalou nos anos 1928 e 1929 a ditadura de Primo de Rivera (PR); e novamente com motivo dos grandes confrontos que precederam à queda da monarquia” – escreveu Elsie Allen Da Cal.

Militância ativa de EGDC com dezasseis anos na greve convocada pela Federação Universitária Escolar (FUE) contra a Lei Callejo [nome do ministro de Instrução Pública; Calvo Sotelo ministro de Fazenda (1925-1928); Sanjurjo, Director da Guarda Civil] de maio de 1928 que permitia à Igreja católica outorgar títulos universitários nos seus colégios privados, não podemos mais do que a supor dada a grande movimentação de estudantes que se

acrescenta e mesmo desborda em 7 de março de 1929 aquando a FUE torna a convocar greve de estudantes contra a dita Lei Callejo. O governo de PR expulsa Sbert [fundador da FUE junto com Emílio González López (EGL) que fora secretário da FUE] da Universidade de Madrid. Em 9 de março o governo destituiria o Reitor da Universidade de Madrid e Decanos de todas as Faculdades. Em domingo, dia 10, polícia e Guarda Civil tomam ao assalto os edifícios universitários no entanto estudantes apedrejavam a casa do ditador na rua Barquillo, perto da rua Alcalá, e o jornal *ABC*. Em dia 11, PR ordena exército ocupar faculdades. Nos dias 12 e 13 barricadas de estudantes no centro de Madrid. Em dia 12 houve vinte e seis pessoas detidas, estudantes, com um ferido grave de bala no colo; tudo publicado em dia 13 em *El Socialista*, submetido a censura, obrigado a publicar informação governamental, como toda a imprensa. Nesses dias 12 e 13 acontecem “graves incidentes em Valência e Valladolid”. Em sábado, dia 16, Alfonso XIII assina decreto do governo de PR que dentre outras medidas, contempla “o arresto durante quinze ou trinta dias de estudantes [ou outras pessoas] detidos por alterar a ordem pública” mesmo com dezasseis ou dezoito anos [caso de EGDC], explicitado no Decreto. Suspende o funcionamento da Universidade Central até 30 de setembro de 1930 e a Universidade será governada por uma Comissão Régia, diretamente pelo Alfonso XIII (publica *El Socialista* em domingo, dia 17; as segundas não se publicava). PR encerrou esse sábado a Universidade de Madrid e outras seis não madrilenas.

Na quinta-feira anterior, dia 14, a polícia prende nas suas moradas dirigentes da FUE e os encarcera no Cárcere Modelo, denominado na altura “Cidade Universitária” pelo número de pessoas universitárias presas, dentre eles, segundo Elsie Allen Da Cal, EGDC.

Em 24 de abril tornam a abrir as universidades. Em 19 de maio foram restabelecidas as autoridades académicas e em 21 de setembro a Lei Callejo foi derogada.

Decretos de repressão carcerária, multas, detenções, registos sem ordem judicial, violação da correspondência, Tribunais Especiais de repressão, greve como crime de rebelião, conspiração, censura

de imprensa, comissão régia, tudo é insuficiente para explicar o mesto ambiente ditatorial que se sofria.

Em 22 de janeiro de 1930, a FUE mobilizava maciçamente o estudantado com greve geral universitária em todo o território ocupado pelo Reino. Greve de carácter republicano apoiada pelos sindicatos. Seis dias após, em 28 de janeiro, PR demite-se e os estudantes detidos, todos, são excarcerados, incluído Sbert que é recebido na Universidade por uma grande multidão. Nada podemos concretizar de Ernesto e Fernando, na altura Perez Guerra. Fechava-se assim uma das páginas mais brilhantes do movimento de estudantes.

O ambiente era de euforia e para descrever o que acontecia o historiador franquista Víctor Fragozo atribuiu ao estudantado que “a maioria eram, desde logo, revolucionários, ateus, socialistas ou comunistas atacados de russofilia”.

Em 30 de junho tomou posse o novo governo presidido pelo general “africanista” Dámaso Berenguer. Nessa altura a União Federal de Estudantes Hispanos tinha 15.882 pessoas filiadas.

O acontecido em Madrid entre 1 e 7 de maio de 1930 mostra a continuidade da ditadura com o general Dámaso Berenguer. Publicado em *El Socialista* de 6 de maio: A Direção Geral de Segurança informa que em segunda-feira, 5 de maio, a meia manhã, “algaradas” de estudantes, como as do sábado, produziram-se em S. Carlos, Veterinária e Universidade Central – cortado o transito na rua Atocha por lançamento de pedras e telhas dos estudantes que parece estarem no telhado. Às 13h30 estudantes atacam retém de segurança; este repele agressão. Resultado: Um obreiro de 24 anos morto por disparo de arma de fogo e seis pessoas feridas de bala (14, 15, 19, 23, 24 e 43 anos). Feridas por pedradas em Atocha e São Bernardo: Comandante de Húsares de Princesa; três paisanos; dois funcionários do Corpo de Vigilância e cinco guardas de Segurança. Manchete de *El Socialista* de 6 de maio: Greve de Estudantes: Um morto e dezassete feridos. Informa este jornal de Conselho de Ministros urgente para tratar exclusivamente a questão escolar. Unamuno visita a Universidade em dia 5 com grande manifestação. O dia anterior, domingo, dia 4, comício no teatro com cinco mil pessoas

assistentes convocadas pela Aliança Republicana. Noticiam da presença de provocadores fascistas monárquicos.

O jornal destaca “Greve Geral na Espanha” em 1.º de Maio. O Ateneu Madrileno presidido por Azanha, com Jiménez de Asúa, é um centro de atividade contra a monarquia. No mês de junho o governo do general Dámaso Berenguer derroga o Real Decreto de 18 de setembro de 1923 em que El-Rei e o general Primo de Ribera PROIBIAM a bandeira galega. No 25 de julho de 1930, Dia da Pátria, EGDC e o “grupo de galeguistas de Lugo”, Luís Pimentel, Anjo Fole, Evaristo Correia Caldeirão, Val e Gai e Artur Souto içam a bandeira galega na varanda do edifício do Círculo das Artes. EGDC acrescenta a esse “grupo de galeguistas de Lugo” os nomes de os irmãos Otero, Eugénio Montes, Joham Carvalheira, os irmãos Correia Caldeirão e alguns mais.

Em 17 de agosto de 1930 cria-se o Pacto de São Sebastião e um Comité Revolucionário. Em setembro Greves Gerais operárias em Madrid, Barcelona, Sevilha, Bilbo. Em outubro, Bilbo, mais uma vez. Onda de greves percorria a Galiza. Movimentos revolucionários por muitos lugares.

Regressa EGDC a Madrid e em 13 de novembro vive a greve geral operária com estudantes convocada pelo assassinato de vários trabalhadores no enterro dos operários mortos a trabalharem num edifício que desabou na rua Alonso Carro. Alastra para outras cidades. Em Barcelona prolongou-se durante uma semana. Ortega e Gasset publica num jornal madrileno artigo intitulado “Delenda est Monarchia”.

O Comité Revolucionário do Pacto de São Sebastião, depois de a adiar uma e outra vez, marca data de insurreição para 15 de dezembro.

Adiantando-se, em dia 12 levantam-se militares e alguns civis em Jaca comandados por Fermin Galan e Angel Garcia Hernandez que proclamaram a República e marcharam sobre Saragoça onde tiveram que se render por falta de apoios. Foram fuzilados em domingo, 14 de dezembro sem indulto e com aquiescência de Alfonso XIII. No dia seguinte, 15, acontece a sublevação do aeródromo de Quatro Ventos, em Madrid, também fracassada: Nem PSOE nem UGT deram a ordem de greve geral. O

estudantado está envolvido em todos estes movimentos. E assim EGDC, em carta a Franco Grande, conta: “Era nos fins de 1930... Tempos de greves de estudantes em que o seu irmão Fernando e ele foram presos e PROCESSADOS por crimes de lesa Magestade, acusados, 'eu falsamente', precisa, de ter cortado a cabeça ao busto que Alfonso XIII tinha no paraninfo da Universidade Central”. Com o fim da ditadura [Almirante Aznar forma governo encomendado pelo Rei em 18 de fevereiro de 1931 e convoca eleições municipais] o processo foi diferido *sine die* e os dois irmãos postos em liberdade depois de passar um mês e pouco mais no cárcere Modelo “opiparamente”, qualifica EGDC passado meio século; tinha na altura 19 anos cumpridos em 19 de dezembro. Conta também como foi preso o seu amigo Emilio González López em carta a Franco Grande de 20 de julho de 1992: “Pois bem, um dia estávamos, como de costume, a passear, em espera do reboliço, quando, não sem surpresa nossa, vimos que se juntava um grupo de senhoritos bem armados de cacetes, bengalas e varapaus que começaram a dar estentóreos 'Viva el Rey'. Eu estava com um grupo de colegas da FUE e logo nos lançamos contra aqueles Camelots du Roi. Eu lembro-me que me engalfinhei com um monárquico que eu conhecia de vista – chamado Apolinar de Rato, que mais tarde tomou parte na 'Sanjurjada' (...) Recebi duas bengaladas, uma no braço esquerdo e outra na cabeça (...) Mas eu, com a fúria da dor, acertei-lhe com um soco nos focinhos que lhe deixou a cara esmungarrada. No fragor dessa luta eu vi ao meu lado ao Emilio [G. L.] – que era colega de Faculdade do meu irmão e Assistente da Cadeira de Direito Penal de Jimenez de Asua – também como contrincante aliado – ia de passagem, viu a barafunda, viu-me e ouviu os vivas e os morras e entrou na lida. Quase instantaneamente os guindas que estavam apostados na esquina – de Alcalá e Marqués de Cubas – se atiraram a deter, naturalmente, aos 'revolucionários'. Eu, como pernilongo que sempre fui, logo me safei, e o Emilio, pernicurto e menos célere, foi apanhado. E no dia seguinte, todos os jornais da direita atribuíram a arruaça ao Professor 'vermelho', catedrático penalista Jiménez de Asúa, instigador da desordem pública, etc., etc.”

“EGDC estava com um grupo de COLEGAS da FUE, como de

costume”. Podemos pensar que EGDC pertencia à FUE. Emílio González López fora fundador da FUE e colega de Faculdade do irmão, Fernando, e assistente [professor?] da Cadeira de Direito Penal de Jiménez de Asúa. Este fora expulso da Universidade pelo ditador PR embora os protestos de estudantes que estão na origem da criação da FUE por Sbert, natural de Maiorca que pertenceu a Esquerda Republicana de Catalunha, e outros, dentre eles Emílio G. L., em 1926.

Do fascismo monárquico espanhol, qualificado por EGDC, como Camelots du Roi, é um bom referente Apolinar de Rato Rodríguez Sampedro, pertencente à Renovação Espanhola de Calvo Sotelo e tio de Rodrigo Rato Rodríguez, vice-presidente com Aznar e presidente do FMI, na atualidade preso.

A saga dos Ratos segundo o jornalista Ramón Tejeras em www.elconfidencial.com de 19-IV-2015, tem o seu berço em Astúrias. Saga de militares e escritores enriquecidos em a escravagista A Havana no XIX século. O bisavô de Rodrigo Rato Figueiredo, chamado Apolinar de Rato y Hevia Agüelles finaliza estudos de direito em Oviedo em 1853 junto com Faustino Rodríguez Sampedro. Os dois exerceram como advogados em Astúrias e ao pouco tempo Apolinar trasladou-se a A Havana onde tinha familiares ilustres. Faz fortuna como fiscal e funcionário das últimas colónias espanholas em ultamar. Em 1880 nasce o avô de Rodrigo Rato Figueiredo que casa com a filha de Faustino Rodríguez Sampedro. Os seus filhos Apolinar, Faustino e Ramón de Rato Rodríguez Sampedro herdaram e acrescentaram a fortuna acumulada que por sua vez herdaram Rodrigo Rato Figueiredo e irmãos. Na saga dos Ratos, proprietários de minas, armadores de barcos, outras indústrias, bancos e muita outra coisa, destaca Ramón Rato Rodríguez Sampedro, pai de Rodrigo Rato Figueiredo e irmão do Apolinar do EGDC. Ramón completa estudos em Munich onde se entusiasmou com a Alemanha nazi. Em 1935 publica o livro *Perfil Juvenil* de Europa em que defende a Alemanha nazi. Regressa em 1936 apoiado por Milhão Astray. Funda *Radio Nacional de Espanha* com outras pessoas. Cria a cadeia de emissoras Rato que vende à ONCE para ser criada *Onda Zero*. Compra bancos e especula com muita coisa até que Ramón

pai e Ramón filho são condenados a três e dous anos de cárcere e coima de 200 milhões de pesetas. Em 1971, Franco indulta-lhes as penas de cárcere e multa. Ramón Rato financiou o nascimento da AP de Fraga. Ambos irmãos Ramón e Apolinar pertenceram a Renovación Espanhola.

A sanjurjada foi um plano de ação de guerra para a derrocada da República encabeçado pelo general José São Jurjo, Marquês do Rife, título dado por Alfonso XIII pelos massacres que cometeu na Guerra do Rife e o desembarco de Al Hoceïmas, que começou em 10 de agosto de 1932. Sevilha foi tomada pelas forças militares de São Jurjo. Em Madrid foram derrotadas diferentes colunas que tentavam chegar à Praça de Cibeles onde estava o edifício do Ministério da Guerra, o Palácio das Comunicações e outros objetivos que os monárquicos alfonsinos em rebelião pretendiam tomar armados. Apolinar de Rato Rodríguez Sampedro era um deles, segundo EGDC.

Em 22 de janeiro de 1931, greve geral de estudantes pela liberdade do alunado e professorado e para não serem processados e contra as agressões do fascismo monárquico. Em 5 de fevereiro, Berenguer encerra a Universidade, decreta um mês de férias forçadas para evitar o movimento alastrar a outras universidades fora de Madrid. Emílio Mola é Diretor de Segurança e frisava que o setenta por cento de estudantes manteria campanha de mobilizações até às últimas consequências: conquistar a República. Em 2 e 3 de março Berenguer torna a abrir as universidades. Em 23, 24 e 25 de março de 1931 foi o julgamento do Comité Revolucionário com desmesurado despregue policial que causou a morte a duas pessoas e dezasseis feridas nos conhecidos como acontecimentos de S. Carlos, na Faculdade de Medicina de Madrid, em favor da amnistia para os de Jaca. Em dia 23, o alunado a dar vivas ao capitão Galan e à República. Sentença de liberdade para o Comité Revolucionário em dia 24. Em dia 25, greve de estudantes contra Mola: Chuva de balas da Guarda Civil contra o Hospital Clínico. Universidades clausuradas em dia 26. Posteriormente Mola seria destituído e processado. A FUE apela a continuar a luta. Dezassete dias depois, em 12 de abril de 1931, eleições municipais e proclamação da República em dia 14.

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA ESPANHOLA

Em 12 de abril de 1931, EGDC não tinha cumpridos 20 anos e não podia votar porque a idade para ter direito era de 25 anos e as mulheres não o tinham. Em Madrid ganhou a coligação republicano-socialista com trinta pessoas eleitas (14 republicanas e 16 socialistas) sobre vinte monárquicas. O PCE apresentou-se só, ao contrário que no País Basco e Andaluzia onde fizeram pactos eleitorais com outras forças. A quem votaria EGDC, caso puder fazê-lo é que não sabemos. Em 13 de abril, milhares manifestam-se nas ruas com Vivas à República e Morte à Monarquia. A última hora do dia a Guarda Civil, cujo Diretor-geral é São Jurjo, carga contra os manifestantes dentre os quais Federico Garcia Lorca perto do Palácio das Telecomunicações. Estaria EGDC? Podemos pensar que estaria. Às 15h00 do dia 14, a Porta do Sol cheia. Uma multidão proclama a República [com EGDC? Achamos que sim]. Alfonso XIII manda dissolver. O capitão ao comando da força que guarda Governação nega-se porque os soldados não obedeceriam! Às 18h00 chegam Maura e Largo Caballero e desde Governação proclamam a República e o Governo Provisório.

Repetiram-se as eleições municipais em 31 de maio de 1931 em muitos lugares devido a reclamações por fraude eleitoral monárquica, dentre elas, Lugo e povos da província com triunfo republicano; em A Crunha, exceto nas cidades de A Crunha, Ferrol e Compostela, com abafante triunfo republicano; em Vigo, parcialmente para dezoito postos [PSOE, 7; PRG, 7; Agrários, 4]. Celebraram-se eleições gerais em 28 de junho de 1931 com abafante triunfo republicano. No dia anterior, 27 de junho, de 1931, perante o operariado em luta, Alonso Rios proclama em Compostela a independência da República da Galiza ABRAÇADA A PORTUGAL.

Nas eleições do 28 de junho para elaborar a Constituição, pela Federação Republicana Galega (ORGA-PSOE) são eleitos quinze deputados dum total de 470, dentre eles, para além de Santiago Casares Quiroga, António Vilar Ponte, Ramón Soares Picalho, Emílio González López, Roberto Nóvoa Santos; também são eleitos Castelão pelo Partido Galeguista da Ponte Vedra fundado

em 1 de junho de 1931 e Outeiro Pedraio pelo Partido Nacionalista Republicano de Ourense mas não pelo Partido Galeguista que será fundado em 5 e 6 de dezembro de 1931. Nestas eleições a idade para poder votar era de 23 anos e só votaram homens; as mulheres não tinham direito a votar mas sim a serem eleitas.

Segundo Elsie Allen Da Cal, uma vez eleito deputado, Castelão acompanhado da Virgínia visitam em Madrid a mãe de EGDC. Ernesto assiste REGULARMENTE à tertúlia dos galeguistas que se reuniam no Café Regina. De que se podia falar nessa tertúlia? Com certeza do abandono da defesa da autonomia da Galiza da parte de Santiago Casares Quiroga e o que ele representava que ajuda para a criação do Partido Galeguista seis meses após as eleições de 28 de junho, aliás, repetidas em 19 de julho e até em 8 de novembro, em determinados lugares; do abandono de alguns da ORGA para o Partido Galeguista; do Grupo Minoría Gallega criado no Congresso republicano em que se integrariam Castelão e Outeiro Pedraio.

Enric Ucelay Da Cal afirma o seu pai, EGDC, possuir cartão de filiação do PCE pelo menos desde o IV Congresso celebrado em Sevilha em 17 de março de 1932. Aventura estar filiado mesmo desde antes. O ativismo de EGDC permite pensar isso. Em janeiro de 1931, o PCE tinha 1000 pessoas filiadas. Em dezembro passou a 8800. Em dezembro de 1932 tinha 15000 pessoas filiadas.

“No verão de 1932, EGDC, percorre de automóvel toda a costa atlântica da Galiza” afirma Elsie Allen Da Cal. Temos de pensar que dispunha de automóvel mesmo para se deslocarem a Sevilha ele e Fernando e assistirem ao Congresso do PCE onde o representante ourensano, o veterinário Benigno Álvarez negou-se a falar espanhol nas sessões e dispusera de um TRADUCTOR PORTUGUÊS. Conheciam os irmãos o Benigno Álvarez?

A CARAVANA GALEUSCA

Em Compostela acha-se presente EGDC na reunião do Galeusca em 25 de julho de 1933 [não em 1932, erro]. O que aconteceu em Compostela em 25 de julho de 1933 não é um ato isolado; faz parte do percurso que as pessoas a representarem o Galeusca realizam entre 24 de julho e 11 de agosto. Percorrem uma boa parte da Galiza (Ourense, a Ponte Vedra, Compostela, A Crunha,

Betanços, Ferrol, Viveiro, Ribadeu), Astúrias (Castropol, Luarca), País Basco-Navarra, atravessam Aragão – onde há paludismo – e acabam na Catalunha (Lleida, Tarragona, Barcelona). É uma caravana de reivindicação política e de massas entusiasmadas do que Galeusca representava, numa altura em que a Catalunha tinha Estatuto de Autonomia desde setembro de 1932 e portanto governo e parlamento.

Seguindo o relatório de Álvaro das Casas que publica José Estevez, trazidos desde Ourense por Outeiro Pedraio, vinte representantes da Catalunha e nove do País Basco chegam à Ponte Vedra na manhã do dia 24 onde são recebidos pelo alcaide Bibiano Fernández-Ossório Tafall. Viajava a delegação catalã em autocarro e a basca em automóvel. À tarde desse mesmo dia chegam a Compostela onde os recebe o alcaide López Pol. Este convocara em 3 de julho de 1932, em Compostela a Assembleia pro-Estatuto de Autonomia da Galiza com assistência de 256 Concelhos e presidida por Bibiano Fernández-Ossório Tafall.

Na manhã do dia 25, cinco mil pessoas perante a estátua de Rosalia de Castro, numa Compostela de 26.000 habitantes, aplaudem os entusiasmados discursos de bascos, catalães e galegos. À tarde reunidos no salão do Seminário de Estudos Galegos proclamam em documento escrito por Alexandre Bóbeda unicamente em galego a necessidade da luta UNIDA em favor da liberdade nacional das três nações, urgir Estatuto basco e galego, República Federal, Grupo de Galeusca no parlamento espanhol, decreto de bilinguismo para a Galiza e Euskadi e o ingresso da Galiza na Sociedade das Nações – em 16-18 de setembro nas sessões do Congresso de Minorias Nacionais celebrado em Berna a Galiza será reconhecida como nação. Álvaro das Casas cita alguns nomes da representação galega que recebe a bascos e catalães em Compostela. Dentre outros aparecem Castelão, Guerra... Temos de pensar que se está a referir a Ernesto Perez Guerra ou Ernesto Guerra Da Cal. A Caravana Galeusca continua suscitando entusiasmo popular em A Crunha, Ferrol, Viveiro nos dias posteriores ao Dia da Pátria. Atravessam Astúrias e Cantábria. Em dia 29 de julho carga policial em Somorrostro, perto de Bilbo, contra Galeusca. Em Santurtzi esperam a Caravana milhares de

mulheres e homens. Em dia 30 de julho, quatro mil pessoas em Bermeo. Em Guernika, multidão...

Em dia 31 de julho aparece em Bilbo Outeiro Pedraio; Álvaro das Casas era o único representante da Galiza: queixa-se a Castelão e Soares Picalho de não estarem. Esse dia juntam-se 30.000 pessoas no Campo de São Mamês para comício do Galeusca num Bilbo de 168.000 habitantes. A delegação Galeusca visita os presos nacionalistas no cárcere de Larrinaga.

Em Donostia duas mil pessoas às 19h00 do dia 1 de agosto em comício do Galeusca no teatro das Popolinhas – meninos e meninas nacionalistas. Em 2 de agosto partem desde Donostia para Tolosa: “ascendemos as alturas das águias de Lizarraga onde nos esperam quatro centos homens...”

Em Pamplona recebimento APOTEÓSICO de pessoas com duas horas de espera. Em 3 de agosto, Lleida: Multidão imensa enche a praça. 4 de agosto: chegam à Palestra onde esperam milhares e milhares de pessoas. 5 de agosto: Recebe presidente e governo da Generalitat; à noite jantar com trezentas pessoas. 6 de agosto: À noite reúnem-se mais de dez mil pessoas numa Exposição.

Em 9 de agosto, milhares e milhares do operariado moço escutam os discursos. 10 de agosto: Almoço com mais de mil assistentes oferecido por Unió Democrática no Hotel Oriente. 11 de agosto: Jantar oferecido por Maciá, presidente, e governo da Generalitat. Após jantar reúnem-se com o presidente num luxuoso salão a porta fechada, defendido e rodeado de polícias. Falam até às 3h00 da madrugada. Discurso de Castelão que Álvaro das Casas confessa deixá-lo maravilhado. Em 12 de agosto regressam Castelão e Álvaro das Casas: Partem de Barcelona de comboio.

Todo este sucinto quadro da movimentação do Galeusca ajuda a entender o pensamento político não apenas de Ernesto Guerra Da Cal mas também de muitas outras entusiasmadas pessoas nessa conjuntura de luta em favor da liberdade nacional da Galiza, a Catalunha e o País Basco-Navarra.

Em qualquer caso o Galeusca começa como Pacto escrito em 11 de setembro de 1923 em Barcelona. Na realidade a reunião fora em dia 12. Dataram em dia 11 por a comemoração do Dia da Pátria Catalã. José Estevez defende que o golpe militar de Primo de

Ribera, governador militar em Barcelona, foi adiantando para dia 13, estava previsto para o dia 15, devido à reunião do Galeusca em dia 12 de setembro de 1923.

A DITADURA MILITAR EM PORTUGAL

Três anos mais tarde, em 28 de maio de 1926, golpe militar encabeçado pelo general Gomes da Costa em Braga, inicia a Ditadura Militar em Portugal. Em 3-7 de fevereiro de 1927 revolta contra a Ditadura Militar no Porto. Dentre outros encabeçam Jaime de Morais, militar, comandante, e Jaime Cortesão, civil. Em Lisboa a revolta foi em 7-9 de fevereiro. Foram deportadas cerca de um milhar de pessoas para ilhas e colônias em 19-22 de fevereiro de 1927. Bernardino Machado chega exilado a Vigo. Em abril afixa residência em A Crunha. Tem amizade com Álvaro Zebreiro. O Concelho de A Crunha nomeia-o Hospede de Honor. Bernardino Machado estava acompanhado pelas filhas e o que seria seu genro Aquilino Ribeiro que casaria em junho de 1929 com Jerónima Rosa. Em fins de julho, Primo de Ribera por pedido da ditadura portuguesa, obriga-os a abandonar a Galiza. Estabelecem-se na França, no País Basco. Em A Crunha Bernardino Machado publicou *O Militarismo*.

A dita “Revolução do Castelo” de 20-27 de julho de 1928 foi a revolta do Batalhão de Caçadores 7 do Castelo de São Jorge em Lisboa conjugada com outros levantamentos noutras cidade: houve sete pessoas mortas, vinte feridas e duzentas e quarenta presas. Inspirada pela Liga de Paris dentre outros esteve implicado Aquilino Ribeiro. A Revolta da Madeira de 4 de abril de 1931, desencadeada no Funchal para alastrar ao continente embora apenas se estendeu aos Açores. Oposicionistas da Liga de Paris chegam a falar na constituição da “República Atlântica”. O levantamento é abafado em 2 de maio.

A Liga de Paris, Liga de Defesa da República, a sua fundação deveu-se à iniciativa de quatro oficiais da Revolta do Porto em 3 de fevereiro de 1927 e secundada em dia 7 em Lisboa que se refugiaram na Galiza onde definiram as bases programáticas. Estancearam uns dias e em 12 de março estavam em Paris onde a Liga se fixou definitivamente. Daí vem o nome de de Liga de Paris e não da Galiza onde foi estabelecido o programa. Numa

assembleia de exilados portugueses na França havida nos fins de maio de 1927 fora eleita a Junta Diretiva: Álvaro de Castro, Afonso Costa, José Domingues dos Santos e Jaime Cortesão. Nos meados de julho integra-se António Sérgio.

No *Manifesto ao País* da Liga de Defesa da República se denuncia a fúria e a selvajaria empregue do lado da ditadura: “Bombardearam as duas maiores cidades do País, à população indefesa com granadas incendiárias durante duas horas no Porto no meio das tréguas. Fuzilaram em Lisboa marinheiros e civis desarmados, tudo com o propósito confessado e sistemático de Aterrorizar a população”. O *Manifesto* está datado em julho de 1927.

Na revolta de 26 de agosto de 1931, também fracassada, coordenada pelo coronel Helder dos Santos Ribeiro coincidiram a campanha eleitoral autárquica possibilitada pelo governo da Aliança Republicana-Socialista liderada pelo general Norton de Matos e uma Jornada Internacional da Juventude programada para agosto pela Federação da Juventude Comunista Portuguesa. Apenas em Lisboa houve combates com 40 pessoas mortas, centenas feridas e centenas presas. Esta revolta fora liderada pelo Grupo dos Budas e a Liga de Paris.

Em todas as revoltas havidas em 1931 houve mais de 200 pessoas mortas e cerca de mil feridas, milhares de detenções e 1500 deportadas para ilhas e colónias (Timor, Cabo Verde, Angola, São Tomé). Muitas pessoas foram forçadas ao exílio.

Bernardino Machado regressa à Galiza em 1932, primeiro a Vigo e depois afixa a residência em A Guarda. Os republicanos portugueses residiam livremente em Espanha com amparo e patrocínio do governo espanhol de Azanha para conspirar e derrocar armados a Ditadura portuguesa. Em agosto de 1935 Bernardino Machado é obrigado a abandonar a Galiza por Lerroux instado por Salazar para morar em Madrid. Em 1936 exila-se em Paris com o seu secretário o capitão Aragão.

A presença e a atividade do exílio português quer na Galiza quer em Madrid achamos que tem muita importância política sem que se lhe preste a devida atenção investigadora. A relação política das pessoas integrantes das Irmandades de Fala, de Antão Vilar Ponte,

de Castelão, de EGDC... com o exílio português durante o lustro 1926-1931 parece evidente sem que haja os pertinentes trabalhos que pormenorizem essa relação. Acontece o mesmo durante o tempo da existência da República espanhola, 1931-1936. Durante o tempo de guerra contra esta e ainda durante a Segunda Guerra Mundial e mesmo no período de 1944-1953 de luta contra as ditaduras de Franco e Salazar na ONU, em Postdam, em São Francisco, em Londres e em Nova Iorque.

AS ARMAS DO NAVIO TURQUESA

A importância política do exílio português fica de relevo através do assunto conhecido como as “armas do *Turquesa*”: Horácio Echevarrieta, empresário basco de Bilbo e amigo de Indalécio Prieto compra armas destinadas ao Grupo dos Budas exilados portugueses em Madrid para a derrocada da ditadura. Era chefe de governo e ministro da Guerra, Azanha. As armas foram intervistas, depositadas em Cádiz. Indalécio Prieto, Negrin, González Penha, Amador Fernández compram as armas a Horácio Echevarrieta. O navio *Turquesa* foi comprado em Cádiz ao almirante José Leão de Carranza. Carregado em Cádiz com as armas o *Turquesa* começou a navegar em 5 de setembro de 1934 com rumo a Astúrias aonde chegou em dia 10, a duas milhas de Santo Estevão de Právia. O destino das armas era o proletariado asturiano para a Revolução do 5 de outubro de 1934. Na operação de desembarco das armas participaram Indalécio Prieto, Horácio Echevarrieta e Moura Pinto. Este, Alberto de Moura Pinto (1883-1960) pertencia em Madrid ao Grupo dos Budas, fora ministro de Justiça com Sidónio Pais desde 8-XII-1917 até 7-III-1918, organizado contra a ditadura portuguesa com Jaime Cortesão e Jaime de Morais que era amigo de Azanha. Exilado na França no período 1934-1939 e depois no Brasil onde em 1945 formou o Conselho de Unidade Anti-fascista.

Os Guardas de Assalto intercetaram os três numa praia e a Guarda Civil impediu o desembarco das armas que não chegaram ao destino. O *Turquesa* continuou a navegação até ao porto de Bordéus onde entrou em 24 de setembro. Ali foi entregue à Marinha espanhola que o translada a Ferrol em 30 de setembro com as armas que ainda carregava. As armas do *Turquesa* depositadas no Arsenal de Ferrol foram as que o alcaide da cidade,

Santamaria, demandou em 20 de julho de 1936 ao almirante Azarola para armar o proletariado ferrolano e derrotar o golpe fascista o que não aconteceu com os resultados conhecidos.

Acrescentemos que em 30 de setembro de 1934 o jornal *ABC* publicou que na casa em Madrid do aviador português Meneses foram achadas 300 bombas da fábrica de Oviedo. Em baixo desta notícia: “O Consórcio de Industrias Militares vendem 80 granadas a Echevarrieta”.

Derrotada a revolução em Astúrias, Belarmino Tomás, dirigente mineiro socialista discursa: “Hoje a nossa rendição não será mais do que um alto no caminho que nos servirá para corrigir os nossos erros e nos preparar para a próxima batalha que nos trará a vitória final dos explorados”.

EGDC DURANTE A REPÚBLICA (1931-1936)

EGDC tem de viver em Madrid as eleições de novembro de 1933 sem cumprir os vinte e dois anos. A insurreição anarquista da CNT em dezembro de 1933. E a proclamação do Estado Catalão por Lluís Companys na noite do 6 ao 7 de outubro de 1934: “Em nome do povo e do parlamento, o governo que presido assume todas as faculdades de poder na Catalunha, proclama o Estado Catalão da República Federal Espanhola... No comum anseio de edificar uma República Federal Livre e Magnífica...”. Este era o anseio de EGDC? Acharmos que sim e também o de Castelão e o galeguismo...

Qual foi a participação de EGDC em todos estes acontecimentos é que não sabemos. Apenas podemos aventurar a hipótese da sua participação seguindo a linha de ativista que mantivera durante anos, desde menino e adolescente junto com o seu irmão Fernando.

As Juventudes Socialistas Unificadas foram fundadas em 26 de março de 1936. Em 4 de abril realizaram um massivo comício na Praça de Touros das Ventas em Madrid. O processo de UNIÃO da União de Juventudes Comunistas e a Federação das Juventudes Socialistas começou antes da Revolução de Outubro de 1934. Em 10 de julho de 1934 é assassinada em Madrid Juanita Rico das Juventudes Socialistas. O enterro tornara-se um impressionante ato de UNIDADE das juventudes socialistas e comunistas.

Em 26 de julho de 1934, UJC-FJS reúnem-se em Madrid para ações conjuntas e acordam oito pontos: Comícios UNIDOS contra a Guerra Imperialista ao se cumprirem vinte anos do começo da Primeira Guerra Mundial, durante a semana do 29 de julho ao 5 de agosto de 1934, com manifestação em 1 de agosto. Ação em favor da liberdade de Thälmann dirigente do PC alemão encarcerado e torturado pelos nazis. Unidade na luta contra os assassinatos da Juventude de Ação Popular, organização paramilitar armada de carácter fascista. Piquetes UNIDOS de defesa da venda da imprensa respetiva. Organização comum das Milícias Anti-fascistas Obreiras e Camponesas (MAOC). Preparar unidos a Jornada Internacional da juventude em 1 de setembro.

Em 14 de outubro cem mil jovens no Estádio Metropolitano em comício das UJC-FSJ contra decreto de Salazar Alonso que proibia filiação política de jovens sem permissão paterna.

Os nazis governavam a Alemanha desde 30 de janeiro de 1933 em que Hitler é nomeado chanceler. Em 5 de março eleições com 288 deputados nazis. Em 23 de março Lei de Habitante. Em 25 de julho Dolfuss é assassinado e golpe de estado dirigido por Hitler na Áustria que é anexada à Alemanha.

O Plano de Estudos para a Faculdade de Filosofia e Letras de Madrid, os estudos de EGDC, aprovado em 15 de setembro de 1931 estabelecia uma licenciatura de quatro anos: O primeiro comum e três de especialidade, uma em Filosofia, uma outra em Letras e uma terceira em História. Estudava-se Latim e Grego para além de Árabe e Hebreu ou Sânscrito nas especialidade de Letras. Estavam estabelecidas 15-18 horas de aulas semanais.

O edifício, a primeira fase do edifício, da Faculdade de Filosofia e Letras foi uma das primeiras obras concluídas na Cidade Universitária – com Medicina e Hospital Clínico. O número de estudantes subira de 400 para 970 devido à criação da Secção de Pedagogia em janeiro de 1932. Ocupou-se e inaugurou-se a primeira fase do edifício em janeiro de 1933. O estudantado através das suas associações intervinha na eleição de Reitor e Decano, tinha representação no Claustro ordinário e direito à reclamação em assuntos coletivos relativos ao ensino. As Faculdades de Filosofia e Letras de Madrid e Barcelona tinham

autonomia para elaborar os seus próprios planos de estudo e podiam criar diferentes especialidades. Era possível o próprio alunado assessorado por professor criar o seu próprio plano de estudo segundo necessidades particulares. Em Madrid houve Filosofia, Filosofia Clássica, Semítica ou Moderna (espanhol e outra língua moderna, não sabemos se português), História da Antiguidade, História da Idade Média ou História Moderna, Filologia Francesa auspiciada em 1932-1933 por Américo Castro e Garcia Morente. Outorgava-se o título em Arquivos, Bibliotecas e Arqueologia. Os exames por cadeira foram eliminados, com liberdade do alunado para escolher ensino e professor. Não era obrigatória a assistência às aulas. Internacionalização dos estudos, com relação com universidades da Europa e dos EUA. Cursos de Estudos Hispânicos. Estudantes norte-americanas do Smith College na Faculdade de Filosofia e Letras que organizara um cruzeiro pelo Mediterrâneo no verão de 1933 com a ajuda do governo da República. Durante o tempo da República houve uma média anual de alunado de cerca de 1600 na Faculdade de Filosofia e Letras dum total em Madrid de 7.191 e 27.827 em toda a República. Era precisa uma prova de ingresso, uma outra no meio e uma prova final pela que se outorgava a licenciatura, constituída por quatro provas escritas de quatro horas cada uma e uma outra prova oral perante o tribunal integrado por cinco catedráticos. Tudo teria de ser realizado por EGDC em junho de 1936 para ter o título de Filosofia e Letras.

No curso 1934-1935 o estudantado solicita adiar exames porque se perdera mais de um mês de aulas devido à Revolução de Outubro. Em Madrid fora convocada greve geral na noite de 4 para 5 de outubro pela UGT sem apoio da CNT. Durante oito dias os combates foram intensos com muita participação. As tentativas de tomada dos centros de poder, presidência do Governo, depois de duas horas de confronto armado, fracassaram, a insurreição foi dominada e os dirigentes encarcerados. A participação de jovens foi significativa sem sabermos se EGDC, a dous meses de cumprir 23 anos, participou e de que modo.

Em 22 de janeiro de 1935 o estudantado denunciava o professor Sainz Rodríguez, um dos artífices do Bloco Nacional, golpista e

ministro de Educação com Franco em 1937. A Universidade de Madrid foi um campo de batalha onde o pistoleirismo fascista de diferentes organizações, FE, JONS, AET, JAP, atacou pessoas republicanas e República particularmente confrontado com a UJC e FJS para controlar e hegemonzar a FUE.

Na Faculdade de Filosofia e Letras de Madrid os confrontos entre o estudantado fascista e FUE foi frequente até mesmo o Decano ordenar instalar na Faculdade um comissário da polícia e vários agentes para “evitar distúrbios”; foi encerrada durante vários dias do ano 1935 “por alterações da ordem”. O professor Lafuente Ferrari disse: “Eu vi, eu respirei nos corredores da Universidade formar-se os bandos inimigos que haviam de lutar com pistolas na rua, e logo cara a cara na frente”. Em 13 de março de 1936 a Universidade encerrou por distúrbios depois da morte de dous jovens falangistas em Madrid.

O golpe militar de Franco e os seus generais destruiu rapidamente, material e moralmente, tudo o realizado anteriormente. A Cidade Universitária de Madrid se tornou frente de batalha durante mais de dous anos, o edifício da Faculdade de Filosofia e Letras ficou destruído, o professorado depurado, exilado e todo o trabalho científico, cultural, pedagógico sepultado pela guerra.

Depois da Revolução de Outubro, em dia 25-X-1934, Castelão é desterrado para Badalhouce onde permanece até 6 de setembro de 1935 libertado pelo novo ministro da Governação Manuel Portela Valladares que desde o mês de abril substituíra Salazar Alonso.

Em dezembro de 1935 Azanha e Castelão pactuam “autodeterminação política para a Galiza” em troca de o Partido Galeguista se integrar na Frente Popular que vence nas eleições de 14 de fevereiro de 1936 resultando eleito Castelão. Nestas eleições EGDC tinha idade para votar e presumimos que votaria e votaria Frente Popular e celebraria a sua vitória embora em todo o processo político até 28 de junho de 1936 em que se realizou o referendo estatutário galego, EGDC estaria absorvido pelas quatro provas escritas de quatro horas e a quinta oral perante um tribunal integrado por cinco catedráticos realizadas em junho de 1936 pelas que obteria a licenciatura de Filosofia e Letras na especialidade de Letras.

Capítulo segundo

GOLPE MILITAR DE FRANCO CONTRA A REPÚBLICA

Até que na noite do sábado, 18 de julho de 1936 a multidão de uma tão numerosa e violenta manifestação de milhares de socialistas, sobretudo das Juventudes Socialistas e também Comunistas – as Juventudes Socialistas Unificadas existiam desde 26 de março – imaginamos Ernesto e Fernando Perez Guerra no meio, OBRIGOU Azanha a desistir de nomear a Diego Martínez Barrios como chefe do governo e o trocar por José Giral. Nessa data, segundo Emílio González López, “foi o povo madrilenho o que tomou a iniciativa e as armas face um governo confundido e indeciso perante o golpe franquista”. A manifestação partiu da Casa do Povo e desfilou a altas horas da noite em Madrid para chegar à Porta do Sol onde estava o Ministério da Governação. Emílio González López que estava no Edifício da Telefónica, viu a manifestação a caminho da Porta do Sol e conta que se foram embora da Telefónica no alvore do domingo, dia 19 de julho. Às 15h00 desse domingo, 19 de julho, Benjamim Balboa recebe a notícia de que o cruzador Liberdade está em poder dos republicanos; e que às 17h30 começa a tomada do cruzador Cervantes com sucesso para a República. Benjamim Balboa no seu conquistado posto da Estação Central de Rádio da Marinha em Ciudad Lineal em Madrid, recebe a boa nova que comunica de imediato e telefonicamente ao Governo e a seguir à Executiva da UGT e ao Comité Nacional da CNT para ser conhecida pela população. Largo Caballero recebe pessoalmente o telefonema de Benjamim Balboa e envia uma proclama para todas as dotações. Emílio González López regressa esse domingo, “já adiantada a tarde” no último elétrico que ia para a sua “Casa das Flores” e conta que nos jardins da Praça de Espanha perto do Quartel de Montanha, estavam concentrados grupos armados, dentre eles Guardas de Assalto. É no amanhecer da segunda-feira, dia 20 que

escuta os aviões que bombardeavam o Quartel da Montanha que Tunhão de Lara descreve assim: «Os operários armados reforçados por oficiais republicanos e Guardas de Assalto atacam o Quartel da Montanha na segunda-feira de manhã com três canhões e fogo de diferentes armas mesmo bombardeamento da aviação. Por duas vezes os cercados içam a bandeira branca e aquando se aproximam os 'milicianos' [e população desarmada que se manifestava] são abatidos com fogo de metralhadora. A rábia popular perante os assassinos falangistas cresce e toma por assalto o quartel e 'dá morte a todo o que encontra'». Tunhão de Lara não conta se no interior do quartel houve combate, resistência dos inúmeros falangistas, não militares, que entraram no quartel para GENOCIDAR, justamente esse proletariado e povo que os derrota e mata.

EGDC está aí, no Quartel da Montanha, e segundo o filho, o pai lhe contara que não participou no combate armado. Nem o tio Carlos...

E Emílio González López que regressa desde o Quartel da Montanha, uma vez rendido, conta como o ruído dos disparos dos “pacos” [pac-pac], franco-atiradores fascistas, o acompanhou até à sua própria casa em que um vizinho também “paqueava” até ser descoberto e preso... numa “checa”? Essa mesma tarde da segunda-feira, dia 20, as Milícias Operárias, conquistado Madrid, cheias de entusiasmo se lançam para Alcalá, Guadalajara, Toledo...

MILÍCIAS POPULARES GALEGAS

Dez dias mais tarde, em 30 de julho de 1936, “o Partido Galeguista tomou a iniciativa... e num local incautado por um Comité da Frente Popular Galega... na Av. Conde Penhalver, n.º 15 [Grã Via de Madrid] se alistaram os primeiros milicianos galegos” (*Nueva Galicia*, julho de 1937) e na página 33 de *As Milícias Populares Galegas* (MPG) de Santiago Álvarez. Este na página 13 escreve: “... Se abre na Grã Via de Madrid, Av. Conde Penhalver, 15, num local que ali possuía a Frente Popular o recrutamento das Milícias Galegas... A iniciativa de abrir um local para incorporação voluntária a umas Milícias Galegas adoptou-a a Frente Popular Galega e singularmente o Máximo dirigente do Partido Galeguista, Castelão, de acordo com o PCE que tinha criado já o Quinto

Regimento”.

Continua Santiago Álvarez na página 19: “Ao chegarem os recrutados a uns centenaes foram aquartelados num antigo seminário da rua Juan Montalvo, 28 em Quatro Caminhos perto do quartel do Quinto Regimento para treinarem e instrução militar sob a direção de Manuel López Iglesias, capitão de Infantaria reformado pela 'Lei Azanha', casado com uma mulher de A Crunha onde estivera destinado”. Santiago Álvarez (SA) incorpora-se às MPG depois de estarem em Juan Montalvo, 28. A Inspeção de Milícias e o Ministério da Guerra não tinham suficiente consideração para as MPG. SA percorre Móstoles, Alcorcón, Fuenlabrada, Leganés, Getafe, etc. para, em galego, incorporar centos de galegos chegados para “a ceifa”. Em setembro de 1936 as MPG tinham 900 combatentes – homens e algumas mulheres. O número total chegou a 1200. Esclarece SA, “aquando falo de 'combatentes' referencio os que partiram para a frente pela primeira vez”. Criaram um Comité da Frente Popular com um galeguista, um da CNT, um republicano (não assistia) e SA do PCE. Ninguém do PSOE. Dentro do quartel a disciplina era militar.

SA critica Soares Picalho porque não se integrou, nem se interessou pelas MPG. A realidade foi que Soares Picalho junto com Castelão se deslocaram a Barcelona no mês de agosto para tentarem organizar MPG. Destaca SA a Castelão, a Manuel Martínez Risco e, decididamente, num plano mais elevado, a Bibiano Fernández-Ossório Tafall, deputado pela Ponte Vedra que chegaria a Comissário Político do Exército Republicano e algumas outras pessoas: “Estas deram o passo à frente mas outras não; eram DEMOCRATAS mas NÃO ERAM REVOLUCIONÁRIOS. Eram anti-fascistas mas não eram capazes de combater o fascismo. Eram galegos e galeguistas à sua maneira mas o seu amor à Galiza, à causa da sua autonomia, da sua libertação, TINHAM UM LIMITE”. EGDC portanto pertence à categoria das pessoas REVOLUCIONÁRIAS, segundo SA que, com certeza, manifesta um sentimento generalizado.

Castelão desde o primeiro momento agiu, reagiu cumprindo o seu papel de deputado e trabalhou incansavelmente noutras tarefas

para lograr a RESISTÊNCIA anti-fascista e a vitória da democracia.

A instrução fora do quartel de Juan Montalvo, fazia-se em “ordem cerrada” e uns dias antes de ir para a frente, em “ordem aberta”, SEM ARMAMENTO. Publicaram *El Miliciano Gallego*, bilingüe, de seis páginas e dezasseis números publicados, transformado logo em *Nueva Galicia*. Escreveram SA, Isla Couto, Rubia Barcia, Rubé Gotay, porto-riquenho, filho de emigrantes galegos, e outras pessoas.

Constituído o governo de Largo Caballero, sendo este presidente e ministro da Guerra, em 4 de setembro o Batalhão das Milícias Populares Galegas (BMPG) recebe 500 fuzis Mauser e de imediato partiram a combater para a frente de Toledo. Como nenhum miliciano quis permanecer na retaguarda, quase a metade partiram sem fuzil. A tática era avançar juntos à espera de um companheiro cair ferido ou morto para pegar na arma que deixava e continuar o combate contra “mouros”, marroquinos, legionários e falangistas pelos campos da província de Toledo e dirigidos diretamente por Franco. SA é o único do Comité da Frente Popular que vai a combater.

Existe uma crónica das MPG que escreveu um sargento-mor do Batalhão chamado Guardiola desde o início até meado o ano de 1937. SA reproduz essa crónica de *Nueva Galicia* de julho de 1937: Os galegos constituíram o que denominaram BMPG, dividido em esquadras, pelotões, secções e companhias. Nomearam delegados em cada companhia que dependiam do Comissário. Editaram-se manifestos, deram-se conferências, comícios e, como já dissemos, publicaram *El Miliciano Gallego* dirigido por SA.

As tropas franquistas tomaram Talavera de la Reina, na altura, Talavera del Tajo, e as MPG foram enviadas a Maqueda, Jerindote e Torrijos para impedir o seu avanço até Toledo. Cada uma das três companhias que integravam o BMPG combateu num destes povos acompanhadas de Guardas de Assalto e Guarda Nacional Republicana. Combateram com patriotismo e coragem. Em Maqueda resistiram com firmeza as terríveis investidas das tropas inimigas sem recuar um passo, caindo prisioneiras várias pessoas

das MPG. Por essa conduta comandos e soldados do BMPG foram EFUSIVAMENTE felicitados pelo ministro da Guerra, Largo Caballero. Na operação caíram muitos bons camaradas. Depois foram para os Montes de Toledo, Bargas, Olías e Cabanas onde tornou a “se cobrir de glória o nome da Galiza” – escreve Guardiola em *Nueva Galicia*. SA precisa que antes de regressarem a Madrid estiveram duas jornadas na cidade de Toledo onde outras Milícias assediavam o Alcaçar de Moscardó. O BMPG não recebeu ordem de combater. SA realça o combate em torno ao Castelo de Maqueda.

Regressam a Madrid ao quartel de Juan Montalvo, n.º 28 e em assembleias decidem substituir o Comité da Frente Popular pelos Comissários Políticos e SA é eleito por unanimidade Comissário Político. Votaram a mão alçada com nenhum voto contrário. Isto acontece antes do 15 de outubro em que é publicado o Decreto que legaliza os Comissários. SA marca as tarefas imediatas do BMPG: armamento, vestimenta, filhos dos milicianos ao Mediterrâneo, criar Plana Maior do Batalhão (página 40).

O ministro da Guerra substitui a Inspeção das Milícias. SA encontra-se com Casares Quiroga sem marcar a data. Em assembleia, por unanimidade decidem integrar-se no Quinto Regimento comandado por Liste – Henrique Liste Forjão – o qual foi publicado na imprensa de Madrid. Foram trasladados os filhos dos milicianos a Valência em comboio que também transportava as obras do Museu do Prado, partiram desde Atocha. Em 20-21 de outubro o BMPG integrado no Quinto Regimento, este no 4º Batalhão Galego da Primeira Brigada do Exército Popular da República recentemente criado recebe ordem de partir para Alcalá de Henares: desorganização, falta de armamento pesado, metralhadoras, morteiros, artilharia... Bebem água não potável produzindo-se muitas diarreias sem terem serviço sanitário...

EGDC ALISTA-SE

NAS MILÍCIAS POPULARES GALEGAS

EGDC alista-se nas MPG; quando é que não sabemos embora Margarida Ucelay frisa que foi decisivo para a sua “maior implicação” o conhecerem-se as circunstâncias da morte de Federico Garcia Lorca acontecida em 16 de agosto. No seguinte

dia 17, o genocídio franquista eliminou Alexandre Bóveda, Jaime Quintanilha Martínez e muitas outras pessoas, tudo com certeza do conhecimento de EGDC que achamos militava nas Juventudes Socialistas Unificadas. O seu filho Enric Da Cal assinala: “Ao deflagar a guerra no verão de 1936 aproveitou a sua militância comunista para tentar salvar pessoas internadas nas checas da capital e asinha se filiou nas Milícias Galegas com uma dura iniciação ao combate na frente de Toledo”.

EGDC REPRESENTANTE

DAS JUVENTUDES SOCIALISTAS UNIFICADAS

O certo é que em 4 de setembro de 1936, publicada em espanhol em *El Socialista* (Arquivo da Fundação Pablo Iglesias) aparece um comunicado das Milícias Populares Galegas (manchette). Nós traduzimos: Roga-se-nos a publicação do seguinte comunicado. Madrid, 30 de agosto de 1936: Companheiro diretor de *EL SOCIALISTA*.- Madrid

“Prezado companheiro: Rogamos-te a publicação das seguintes linhas: Lemos com a natural indignação, no número correspondente ao 30 de agosto, a informação que nele faz o vosso redator Cruz Salido sobre a frente asturiana, e na parte correspondente ao comentário sobre a moral facciosa, afirmações de índole geral francamente depressivas para a raça galega. Não cremos que seja necessário enaltecer a parte que os galegos na atual epopeia contra o fascismo e a reação tomaram sobre os seus ombros: mas de todas as maneiras convém assinalar, por se o companheiro Cruz Salido o ignora, que a direção do levantamento da Esquadra contra os seus chefes facciosos quer desde Madrid pelo nosso conterrâneo o heroico oficial Balboa (atual Subsecretário da Marinha) quer dentro das unidades de marinharia, integrada na sua maior parte por paisanos nossos, foi realizada por galegos. Mesmamente (e não é uma afirmação gratuita), o 40 % dos esforçados lutadores da Serra, que desde os primeiros momentos contiveram o avanço faccioso sobre Madrid, galegos são, integrados nas organizações operárias da Frente Popular e, na atualidade, organizadas estão em Madrid as Milícias populares galegas nas quais nos achamos integrados os que abaixo assinamos, unidade de combate que na atualidade tem cerca de mil

homens que aguardam impacientes o momento de tomar as armas para lutar não apenas pela reconquista do nosso país, impossibilitado para a luta pela total indefensão em que se abandonou o campesinato (embora quase sem armas, sabemos com certeza, combate nas montanhas da Galiza) mas também pelo total esmagamento do canalhismo do movimento fascista.

Por isso não acreditamos que seja nem certo nem oportuno atacar 'as características galaicas', nem contribuir a perpetuar a odiosa e direitista lenda negra da Galiza cobarde e ignorante. Prontos estamos em todo momento para ser todo o 'carne de canhão' que o companheiro Cruz Salido deseje como o temos sido em todos os momentos ao longo da História da nossa emancipação social e nacional, a qual, felizmente, cremos achar-se próxima à sua total realização.

Vossos e da causa anti-fascista.- Milícias populares galegas: Luís Garrido Otero (U.G.T.), Ernesto Pérez Güerra (J.U.), José E. Paratcha (F.U.E.), António Agra (C.N.T.), José Alvarez Feijoo (P.S.) e Edelmiro Fernández (P.C.).

N. da R.- Compreendemos a nobre suscetibilidade destes milicianos e não podemos aceitar que na qualificação do nosso redator Cruz Salido entrara a intenção que estes camaradas suspeitam. A Galiza como toda a Espanha rende, na medida das suas possibilidades, abnegação e sacrifícios à causa do povo e uma expressão por desafortunada que for não pode ser traduzida como uma ofensa. Pelo menos fique esclarecido que não pode ser esse jamais o sentido das nossas expressões”.

No mesmo jornal, à direita de N. da R. pode ser lido “... as quatro províncias galegas... as quais seguem de uma maneira neutral a guerra civil...”.

Este comunicado é a resposta que as MPG dão ao artigo em espanhol de Cruz Salido, 'NA FRONTE ASTURIANA. Os círculos concêntricos do inimigo' (Por correio aéreo do nosso redator em Astúrias, Cruz Salido). No conjunto do artigo pode ser comparada a informação relativa às franquistas Coluna de Leão com a Coluna Galega, da que resgatamos as linhas onde se condensa um fedorento RACISMO contra os galegos e a Galiza:

“Estas forças de Luarca estão formadas por soldados galegos.

Escolheram-nos das aldeias, selecionaram-nos dentre os mais ignorantes e torpes. Neles atua melhor do que em nenhum outro o mito pavoroso da obediência. Muitos não sabem castelhano. É a mais autêntica e desgraçada 'carne de canhão'. Conservam porém AS CARACTERÍSTICAS GALAICAS, e aquando sentem um disparo sobre eles, ao escalar as montanhas, deixam-se rolar monte em baixo como se estiverem feridos. Quase nunca o estão; mas fingem bem. O pior é que logo os chefes os obrigam a seguir pistola em mão, apaleando-os brutalmente, quando não os deixam deitados para sempre em qualquer matorral. Assim intenta avançar este dramático rebanho... As tropas galegas têm um generalíssimo civil... É o bispo de Mondonhede que vem com a coluna à cabeça de trinta magníficos abates galaicos... Em Luarca a matança ordenada pelo piedoso báculo foi espantosa... e disparavam contra eles com uma doçura galega verdadeiramente enternecedora...” (archivo.fpabloiglesias.es/index.php?r=hemeroteca/ElSocialistafile://C:/Users/User/Downloads/8229%20(1).pdf)

Ernesto Guerra Da Cal aparece fazendo parte da representação das Milícias Populares Galegas sob o nome de Ernesto Pérez Güerra como representante das (J.U.) que entendemos são as Juventudes Socialistas Unificadas, a nova organização resultante da UNIÃO em 26 de março de 1936 da Federação de Juventudes Socialistas e da União de Juventudes Comunistas na qual ele estaria integrado desde porventura 1932 ou antes, segundo a militância comunista que lhe atribui o filho Enric Ucelay.

Neste comunicado o pensamento político de Ernesto Guerra Da Cal (Ernesto Pérez Güerra) aparece nítido e proclamado junto com o dos outros assinantes:

- i. Dispostos a morrer no combate contra o fascismo pela emancipação social e nacional da Galiza.
- ii. Dispostos ao combate mesmo a ser “Carne de canhão” como o temos sido ao longo da nossa história secular.
- iii. Enaltecem a metodologia insurrecional não apenas de Benjamim Balboa mas também a das dotações armadas para derrotar chefes facciosos e se fazer com a Esquadra para a República.
- iv. Destacam que o 40 % dos combatentes da Serra que

- impediram o avanço faccioso sobre Madrid são galegos.
- v. Combatem indignados a odiosa e direitista “lenda negra” da Galiza cobarde e ignorante.
 - vi. Salientam a luta do campesinato galego, quase sem armas, nas montanhas da Galiza.
 - vii. Criticam a total indefensão em que se teve o campesinato galego.
 - viii. Renegam do ataque às “características galaicas”, o ataque racista que sofrem os galegos.

Temos pois um Ernesto Pérez Güerra que proclama a Revolução, a revolução armada, a liberdade nacional da Galiza, o socialismo e o comunismo. A unidade nacional da Galiza e Portugal não é proclamada.

Castelão no capítulo XI do Livro II do *Sempre em Galiza* de Akal, critica com dureza “os gerifaltes da República: Valia mais Ferrol que todo Astúrias” e a “inquina contra nós” manifestada através de *El Socialista* no artigo de Cruz Salido. A alegada retificação da que fala Castelão e com longas explicações não está no publicado na N. da R. onde se acrescenta o racismo não apenas não reconhecendo mas qualificando os representantes e as Milícias Populares Galegas de “suscetíveis, que suspeitam intenção” porque NÃO há ofensa em “UMA expressão por desafortunada que for”. Um extenso artigo com cerca de trinta linhas do RACISMO mais abjeto o reduzem a “UMA expressão”. E o que Castelão descreve como “havia em TODOS os republicanos espanhóis a consideração da Galiza como reacionária” continua passados mais de oitenta anos.

Ernesto Guerra Da Cal reafirma-se em 1974 em carta dirigida a Manuel Rodrigues Lapa datada em 22 de novembro: “Sou um pobre homem de Quiroga... Homem público não sou, nem nunca o fui, nem nunca quero ser, pois não tenho vocação. Político também não sou, no sentido público e profissional da palavra, se entende. Sim, porém, um fanático íntimo e privado da Liberdade, com maiúscula. Que quando foi necessário moralmente agir na ação em defesa da dignidade humana, não hesitei em entrar em combate com as armas na mão contra o Fascismo franquista. Com a triste derrota tive de me exilar e refazer a minha vida nos EUA, onde

como o meu Amigo sabe, dediquei todos os meus humildes esforços a pregar o Evangelho da cultura galaico-portuguesa *'in partibus infidelium'*. Considero-me pois um anónimo e velho lutador anti-fascista CUJA IDEOLOGIA NÃO MUDOU UM PONTO durante todos estes anos [1936-1974].

CONTINUO ONDE ESTAVA EM 1936. Embora a vida, como é natural com o acréscimo dos anos e da experiência não tenha deixado de me causar desilusões sobre a aventura humana em todos os seus aspetos inclusivamente os políticos, mantenho-me ferrenhamente fiel à minha ideia tão bem exprimida por Valle-Inclan de que 'de realidades vive o homem mas de sonhos sobrevive' como D. Quixote”.

EGDC não renega do seu passado como combatente com as armas na mão contra o Fascismo franquista que se concretiza na denominada frente de Toledo em Maqueda, Jerindonte e Torrijos, três povos entre Talavera de la Reina e Toledo. Ali foi enviado EGDC não sabemos se com fuzil Mauser ou acompanhando outro que o levava. Não sabemos se tinha comando e a quem comandava. Não sabemos sequer onde é que combateu, pensamos que em Maqueda porque foi ali onde se deram os combates mais intensos.

O INIMIGO QUE EGDC COMBATE NA FRONTE DE TOLEDO

Tentamos saber com que inimigo se enfrentara EGDC integrado no BMPG e recuamos ao ano de 1912 em que Francisco Franco Vaamonde, nascido em Ferrol e que utilizará o galego que sabia para se comunicar em Português com Salazar, é destinado a Melilha no Regimento África n.º 68. Voluntário, ingressa em 1913 nas Forças Regulares Indígenas ao pouco tempo de se criarem como força de choque com mercenários “mouros” para cometer todo tipo de atrocidades. Em 1917, como comandante destinado em Oviedo, Franco dirige a repressão para acabar a Greve Geral começada em 10 de agosto desse ano que em Astúrias dura vinte dias. A repressão é brutal como no resto dos territórios onde houvera combates. Llaneza, dirigente mineiro asturiano definiu a repressão dirigida por Franco como orgia de “violações, pilhagem, violência e tortura”. Em 1919, Franco conhece Milhão Astray e

conluídos fundam a Legião em 20 de janeiro de 1920. Franco é o chefe da 1.^a Bandeira. As tropas por ele treinadas e dirigidas caracterizam-se pela brutalidade contra o inimigo vencido: Assanhamento, decapitação de prisioneiros mostrando as cabeças decepadas como trofeu. Franco pede licença a Milhão Astray para fuzilar e fuzila um legionário por negar-se a comer e ordena desfilar o batalhão perante o seu cadáver. Em 1921, “Desastre de Annual”: 13.000 mortos nas tropas espanholas produzidos por Abd el-Krim que toma Melilha ajudado com as torpezas de Alfonso XIII. Franco com a Legião é o primeiro em chegar a Melilha e as suas atrocidades chegam à Península celebradas com entusiasmo por uma embrutecida população. Em janeiro de 1922, continua recuperando posições perdidas. É tenente-coronel em 8 de junho de 1923. Golpe de Primo de Ribera em 13 de setembro de 1923. Franco, baixo pálio, casa em Oviedo com Alfonso XIII como padrinho que envia representante. Continua comandando a Legião e se manifesta contrário à retirada de Marrocos promovida por Primo de Ribera. Em 7 de fevereiro de 1925 é coronel. Em 7 de setembro de 1925, “desembarco de Al Hoceïmas”. Nesse ano os franceses derrotam e prende Abd el-Krim. Em 3 de fevereiro de 1926, Franco é general com 33 anos e um impressionante historial de atrocidades calculadas e com método, todas com conhecimento e alentadas por Alfonso XIII, uma das mais infames, o maciço bombardeamento da população com gases venenosos proibidos pelo Tratado de Versalhes.

Franco tolerava na Legião alvoroços cotidianos, prostituição nos quartéis (mulheres, homens, meninos, proxenetas). “Legionárias, cantineiras, soldaduras” acompanham a Legião nas suas ações mesmo em Al Hoceïmas, em Astúrias em outubro de 1934 e durante a guerra contra a República (1936-1939).

Os exemplos concretos da metodologia de Franco nas tropas regulares e legionárias: “A duquesa de Vitória recebe tributo da Legião: Um cesto de rosas em cujo centro duas cabeças de 'mouro' cerceadas”. Em 1926, Primo de Ribera visitou Marrocos para ver horrorizado as cabeças espetadas nas baionetas de um batalhão da Legião formado em espera de revista.

Em 1928, Franco é Diretor da Academia Militar de Saragoça. Em

abril de 1931, tentou esmagar com os seus cadetes a proclamação da República. Em outubro de 1934 desde o seu gabinete no Ministério da Guerra do ministro Diego Hidalgo, Franco dirige pessoalmente a feroz repressão de legionários, regulares e bombardeamento da Esquadra. Todas as atrocidades cometidas por Franco e as suas tropas em África repetem-se em Astúrias contra mulheres, meninos, combatentes e a população toda. Uma testemunha contava aparecerem cadáveres com os genitais na boca, rito profusamente empregue em África e que empregarão estas mesmas tropas mais os falangistas no seu avanço desde Sevilha para chegar a Madrid.

Antes, entre 1 e 10 de maio de 1936, toda a Esquadra realizou manobras em Canárias onde Franco e Javier Salas Larrazabal, Chefe de Estado Maior da Armada, ultimaram o golpe: A Esquadra transportaria tropas de África para “EXTERMINIO E JUSTIÇA MOURA”. Para o implementar, Franco chega a Sevilha em 6 de agosto e dirige pessoalmente todas as brutalidades cometidas por estas “Colunas”, cada uma integrada por uma Bandeira da Legião e um Tabor de Regulares, camiões, metralhadoras, artilharia e sobretudo a aviação fascista de Mussolini e a que através de Portugal Hitler forneceu diretamente a Franco: A violação sistemática de mulheres “vermelhas”, o assassinato de prisioneiros, a mutilação de cadáveres particularmente a castração, o emprego da baioneta para trucidar ou degolar, tourear prisioneiros com a baioneta, o saqueio sistemático, tudo foi empregue para pela via do TERROR, vencer a heroica resistência armada de milhares de seres humanos que lutavam pela terra, a liberdade, a democracia, a revolução e o socialismo. Zafra; mil pessoas mortas em Almendralejo onde Carlos Asensio Cabanillas incendia enxofre com palha molhada para produzir gases tóxicos contra milicianos refugiados na torre da igreja da Purificação; o massacre no Circo Romano de Mérida; as matanças da Praça de Touros de Badalhouce e um ronsel genocida infinito que provocara um êxodo tão grande que esvaziara populações inteiras. Na província de Toledo o êxodo foi massivo para encher Madrid de pessoas refugiadas a fugir do terror franquista. Em *El Socialista* da quarta-feira, 2 de setembro de 1936: “Prieto Nenni viaja a PEGUERINOS

para informar à Internacional Operária Socialista: Os mouros... têm instinto de razzia, do saqueio, da violação e do roubo”. Não foi “instinto”, foi o treinamento, a metodologia, com que Franco modelou durante um quarto de século [1912-1936] essas forças para o genocídio. “Um militar republicano escondido em Peguerinos durante a ocupação do Tabor de Regulares e outras forças fascistas testemunha: Saqueiam tudo. Uma rapariga que se refugiara numa cova do café do povo: Mais de vinte mouros passaram pelo meu corpo”.

A experiência de combate contra tropas dessa configuração acrescentam a figura de EGDC, das MPG e de todas as pessoas a combaterem o genocídio franquista.

EGDC CAPITÃO

DO EXÉRCITO POPULAR REPUBLICANO

Em 6 de novembro de 1936, Largo Caballero translada o Governo para Valência. A EGDC foi-lhe encomendado comandar um comboio que transportava funcionariado desde Madrid para Valência porque “demonstrou ser um responsável competente”. Foi com ele Margarida Ucelay e casaram em Valência numa “multitudinária voda de milicianos”. “Ascendido a capitão do Exército Popular Republicano foi responsabilizado de diferentes tarefas 'delicadas' – dentre elas investigar execuções de não comunistas nas Brigadas Internacionais”.

O COMBATE À QUINTA COLUNA: AS CHECAS

Antes, escreve Enric Ucelay, “ao deflagar a guerra, no verão de 1936, aproveitou a sua militância comunista para tentar salvar pessoas internadas nas checas da capital e asinha se filiou nas MPG”.

Com o triunfo revolucionário em Madrid, cidade de um milhão de habitantes, os aparelhos coercitivos da República, exército, polícia, juízes, prisões, esboroaram e houve que constituir sobre o proletariado e o povo armado das diferentes organizações que constituíam a Frente Popular, tudo o necessário para garantir o triunfo. Escrevíamos como Emílio González López relatava a atuação dos franco-atiradores, “pacos”, no momento mesmo da tomada do Quartel da Montanha, os combatentes da “Quinta Coluna”; expressão atribuída a Mola que em 21 de julho afirmou

tomaria Madrid com cinco colunas: Uma avançava desde Toledo, a da Estrada da Estremadura, a da Serra e a de Sigüenza. Perguntado qual seria a quinta, respondeu que era a que combatia clandestina no interior de Madrid. Mola definiria com mais precisão a “Quinta Coluna como uma organização dos fascistas, clandestina, de combate contra a República”. Garantir o triunfo republicano em Madrid significava impedir o avanço das quatro colunas que o cercavam e a quinta emboscada no interior de Madrid que segundo estimativas podia integrar oito mil pessoas. Carrilho deixou escrito que era tão perigosa como os bombardeamentos.

Em Madrid, o Comité Provincial de Investigação Pública (CPIP), republicano, foi criado em 4 de agosto de 1936 pelo novo Diretor de Segurança Pública, Manuel Munhoz Martínez que tinha sede no Círculo de Belas Artes, na rua Alcalá, n.º 42 – depois trasladada à rua Fomento, 9 – popularmente conhecida como a Checa de Bellas Artes e depois Checa de Fomento. Nesses catorze dias que medeiam entre o 21 de julho, tomada do Quartel da Montanha e o 4 de agosto com CPIP, a guerra continua e as Milícias Populares armadas dos diferentes grupos a integrarem a Frente Popular eleita em 14 de fevereiro de 1936, combateram, prenderam e abateram os quintacolonistas e organizaram um sistema de polícia e prisões que se denominaram “checas”, de origem revolucionária: Na Revolução Soviética fora Lenine presidindo o Conselho de Comissários do Povo que decretou a sua criação em 20 de dezembro de 1917 para impedir a sabotagem contrarrevolucionária. Cheka: Chezvichàinaia Komissia: Comissão Extraordinária. Eis a origem da palavra “checa”. O CPIP chega para tentar integrar o que já existia organizado.

Em Madrid houve, segundo diferentes autores mais de duzentas checas dirigidas por CNT, a maioria, PSOE, republicanos. O PCE tinha uma na rua São Bernardo, 72, no Convento das Salesas, dirigida por Agapito Escarilla Simón; tinha uma esquadra da polícia na mesma rua e um outro local na rua Princesa. EGDC se tiver alguma influência, seria nesta dirigida pelos comunistas.

No fragor do combate de uma GUERRA DE EXTERMÍNIO com “Justiça Moura”, o governo da República de Santiago Casares facilitou o parcial sucesso do golpe franquista, sobretudo

entregando-lhe a Galiza, pela sua negativa contumaz a tomar as pertinentes medidas contra Franco porque estava perfeitamente informado das suas atividades conspirativas como as das manobras da Esquadra em Canárias e pela sua negativa a armar à população. É esta a que combate, abate e prende os conspiradores genocidas. O governo de Giral garante-lhes impunidade e os protestos e as mobilizações populares exigindo justiça são generalizadas. No cruzador Cervantes um abaixo-assinado da tripulação exige aplicar as medidas que a justiça contempla para a oficialidade golpista e mesmo contra o seu comandante Navarro, posteriormente Chefe das Forças Navais do Cantábrico conluiado com o espião franquista Scharfhauser em Bilbo e passado ao bando franquista do genocídio. No Cárcere Modelo de Madrid, uma mobilização popular e a ação das Milícias Populares forçou na noite do 22 ao 23 de agosto de 1936 a formação de Tribunais Populares que julgavam, condenavam e fuzilavam os culpáveis das inúmeras atrocidades cometidas durante o tempo da monarquia de Alfonso XIII com Primo de Ribera, durante o tempo da República e durante o golpe. É só depois disto que o governo da República estabeleceu os Tribunais Especiais Contra a Rebelião, Sedição e Crimes Contra a Segurança integrados por catorze da Frente Popular e CNT e três juízes que foram popularmente conhecidos como Tribunais Populares.

Ainda hoje somos escravos das PATRANHAS nazi-franquistas no relativo à VERDADE dos factos históricos: Em vez de um Tribunal Internacional como o que em Nuremberga julgou e condenou os crimes de planejar a guerra, crimes contra a Paz, crimes de guerra e crimes contra a Humanidade, julgar e condenar o genocídio de Franco, Hitler, Mussolini e Salazar e colaboradores das potências ocidentais, o que rege é uma franquista “*Causa General. La dominación roja en Espanha. Avance de la Información Instruída por el Ministério Público. Cárceles y asesinatos*” baseada num relatório do embaixador da Noruega em Madrid na altura, expulsado ou que abandonou Madrid em julho de 1937; o embaixador apelidado Schlager era um nazi que foi a publicar em 1938 na Alemanha o dito relatório utilizado pelos nazis como arma contra a República. A “*Causa General*”, eis a

origem das inúmeras PATRANHAS dos historiadores franquistas, filo-franquistas e alegados imparciais, todos conluiados para ocultar a VERDADE DA GUERRA DE EXTERMÍNIO, GENOCÍDIO DE FRANCO e a defesa que fizeram as suas VÍTIMAS republicanas, frentepopulistas, operárias, camponesas, mulheres, anciãos, crianças e populações das nações oprimidas, Galiza, Euskadi e a Catalunha.

Na “*Causa General*” aparecem as checas, Paracuellos del Jarama e outras franquistadas de atribuir aos “rojos” os crimes por eles cometidos como o bombardeamento de Guernika e muitos outros em Madrid, Barcelona, Valência, estrada Málaga-Almeria...

No anexo 4 da “*Causa General*” relativo às checas aparece Santiago Carrillo como “Delegado de Orden Público” e Segundo Serrano Poncela como responsável do “Consejo de la Dirección General de Seguridad”, os dois responsáveis pela checas e Carrillo de Paracuellos del Jarama.

Santiago Carrillo é nomeado “Consejero de Orden Público” na madrugada do dia 7 de novembro de 1936 com o governo de Largo Caballero abandonando Madrid caminho de Valência. Essa noite do dia 6 para o 7 não dormiram, o ataque franquista ao Madrid cercado era imediato. Segundo Carrillo, “Madrid bombardeado noite e dia pela artilharia e a aviação. Às noites os franco-atiradores. Milhares de vítimas inocentes. O governo republicano pensava que Madrid não resistiria três dias. A Junta da Defesa [nomeada por Largo Caballero] não tinha força para controlar a situação. As tropas franquistas estavam a trezentos metros do Cárcere Modelo”. E o franquismo culpabiliza às suas vítimas do que ele provoca com a sua guerra de extermínio com “justiça moura” [foram encontrados cadáveres republicanos castrados em Madrid] a reação defensiva de “matar o inimigo”.

EGDC comboia funcionariado para Valência nos primeiros dias de novembro [Joel Gomez afirma que casou em 31 de outubro em Valência] para o safar do extermínio franquista às portas de Madrid. Extermínio que um jornal madrileno *La Voz*, descreve assim (publicado por Ian Gibson): “Aproximam-se a Madrid os que fuzilaram seis mil homens, mulheres e meninos em Sevilha, quatro mil em Granada, três mil em Cádiz, cinco mil em Saragoça,

outros tantos em Córdova, dois mil em Badalhouce, oito centos em Almendralejo, inúmeros em Castela e Galiza. Trazem como vanguarda e força de choque mouros e legionários. Prometeram a uns e aos outros lhes conceder como prêmio das suas fadigas e perigos dous dias de saqueio livre na capital de Espanha.

Dois dias de saqueio livre, madrilenos! Reparai no que isso representa de horror.

(...) Após cabilenhos [da Kabila] e mercenários do 'Terço' marcham os jovens assassinos do 'requeté' e de Falange. Vêm apercebidos para a grã matança. Franco nas suas proclamas, tem anunciado, com certeza, que fuzilará os seus prisioneiros de guerra, os vinte e cinco mil feridos e doentes (ingressados) nos hospitais de sangue e a todos os que de qualquer jeito tenham servido à República.

Por cada fascista morto matará dez republicanos, socialistas, comunistas e sindicalistas. Não engana ninguém. Anuncia o que vai fazer se o exército do povo lhe permite entrar em Madrid.

Estima-se que Madrid, se for vencido, será teatro espantoso de cem mil imolações. Fuzilar-se-á os que tenham sido ou sejam milicianos, a todos os que desenvolvem ou desenvolveram cargos em círculos, comités, centros, agrupações, sociedades, comissões de controlo, etc. aderidos à Frente Popular e aos sindicatos que dirigem o movimento operário hispano, a todos os que aceitaram postos oficiais ou representativos durante o primeiro biénio da República e desde o mês de fevereiro até à data de hoje, a todos os que as gentes da quinta coluna denunciem como esquerdistas ou suspeitos de o ser.

Madrid será dizimado. Do seu milhão de habitantes perecerá a décima parte. Foi assim decidido por Franco, Mola, Gil-Robles e "consortes". Yagüe, o monstro Yagüe, o dos metralhamentos na Praça de Touros de Badalhouce, e o seu segundo, o feroz Castejón, são os da encomenda de levar a cabo a bárbara carnificina. Têm uma longa experiência. Lembremos as palavras de Yagüe quando os falangistas de Badalhouce lhe davam os parabens pela sua ideia de matar desde os 'tendidos' do circo taurino da cidade estremenha aos dous mil homens, mulheres e meninos ali presos pelas suas hordas: 'Isto foi apenas uma experimentação que repetirei em

maior escala em Madrid'.

Fanfarronice? Não. Ameaças que se cumprirão se os defensores de Madrid 'não porem o coração à altura do perigo'. As feras com figura humana que assaltam, nestas horas decisivas, as posições que guardam o acesso à capital da República têm demonstrado, em três longos meses de horríveis crimes, não recuarem perante novos banhos de inocente sangue espanhol.

Que os milicianos que estão na frente se lembrem das suas mães, irmãs, noivas, mulheres e filhas. Franco, Mola e seus cúmplices lhas têm oferecido, como o mais prezado dos botins de guerra, aos mouros e legionários. Se se rendem ou fogem não apenas não salvarão as suas vidas como também entregarão à feroz lujúria de selvagens de África e apaches [sic] internacionais aos seres que são a alegria da sua existência”.

AS MILÍCIAS POPULARES GALEGAS TRASFORMADAS EM 4.º BATALHÃO GALEGO DA 1.ª BRIGADA MIXTA DO EXÉRCITO POPULAR DA REPÚBLICA

Já dissemos que as MPG com EGDC se integraram no V Regimento comandado por Henrique Liste Forjão. Em 10 de outubro de 1936, o governo de Largo Caballero decide criar o Exército Popular da República com seis Brigadas Mixtas. É na 1.ª Brigada Mixta que se integra o V Regimento com as MPG. A 1.ª Brigada Mixta por sua vez estava integrada por quatro Batalhões um dos quais, com o nome de Batalhão Galego, era o 4.º. Portanto pensamos que EGDC fazia parte do 4.º Batalhão Galego da 1.ª Brigada Mixta do Exército Popular da República. O 4.º Batalhão Galego comandava-o Gumersindo Cardona, o herói de Maqueda e Torrijos. Manuel López Iglesias comandava a 1.ª Brigada Mixta. Foram enviados para Alcalá de Henares em dia 20-21 de outubro. Em dia 26 partem de Alcalá para Getafe. Em 27 de outubro, perto do Cerro de los Ángeles, recebem algumas metralhadoras soviéticas Maxim e artilharia. Apenas o chefe da unidade sabia manejar as metralhadoras. Ao anoitecer do dia 28 chegam caminhando a Valdemoro onde recebem equipa sanitária. No anoitecer do dia 29, avançam para defender uns outeiros em

Sesenha de uma coluna, marroquinos a maioria, integrada por três batalhões de infantaria e um regimento de cavalaria, apoiado por artilharia e dezoito aviões. Durante os dias 29, 30 e 31 e parte do dia 1.º de novembro, resiste o Batalhão Galego impedindo o avanço da coluna franquista e protegendo a retirada dos outros três batalhões da 1.ª Brigada Mixta. À noite do 1.º de novembro são forçados a se retirar para Morata de Tajunha aonde chegam ao anoitecer do 2 de novembro. Às 9h00 do dia 3 partem para Arganda. Partiram de Arganda na noite do dia 4 e posicionaram-se em Entrevias o dia 5 em que atacam para reconquistar a posição em Villaverde Baixo, desalojando as tropas franquistas. Desde esse dia, escreve Santiago Alvarez, participamos na batalha defensiva de Madrid que começou o mesmo 6 de novembro e durou até ao dia 9 com derrota franquista. Podemos pensar que este percurso e combates do 4.º Batalhão Galego integrado na 1.ª Brigada Mixta contou com a presença de EGDC. Não sabemos: EGDC era capitão com 24 anos.

Santiago Alvarez referencia o estudante de Filosofia e Letras porto-riquenho, filho de um emigrante galego, que foi voluntário para as MPG, colaborou em redigir *El Miliciano Gallego*, *Pasaremos* e *Nueva Galicia*, regressou a Porto Rico, onde nascera, em 1938 e chegou a ser Decano da Universidade de Porto Rico, com certeza amigo de EGDC. Também colaboraram em *El Miliciano Gallego* Rubia Barcia, em 1957, na Universidade de Califórnia.

Floréncio Delgado Gurriarão escreve em 1980 um relatório acerca dos Galegos no Exército da República e no Exílio em que dentre muitas outras e notáveis pessoas galegas, nenhuma mulher, cita ao “poeta e professor Ernesto Guerra da Cal”. Cita em destaque ao “Comissário General de Guerra do Exército Popular da República, o catedrático dom Bibiano Osorio y Tafall, de sobranceira atuação na ONU depois da guerra – Chipre em 1963”. Escreve também que “as MPG... convertidas em Batalhão Galego... combateram nas mais sangrentas batalhas: Desde Santa Olalla a Torrijos; desde Sesenha a Morata de Tajunha; na defesa de Madrid – Entrevias e Villaverde; em Aragão – Teruel e Brunete; na passagem do Ebro; na retirada final [Catalunha]... Muitos mortos, muitos feridos. Na

batalha do Jarama, matadouro de nazis, foi onde mais baixas teve o Batalhão Galego...”. Precisa que “de 1200 milicianos que havia em julho de 1936 ficaram somente duzentos e sessenta e três, todos com comando que foram destinados ao Estado Maior do V Corpo”. Na batalha do Jarama contra o nazismo morreu em combate Gumersindo Carmona, Chefe do Batalhão Galego. E remata frisando que muitos desses galegos vieram a México, também ele, no navio IPANEMA, viagem propiciada pelas Sociedades Hispanas Confederadas de Nova Iorque. O republicano Serviço de Evacuação de Refugiados Espanhóis (SERE), sediado em Paris e presidido por Bibiano Fernández-Ossório Tafall, foi o que enviou mais de seis mil refugiados desde Marselha a partir de maio de 1939, em diferentes barcos, dentre eles o IPANEMA. Nessa altura, maio de 1939, EGDC encontrava-se em Nova Iorque.

EGDC AGENTE SECRETO DO SERVIÇO DE INVESTIGAÇÃO MILITAR DO EXÉRCITO POPULAR DA REPÚBLICA

Segundo Enric Ucelay Da Cal, em Valência, o capitão EGDC “esteve em estreita interação com a missão soviética encabeçada pelo general Aleksander Orlov da NKVD [NARÓDNY KOMISSARIAT VNUTRENNIT DEL], Comissariado do Povo para Assuntos Internos da URSS. Orlov foi o enlace soviético com o Ministério de Governação da República, fazendo parte do Serviço de Investigação Militar (SIM) criado em 9 de agosto de 1937 ao que pertenceu EGDC que adota os métodos soviéticos. EGDC na sua convivência ou coordenação com a segurança soviética...”. A formação que recebe no SIM o capitão EGDC é a metodologia soviética de inteligência, espionagem ou contra-espionagem para além da guerrilha.

Continua Enric Da Cal, “Em 1937, uma vez no SIM, foi dado ao meu pai [EGDC] a encomenda envenenada de investigar execuções de não-comunistas na frente, nas Brigadas Internacionais. Era um assunto de dimensões mundiais que concedeu ao dirigente comunista francês André Marty, um catalão do Roselhão, responsável político dos 'interbrigadistas'... a alcunha de 'carneiro de Albacete'...sede destas famosas unidades de choque. Depois de várias peripécias e equívocos dos 'amigos

soviéticos', os dados recolhidos levaram o 'camarada Ernesto' a entregar um relatório... confirmando as execuções... [que] indispos os soviéticos contra ele e Orlov ameaçou-o pessoalmente com um 'acidente' se entregasse a denúncia, o que ele mesmo assim fez... os soviéticos insistiram e levaram o assunto ao Politburo do Partido espanhol e – segundo persistente tradição familiar – este organismo decidiu contra o parecer dos assessores russos, o que seria – se se pudesse demonstrar – um caso extraordinário e completamente fora do normal de auto-afirmação da 'Secção Espanhola da Internacional Comunista' perante a voz do dono no 'centro' de Moscovo. O meu pai perante a minha teimosa insistência, apenas me contou a história completa uma vez, quando eu teria 16 anos. Confesso que a única coisa que realmente gostaria de ter herdado seria a dita narração bem apresentada, ou pelo menos, gravada.

Em todo o caso, na sua versão, depois de ter sido avaliado por Pepe Diaz, passou a trabalhar em Barcelona, na Secção de Passaportes do SIM, sob as ordens diretas de António Ramos. De facto, todo um grupo de universitários formava este departamento do SIM que, apesar do seu nome inócuo, era na realidade o ORGÃO DE COMBATE CONTRA A CHAMADA 'QUINTA COLUNA' e o 'Socorro Branco'.

Ascendido a capitão do Exército Popular, responsável de diversas tarefas 'delicadas' (dentre elas investigar as execuções de não-comunistas nas Brigadas Internacionais) no entanto esteve em Valência, ficou desenganado da sua militância comunista a raiz do seu trato, primeiro de amizade e logo ameaçante, com os responsáveis dos serviços secretos soviéticos, particularmente com o general da NKVD, Aleksander Orlov. Quando Perez Güerra entrou no SIM, a partir da sua criação no verão de 1937, alinhou-se com o setor socialista, no seu seio, fazendo parte em Barcelona da equipa adicada ao controlo de passaportes e vigilância de estrangeiros”.

A MISSÃO SOVIÉTICA PARA AJUDAR A REPÚBLICA ESPANHOLA

A missão soviética para ajudar a República tem precedentes; Em 13 de junho de 1936 a Internacional Comunista (IC) tratara a

questão espanhola. A política externa soviética estimava, meses antes, o risco de golpe militar. Em 18 de julho de 1936, Dimitrov e Manuilsky (IC) comunicaram a Codovilla e ao Bureau Político do PCE reforçarem o anti-fascismo na ação do governo e aliança operário-camponesa. Nessa altura a URSS não tinha representação diplomática em Madrid. Os contactos entre Dimitrov e Codovilla, a meio de telegramas. Em 21 de julho, reunião da PROFITERN em Moscovo para apoiar a República “discreta e encobertamente”. Em 28 de julho, reunião em Moscovo do Comité Executivo da IC para apoiar a República. Em 30 de julho, discurso radiofónico de Dolores Ibarruri em concordância com a IC. Campanhas de solidariedade com a República na URSS, a França, a Inglaterra, a Bélgica, os EUA, a Checoslováquia, o Canadá, o México e outros países da América do Sul. Em agosto de 1936 a IC enviou como enlances a Madrid a André Marty e Jackes Dulcos e a Barcelona a “Pedro”, Ernö Gerö. O PCF tem a encomenda da relação com a República. Em 28 de agosto de 1936 chega a missão diplomática soviética: Marcel Rosenberg, embaixador, apresenta credenciais em Madrid. M. Rosenberg fora Secretário Adjunto da Sociedade das Nações. Com ele vieram o que fora Chefe de Informações do Exército Vermelho, general Jan Berzin, para dirigir assessores militares; o general Keller e o general Vladimir Gorev, assessor do general Miaja. À Catalunha chegou o Cônsul Vladimir Antonov-Ovseenko que fora comandante da Guarda Vermelha no assalto ao Palácio de Inverno em 7 de novembro de 1917. Nesse 28 de agosto integram o governo de Largo Caballero dous comunistas, na pasta de agricultura e na de educação: a participação no governo fora discutida e acordada na URSS por Pepe Diaz, André Marty e Jackes Dulcos. Anarquistas recusaram a participação. Nessa data a URSS adere ao Tratado de Não Intervenção e foi criado um plano de apoio militar à República, Operação X, pelo Chefe do Comissariado da Defesa e dos Serviços de Inteligência Militar, Semyon P. Uritsky e o Chefe do Departamento Estrangeiro da NKVD, Abran Slutsky. Criaram uma equipa, a Secção X, para a operação.

Em 25 de julho de 1936, Giral solicitara armas à URSS e outros países. Assinou-se o Tratado de Não Intervenção com neutralidade

dos EUA – só a URSS podia vender armas clandestinamente à República; segundo Orlov, a decisão de vender-lhe foi tomada por Estaline em 26 de agosto. Em 25 de julho, Hitler determinou enviar aviões a Franco: Mussolini já lhos fornecera.

Em setembro de 1936 foi criada a Jefatura de Asesoria Militar, órgão que integrava os assessores soviéticos, dirigido por Jan Berzin (1936-1937), Grigori Shtern (1937-1938); depois por K. M. Kachanov. Em 14 de setembro de 1936, reunião em Moscovo para enviar armas (NKVD) para a República nomeando Aleksander Orlov como superintendente das operações de envio. Orlov chega a Madrid em dia 15. Estivera antes no mês de julho. Em 4 de outubro de 1936, o barco Campuche chega a Cartagena com armas: 6 canhões, 6.000 obuses, 240 lança-granadas, 100.000 granadas, 20.362 fuzis e 7 milhões de balas. Em dia 12 de outubro, o barco Konsomol chega com 50 tanques T-26 e veículos blindados.

Criar um exército regular para a República foi projectado e planejado por Gorev, Meretskov e Siminov junto com generais republicanos e apresentado ao governo no mês de outubro de 1936: Em dia 14, Largo Caballero decreta a criação do Exército Popular da República.

Em 6 de dezembro a República recebera da URSS 136 aviões, 106 tanques T-26, 174 canhões de campanha, 3.750 metralhadoras. Entre outubro de 1936 e julho de 1937, a URSS forneceu à República com 600.000 Tm de material bélico: 698 aviões, 347 tanques, 60 viaturas couraçadas, 1.186 metralhadoras, 340 morteiros; mil “tanquistas” e pilotos e 660 assessores militares.

O general Aleksander Orlov dirigiu também a impecável operação secreta – com Largo Caballero e o ministro de Fazenda, Negrin – de enviar o ouro do governo republicano a Moscovo. Partiu do porto de Cartagena em 25 de outubro de 1936. A agressão do capitalismo internacional contra a República era de tal dimensão que o governo republicano não podia comprar nada porque a peseta não tinha valor para além de lhe serem espoliadas todas as contas e reservas bancárias.

Orlov tinha encomendadas as tarefas da espionagem, a contra-espionagem e a guerrilha; esta fora depois encomendada a Grigori

Syroyezhkin.

ALEKSANDER ORLOV

Aleksander Orlov, nascido em 1895 em Bobruysk, na Bielo-Rússia, com o nome de Leiba Lazarevich Feldbin, ingressa no Partido Comunista de Lenine em 1917. Combate no Exército Vermelho em operações de guerrilha ingressando no Serviço Soviético de Inteligência em 1920. Em 1926 começa a trabalhar no estrangeiro com nome falso e cobertura diplomática. Em Londres, desde setembro de 1934 até outubro de 1935, foi o contacto ou controlador dos Cambridge Five, os comunistas ingleses, Kim Philby, Anthony Blunt, Guy Burgess, Donald Mclean e John Cairncross, todos formados em marxismo no Trinity College de Cambridge que trabalharam durante décadas quer no MI5 quer no Foreign Office fornecendo informação à URSS, quer dizer, integrados no Serviço de Inteligência da URSS. O caso de Kim Philby é conhecido internacionalmente como agente soviético durante três décadas. Na guerra contra a República espanhola, em maio de 1937, Kim Philby trabalhava como jornalista para *The Times* em Sevilha em favor de Franco enganando-o, sendo mesmo condecorado por este. Orlov, antes de ir para território republicano foi Chefe-Adjunto do Departamento de Comboios e Transporte Marítimo da NKVD.

Em 22 de maio de 1937, Krivitsky deserta da URSS aos EUA e Canadá colaborando com os serviços de inteligência ingleses e norte-americanos para descobrir os agentes secretos comunistas. Esteve a ponto de descobrir ao Kim Philby mas os erros do MI6 impediram-no. Krivitsky escreveu as suas memórias com detalhe das suas atividades na inteligência soviética, arrependia-se de ter sido comunista e condenava a hegemonia soviética na República espanhola. Em 10 de fevereiro de 1941 apareceu morto no hotel Bellevue de Washington.

Orlov junto com Leonid Eigtington, o húngaro Ernő Gerő, todos agentes da NKVD em 1937, recrutaram África de las Heras que se tornaria espiã de fama internacional. África participara na Revolução de Outubro em Astúrias; em julho de 1936 integrou-se nas JSU da Catalunha e no ano de 1937 dirigia uma patrulha cidadã com sede no Náutico em Barcelona. Foi enviada a Moscovo

para receber instrução. Parece que a introduziu na espionagem Caritat Mercader, mãe de Ramón Mercader, que dirigia um comando de choque em Barcelona junto com o seu amante Pavel Sudoplatov.

Orlov foi muito amigo de Kepler; alojava-se em Valência no hotel Metropol e estava protegido por agentes espanhóis do SIM. Em novembro de 1936 estava em Benimamet a Escola de Sabotagem e Subversão com o capitão Domingo Ungria do PCE. Em 1938, Orlov morava habitualmente em Barcelona e viajava com frequência a Madrid e Valência. Dispunha de um guarda-costas permanente. O seu bureau estava protegido por agentes espanhóis do SIM. Os seus biógrafos John Costello e Oleg Tsarev – portavoz da KGB – que publicam em 1991, Edward Gazur, amigo de Orlov e oficial do FBI, que publica em 2002, junto com José M.^a Zabala e Angel Vinhas, todos, documentam as responsabilidades de Orlov no assassinato de Nin, dirigente do POUM. Os confrontos armados em Barcelona aconteceram entre o 3 e o 8 de maio de 1937. O POUM foi ilegalizado pelo governo da República e fora deslocada uma delegação especial do SIM de Madrid a Barcelona para em 16 de junho serem presos Nin e os dirigentes do POUM. Alguns autores falam da catedral de Alcalá de Henares ou da quinta de El Pardo, lugares utilizados pelos soviéticos, onde Nin fora morto e desaparecido até ao dia de hoje. Orlov tinha como tradutora a Soledad Sancha, durante muito tempo às suas ordens; acompanha-o mesmo na sua fuga em 11 de julho de 1938 para a França-Canadá-EUA. Orlov está em Paris em 13 de julho de 1938, data em que lhe fora marcado encontro em Amberes num navio soviético, ao que não se apresenta. Em 13 de agosto, Orlov e a sua família estão nos EUA.

LEONID EITINGTON

Orlov é substituído nas suas tarefas em favor da República por Leonid Eitington quem fora a sua mão direita, ajudante e homem de confiança. Eitington trabalhara em Xangai com Richard Sorge, o melhor da inteligência da URSS durante a Segunda Guerra Mundial. O superior de Eitington e responsável do Departamento de Operações Especiais, Pavel Sudoplatov, publicou em 1944 as suas memórias, *Special Task* (Missões Especiais) em que conta a

atuação dos Serviços Secretos Soviéticos. Confessa-se responsável pela morte de Trotsky. Dirige a rede de espões que convenceram científicos dos EUA e UK para fornecerem os secretos da bomba atômica aos soviéticos. Em 1938, Sudoplatov numa cafeteria de Rotterdan presenteia uma caixa de bombões de chocolate a Konovalts, um independentista ucraniano partidário de Hitler. Acabado o encontro que previamente combinaram, Sudoplatov abandonou a cafeteria e uns minutos mais tarde explodiu a bomba contida na caixa de bombões acabando com a vida do colaborador da Alemanha nazi.

GUSTAVO DURAN

Gustavo Duran estivera na Residência de Estudantes em Madrid. Relacionou-se com os mesmos amigos de EGDC. Durante o verão de 1937 foi chefe do SIM em Madrid e Centro, Supervisor do Exército do Centro apoiado pelo chefe da inteligência soviética [Orlov?]. Casou com Bonté Crompton, norte-americana, cuja irmã Belinda Crompton por sua vez casada com o milionário norte-americano Michel Straight relacionado como espião com os Cambridge Five e acusado de espionar para a URSS – pertencera à Sociedade dos Apóstolos de Cambridge. Gustavo Duran está em Nova Iorque em 1940 onde lhe conseguem emprego no Museu de Arte Moderno com Bunhuel. Em 1950, Gustavo Duran é um dos 57 comunistas da listagem de McCarty. Coisa com certeza conhecida por EGDC.

A CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO DE INVESTIGAÇÃO MILITAR

O Decreto de 9 de agosto de 1937 motiva a criação do Serviço de Investigação Militar “na espionagem e sabotagem de origem faccioso que evidenciam a necessidade de serviços de contra-espionagem... dos que carecemos [a República]” e no seu artigo 1.º: “Cria-se no Ministério da Defesa Nacional o Serviço de Investigação Militar cuja missão será combater a espionagem, impedir os atos de sabotagem e realizar funções de investigação e vigilância...”.

Em 23 de julho de 1938 o SIM se reorganiza no Serviço de Informação, Investigação e Contra-espionagem (SIICE) que dependerá da Presidência do Conselho de Ministros modificando o

Decreto de 6 de agosto de 1937. O SIICE perseguirá e combaterá a espionagem, sabotagem e DERROTISMO cerca das Forças Armadas do Ministério de Defesa Nacional. A fonte disto é um documento da Fiscalia Geral da República, tirado de *El Socialista* na Fundação Pablo Iglesias. Num outro documento da Demarcação da Catalunha afirma-se: “Em 9 de maio de 1938 [antes de ser chefiada pelo Major Eugénio Alonso de la Riba], a Demarcação da Catalunha estava integrada por duzentas e onze pessoas...” dividida em diferentes partes uma das quais a “Brigada chamada Especial” com um chefe, um secretário, um intendente, trinta agentes e três motoristas. “Está instalada esplendidamente. Na torre que lhe serve de morada, comem e dormem os agentes que a integram, executa trabalhos similares à chamada Brigada de Demarcação e as pessoas que a integram são da confiança do Chefe da Demarcação. Tem uma independência de atuação parelha com a desorganização dos seus trabalhos”. Uma outra parte, a Marinha, reconhecia o documento, não existia.

“A torre que lhes serve de morada [onde] comem e dormem os agentes que a integram...” pode se relacionar com o que Enric Da Cal escreve acerca do SIM em Barcelona, “quando os meus pais e seus amigos – que viviam numa espécie de comuna – tinham chagas por mal-nutrição...”. A torre pode ser que fosse na Av. do Tibidabo, n.º 32, uma grande mansão, uma quinta com paço de três andares, capela e muita coisa para merecer o qualificativo de “esplendidamente instalados” os da Brigada Especial do SIM embora mal-nutridos. A dita torre foi propriedade de um rico industrial barcelonês, ocupada pela CNT-FAI com Aurélio Fernández e depois de maio de 1937 desalojada para outros usos. Nesse mesmo documento há uma listagem de integrantes do SIM em que figura o seguinte: GS António Ramos Ros PSUC-UGT. Ernesto Perez Güerra não está na listagem sem sabermos se o António Ramos Ros é o seu amigo...

Num outro relatório datado em 15 de novembro de 1938 “desde a reorganização de junho de 1938 até hoje [15-IX-1938] a Secção 6.ª (Secção Ativa) conseguiu o total aniquilamento não só dos grupos ativos de Milícias que Falange Espanhola tinha constituídos em Barcelona como também a desarticulação e MORTE das

organizações de informação e espionagem que o Quartel General de Franco e o SIPM (Serviço de Informação e Polícia Militar) faccioso chegaram a criar na Catalunha”. No mesmo relatório são reconhecidas “ordens de detenção arbitrárias, dureza excessiva e inútil e contraproducente desumanidade no tratamento às pessoas detidas (antes da reorganização)”... “[A nova direção do SIM] circulou instruções para os interrogatórios das pessoas detidas não puderem ser nunca qualificados de coação nem invalidados por ter intervindo a violência na obtenção de confissões que eles pudessem conter”. “Atuações rápidas... para desmentir os que culpavam o SIM de longos sequestros sem amparo de legalidade e os acusaram de absoluta falta de responsabilidade face às disposições vigorantes e à exposição de critérios que para conhecimento da consciência universal tem emitido, com solene reiteração, o governo da República”... “O governo tende a levar a retos canles de democracia as águas turbulentas de EXTREMISTAS FRACASSADOS, é preciso o SIM procurar o norte... cumprir os desígnios que a República proclama”.

Continuando nesse mesmo relatório, um organigrama do SIM, reorganizado no SIICE, datado em 23 de junho de 1938, esclarece as tarefas das que destacamos: i. Estado: Estrangeiros (recenseamento e registo), Embaixadas (pessoal, refugiados), Bolsa Diplomática, Extradicações, Propaganda, Vigilância de espanhóis no estrangeiro. ii. Fazenda: Evasão de capitais, Bolsas negras, Contrabando e defraudação. iii. Justiça: Fiscal-geral, Tribunais Especiais, Regime Carcerário, Campos de Trabalho, Estatísticas Penais, iv. Defesa: Contra-espionagem, Sabotagem, Derrotismo, Deserção, Vigilância, Informação. v. Governação: Investigação criminal, política, associações ilícitas, Delinquência especial. vi. Comunicações: Censura postal, telegráfica e telefónica, RADIODIFUSÃO, Emissoras facciosas e clandestinas. EGDC trabalhou durante décadas na *Voz de América* nos estudos de Nova Iorque e assim o afirma em carta de 8-V-1972 para Montezuma de Carvalho: “gravar as cinco palestras mensais dirigidas à Espanha”. Começou em 1952 na *Voice of America* os dois primeiros programas em português. Enric Ucelay Da Cal esclarece que a *Voice of America* fazia parte do United States

Information Service, para a propaganda radiofônica dos EUA dirigida a Espanha, Portugal e colônias, também ao Brasil, em língua espanhola e portuguesa. Segundo o filho, uma intensa atividade para EGDC em que por vezes tinha de trabalhar “muitas horas na noite... com muita disciplina”.

GOVERNO REPUBLICANO EM VALÊNCIA

Em 15 de janeiro de 1937, no edifício do Concelho de Valência celebraram Congresso as Juventudes Socialistas Unificadas onde foi eleito secretário-geral Santiago Carrillo. Assistiu como presidente de honor António Machado que aparece em fotografia com o punho direito em alto. No discurso de agradecimento António Machado disse: “Eu não sou, na verdade, estritamente socialista e além disso não sou novo. Acredito porém que o socialismo é a grão experiência humana ineludível dos nossos dias e que qualquer superação do socialismo leva implícita a sua realização. Sempre pensei que renovar a nossa velha Espanha começará com uma rebelião de menores e continuará por uma estrita cooperação de esforços juvenis ferrenhamente disciplinados na criação de uma nova Espanha; porque vós outros o sois, espero que seja a juventude que eu sonhei há muitos anos. Convosco estou de coração”. Não sabemos se EGDC assistiu a este Congresso para ouvir as palavras de António Machado.

Emílio González López (EGL) afirma: “Nos serviços de contra-inteligência do SIM, do Serviço de Informação [sic] Militar, ingressaram vários amigos meus, antigos membros da FUE (Federação Universitária Escolar) que pela sua aparência física podiam passar facilmente por 'senhoritos' de direita e por isso poder infiltrar-se nas filas dos franquistas e estar informados das suas atividades”. EGDC foi um dos seus amigos e da FUE...

Conta EGL os seus frequentes encontros com Castelão em Valência, deputados os dois, a facilidade para se encontrarem ao contrário do que acontecia em Madrid e do Café La Flor, lugar de encontro e de maior concorrência de pessoas procedentes de Madrid, muitas militares, sem citar a EGDC.

Ao Congresso de Escritores em Defesa da Cultura celebrado em Valência em 4 de julho de 1937 assistiu Jaime Cortesão, de Portugal e até 110 escritores, Pablo Neruda, André Malraux, e

escritoras que homenagearam Federico Garcia Lorca. Essa noite do dia 4, Valência foi bombardeada. No dia 5 as pessoas assistentes partiram para Madrid. Desconhecemos se EGDC assistiu...

Em 1 de outubro de 1937, reunira-se o Parlamento republicano no Palácio Municipal de Valência. EGL e o próprio Castelão relatam os impedimentos ilegais que evitaram a aprovação do Estatuto de Autonomia da Galiza. Pensamos que EGDC teria conhecimento dos factos... O Estatuto de Autonomia basco fora aprovado no Parlamento republicano reunido em Madrid em 1 de outubro de 1936.

JULIAN GRIMAU E EGDC

EGDC e Julião Grimau (JG) eram da mesma idade, nascidos em 1911; JG nasceu em Madrid, vivera e trabalhara em A Crunha e chegou a estar integrado na ORGA. Em 1931 regressa a Madrid e ingressou na polícia, foi inspetor da Brigada de Investigação Criminal (BIC). Participou no assalto ao Quartel de Montanha e combateu na Serra. Ocupou cargos de responsabilidade na BIC em Madrid, Valência e Barcelona. Ingressou no PCE [JSU?] em outubro de 1936. Tanto o SIM como a BIC trabalharam para na primavera de 1938 descobrirem uma lista com os nomes de TODOS OS FALANGISTAS que agiam na Catalunha e foram detidas 3.500 pessoas por espionagem. Podemos pensar que EGDC e JG se conheciam e mesmo se relacionaram?

RELACIONAMENTO GALEGO-PORTUGUÊS

EGL em *Memórias de um deputado galego na guerra civil espanhola (1936-1939)* relata a presença portuguesa: “Castelão era o que estava mais em CONTACTO com o mundo português... com os exilados em Espanha... destacada figura, o escritor Jaime Cortesão... que viveu em Barcelona... sofrendo os bombardeamentos da aviação inimiga... [e num deles] saiu dentre os entulhos felizmente com vida... [EGL através de Castelão] conhece o tenente-coronel de infantaria Figueiredo, professor da Academia Militar... estabelecida em Valência pelo governo da República”.

EGL referencia também em Barcelona a Ramon Martínez López como oficial de Carabineiros que aparecerá no Columbia

Dictionary of Modern European Literature junto com EGDC, publicado em 1949 por Horacio Smith.

LUÍS SOTO

Luís Soto, integrante da nação galaico-portuguesa, navega com “vários portugueses que queriam combater na Brigadas Internacionais” desde Lisboa até Bordéus e passa a fronteira por Port Bou em 18 de julho de 1937 depois de sofrer um “feroz bombardeamento” durante todo o “triste dia”, para chegar a Catalunha e a Valência. Uma vez chegado a Valência encontra-se com Castelão. Luís Soto no seu livro *Castelão, a UPG e outras memórias* conta que em Valência “os galegos juntavam-se diariamente num café chamado 'Vodka' que estava numa das ruas mais transitadas... Era tal a quantidade e qualidade dos galegos que chegavam ao tal café que consideramos... [torná-lo] um lugar de trabalho pela Terra e pela vitória... Ali chegavam [cada dia] os nossos labregos e marinheiros que se passavam para as nossas linhas... [Às vezes aparecia Henrique Liste Forjão] e outros... significados com missões de combate...” [EGDC?].

“Para unir todos os galegos anti-fascistas que moravam na nossa zona, na frente e na retaguarda... celebrou-se [no café Vodka] uma [concorrida] assembleia mesmo com gente vinda da frente”... Criaram 'Solidariedade Galega Anti-fascista' presidida pelo ferrolano Pedro Longueira [permanentemente contrário ao Estatuto de Autonomia da Galiza, contra Castelão que já por essa altura e em Valência tinha publicado *Galiza Mártir e Atila em Galiza*]. 'Solidariedade Galega Anti-fascista' desenvolveu um impressionante labor que continuou em Barcelona, nas frentes e na retaguarda e mesmo na clandestinidade do País, também em Buenos Aires e Nova Iorque. Em Barcelona, em 30 de novembro de 1937, o n.º 13 de *Nova Galiza* publica o poema 'Marinheiro fuzilado' assinado por Ernesto Perez Güerra”. Segundo Joel Gomes, a revista difundiu dezoito números, desde abril de 1937 até junho-julho de 1938. A dedicatória do poema: “A noite de três cores de Serafim Ferro”. Referencia um outro poema de EGDC datado em Valência em 1937, “Angúria da paisagem ausente”.

EGDC ESCREVE

ACERCA DE SERAFIM FERRO

EGDC num seu artigo publicado no n.º 268 de *A Nosa Terra* de 25-IV-1985, relativamente ao seu amigo Serafim Ferro, conta: “o nosso encontro seguinte foi em 1938, em Barcelona. Vestia farda de tenente de Carabineiros... Durante esse ano estive com ele repetidas vezes. Encontrávamo-nos na 'Oficina Galega'... dentro do 'Comissariat de Propaganda de la Generalitat de Catalunya' chefiado pelo meu amigos Jaume Miravittles”.

Serafim Ferro estava em A Crunha aquando a revolta fascista em 20 de julho de 1936. “Quando Serafim viu que ia ser chamado a filas alistou-se na Legião”. Em 1937, em Madrid, na Casa de Campo, passou-se para as trincheiras republicanas... com um tiro no pulmão dos do outro lado... “Passou meses hospitalizado. Dado de alta ingressou em Carabineiros. Essa ferida era já, porém, a marca do dedo da morte”, escreve EGDC e continua: “Serafim Ferro poetava com prodigiosa facilidade... usava exclusivamente o galego... A única língua poética é a do primeiro conhecimento, aquando o mundo é ainda inédito, afirmava Serafim”.

Na revista *Nova Galiza* apareceram vários poemas de Serafim... “O menos que a sua memória se merecia era que se coligissem os seus versos – poucos com certeza – que deixou impressos e se fizesse com eles uma plaquette” propõe EGDC, acrescentando que “Serafim Ferro era 'inequivocamente nacionalista galego' ainda que ele, com a sua base acrática, definia-se mais pontualizadamente como 'federalista' (conhecia muito bem a obra de Pi i Margall)...”. “As primeiras leituras de Serafim, ativo militante de CNT-FAI... Bakunin, Kropotkin, Estirne, Reclus – e sobretudo Proud – que reverenciava”. [Lendo isto escrito por EGDC, perguntamo-nos quais as suas leituras como militante do PCE-JSU, Marx, Engels, Lenine, Estaline?]. Conclui a modo de epitáfio para Serafim Ferro, o seu amigo: [No México]... “enterrado como indigente, na vala comum. Igual que Anhão. E como este uma grande e nobre alma de poeta derrotado pela vida. Alma ardentemente galega, na sua saudade, no seu humor... [a sua dignidade] cujo penacho manteve sempre alto até à morte”. Remata o artigo denunciando as MENTIRAS de Blanco Amor relativas a Serafim Ferro e a ele.

AS BRIGADA INTERNACIONAIS:

Nunca na História houve um caso tão extraordinário de solidariedade internacional.

As Brigadas Internacionais (BI) foram o resultado de um intenso sentimento de inúmeras pessoas de todo o planeta, sobretudo proletárias, de entregar a vida em troca de nada, para combater organizadas militarmente, com as armas na mão, a entente Hitler-Mussolini-Franco-Salazar, ajudada e favorecida de maneira determinante pelo capitalismo mundial representado pelos EUA, a Grã Bretanha e a França que pretendia, como assim fez, impedir a revolução socialista e a liberdade dos povos galego-português, basco e catalão.

Intenso sentimento que perdura no tempo, ultrapassando todas as dificuldades e penalidades de viajar clandestinamente à Espanha e, nas piores condições, combater o inimigo nazi-fascista, se tornando referente para entregar a vida, referente de disciplina, valentia, generosidade, entrega, entusiasmo, fé na vitória do proletariado e a sua sociedade, um mundo sem exploração nem opressão, um mundo sem classes sociais.

É a Terceira Internacional, dirigida por Dimitrov, a que ajuda e organiza os brigadistas para chegarem através do PCF, em combinação com o governo republicano, para os alojar, treinar, armar e enquadrar em Brigadas de combate. Tudo em Albacete onde tinham a sua base dirigida por André Marty, catalão do Roselhão, que se significara por encabeçar uma grande movimentação de motins na Frota de Guerra francesa que alastraram desde Odessa até Arkangelsk, de Brest até Vladivostk; motins em que marinheiros e soldados franceses se revoltaram contra a guerra que a França de Clemenceau, aliada com os 'Branços', travara contra as Repúblicas dos soviets, fazendo fracassar os planos de Clemenceau. Os motins foram iniciados em 16 de abril de 1919 em que, André Marty foi preso no torpedeiro Protetet em que era oficial. O seu nome ficou associado à Revolta do Mar Negro: Nessa altura na Frota francesa existia uma organização clandestina de marinheiros. Marty foi encarcerado até

ao 23 de julho de 1923. Ingressou no PCF em 27 de setembro de 1927 e no Comité Executivo da Terceira Internacional em 1931. Em maio de 1936 foi um dos sessenta e dois deputados comunistas eleitos na França pela Frente Popular que tivera maioria.

As BI foram legalizadas por decreto de 22 de outubro de 1936. Albacete foi a base militar da retaguarda republicana para além da base das BI. Estava bem comunicada de comboio com Madrid, Valência, Alacant, Cartagena. Combateram nelas mais de 40.000 pessoas – segundo Castells, 59.380. As baixas foram de 10.000 ou 15.000 segundo diferentes investigadores. Combateram brigadistas de mais de 53 países, maioritariamente da França. Nunca houvera mais de 20.000 combatentes presentes nas frentes em cada período.

O primeiro grupo oficial das BI chegou a Albacete em 14 de outubro de 1936 e desfilou, aclamado, pela cidade. A partir dessa data chegaram 3.000 cada semana nos primeiros tempos; depois o número foi diminuindo.

Em 4 de novembro, as BI estão em Madrid em posição de combate. Em dia 8, a XI Brigada Internacional sob o comando do general Kepler desfila pelas ruas de Madrid aclamada pela população para entrar em combate na Cidade Universitária e outros pontos; instalaram o posto de comando na Faculdade de Filosofia e Letras. A ferocidade dos combates é confirmada por muitas fontes. Pode ver-se em www.brigadasinternacionales.org, “Las BI en la defensa de Madrid”, em nove idiomas mas não em português a 19 de maio de 2018. O número de brigadistas que entregam a vida, nas duas primeiras semanas, é elevadíssimo. A inferioridade militar era manifesta face às tropas franquistas superiores em tudo nomeadamente artilharia, tanques, aviação e mesmo gases-asfíxiantes. Alguns autores contam que da XI BI morreram muitos por falta de atenção médica – não dispunham de serviços sanitários. As BI combatem em Teruel e em Xaém onde, na batalha de Lopera, o Batalhão La Marseillaise sob o comando de Gaston Delassalle fuge em debandada. O número de baixas é altíssimo, cumprindo-se o juramento do brigadista: “Porque sou um trabalhador, um operário, um campesino que prefere morrer de pé do que viver de joelhos. Estou aqui porque sou voluntário e

darei, se for preciso, até à última gota do meu sangue para salvar a liberdade da Espanha, a liberdade do mundo”. Gaston Delassalle é julgado, condenado e fuzilado em 2 de janeiro de 1937.

Segundo o brigadista polaco Seweryn Ajzner em “A Base das Brigadas Internacionais em Albacete” [escrito em polaco, traduzido para francês, de francês para espanhol e deste para português]: “Assinado por Vidal, chefe da XI Brigada, em 28 de outubro de 1936, está documentada a ordem de acabar de formar os batalhões até à meia-noite de 31 de outubro de 1936 e empreender ações para eliminar 'elementos não desejáveis', quer dizer, homens pouco aptos fisicamente como inválidos, doentes, os que são demasiado maiores ou demasiado jovens ou aqueles cuja qualidade moral produz reserva, caso alcoólicos e indisciplinados”. Uma outra ordem com a mesma data do 28 de outubro de 1936 e assinatura ilegível do comandante de Base, com certeza Marty, e a do chefe de Estado Maior, Vidal, designa uns quinze cargos na XI Brigada, dentre outros, a Henri Depré, chefe dos Serviços de Intendência e a Gaston Delassalle sem função específica. Este foi nomeado comandante do XII Batalhão La Marseillaise em dezembro de 1936 e participou a finais do mesmo mês na batalha de Lopera onde a XIV Brigada sofreu consideráveis perdas. Delassalle foi acusado de conivência com o inimigo e, após sentença de Corte Marcial, foi fuzilado em 2 de janeiro de 1937. Na sessão em Paris da Câmara dos Deputados em março de 1939 para tratar a atividade de Marty em Espanha, este declarou que Delassalle fora oficial do 2º Buró do Estado-maior francês e que, depois da sua execução, o Serviço de Informação espanhol descobrira que pertencera a uma rede de espionagem. Porém Henri Depré, chefe da Legião Tricolor, escreve que Delassalle, tenente do exército francês, serviu durante a Guerra Civil em Rússia no Exército de Denikin e Wrangel mas nunca fora membro da Legião Tricolor. O assunto foi amplamente descrito por Delapierre Bayac no seu livro *As Brigadas Internacionais* (pág 163-167).

Durante a dita Guerra Civil na Rússia, Denikin inaugura o Terror Branco com execuções em massa, massacres como a de Maykop (Circássia) em setembro de 1918, 4.000 pessoas genocidadas, ou em Festov onde foram aniquilados 1.500 judeus, mulheres e

crianças. Em abril de 1920, Denikin deixa o comando a Pyotr Wrangel. Desde 1928, Denikin vive na França. Pyotr Wrangel dirigiu o Exército Branco até ao final de denominada Guerra Civil na Rússia em 1921.

Henri Depré entra no PCF justo antes da partida para Espanha com um grupo de vinte homens denominado a Legião Tricolor integrado por membros de uma organização fascista chamada Movimento Social Revolucionário (La Cagoule) com o objetivo de fazer trabalho de sabotagem e espionagem nas BI. Tornado à França sem ter sido descoberto em Espanha, será durante a ocupação nazi, agente da Abwehr [Serviço de Informação alemão e nazi (1920-1945) dirigido pelo almirante Canaris]. Em Paris, em 1942, publicará o livro *A Legião Tricolor em Espanha* em que descreve as ações que realizaram em Espanha. Foi fuzilado em 1951.

Desde meados de 1936 até fevereiro de 1937, em que foi criada a última Brigada, a XV em Albacete, a chegada de voluntários internacionais para morrerem em combate, conta-se por milhares e por milhares as mortes. As Brigadas ficam sem combatentes e colocou-se a questão de substituir os internacionais mortos em combate por espanhóis, o qual criou divergência de opiniões até acontecer o que conta Seweryn Ajzner citando relatório de Paietta: “Na reunião da Comissão Militar do Estado-maior da Base [Albacete, fevereiro de 1937] foi aceite a resolução da Comissão Política para os Assuntos das BI do PCE [integrada por José Diaz, Dolores Ibarruri, Vittorio Codovilla, André Marty, Luigi Longo, Palmiro Togliatti (desde meados de 1937) e, em diferentes períodos, por Franz Dahlem e Karl Mewis (PC alemão), François Billoux (BP PCF), di Vittorio e outros] de integrar espanhóis nas BI, o qual provocou a feroz resistência de uma parte dos comandos estrangeiros”; cinco voluntários estrangeiros que se negaram a colaborar com os espanhóis foram detidos e julgados, sem Seweryn Ajzner poder saber os seus nomes e sorte posterior.

É Franz Dahlem quem afirma que Marty foi convocado a Moscovo por causa destas divergências: Franz Dahlem, Gallo, apoiados por José Diaz e D. Ibarruri defendiam a integração de espanhóis nas BI mas Marty opunha-se. No diário de Dimitrov está escrito em 16 de março de 1937: “Na datcha de Estaline: Estaline, Molotov,

Vorochilov, Kaganovitch, Mikoian. Nós [Dimitrov] com A. Marty e Ercole. 2h30. Recebidos braços abertos, Marty em particular. Estaline está de bom humor. As más relações de Marty com o PCE foram, parece, a origem da sua viagem a Moscovo”. Dimitrov encomenda-lhe os assuntos da América Latina mas Marty quer tornar à Espanha onde o substituem na direção das BI François Billoux, Vital Gayman e Maurice Lampe. As BI são reforçadas com espanhóis e, em 27 de setembro de 1937, I. Prieto decreta o Estatuto das BI em Valência. Marty regressa a Albacete em outubro de 1937 devendo aceitar o controlo de Palmiro Togliatti. Antes, em junho de 1937, Leon Blum perde o governo na França. Marty combate na estrada de Gandesa em abril de 1938. É quem ordena evacuar a Base de Albacete para Barcelona. Será um dos comandos que participe na entrega de armas e desfile com que se despede às BI em 28 de outubro de 1938 em Barcelona. A. Marty continua a luta com 3000 das BI na defesa da Catalunha, em janeiro de 1939. Em fevereiro comanda um batalhão sobre o rio Ter com cinquenta e dois anos. Relativamente à Guerra contra a República escreveu o livro *Voluntários da Espanha: Doze meses sublimes* e outros.

Já dissemos que Henri Dupré torna à França onde é agente da Abwehr durante a ocupação nazi. O pro-franquista Partido Popular Francês de Jacques Doriot [este militara no PCF para colaborar com os nazis durante a ocupação] criou a Associação de Milicianos Retornados da Espanha em julho de 1938 com antigos brigadistas como André Durbecq e Henri Storck para acusar André Marty de instaurar o terror nas BI e executar voluntários franceses, fazendo campanha contra ele. Em 16 de março de 1939, no Parlamento francês há um tormentoso debate recolhido no Boletim Oficial em que Tixier-Vignancourt acusa-o de fingir um julgamento para assassinar Delassalle. Tixier-Vignancourt, monárquico militante da extrema-direita, alto cargo do nazi Marechal Petain, defensor da OAS – em 1965 Le Pen dirige a sua campanha eleitoral.

André Marty “carniceiro de Albacete”? Carlos Serrano no seu livro *L'enjeu espagnol. PCF et Guerre d'Espagne* (1987) demonstra a FALSIDADE da frase atribuída a Marty que teria dito na alegada

reunião do Comité Central do PCF em 15 de outubro de 1937: “as execuções que eu [Marty] ordenei não passam das 500, todas justificadas pela qualidade criminal dos acusados”. Carlos Serrano demonstra que a data da reunião do Comité Central do PCF foi em 30 de outubro de 1937 e nela Marty evoca duas execuções [le stenogramme fait foi]. É em 1940, aquando a propaganda franquista atribui a Marty essas falsidades. Em maio de 1939, *L'Humanité* denuncia um complô da polícia fascista italiana OVRA contra Marty que tem de se refugiar em Leningrado em 18 de agosto de 1939, cinco dias antes do Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético.

L. Figueres deixou escrito de André Marty: “Quaisquer que fossem as debilidades do homem e do dirigente, André Marty ficará como uma grande figura do movimento obreiro e comunista francês e mundial, um dos iniciadores da revolta dos marinheiros no Mar Negro, um animador da solidariedade efetiva com a República espanhola, um combatente encarniçado contra o fascismo, o defensor eloquente e eficaz dos interesses do mundo do trabalho”. Segundo o filho, EGDC, agente do SIM após o 9 de agosto de 1937, data da sua criação, recebeu a encomenda, “envenenada”, de investigar as execuções de não-comunistas na frente, nas BI. Era um assunto de dimensões mundiais que concedeu a A. Marty a alcunha de “carniceiro de Albacete”.

O caso mais notório de execução de não-comunistas foi o de Gaston Delassalle, participante nas chacinas de Denikin, documentado pelo espião fascista infiltrado nas BI, Henri Dupré. Caso utilizado pelos partidários de Franco do Partido Popular Francês [e não só na França] na Assembleia da República francesa, nos média franceses e internacionais para acusar de assassinato André Marty e mesmo atentar contra ele.

Campanha de patranhas nazi-fascistas contra Marty em identidade com as do nazi embaixador da Noruega em Madrid a nos lembrar “anedotas” como a dos carabineiros conhecidos dele que lhe segredaram estarem alinhados naquela posição na retaguarda das linhas republicanas que estão a combater as tropas de Franco, para abater a tiro os combatentes republicanos a recuarem fugindo do combate.

Na investigação, EGDC teria de se mergulhar no seio das BI particularmente na sua base, Albacete e povos de arredor; portanto de ter um conhecimento muito superior ao que nós podemos adquirir neste trabalho. Com os dados apanhados o camarada Ernesto, com 25 anos, lavrava um relatório que confirmava o facto das execuções. Isto é contado pelo pai ao filho por volta de 1964, passados vinte e sete anos do acontecido; o filho escreve-o muito tempo depois dos seus dezasseis anos. Nós tentamos rigorizar a “persistente tradição familiar” e conhecer a verdade relativamente a um relatório que seria entregue aos superiores do SIM que ordenaram EGDC [investigou ele só?] e estes entregariam ao Ministro Prieto e não sabemos se chegaria ao Comité de Não-Intervenção embora se saiba chegarem relatórios de Luis Jimenez de Asúa, embaixador da República em Praga, para denunciar as atrocidades cometidas por Franco, por exemplo, utilizando gases-asfíxiantes contra a população de Madrid e muitas outras. O Comité de Não-Intervenção no seio da Sociedade das Nações reuniu-se pela primeira vez em Londres, em 9 de setembro de 1936 e acabou em abril de 1939. Em 25 de setembro de 1936, Alvarez del Vayo, ministro de Fomento, pede proteção internacional.

O dito relatório de EGDC chegou aos soviéticos particularmente a Orlov, aliás, que esse relatório foi discutido no Politburó do PCE que decidiu contra o parecer dos assessores russos. Lembremos que em julho de 1937 existia a Comissão do PCE para assuntos das BI integrada por José Diaz, D. Ibaruri, Luigi Longo, Palmiro Togliatti [Ercole] e André Marty e que este não esteve na Espanha desde março até outubro de 1937. Parece este o organismo mais adequado para discutir um relatório desse teor, em qualquer caso se se puder demonstrar como afirma EUDC. O que parece certo é que os agentes do SIM, EGDC e António Ramos, não torturaram a Serrahina na sua detenção e interrogatório. Relativamente ao “enxovalhamento” de EGDC não prejulgamos. O que parece evidente, caso a “persistente tradição familiar” ser rigorosa, é que o comunista EGDC foi firme contra os abusos, os excessos, a violação da legalidade republicana ou simplesmente a IMPOTÊNCIA republicana, o caos e a desorganização causada

pelo ataque de Hitler-Mussolini-Franco-Salazar ajudados pelo Comité de Não-Intervenção da Sociedade das Nações e os países que a integravam exceto a URSS e México. Estava a tradutora de Orlov, Soledad Sancha, presente aquando este ameaçou EGDC?

Cumpre realçar o contexto em que o camarada EGDC tem de agir. No ano de 1936, na URSS, foram julgados, condenados e fuzilados Bukharin, Kamenev e Zinoviev; em 1937, o mariscal Tukhachevski e o seu grupo e que durante esses anos de 1937 e 1938 houve uma intensa luta a morte, uma continuação da dita Guerra Civil, dentro do PCUS e dentro da própria URSS, conspirações secretas apoiadas pelo nazi-fascismo alemão e japonês, encabeçadas por Trosky ou não, para a derrocada de Estaline e da revolução soviética.

Segundo Grover Furr em *As Mentiras de Krushchev*, os anos de 1937 e 1938 foram de repressões ilegais, fuzilamentos maciços, torturas e acusações falsificadas. Muitas pessoas repressaliadas injustamente, sem dúvida mais de 100.000 foram libertadas dos GULAG e prissões. E que foi Beria, designado por Estaline em dezembro de 1938, que acabou com tudo isso, julgando, condenando e executando os responsáveis encabeçados e às ordens de Ezhov, um dos integrantes da denominada por alguns Quinta Coluna ao serviço do nazi-fascismo. Grover Furr afirma em 2007, em que foi publicado o seu livro, que muita da documentação necessária para rigorizar a verdade permanece secreta sob Putin.

Só investigando toda a documentação da URSS e sobretudo as cinquenta caixas de documentos do SIM que, segundo algum autor, existem no Arquivo Militar de Ávila, será possível, talvez, conhecer toda a verdade relativa ao agente secreto do SIM EGDC.

Capítulo terceiro

A FRENTE POPULAR ANTIFASCISTA GALEGA E UNIDADE GALEGA

É em Nova Iorque em dezembro de 1937 que se funda a Frente Popular Antifascista Galega, presidida por Ramom Mosteiro, dentro das Sociedades Hispanas Confederadas presididas por José Castro. A FPAG angariara fundos para evacuar à América as pessoas galegas refugiadas. Enviaram verbas para o Serviço de Evacuação de Refugiados Espanhóis (SERE) que não foram investidas em pessoas galegas. João José Plá do Partido Galeguista de Barcelona queixava-se em setembro de 1939 que a FPAG enviara verbas para pagar mil passagens mas não viajaram mais de duzentas pessoas galegas.

Segundo EGL, Castelão foi a Nova Iorque às ordens da comunidade galega filiada na FPAG e das SHC para propaganda em favor da República, liberdade dos povos da Espanha e criar auto-organização galega. Em *La Voz* de 26 de julho de 1938, publicada em espanhol, em Nova Iorque: “Convidado pela Frente Antifascista Galega, chega hoje a Nova Iorque, A. Castelão”. Segundo EGL: “Ramom Mosteiro viajou a Barcelona em dezembro de 1938, entrevistou-se com Ernesto Perez Güerra [que por ser do SIM tinha uma certa experiência nas atividades de criar organização galega com forte génio galeguista com duas missões: i. No entanto a guerra continuar contactar com a Galiza e empurrar a resistência da Nossa Terra. ii. Caso vitória franquista, como se previa, continuar o contacto com as forças de resistência da Terra] e voltou com ele a Nova Iorque para o pôr à frente deste labor; Mosteiro e Da Cal chegaram a Nova Iorque a meados de janeiro de 1939, quando a guerra dentro da Catalunha estava na sua agonia”. EGL fora durante dous meses – antes de março de 1939 – Secretário da Missão Espanhola perante a Liga das Nações e

Cônsul Geral da Espanha em Genebra.

Segundo o historiador Seixas a FPAG, em parte por influxo dos galeguistas e de Castelão, convertira-se em Unidade Galega. Segundo EGL, Castelão fundou Unidade Galega para resistência das forças galegas contra a ocupação franquista, com a colaboração de um grupo de pessoas associadas à FPAG, a maioria de Sada, destacando Emilio Florez, um dos mais ativos presidentes da “Casa de Galicia-Unidade Galega”. Cita também a José López Rei, madrileno, filho de galegos e fundador da FUE com EGL e o padre Leocádio Lobo.

Segundo Carmen Mejia Ruiz em “Exílio de Castelão em Norteamérica”, EGDC tinha programas fixos e regulares em *A Voz de América* como The American Scene Cultural Colloquium em espanhol ou Cultural Colloquium em português.

MARIA DO CAMPO

EGL conta que Castelão sentia muito que o não visitasse Maria do Campo, cujos pais eram de Oleiros, quem fora a sua constante companheira, uma espécie de secretária nos tempos de propaganda em favor da República e fora também dama de companhia para Virgínia [esposa de Castelão], pois ia com ela a toda a parte: Acabada a guerra Maria do Campo deixou de assistir às reuniões da FPAG, desapareceu de Nova Iorque. Em 1941, EGL soube que Maria do Campo trabalhara em Nova Iorque em 1939 e 1940 com o professor Peevy que ensinava economia na Universidade Nacional na que também ensinava EGL. Maria do Campo trabalhara de secretária de Peevy num gabinete de SERVIÇOS ESPECIAIS, que era a organização de INFORMAÇÃO MILITAR anterior à constituição da CIA. EGL pensa que Maria do Campo teria esse trabalho [INFORMAÇÃO MILITAR] durante a guerra, que seria do SIM...

LUÍS JIMÉNEZ DE ASÚA

EGL confessa que ele próprio ajudou numa ampla rede de espionagem contra o nazismo criada por Luís Jiménez de Asúa (LJA) sendo este embaixador em Praga. LJA fora vice-presidente do Ateneu madrileno em 1926; em 1931, ingressou no PSOE-UGT. Em 12 de março de 1936 os fascistas atentaram contra a sua vida: ileso, assassinaram o polícia de escolta, José Gisbert. LJA foi

embaixador em Praga desde 14 de outubro de 1936 até ao 26 de agosto de 1938. O Corpo Diplomático era afim ao golpe de Franco: em Praga os bancos sabotavam ao LJA. No relatório n.º 7 de LJA de 5-XII-1936: Emprego de gás asfíxiante pelos sublevados e o propósito de destruir Madrid. Relatório n.º 30 de 10 de junho de 1937: Ataques de submarinos estrangeiros ao cruzador Cervantes e ao Mendez Nunhez, bombardeamento do Canárias a Almeria e atividade de vasos de guerra alemães no Golfo de Biskaiá; exército republicano combatia contra três exércitos (Franco, Hitler, Mussolini e Salazar?). Ministro de Estado republicano organiza serviço de informação na França mas noutros países não... LJA decide criar o Serviço de Informação e Investigação com Leopold Kulcsar em dezembro de 1936; em janeiro de 1937, tinha uma listagem de agentes. Em 28 de janeiro de 1938, Leopold Kulcsar morreu, talvez assassinado, e foi substituído por Torn do PSD Alemão que dirigiu o Serviço II com provada lealdade. LJA foi nomeado chefe dos serviços em Europa com o objetivo de dirigir a inteligência republicana. A cobertura foi a de ser delegado permanente de Espanha na Sociedade das Nações em Genebra. Em 25 de agosto de 1938, LJA abandona Praga. O seu último relatório está datado em 19 de janeiro de 1939.

A OSS (OFFICE OF STRATEGIC SERVICES)

Em 1939, o Departamento de Estado, Army, Navy e FBI, todos, faziam trabalhos de inteligência sem direção nem coordenação entre eles. Não há uma única organização de inteligência nos EUA. Para resolver o problema Roosevelt, em 11 de julho de 1941, cria a Office of the Coordination of Information (COI). Na web da CIA: “COI’s first operation was debriefing refugees in New York City who had fled war torn Europe”. Em 1 de setembro de 1939, Hitler ataca, invade e ocupa a Polónia; pessoas refugiadas polacas, oficiais do exército polaco, nos EUA integrarão a COI e sobretudo a Office of Strategic Services, OSS, criada em 13 de junho de 1942 sob a direção de William “Willd Bill” Donovan de ascendência irlandesa, e que chegará a integrar a treze mil pessoas.

A “Operação Tocha” de desembarco norte-americano no Norte de África para bater as forças de Rommel será preparada pela OSS de

Willian Donovan e segundo Enric Da Cal, o seu pai, EGDC, trabalhara “em atividades de preparação de inteligência cara a uma possível invasão norte-americana de Espanha, se Franco respondesse com hostilidade ao desembarco estado-unidense em Marrocos em novembro de 1942”. O desembarco norte-americano produziu-se em 8 de novembro de 1942 após Willian Donovan ter enviado os seus agentes ao Norte de África, Europa e outros lugares. Aos generais norte-americanos preocupava-lhes que Franco se alinhasse com as “Potências do Eixo” e fechasse o Estreito de Gibraltar.

A página web da CIA fornece dados de mulheres e homens chegados da Europa, refugiados indocumentados, que destacam no seu labor de espões e espãs na OSS, da Polónia, da Eslováquia e doutros países, que recebem a nacionalidade norte-americana pelo tempo em que EGDC, 18 de abril de 1945, a consegue. Em 1 de outubro de 1945 é criado o Strategic Services Unit (SSU); em janeiro de 1946, a Central Intelligence Group (CIG) e em 18 de setembro de 1947 é criada a CIA (Central Intelligence Agency).

EGDC CHEGA A NOVA IORQUE

O próprio EGDC esclarece em carta em espanhol dirigida a M.^a Angeles Ordaz Romay, datada em 25 de setembro de 1988 que viajou a Nova Iorque em missão oficial ordenada pelo Ministério como agente do SIM para verificar informações relativas a malversação de fundos angariados para a República e que no escasso tempo que durou a missão, desde janeiro até março de 1939, verificou a verdade dos relatórios que afirmavam que apenas uma parte desses fundos angariados publicamente para ajuda do [nosso] esforço militar era enviada ao governo da República...

A Frente Popular Antifascista Galega criada por Ramon Mosteiro transformou-se em Unity Gallega (Casa Galicia) por inspiração de Castelão em Nova Iorque, antes de se ir para Buenos Aires. Em 1940 havia dez mil pessoas galegas em Nova Iorque. Joel Gomes afirma que a listagem de fundadores não se acha nos arquivos: Ninguém sabe... Em Unity Gallega participará EGDC muito ativo durante anos com publicações e assistindo assiduamente às suas sessões... EGL afirma que asinha deixou de assistir às reuniões da FPAG. Enric Da Cal diz que durante muito tempo [EGDC] se

ausentava [da casa] uma vez por semana. Coincidirá com EGL e Federico de Onís em Unity Gallega. Segundo Joel Gomes, que referencia Zapata?, as décadas de 40, 50 e 60 serão os melhores anos de Unity Gallega nos quais EGDC mais interveio nas suas atividades.

Em 11-II-1939 há uma referência a Da Cal de José Castro em Nova Iorque. Em 17 de junho de 1939 num programa de atos em Nova Iorque figura: “Cantará folklóre espanhol Ernesto Perez Dacal”. Em 25 de outubro de 1939 na publicação do Brooklin College, denominada *Brooklin College Vanguard*, um artigo assinado por Chester Burger escreve acerca de EGDC e Miguel Pizarro Zambrano, os dois refugiados de Franco devido a que o seu governo terrorista quer fuzilar a EGDC e encarcerar a MPZ. EGDC condena a Inglaterra, a França e os EUA por não terem ajudado com armas à República, afirmando: “Durante sete meses esperamos atrás das barricadas das ruas de Madrid pela ajuda britânica e francesa mas nunca chegou”. “A Grã Bretanha e a França estrangularam o povo espanhol pela sua recusa de ajudar a nossa luta pela independência nacional contra a invasão fascista”. MPZ: “Conservadores britânicos e franceses não quiseram ajudar a Espanha. Quando Hitler atacou nosso povo não fizeram nada... Chamberlain impediu recebermos ajuda da Grã Bretanha”. EGDC: “Inglaterra e França não ajudaram Espanha de maneira nenhuma. Inglaterra foi muito mais simpática para Franco. Os nossos soldados sabiam como combatíamos, que a vitória só poderia chegar com a ajuda dos povos de outros países. Mas assistência nunca chegou das 'democracias’”. “Nós pensávamos que América poderia levantar o embargo de armas e ajudar nosso povo, mas de forma nenhuma a lei nunca foi revogada. Nunca soubemos por quê. Agora é demasiado tarde”. EGDC afirma “que a sua língua nativa é o galego, que nunca esteve interessado na política, que quando estudante foi membro da FUE a qual combatia a ditadura de Primo de Ribera, que só queríamos liberdade para pensar e para falar, que tinha 24 anos quando estalou a rebelião fascista de julho de 1936 e imediatamente se alistou nas Milícias Populares Galegas”.

MIGUEL PIZARRO ZAMBRANO

A Miguel Pizarro Zambrano dedicará Federico Garcia Lorca este poema: “Miguel Pizarro! / Flecha sin blanco! / Donde está el agua para un cisne blanco? / El Japón es un barco / de marineros antipáticos. / Una luna y mil faroles. / Sueño de papel pintado. / Entre la roca y la seda, / la roca! Miguel Pizarro. / La seda reluce ausente / y a la roca vienen pájaros”.

Miguel Pizarro Zambrano (1897-1956) foi primeiro-secretário da Embaixada da República espanhola em Washington antes de janeiro de 1938 com Fernando de los Rios. Conservara em depósito o “Guernika” de Picasso. Foi investigado durante a “caça às bruxas”, sendo professor do Brooklyn College, antes da sua morte em 1956 em Nova Iorque.

Em 30-XI-1939, *La Voz* (Nova Iorque) publica: “Esta prevista [descreve programa de atividades]... Ernesto Perez Dacal 'que atuará como mestre de cerimónias'; Federico de Onís; Tomás Navarro... Organizam: Leocádio Lobo, Tomás Navarro e Emilio González López”.

Em setembro de 1940, o n.º 9 da revista *Loita* em A Havana publica o poema “Marinheiro fuzilado” assinado por Ernesto Perez Güerra sem dedicatória a Serafim Ferro e colocado baixo um contributo de Castelão.

Castelão permaneceu em Nova Iorque desde agosto de 1938 até junho de 1940. Segundo EGL, está documentado o relacionamento entre EGDC e Castelão e a participação de ambos para angariar fundos para a República. Conta a estreita relação da Delegação Basca em Nova Iorque com Castelão. Manu Sota, sobrinho de Ramón Sota, Irala e Aramburu tinham frequentes reuniões com Castelão em Nova Iorque. Em abril de 1939, Castelão reúne-se com Manu Sota na Delegação do Governo Basco [em Nova Iorque]. Antes, em novembro de 1938, Castelão reunido com bascos em Nova Iorque, segundo *Crónicas Castelão y los Vascos* (Idatz Ekintza SA, 1986): “Castelão havia hecho una organización SECRETA en favor de Galicia”...

O próprio filho de EGDC afirma o relacionamento do seu pai na sua morada em Riverside Drive, em Nova Iorque, com os bascos: Jesus Galíndez estivera na casa de EGDC seis dias antes de ser sequestrado e assassinado por Trujillo, o ditador da República

Dominicana. Com o próprio presidente basco José António Aguirre e com o representante da Generalitat, Fontanals.

JOSÉ ANTÓNIO AGUIRRE, PRESIDENTE DO GOVERNO BASCO

J. A. Aguirre fora professor na CUNY em 1942 e escritor de êxito. A sua obra *Escape Via Berlin* teve boas críticas no *The New York Times*, *The NY Post*, *NY Herald Tribune*. Pessoalmente Aguirre dava mostras de fidelidade absoluta ao Departamento de Estado dos EUA. Propus que se constituísse uma CONFEDERAÇÃO IBÉRICA integrada pela Espanha, Portugal, Euskadi, Catalunha, Galiza e as colónias africanas que se alinharia na órbita estado-unidense.

Antes de chegar aos EUA, Aguirre chegou procedente do Brasil ao Uruguai em 9-X-1941 e o Congresso dos deputados uruguaio celebrou em 15-X-1941 uma sessão extraordinária em seu honor como presidente do governo basco, mostrando-lhe a adesão do povo e do governo uruguaio à causa basca. Todos os presidentes de Uruguai entre 1941-1955 – Alfredo Baldomir, Juan José Amézaga, Tomás Barreta, Luis Battle Berres – colaboraram com a República basca e apoiaram a sua causa. Outros presidentes, de Argentina, etc. colaborariam com a causa basca.

Aguirre no verão-outono de 1943 percorreu América para IMPULSAR a política de Washington entrevistando-se com os presidentes de México, Peru, Chile, Colômbia e Cuba – todos de ascendência basca. Em outubro de 1942 conferencia em A Havana: “A missão de América é salvar a liberdade para toda a Humanidade”. Aguirre instalado em Nova Iorque reclamou alguns colaboradores isolados por Vichy na França: António Irala, José M.^a Lasarte, Telesforo Monzón, António Fernández, Juan Zabala e familiares que chegaram a Nova Iorque em julho de 1942. Irala negociou o acordo de colaboração do PNB com o FBI, com Jerome Doyle e C. H. Carson do SIS – Serviço Especial de Inteligência do FBI, de anti-comunismo feroz. Irala redigiu listagens de pessoas para serem recrutadas – os bascos trabalhariam com o SIS mas não com a OSS. Tudo clandestino, sem qualquer documento. Aguirre avaliará Irala enviando cartas a Argentina, República Dominicana, México, Venezuela, Colômbia,

Chile, Peru, Cuba, explicitando informar acerca dos PCs, dos comunistas.

A necessidade da luta contra o nazismo fica de relevo em que durante seis meses de 1942, submarinos nazis afundiram duzentos barcos nas Caráibas.

Em 18 de maio de 1948 foi expulso do governo basco o único representante do PCE, Leandro Carro, que denunciou a sua expulsão ser devida à pressão dos EUA ligada ao Plano Marshall. Em 24 de dezembro de 1950, Aguirre publica a sua posição CONTRÁRIA ao totalitarismo soviético e favorável a ocidente – bascos trabalham com a CIA desde Paris.

Em *Espias Vascos* de Miguel Rodríguez, na página 220: “Bascos na Argentina espíam barcos de bandeira espanhola, elementos comunistas que atuavam no país, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, e a conduta de pessoas importantes da política argentina”. Segundo escreveu o padre Tiburcio Ispizua na organização de espionagem “também existia uma Secção Política, uma Secção Galega, uma Secção Comunista”: Era o que espíavam através dos diferentes centros bascos por toda a Argentina – Buenos Aires, Mar de Plata, Bahia Blanca, Jujuy e Rosário.

Jesus Galíndez foi sequestrado em 12 de março de 1956, sendo Delegado do Governo Basco na ONU, um dia antes de a bandeira da Espanha franquista ser içada na sede de Nova Iorque das Nações Unidas. Podemos deduzir que o relacionamento de EGDC com os bascos na sua morada de Riverside Drive dura como mínimo desde 1942 até 1956.

CASTELÃO OUTORGA-LHE A SUA REPRESENTAÇÃO A JOSÉ ANTÓNIO AGUIRRE

Acrescentemos que, datada em 16 de março de 1943, desde Buenos Aires, Castelão escreve carta em espanhol a Nova Iorque, ao Presidente de Euskadi, José António Aguirre: “Eu como chefe do galeguismo, rogo-te levar a nossa voz e a minha representação em qualquer gestão que realizes aí, tendo em conta a nossa indiscutível personalidade, o plebiscito realizado em junho de 1936 e a adesão ao Estatuto da Galiza que fizeram todas as nossas entidades de Buenos Aires que, em conjunto representam uma

coletividade de trezentos mil galegos”. Castelão soubera em reunião do “Galeuzca” “catalães de Nova Iorque pedem representação de entidades catalanistas de Buenos Aires para apresentar-se perante as Chancelarias em união dos bascos”.

Castelão, desde Buenos Aires, escreveu longas cartas a Aguirre a Nova Iorque, 30 Fith Avenue, em 29 de novembro de 1943, em 12 de junho de 1944, em 28 de novembro de 1944 e em 3 de janeiro de 1945.

Segundo J. C. Jimenez de Aberasturi no seu livro *De la derrota a la esperanza: Políticas vascas durante la II Guerra Mundial (1937-1947)*, Onhati, 1999: “Após ter reunido o seu governo em Nova Iorque e ter mantido contactos com as autoridades militares dos EUA, Aguirre chegou a Paris em 27 de março de 1945, num avião da Marinha norte-americana acompanhado de um oficial de enlace da mesma nacionalidade. De Paris viajou a Londres onde passou seis dias e manteve contactos com representantes britânicos. Tarefa primordial foi a organização de um grupo de comandos para uma possível intervenção no interior de Euskadi com apoio das potências aliadas. Viajou mais tarde pelo sul-oeste da França, assinou com os socialistas bascos o 'Pacto de Baiona'... regressou a Paris onde se entrevistou com o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Georges Bidault, e embora não pudesse acudir a uma planeada audiência com De Gaulle... manteve encontros com influentes personalidades francesas... Aguirre voltou a Nova Iorque a meados de maio de 1945... com a convicção de que os republicanos espanhóis haviam de oferecer uma alternativa unitária e fiável aos olhos dos vencedores na Guerra Mundial. Em São Francisco, onde começara a Conferência das Nações Unidas em 25 de abril de 1945, Aguirre tentou um apegamento entre Negrin e Prieto para impedir que o campo republicano estivesse dividido entre uma representação da JEL, outra de Negrin e outra de Galeuzca”.

APELO CATALÃO ÀS NAÇÕES UNIDAS GALIZA-PORTUGAL NAÇÃO ÚNICA NA CONFERÊNCIA DE SÃO FRANCISCO

Josep Maria Fontanals junto com J. Carner-Ribalta e J. Ventura Sureda são os assinantes do Apelo às Nações Unidas da Delegação

nos EUA do Conselho Nacional Catalão, Apelo apresentado e registado em 25 de abril de 1945 em São Francisco na Conferência Sobre Organização Internacional que redige a Carta das Nações Unidas. Nesse Apelo dirigido aos EUA, Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte, URSS e a República da China, patrocinadores da Conferência Internacional das Nações Unidas, solicitam ao presidente da Conferência seja o Apelo incluído na ordem do dia. O Apelo está datado em 14 de abril de 1945. Citam no Apelo cada uma das nações peninsulares: Castela, a Catalunha, País Basco e Galicia-Portugal.

Em 1942 e dirigido por J. Carner-Ribalta criaram em Nova Iorque o grupo Free Catalonia (1942-1944) que colaborará com os serviços de inteligência militar dos EUA na elaboração de um plano de estudo político-militar para a derrocada do general Franco. Tratava-se da Operação Tocha em a qual participariam muitos catalães conhecedores dos possíveis lugares de desembarco situados na costa catalã segundo fosse a evolução militar da Segunda Guerra Mundial: Josep Fontanals em *Plano de Invasão da Península Ibérica*. Josep Fontanals fora presidente do Centro Catalão de Nova Iorque.

DONALD DOWNES (OSS) NO NORTE DE ÁFRICA

Em *OSS: The Secret History of American's First Central Intelligence*, Richard Harris Smith escreve: “Este destacamento especial estava encabeçado por um muito informal professor de escola preparatória de Massachusetts de 37 anos, Donald Downes. O atarracado, baixo e forte, diplomado de Philips Exeter e Yale tinha trabalhado como agente amador para a Inteligência Naval norte-americana nos Balcãs e no Meio-Oriente antes da América entrar na guerra. Os meses anteriores ao ataque a Pearl Harbor serviu na Inteligência Britânica (MI6) nos EUA investigando as conexões entre agentes alemães e alguns líderes do isolado American First Commitee. Downes também manteve contacto com destacados homens de estado exilados dos países ocupados pelo Eixo unidos na Free World Association. Nos começos de 1942, Downes ingressou na COI [Office of Coordination of Information, criada em 11 de julho de 1941] de Donovan como

membro da equipa da inteligência de Allen Dulles em Nova Iorque. Aí trabalhou com Arthur Goldberg e Gerhard Van Arkel na Secretaria de Atividades Especiais que mais tarde tornou a rama de trabalho da OSS [Office of Strategic Services, criada em 13 de junho de 1942].

Um dos seus projetos iniciais foi recrutar uma completa equipa de agentes espanhóis exilados para futuras operações de espionagem contra a fascista mas não beligerante Espanha do Generalíssimo Franco. Downes fez os primeiros contactos através de Alvarez del Vayo, o esquerdista Ministro dos Negócios Estrangeiros da que fora República Espanhola, depois da guerra exilado nos EUA como líder da Free World Association e editor de *The Nation*. O Doutor José A. Aguirre, um exilado, líder do separatismo basco anti-franquista e professor na Columbia University, estava também disposto a ajudar. Esses homens forneceram a Downes contactos com o governo republicano espanhol no exílio na cidade de México. Em novembro de 1942, Downes tinha recrutada uma equipa completa de agentes espanhóis. Com encorajamento e assistência de Donovan também empregou alguns jovens comunistas norte-americanos que tinham combatido Franco na Guerra Civil espanhola, como membros da Brigada Lincoln. Eram dos poucos cidadãos norte-americanos que poderiam afirmar combate provado com experiência em guerra de guerrilhas. Após o desembarco de Torch [Operação Tocha], Downes e o seu GRUPO DE VINTE ESPANHÓIS E NORTE-AMERICANOS esquerdistas receberam ordens para continuar para Norte de África. Foram integrar-se na divisão de inteligência do V Exército de Mark Clark, uma unidade criada por Eisenhower com o propósito específico de proteção contra um ataque inesperado dos alemães através das possessões espanholas em Marrocos.

Washington tinha muita desconfiança das intenções de Franco. 'Voluntários' espanhóis foram combater com os alemães na frente soviética. Um relatório da OSS alerta: 'Hitler apropria-se da Espanha'. E os estrategas norte-americanos suspeitam que o governo de Madrid poderia asinha abandonar a sua fachada de não-beligerância e aliar-se abertamente com Berlim; os alemães poderiam então atravessar o território espanhol para atacar em

Marrocos ou Argélia. Havia também a ameaça da sabotagem. A única via férrea que unia os portos de Casablanca e Argel percorria dez milhas dentro da fronteira do Marrocos espanhol e podia ser presa fácil para os agentes do Eixo que já inundavam Tânger.

O grupo de Downes foi enviado para ajudar a impedir a ameaça espanhola. Mas ao chegar a Argel, a maior parte da equipa foi desviada para as linhas da frente de Tunísia pelo Coronel Eddy que estava buscando desesperadamente fazer uma demonstração de talentos paramilitares ao quartel-general dos aliados. Perante o protesto de Downes, os seus homens foram enviados à missão de inteligência ordinária de combate sob o Major Jerry Sage, 'um agradável, grande e alegre rapaz universitário que se destacara na equipa de futebol do Estado de Washington'. Mais tarde, em fevereiro de 1943, este 'tuck-shop cow boy of rah! rah! rah! for dear old Siwash variety' deixou quatro homens na Tunísia em missão de reconhecimento. Sage foi capturado pelos alemães junto com MILTON FELSEN da Brigada Lincoln. Downes e a sua diminuída equipa finalmente partiram para Marrocos. A base da OSS foi estabelecida em Oujda perto da fronteira com a Argélia, a meio caminho entre Casablanca e Argel. Após uma inicial batalha com Giraud, o corrompido governador francês de Vichy e o seu protetor norte-americano, o irascível General Patton, Downes começou a reabastecer a sua equipa de agentes espanhóis. Havia um pronto fornecimento de republicanos espanhóis à mão – nos campos de concentração de Giraud. Após a vitória de Franco na Guerra Civil, esses refugiados foram bem-vindos no território francês; muitos deles enrolaram-se na Legião Estrangeira. Após o armistício Franco-Alemão foram internados nos 'furos da tortura'.

Downes visitou um desses campos, localizado 400 milhas a sul, no deserto do Saara. Entrevistou-se com muitos prisioneiros e fez uma listagem de potenciais agentes e regressou a Argel. A sua formal solicitude de liberdade dum pequeno grupo de espanhóis só encontrou o sepulcral silêncio do quartel-general dos aliados. Em verdadeiro estilo de Donovan, Downes, simplesmente retirou a sua solicitude, deixou os burocratas a discutir entre eles, regressou ao Saara e ajudou a escapar aos espanhóis. Os homens foram enviados para uma especial escola clandestina de comunicações

localizada numa velha quinta nas aforas de Argel e treinados por especialistas em rádio, os irmãos Michael e James Jiménez, originários de Porto Rico que foram veteranos da Brigada Lincoln. No verão de 1943, aquando o novo Comité Francês de Libertação Nacional encerrou os campos de concentração por instigação Gaullista [De Gaulle], Downes, por fim, recebeu o seu completo contingente de recrutas e regressou a Marrocos. Com ajuda de André Bourgoïn, um Gaullista veterano da inteligência do exército francês em Casablanca (e, segundo se diz, um parente próximo de um destacado general Gaullista), Downes instalou o quartel-general para os seus agentes espanhóis e oficiais da OSS, quinze milhas a sul de Oujda. Dou-lhe cobertura, Estação Meteorológica do V Exército, e arranjou para a missão na Espanha. Nessa altura, de maio a outubro de 1943, André Marty permanece em Argel como representante oficial do PCF nas Forças de Libertação Nacional de De Gaulle, que foram baseadas lá.

Downes sabia que o Marrocos espanhol era um refúgio de agentes do Eixo e oficiais pro-alemães do exército de Franco. Os nazis estavam igualmente preparando escolas para sabotadores que estavam a ser infiltrados através da fronteira espanhola operando dentro do território francês. Com a ajuda de contactos árabes, Downes e Bourgoïn estabeleceram uma rede de inteligência que efetivamente avisava da expedição de cada grupo de sabotagem antes de que causasse qualquer dano.

Mas a mais importante operação estava planejada. Com o entusiasmado apoio do general Donovan, a inteligência do V Exército autorizou Downes para infiltrar agentes na própria Espanha. Esses homens mantinham uma intensa vigilância dos movimentos nazis na Espanha e dos preparativos militares espanhóis. Também mantinham contactos com os 'dissidentes' espanhóis – oficiais militares corruptíveis, que desertariam de Franco por substanciais quantidades de ouro depositadas em anónimas contas bancárias em Gibraltar, comunistas anti-Franco e outros republicanos espanhóis que poderiam organizar um movimento de resistência se as tropas germanas entravam em Espanha. O general Donovan acordou que a operação poderia ser cuidadosamente concebida desde a Embaixada norte-americana

em Espanha. A tarefa da OSS em Madrid, filtrou Downes, era um 'delicado trabalho – criar muitas dúvidas nas cabeças dos oficiais espanhóis acerca da vitória final das potências do Eixo', fazendo amizades ao maior nível no governo de Franco. A função de Donovan era trabalhar com elementos da oposição no país no caso que tais amizades se dissolvessem de repente.

Mas Downes não ignorava a longa história frustrada de oficiais de inteligência britânicos e norte-americanos aos que sistematicamente se lhes negava o direito a lançar mesmo a mais velha das operações secretas em território espanhol. Tudo começa três anos antes, em maio de 1940, aquando Sir Samuel Hoare voa a Madrid para se tornar Embaixador britânico perante o governo de Franco. Hoare era claramente um conservador, chefe do serviço secreto britânico em Moscovo durante a Primeira Guerra Mundial e íntimo de Neville Chamberlain. Foi enviado à Espanha no mais precário momento da guerra para os britânicos com um único objetivo – impedir a Franco se juntar ao Eixo.

Quando Willian Donovan chegou a Madrid em fevereiro de 1941 com uma missão especial de Roosevelt, Hoare disse ao futuro chefe da OSS que havia uma boa expectativa de que Franco permanecesse fora da guerra se estiver convencido de que uma vitória Aliada não poria em perigo o seu regime. Os militares de Londres eram menos otimistas. Esperavam uma iminente ação alemã na Espanha. O Executivo de Operações Especiais organizava um grupo de sabotagem em Gibraltar para entrar no país a dirigir a resistência aquando a 'invasão' começasse. Em abril de 1941, o comandante desta equipa tentou persuadir Hoare 'para deixar-lhes fazer alguns preparativos em Espanha para receber a invasão germana'. A resposta do Embaixador, disse, foi um enfático rechaço a aprovar nenhuma atividade do SOE, qualquer que seja. Hoare estava convencido que tais operações subversivas podiam perturbar a delicada neutralidade de Franco e possivelmente dar a escusa aos germanos para lançar uma invasão real.

Durante o ano seguinte os sinais de perigo continuaram a aparecer: Os primeiros relatórios do Coordenador de Informação de Donovan prognosticavam um ataque alemão no Norte de África

por território espanhol. Nos começos de julho de 1942, a equipa de quatro homens dos oficiais da Inteligência Secreta da OSS estacionados na Libéria interceptou uma suspeita mensagem de rádio desde a Ilha espanhola de Fernando Pó, na costa oeste de África. A mensagem indicava que algo 'quente' se estava preparando na ilha; uma frota de aviões da Força Aérea Espanhola devia chegar no imediato. Washington interpretou este movimento como indicador de que Espanha poderia juntar-se asinha ao Eixo e começar a atacar as bases aliadas na costa de África.

Ao mesmo tempo o Braço de Operações Especiais começa a considerar o projeto de infiltração na Espanha. Num memorando para Donovan, o oficial executivo da SO, William Vanderbilt, um antigo governador republicano de Rhode Island, propôs agentes encobertos serem introduzidos na Espanha via Gibraltar para organizar guerrilhas contra o governo caso Franco entrar em guerra no lado de Berlim. 'Eu percebo – escreveu Vanderbilt – a política do British Foreign Office de apaziguamento da Espanha mas considero que os britânicos poderiam ficar satisfeitos *off the record* se nos tivessem dado pessoas para esse propósito'.

Mas os britânicos tinham os seus próprios planos. No entanto Hoare rejeitava permitir o SOE trabalhar com os potenciais elementos da resistência, isto é, os clandestinos esquerdistas e não foi mais sensível com as intrigas dos monárquicos anti-Franco. Muitas pessoas em postos elevados no governo espanhol revoltaram-se contra o rechaço de Franco ao estabelecimento da monarquia. A tarefa de tratar com esses silenciosos dissidentes foi dada ao Adido Naval britânico, capitão Alan Hillgarth.

Como cônsul britânico em Palma durante a guerra civil espanhola, Hillgarth tinha estabelecido estreitos laços com os altos oficiais da Marinha de Franco. O capitão também tinha um entusiasmado apoio ao seu amigo Mr. Churchill. Por ordem do primeiro-ministro, Hillgarth recebeu do MI6 fundos secretos para atividades encobertas e os seus relatórios de inteligência foram diretamente para Sir Steward Menzies, Chefe do Serviço Britânico de Inteligência.

Em junho de 1942, Hillgarth reúne-se com o coronel Robert Solborg, o homem da OSS em Lisboa, depois de receber o

desgosto de Donovan sobre os resultados das suas atividades no norte de África. Hillgarth disse-lhe de uma minuciosa conspiração para derrubar o governo espanhol. Os britânicos estavam emprestando o seu apoio, 'moral e financeiramente' a uma junta militar encabeçada pelo general António Aranda Mato (um dos destacados generais de Franco durante a guerra civil) que poderia tomar o poder e restaurar a monarquia. O príncipe D. Juan, o pretendente ao trono espanhol, exilado na Suíça, poderia retornar à Catalunha para ser proclamado rei. Aboliria o fascista partido da Falange, declararia uma amnistia total para 500.000 jovens presos por Franco por apoiar a causa republicana e, o mais importante, declararia a neutralidade da Espanha na guerra.

No último momento o plano foi cancelado por Londres. Antes do desembarco da Operação Tocha, os estrategas militares britânicos e norte-americanos estavam convencidos que Franco não se juntaria ao Eixo e não permitiria, pelo menos pelo momento, às tropas germanas atravessar o país. A ação diplomática seria suficiente para assegurar a continuada não-beligerância da Espanha.

Sir Samuel (Hoare), pelo menos, estivera preparando apoiar um pouco a intriga monárquica. O seu colega norte-americano, embaixador Carlton Hayes, poderia até não permitir a OSS apanhar informação no território espanhol. O professor de história da Columbia [University] estava determinado a, diligentemente, refrear a interferência, ou a aparência de interferência, nos assuntos internos da Espanha. Nesta resolução, o embaixador estava destinado a colidir com a OSS. Não é que os homens de Donovan em Madrid fossem chamejantes radicais. Do primeiro chefe da OSS, um homem de negócios de Chicago, Donald Steele, os seus amigos espanhóis alegremente lembravam que fora oficial da Força Expedicionária Norte-americana no Norte de Rússia enviada para combater os bolcheviques durante a Primeira Guerra Mundial. O seu sucessor, H. Gregory Thomas, foi um homem de negócios norte-americano com diploma em leis das universidades inglesas e portuguesas, com uma assombrosa capacidade para as línguas, e vastos contactos na indústria do perfume na Europa. A sua pequena equipa em Madrid incluía um nascido em Argel,

veterano do U. S. Narcotics Bureau e um antigo diretor de ginásio do YNCA em Shangai.

Estes oficiais foram encarregados com várias tarefas clandestinas que irritavam o embaixador Hayes. De má vontade concordou que esses homens da OSS poderiam receber informação acerca das disposições alemãs na França relativas aos agentes da resistência que cruzavam os Pirinéus, trazendo, às vezes, com eles aviadores norte-americanos resgatados. Mas Hayes desaprovava dar ajuda ao maquis o qual violava a 'neutralidade' espanhola. Frank Schoonmaker, um destacado autor de guias de viagem da Europa e afamado entendido em vinhos, foi capturado pela polícia espanhola passando fundos da OSS para um contacto da resistência francesa na primavera de 1943. Se passou seis meses num cárcere espanhol antes de os seus camaradas da OSS arranjamem a sua partida para Argel. O embaixador reprimiu. Insistiu em ver todas as comunicações da OSS com Washington; aqueles relatórios que não coincidissem com a informação da Embaixada não seriam transmitidos. Hayes não toleraria as excessivas despesas de fundos secretos da OSS. Não permitiria a OSS empreender nenhuma ação que pudesse indicar ao governo de Franco que 'estamos aliando-nos com elementos subversivos dentro da Espanha ou doutra forma envolvidos em atividades inimigas da existência do regime de Franco'.

O embaixador temeu uma repetição de acontecimentos como na adjacente Lisboa onde o diplomático substituto do embaixador do Departamento de Estado, George Kennan foi obrigado a intervir vigorosamente para impedir a vários entusiastas da OSS do general Donovan desenvolverem planos para uma revolta contra a autoridade portuguesa nas Ilhas dos Açores. Os oficiais de Donovan baseavam o seu projeto na teoria de que tanto o ditador português Salazar como a sua espanhola contra-partida 'eram uns perigosos fascistas e aliados do inimigo'. Hayes, aliás, não sabia que o afastado destacamento da OSS em Marrocos tinha planejada uma operação semelhante – em aliança com os 'elementos subversivos' que ele temia muito”.

OPERAÇÃO BANANA

“Em junho de 1943, Donald Downes envia os seus primeiros

agentes por barco a Málaga, no sul da Espanha, para contactar com o que quer que ficou do republicanismo clandestino. Foram-lhes dados os endereços dos contactos fornecidos pelo governo no exílio em México. A primeira equipa foi acompanhada de um grande número de rádio-telegrafistas, experientes em guerra de guerrilhas, e agentes de inteligência. Em Argel, Arthur Roseborough, decano da OSS Gaullista, arranhou de transporte uma traineira [ou barco de arrasto] portuguesa, emprestada pela inteligência britânica. Vários dias depois, a missão denominada 'Banana', estabeleceu contacto desde a Espanha. Downes, entretanto, foi a Londres para encontrar-se com Dr. Juan Negrin, que fora presidente do governo da República espanhola, na altura a representar o governo republicano no exílio na Inglaterra. Negrin acreditava que um forte movimento guerrilheiro poderia ser iniciado caso de Franco se juntar ao Eixo. Era otimista relativamente às possibilidades de subversão nas fileiras das forças armadas do Generalíssimo. 'Os nossos caminhos, pelo momento, são paralelos', Negrin disse a Downes, 'o nosso inimigo é comum, o que derrotará o fascismo e o nazismo, a longo prazo, será ajudar à Espanha. Eu não posso permitir-me acreditar que Franco sobreviverá no mundo das democracias vitoriosas'. A opinião de Downes: 'Quero contradizer-te, não posso concordar depois de ter visto o tipo de cousas de Darlan-Giraud-Murphy no Norte de África sob os auspícios anglo-norte-americanos'. Quando Downes regressou a Marrocos encontrou uma valiosa inteligência da equipa que chegara a Málaga. Um segundo grupo foi enviado à cidade de Cádiz e estava planejada [enviar] uma terceira equipa para Cartagena. O grupo de Málaga pediu reforços, novo equipamento de rádio e algumas armas curtas. A embarcação foi rapidamente preparada e Roseborough concertou os arranjos com os britânicos para a marítima infiltração”.

A TRAIÇÃO ANGLO-NORTE-AMERICANA

“No momento da partida do grupo desde o porto de Argel, os britânicos rejeitaram permitir usar o seu barco. Aquando Roseborough protestou, disseram que a ordem vinha diretamente do Almirantado em Londres: Nenhum barco britânico transportaria agentes secretos à Espanha. A inteligência britânica tinha

comunicado a operação ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Embaixador Hoare não desejava incomodar o governo espanhol. Roseborough recorreu ao Chefe de Gabinete de Eisenhower, general Walter Bedell Smith, que respondeu que a Junta de Chefes não considerou o assunto de importância suficiente para o discutir com os seus homólogos colegas britânicos. Nem embarcação norte-americana nenhuma poderia ser utilizada em situação semelhante.

Downes decidiu iniciar a sua própria frota secreta em miniatura. Com ajuda de André Bourgoïn, conseguiu vários barcos de remo, balsas de desembarco de borracha e barcos de pesca. O porto-base da 'frota' da OSS foi uma praia mediterrânea de fina areia no estreito corredor de Marrocos francês, entre Argélia e a zona espanhola. Foi guarnecida pelos homens da OSS e oficiais da Marinha republicana espanhola.

A frota *ad hoc* foi criada demasiado tarde para salvar a equipa original de Málaga. Esperando na praia pelos reforços que nunca chegaram despertaram as suspeitas da pro-germana polícia de segurança espanhola. Os agentes de Franco tinham infiltrados entre os comunistas e outros grupos clandestinos com que os agentes da OSS estiveram em contacto. Depois da cita dos espanhóis de Downes com os republicanos locais, a polícia organizou uma batida: Agentes de Downes foram mortos ou capturados. Consideráveis evidências – pistolas Stern, granadas e explosivos plásticos – tudo de fabricação norte-americana foram encontrados e que ligavam o grupo com o Exército dos EUA. Baixo tortura os agentes confessaram: Foram recrutados pelos oficiais norte-americanos Donald Downes e Arthur Goldberg. O Ministério dos Negócios Estrangeiros espanhol irado apresentou formal protesto ao Embaixador Hayes. O 'incidente de Málaga' agitou Washington. O major Goldberg foi chamado ao escritório do Assistente do Secretário-de-Estado, Adolf Berle: De acordo com Donovan negou qualquer conhecimento da operação. Como isto não satisfez os diplomatas, Donovan afinal replicou que a ação de Downes fora aprovada previamente pela Divisão de Inteligência de Mark Clark como uma medida de segurança para proteger o flanco do Quinto Exército de um possível ataque do Eixo. O

protesto foi acalmado após as pertinentes desculpas dadas a Madrid, no entanto uns poucos republicanos espanhóis agonizavam nas mãos da Gestapo espanhola.

Contudo houvera consequências. Em Madrid finalmente o Embaixador Hayes assinou um 'pacto' com os homens da OSS em novembro de 1943. Os oficiais de Donovan aceitavam que baixo nenhuma circunstância dirigiriam operações subversivas ou de espionagem contra a Espanha. Em Argel, o 'incidente de Málaga' coincidiu com o Comando da OSS – que considerava De Gaulle como uma ameaça e um intruso – decidir se tornar completamente intolerante com a sua minoria pro-Gaullista. Os braços operacionais foram de imediato removidos. Em agosto, Arthur Roseborough foi relevado do seu comando. Vários dos seus ajudantes foram transferidos para postos em outros teatros de guerra.

Como para Donald Downes, que bem poderia ter sido expulso da organização de Donovan. Em vez disso, em julho de 1943, foi convocado, desde Marrocos para Argel, para uma consulta especial no quartel-general do general Eisenhower: Os aliados estavam a organizar uma nova ofensiva”.

Entretanto os oito que desembarcaram nas praias de Nerja (Málaga), Manuel Lozar Feliz, galego de Lugo, rádio-telegrafista da Armada republicana, Ignacio López Dominguez, tenente rádio-telegrafista da aviação, Pedro Royo Sanz, telegrafista de artilharia anti-aérea, Guillermo Garrido de las Heras, sargento do 3.º Batalhão da 1.ª Brigada de Carros Blindados, Jaime Perez Tápia, comandante de Batalhão da 207 Brigada Mixta e os veteranos do Exército Popular da República, Joaquin Centurion, Francisco Bueno Ledesma e Luis Ruiz Aguayo, permaneciam presos do franquismo que fuzilará os cinco primeiros em Alcalá de Henares em 16 de janeiro de 1945. O coordenador de todos eles era Ricard Sicre Cerdá, nascido em Barcelona em 1919, militante de ERC, que integrará a equipa de vinte espanhóis e norte-americanos que Donald Downes leva para o norte de África. Milton Feslen, os irmãos puertorriquenhos Michel e James Jimenez, os três da Brigada Lincoln, junto com Richard Sicre faziam parte da equipa, os dezasseis restantes é que não sabemos e se um deles era EGDC.

Arthur Goldberg foi Secretario de Trabalho no governo de J.F. Kennedy desde 21 de janeiro de 1961 até 20 de fevereiro de 1962 durante o tempo do sequestro do paquete Santa Maria (22 de janeiro até 2 de fevereiro de 1961). O FBI tem cerca de 900 páginas de investigação relativas a ele por pertencer ao PC americano em Chicago.

Allan Dulles Foster fora recrutado por Donovan em outubro de 1941 em Nova Iorque sendo designado para dirigir as operações da COI sediada no quarto 3603 do Centro Rockefeller “assumindo escritórios geridos pelo MI6 britânico. Em outubro de 1942 foi para Berna onde trabalhou com a OSS até maio de 1945”. Donovan era nativo de Nova Iorque (Búfalo), estudou leis na Columbia. Apresentou-se às eleições em Nova Iorque pelo Partido Republicano. Nelson Rockefeller era em 13 de junho de 1942 Coordenador de Assuntos Inter-americanos.

William Stephenson foi um agente secreto canadiano enviado por Churchill em 1940 aos EUA. Os operativos de Stephenson incluíam uma variada gama de operações tais como o assalto à Embaixada espanhola em Washington onde roubaram os códigos secretos da comunicação diplomática entre o governo fascista do general Franco e Berlim (*The Devil's Chessboard, Allan Dulles, The CIA...* David Talbot, NYT bestseller).

O EXÍLIO DE BERNARDINO MACHADO EM A CRUNHA

O golpe militar de 28 de maio de 1926 instaura uma ditadura militar em Portugal com a sua vaga de prissões, degredos e exílios. Em 3-9 de fevereiro de 1927, a denominada Revolução de Fevereiro em Lisboa e Porto contra a ditadura militar, fracassa. Nesse mesmo mês Bernardino Machado, que fora presidente da República portuguesa, parte para o exílio a Vigo. Procedente de Vigo, Bernardino Machado e a sua família chegam a A Crunha em 31 de março de 1927. *El Pueblo Gallego* publica que chegou às 19h00 e foi recebido pelo alcaide, Manuel Casás, e os republicanos que o acompanharam em automóveis parte do percurso até a A Crunha. Aclamado por eles foi alojar-se no Hotel Atlantic – hoje edifício dos Correios. A sua mulher Alzira conta em carta que a viagem de automóvel durara quatro horas e que fora muito boa por

uma estrada “lisa como a sala”.

O Sr. Manuel Casás, alcaide de A Crunha, em sessão municipal declarou Bernardino Machado (BM) Hóspede de Honor da cidade em 3 de abril de 1927, com elogios da parte dos elementos liberais da opinião crunhesa, publica *El Pueblo Gallego*. Em 5 de abril, o alcaide de A Crunha convida BM e família almoçar em Sada, no Palácio da Praia. *El Pueblo Gallego* de 8 de abril de 1927 publica que em sessão de Comissão Permanente, o alcaide de A Crunha, informa que BM visitou-o para lhe agradecer a declaração de “Hóspede de Honor da cidade”.

El Pueblo Gallego de 24 de julho de 1927 publica um artigo de BM cujo cabeçalho é “No Dia da Galiça” em que escreve: “A Galiza entrou... num período fecundo do seu pujante renascimento. E eu, de todo o meu coração de português, me associo muito gratamente às generosas emoções da sua anciada requesta renovadora de tão felizes augúrios, fazendo votos dedicados por que... alcance o mais alto ÉXITO”. Aí acaba o artigo, com a palavra “êxito” em minúsculas e a seguir em baixo BERNARDINO MACHADO em maiúsculas. Quase de imediato, antes de acabar o mês de julho, BM foi expulso por Primo de Ribera para a França.

Durante os quatro meses que BM permaneceu em A Crunha, acompanhava-o o que seria seu genro Aquilino Ribeiro, fez muitos amigos; destaca Álvaro Zebreiro e mesmo António Vilar Ponte que assina um artigo em espanhol em *El Pueblo Gallego* de 3 de julho de 1927 em que glosa BM, que teve catorze filhos e onze netos, e a sua afeição pelas “creanças” nos seus passeios por A Crunha (Mendez Nunhez e Rellen). “Por que os portugueses têm medo de BM que tanto quer as crianças?” Assim acaba o artigo de A. Vilar Ponte. Esse mesmo dia, o dito jornal publica em destaque um desenho de Castelão “COUSAS DA VIDA”, na primeira página. Um exemplar desse jornal de 3 de julho de 1927 tem na sua parte superior direita caligrafado: E^{mo} Snr Dr. Alberto Sá Marques/Castelo de Sta Catarina/Cruz Quebrada/Portugal.

Bernardino Machado escreve e publica o seu livro *O Militarismo* em A Crunha na Editorial Lar antes de fins de julho de 1927. Anjo Casal lembra uma tarde... “em que nos apareceu por ali Dom Bernardino Machado com Vilar Ponte, Zebreiro e Fernando Osório

[do Campo]. Queria que lhe editássemos o seu livro *O Militarismo* que ninguém se atrevia a imprimir. Corremos gozosos a aventura, o livro foi impresso burlando à polícia e introduzida toda a edição em Portugal”.

O livro editado em Português clandestinamente em plena ditadura de Primo de Ribera burlando a polícia foi uma mostra do apoio e a colaboração de destacadas pessoas das Irmandades da Fala de A Crunha com, nada menos, o que fora presidente de Portugal encabeçando a oposição democrática à ditadura. Se na impressão participaram Anjo Casal, Leandro Carré Alvarelos, Zebreiro, Vilar Ponte e Fernando Osório do Campo, no traslado e introdução do livro de contrabando em Portugal participaram Blanco Torres e Manuel António, este a pilotar a embarcação que atravessou a fronteira fluvial do Minho.

A LIGA DA DEFESA DA REPÚBLICA PORTUGUESA, CONHECIDA COMO LIGA DE PARIS

A ideia de fundar a Liga surdiu na Galiza entre os exilados republicanos e socialistas portugueses que ali se refugiaram e foi a partir da Galiza que lançaram as suas bases. Expulsados da Galiza por Primo de Ribera, foi em Paris que se reagruparam e deram expressão à Liga já organizada, redigindo o seu programa que eram as bases acordadas na Galiza em estreito contacto e com a colaboração das Irmandades da Fala. Destacam como cabeças da Liga de Paris, Afonso Costa, Álvaro de Castro, José Domingues dos Santos, Jaime Cortesão e António Sérgio.

BM dirige-se repetidamente aos chefes de Estado e à Sociedade das Nações contra o reconhecimento do Estado Novo. Publica vários manifestos: *A Pastoral Financeira do Patriarca* (1928), *O Crime Financeiro da Ditadura* (1929), *O Estado Novo Ditatorial* (1931), *Os Perigos da Ditadura* (1933), *O Estado Novo e o Grande Empréstimo Externo* (1935) e *Os Perigos Coloniais*.

BM dirige-se ao presidente da Sociedade das Nações, Juan Negrin, para “protestar contra a atitude anti-patriótica da ditadura [portuguesa] que... traindo a soberania nacional se concluiu no Comité de Não-Intervenção na guerra civil espanhola com os governos imperialistas de Berlim e de Roma em prol dos

insurretos, representantes do velho imperialismo castelhano”.

No verão de 1927 publica-se *O Revivalho*, órgão do Comité Revolucionário contra a ditadura militar, “ditadura que faz Portugal sub-servente, miserável perante a Espanha [de Primo de Ribera]; província aviltada do reino visinho... Rondam pelas serras fronteiriças os lobos famintos. Haja patriotismo!”. Tudo no primeiro número.

A Revolta do Castelo é em 20 de julho de 1928 e fracassa. Em 14 de abril de 1931, a derrocada da monarquia e a proclamação da República espanhola favorecem o exílio português e é nesse mesmo mês, dez dias antes, em dia 4, que se produz a Revolta das Ilhas, sobretudo na Madeira que também fracassa. António Fernandes Verão publica em Vigo: *Infantaria 13 no Movimento Político da Madeira de 4 de Abril de 1931 (palavras de um vencido)*, estabelecimentos tipográficos, *Faro de Vigo*, 1932.

Segundo Francisco Lopes de Melo, 1931 é o ano de todas as revoltas. A Revolta de 26 de agosto de 1931, liderada pelos Budas e a Liga de Paris, fracassa e afiança Salazar no poder. Designaram-se por Budas, o grupo do exílio português em Madrid encabeçado por Jaime Cortesão, Jaime de Morais e Moura Pinto.

EXILADOS PORTUGUESES NA GALIZA

O fracasso da Revolta de 26 de agosto de 1931 pode ser explicado pelo que se segue: A começos de agosto, os Budas, adiam a revolta a causa das divergências com a corrente dos exilados onde pontificava Cunha Leal, Ribeiro de Carvalho, Cunha Aragão, Álvaro Poppe, Sarmento Beires e os sectores ligados ao Partido Republicano Português fixados nos núcleos da Galiza... [Estes] Por isso mesmo, também eles desenvolveram a sua organização revolucionária própria e obtiveram armas com a cumplicidade dos socialistas espanhóis. As figuras centrais de todo este movimento são Bernardino Machado, Afonso Costa, José Domingues Machado, o grupo dos Budas e o tenente-coronel Ribeiro de Carvalho.

Jaime Cortesão, vindo de Paris reuniu-se em Madrid com Azanha no início de agosto e também com Prieto que apoiam financeiramente os portugueses e facilitam a circulação de armamento por território espanhol e a sua acumulação junto à

fronteira portuguesa. O secretismo dos Budas relativo ao financiamento e armamento marginava o grupo de Ribeiro de Carvalho que prosseguia na Galiza (Tui, Vigo, A Crunha) uma intensa atividade conspirativa à margem dos Budas de Madrid – com certeza com o apoio das Irmandades de Fala e já do Partido Galeguista e ORGA.

Tinha havido uma aproximação de muitos exilados portugueses à fronteira da Galiza com Portugal, chamados por telegrama enviado por Ribeiro de Carvalho desde Portugal que para aí partira por instruções do Comité Revolucionário no interior do País. Na Ponte Vedra, Ribeiro de Carvalho, reúne-se com os exilados naquela cidade [com o concurso de Castelão e Bóveda?] reafirmando a união de todas as correntes revolucionárias. Contudo o fracasso [da tentativa] do mês de julho levaria a que este grupo da Galiza se manifestasse descrente no movimento revolucionário que, segundo o capitão Franzão Sardinha em carta de 14 de agosto, “não se fez nem se realizará nos dois meses seguintes mais próximos”. Bernardino Machado envia uma circular aos exilados para responder a vários quesitos que serão a base das discussões na reunião de Beyres em novembro seguinte.

Duas linhas antagónicas se opunham: Uma, a Liga de Paris com Afonso Costa e José Domingos dos Santos à frente e associada ao Comité de Madrid e uma outra, corporizada por Ribeiro de Carvalho e seguida pelo grupo da Galiza. A linha do grupo da Galiza considerava prioritário o apoio dos exilados ao Diretório Único já formado por todos os republicanos no interior do País [Portugal] porque, como considerava, “a revolução tem de ser preparada lá dentro e dirigida de lá dentro”. Para os do grupo da Galiza o papel dos emigrados é o de fornecer apoio nos serviços de propaganda, contra-espionagem e assistência. Parece-lhe um erro monumental querer dirigir desde o exterior todas as operações e, principalmente, a organização dos fundos disponíveis ou outros apoios que venham a ser conseguidos. Entre uma corrente mais revolucionária e outra que lutava pela revolução possível os entendimentos não parecem fáceis na altura embora se assinalem reuniões na Galiza entre emigrados das duas tendências presididas por José Domingues dos Santos, no início de agosto.

É difícil reconstruir o Comité Revolucionário de 26 de agosto de 1931 porque a “Proclamação Revolucionária” não chegou a ser tornada pública e a brevidade com que tudo se desenvolveu deixou na sombra muitos implicados. Uma figura central foi o coronel Hélder Ribeiro [Hélder Armando dos Santos Ribeiro, apoiado pela Liga de Paris], outros seriam: Tenente-coronel Utra Machado, coronel Dias Antunes, coronel Agatão Lança, tenente-coronel Sarmiento Beives, capitão Jaime Baptista. Dentre os civis destacam Simões Raposo, Joaquim Pratas, Aires Leal de Matos, todos de Aliança Republicana Socialista. Este movimento tinha o apoio indireto de Norton de Matos.

Desde Paris, Álvaro Zebreiro, envia carta redigida em português para Bernardino Machado, datada em 22 de julho de 1929. Em quase todas as cartas ao Zebreiro, Bernardino Machado pede notícias de Antão Vilar Ponte, envia-lhe saudações e pede ao Zebreiro que lhe passe todos os manifestos que BM publica.

BM regressa à Galiza em 1932, primeiro a Vigo e depois a A Guarda onde mora até agosto de 1935 em que é expulso por Lerroux para morar em Madrid. Em 1936, exila-se em Paris onde o visita Portela Valladares que envia carta a Castelão: “Ontem estive [em Paris] com Bernardino Machado que lembrou a visita que juntos lhe fizemos e pergunta por V. [por Castelão]”. Desconhecemos as datas.

António Vilar Ponte escreve em português carta para BM em 11 de janeiro de 1933. Mantiveram mais correspondência. Doente, escreve-lhe uma outra desde A Crunha, em 13 de fevereiro de 1934 [S/C Juan Florez, 2, A Crunha]...

António Sérgio, dirigente da Liga de Paris que em 1927 tinha 200 membros, decide desde Paris regressar a Portugal aproveitando a amnistia de dezembro de 1932. Entre o mês de fevereiro e o mês de maio de 1933, António Sérgio encontra-se na Galiza onde é professor na Universidade de Compostela devendo satisfazer esse compromisso antes de regressar a Portugal. Não sabemos se António Sérgio participou nas celebrações da Caravana Galeusca em Compostela em 25 de julho de 1933 onde participou EGDC. Também não temos notícias da participação de exilados portugueses embora permanecessem na Galiza. Um outro foi

Francisco Cunha Leal, muito amigo de Casares Quiroga, na altura integrado na ORGA, como António Vilar Ponte. Cunha Leal publica em A Crunha, na Imprensa Monte quatro livros: *Ditadura, Democracia ou Comunismo? O Problema Português* em 1931; *Nova Renascença ou Nova Idade Média. Os Meus Cadernos; Portugal e a Inglaterra e Os Partidos Políticos em Portugal. Os Meus Cadernos; Economia-Finanças-Política-Sociologia*, estes três durante o ano de 1932. Francisco Cunha Leal regressa a Portugal graças à amnistia de dezembro de 1932.

COMBATENTES PORTUGUESES EM FAVOR DA REPÚBLICA ESPANHOLA

Novais Teixeira foi até 1934 correspondente na Espanha do *Diário de Notícias*. Durante a guerra contra a República espanhola trabalhou no gabinete de Azanha sendo correspondente de guerra no jornal *Claridad*. O golpe franquista muda muita coisa entre o exílio português: Em Madrid, Álvaro Cunhal participa na organização da União Antifascista dos Portugueses Residentes.

Manuel Boto, exilado português anarco-sindicalista deixa escritas memórias centradas sobre a sua atividade no Serviço de Informações Militares (SIM) mantendo durante a guerra pouco contacto com os portugueses.

A correspondência de António Boto, secretário do Núcleo Cultural Português em Madrid para a FAPE em fins de 1937, encontram-se no arquivo de Salamanca.

Pedro Baptista da Rocha, do Partido Comunista Português, parte para a Espanha em 1937 onde ingressa numa escola para oficiais de artilharia com outros portugueses. É major de artilharia do Exército Popular Republicano e mantém contactos com compatriotas civis, sobretudo comunistas. Em 1938, faz parte do grupo de portugueses que deviam participar no Plano Lusitânia, descrevendo o ambiente vivido no acantonamento [São João das Abadesas em Girona] entre comunistas e anarquistas que acaba por terminar em confronto: Ele é preso por matar um anarquista. Pedro da Rocha atravessa a fronteira francesa integrado no grupo de Jaime de Morais por quem tem grande admiração. Internado nos campos de Argeles e Gurs. Com a ocupação alemã, o governo de Vichy quer enviar os mais perigosos das Brigadas Internacionais

para os campos argelinos o qual produz uma revolta no dia do embarque. São enviados para Vernet, percurso seguido por Pedro da Rocha que se oferece a uma Comissão Italo-Alemã que visitava o campo para ir trabalhar para a Alemanha. Escreveu memórias em *A Derrota*, parcialmente reproduzidas no seu livro *Escrito com Paixão* (Editorial Caminho).

Francisco Ferreira, enviado para Moscovo em abril de 1936, é enviado pelo PCP desde Paris como Comissário Político à Guerra da Espanha. Trabalhará na *Rádio Voz da Espanha Republicana*. Em março de 1939, abandona a Espanha num barco para um campo em Orão. Acolhido em a URSS por a sua esposa, Maria del Rosário Martínez Llistó, ser a responsável de quadros do Comité Provincial de Valência da Juventude Socialista Unificada. As memórias de F. Ferreira, *Chico da CUF* relatam o período vivido na URSS, a tomada de consciência da realidade soviética e o abandono da ideologia comunista.

Bernardino Machado escreve carta ao Afonso Costa datada em 15 de agosto de 1936: (...) “dezenas de portugueses alistaram-se nas milícias populares. O Pio [Francisco de Oliveira Pio fora preso pelo do 'Turquesa' e participou na guerra defendendo a República espanhola no 5.º Batalhão de Milícias Civas, fora diretor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Chefe de Operações do 23 Corpo de Exército] tem prestado valiosos serviços na instrução de batalhões. O Vasques juntou-se à aviação... O Anahory... numerosos os que se acham nas frentes de combate, nos postos da Cruz Vermelha ou em cargos da polícia e abastecimento. O Godinho e o Silva... trabalhos químicos. Quatro perderam a vida... Um, o Leonardo dos Santos Morais... Outro, o filho do Alexandrino [dos Santos]... filho único... o pai foi substituí-lo nas fileiras... De Portugal... a ditadura... dá todos os seus auxílios aos revoltosos, em grande parte estendidos pela fronteira”.

Numa outra, anterior, datada em 29 de agosto de 1935: (...) “Ele [o Dr. Maranhão] desta vez encontrará a resistência invencível duma vergonhosa cabala da miseranda política internacional entre Portugal e a Espanha... Partir de La Guardia [sic]... tive uma viagem muito grata pelas manifestações de solidariedade que me tributaram os republicanos à saída de Vigo, à passagem por

Redondela e sobretudo em Pontevedra, onde um grupo de pessoas mais representativas da democracia me oferecem um almoço da mais calorosa confraternização”.

César de Almeida, no Comissariado do Exército do Este, no Ministério da Defesa Nacional da República espanhola. Moura Pinto, Jaime de Morais e Jaime Cortesão estão ligados aos serviços de informação [SIM?]. Jaime Cortesão, parece que em Madrid, teve relação com Castelão durante a República. Jaime Cortesão fora maçã com o nome de Guyau (1911-1926). “O comunismo de Guyau” são as últimas palavras do manifesto assinado por António Vilar Ponte publicado em A Nossa Terra depois da Assembleia Nacionalista de Lugo de 17 e 18 de novembro de 1918 em que definia à Galiza com Portugal como nação completa dividida, talhada pelo fatalismo histórico.

Jaime de Morais esteve em Barcelona como repórter do jornal *UNIR*, órgão da Frente de Portugueses Exilados. Nesse período giza o “Plano Lusitânia” com vista à invasão de Portugal por terra e mar com o apoio dos republicanos espanhóis. O Plano gorou-se pela derrota dos republicanos.

Um dos filhos de Jaime de Morais, Óscar de Morais, trabalhou na rádio republicana emitindo para Portugal. José Ribas, anarquista de Vigo, vinculado em Barcelona ao Secretariado Executivo de Solidariedade Galega Anti-feixista, manteve correspondência desde março a maio de 1939 com Moura Pinto.

Em Barcelona, antes da sua tomada por Franco, houvera um Congresso de partidários da Federação Ibérica.

O PLANO LUSITÂNIA

O “Plano Lusitânia” da ideia e organização de Jaime de Morais e dos seus colaboradores, Jaime Cortesão, Alberto Moura Pinto, César de Oliveira – o operacional do plano, Alexandrino dos Santos e Oliveira Pio visava atacar, invadir e ocupar Portugal pelos portugueses com o auxílio da República espanhola para a derrocada da ditadura de Salazar. Estiveram acantonados no campo de Centelhas e no de San Joan das Abadessas, próximo um do outro.

Em segunda-feira, 25 de janeiro de 1939, Jaime Cortesão abandona Barcelona onde morava com Jaime de Morais. Em

Centelhas vivem os filhos de Morais onde há um quartel com um pequeno contingente de tropas portuguesas. Um outro quartel em San Joan das Abadessas com 200 ou 300 tropas portuguesas. Eram a base das tropas portuguesas do Plano Lusitânia. Cortesão e Morais dirigem-se para eles e atravessam a fronteira francesa numa caravana de cinquenta portugueses comandada pelo Major Inácio Anta. Estava também Cláudio Vilanova.

EXÍLIO PORTUGUÊS

DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Bernardino Machado com Jaime Cortesão e outros exilados portugueses regressam a Portugal aquando Hitler ocupa a França em 27 de junho de 1940. BM é forçado a viver em Paredes de Coura. Jaime Cortesão e outros são presos e depois desterrados para o Brasil.

Jaime de Morais viveu em Brasil, politicamente ativo, desde 13 de outubro de 1940 até morrer em Niterói (Brasil) em 20 de dezembro de 1973. Foi observador em representação dos exilados portugueses no Brasil na Conferência de São Francisco em 1945.

Todas essas ações [reatar os contactos de portugueses e espanhóis no exílio] apontam para um ponto de convergência: A necessidade dos exilados portugueses UNIREM os seus esforços aos emigrados políticos espanhóis para DENUNCIAREM E COMBATEREM EM CONJUNTO OS GOVERNOS DITATORIAIS dos dois países da Península Ibérica. Num dos seus artigos publicado no *Diário Carioca* de 6 de junho de 1943, Morais, ao tratar dos problemas a serem enfrentados por portugueses e espanhóis após o término da guerra, realça a ideia da necessidade DE UMA ALIANÇA OU BLOCO entre ambas as oposições com objetivo de COMBATER AS DICTADURAS e a construção de uma Europa nova após vitória dos aliados: “União que nada tem com a estafada mística de uma vetusta União Ibérica ou das fantasiosas Federação ou Confederação Ibérica do passado, União, bloco, ou o que quiserem que seja entendimento económico e moral entre dois povos que por mais que o discutam têm uma homogeneidade étnica real”.

Por sua parte Moura Pinto recebe carta datada em 22 de julho de 1942 procedente de Bogotá do antigo ministro de Estado da República espanhola, Paulino Gómez Saez, em que lhe relata a

tragédia final da guerra, o terror passado na França e a saída para o exílio na América. Conta a prisão em território francês, ordenada por Franco, do Ministro do Governo da República espanhola, Julian Zugazagoitia Mendieta (1900-1940) posteriormente fuzilado na Espanha e da sorte dos seus filhos...

A RELAÇÃO DE CASTELÃO COM O EXÍLIO PORTUGUÊS

Datada em 2 de setembro de 1944, Jaime Cortesão recebe uma carta de Castelão. O contacto de Castelão com os Budas remonta aos anos trinta SENDO CONSTANTE DURANTE O PERÍODO DE PERMANÊNCIA destes em território espanhol. Emílio González López conta em *Castelão na Guerra Civil*: “Poucas semanas depois das jornadas parlamentares de Montserrat nas que se apresentou o Estatuto [de Autonomia da Galiza] nos dias 16 e 17 de março de 1938, a população civil de Barcelona foi submetida a um bárbaro bombardeamento... Castelão foi uma das vítimas. Vivia num pequeno hotel onde também estava o seu amigo, o escritor português Jaime Cortesão, na rua Balmes, perto da Universidade”. Hotel atingido e derrubado pelas bombas com Castelão e Cortesão dentro que mal conseguiram sair vivos dentre os entulhos.

Eles possuem muitos pontos em comum que vão desde o percurso de vida semelhante entre Jaime de Moraes, Cortesão e Castelão [os três médicos, profissão que abandonaram pela política] até às semelhanças ideológicas, já que os ideais de federalismo e nacionalismo defendido pelo escritor galego, não são estranhos aos republicanos exilados portugueses. O reencontro do escritor galego com os seus companheiros portugueses ocorre em 1944, quando o fim próximo da Segunda Guerra Mundial surge como uma esperança para os anti-fascistas da Península Ibérica.

A chegada da correspondência de Castelão saudando “os três portugueses” que representam o espírito autenticamente democrático de Portugal aparece como uma oportunidade para os Budas levarem avante a sua estratégia de aproximação com os republicanos espanhóis exilados. De facto a grande questão é o reconhecimento internacional de ambos os sectores da oposição anti-fascista; os Budas do lado português e o configurado por

Castelão e os seus aliados, pelo lado espanhol, como representantes legítimos dos governos republicanos e democráticos na Península Ibérica no exílio. No entanto, na sua primeira carta, Castelão escreve: “Os repúblicos desterrados oferecem às olhadas estranhas um quadro lamentável de guerra civil na que se disparam injúrias e calúnias, e às olhadas amigas o consabido desbarajuste que sempre reinou na Espanha, provocador de ditaduras... A realidade republicana é a seguinte: Os socialistas estão divididos em três bandos irreconciliáveis que provocam, por sua vez, divisões no campo dos republicanos liberais; os republicanos de esquerda fizeram-se satélites de Prieto e ficaram escravos da Constituição do 31 [1931], não como porto de partida senão como topo; os comunistas utilizam a mentira como arma de combate e o engano como procedimento recadatório, bulem muito e trabalham como a polilha porém vão-se quedando sem amigos” – da carta de Castelão a Cortesão datada em 2 de setembro de 1944 que está no Arquivo Moura Pinto na Fundação Mário Soares.

Na verdade, ambos os grupos de exilados, portugueses e espanhóis, sofrem as dificuldades da representação oposicionista no exílio com o choque de várias correntes políticas. No caso da representação espanhola, a questão das autonomias acrescenta um ponto de discórdia, já agravada pela dissidência entre socialistas e comunistas. No caso dos exilados portugueses no Brasil, depois de 1945, o problema é semelhante, o que contribui para uma maior aproximação ao grupo espanhol. Neste quadro, é que surge a proposta de Castelão de reviver o Galeusca com o apoio e participação dos republicanos portugueses exilados, como uma representatividade única para a oposição ibérica. A união de portugueses, galegos, bascos e catalães surge assim como uma nova leitura do velho “iberismo” e como uma nova imagem da liberdade e a democracia para a Península.

Da carta de Castelão, datada em 11 de setembro de 1944, destinada a Cortesão, Moura Pinto e Morais: “Politicamente os galegos podemos equiparar-nos aos bascos e catalães e as três forças unidas em Galeuzca representam a energia frênica do republicanismo espanhol. Galeuzca oferece três unidades concordes e dispostas a integrarem uma concórdia geral espanhola,

que se não está já formada é porque os centralistas vivem no mais terrível desbarajuste”.

Datado em Março de 1945, em Buenos Aires, Castelão envia “Sugestiones para un proyecto de Alianza o de Unión Ibérica con Portugal”, redigido em espanhol, para os Budas: “Os diretivos de Galeuzca, de uma parte, e os representantes da democracia portuguesa no exílio, da outra parte, poderiam estudar e concretizar a natureza e formas das relações que o dito Galeuzca propugna para toda a Península Ibérica, aos efeitos de serem confirmadas pelos povos interessados democraticamente e de serem propiciadas desde o poder imediatamente fossem instalados os governos respetivos após a derrocada dos regimes ditatoriais que atualmente subjagam os povos peninsulares”.

A sugestão feita por Castelão passa a ser tratada na correspondência trocada entre os Budas e os seus companheiros. Entre os correspondentes citados está Armando Cortesão, irmão de Jaime Cortesão, e então residente em Londres onde busca uma aproximação com a Delegação Basca, tentando empreender um trabalho em conjunto, com base na proposta de Galeusca. Segundo Armando Cortesão em carta datada em 12 de abril de 1945 dirigida a Jaime de Moraes, desta ligação resultou uma COMISSÃO que “trabalhou durante três meses e acabou por se desintegrar pois os espanhóis não têm maneira de se entender! Uma tristeza”.

OS BUDAS OUTORGAM A SUA REPRESENTAÇÃO A CASTELÃO

No entanto os Budas fazem de Castelão o **seu representante** junto do Governo Republicano espanhol no exílio que, em 17 de agosto de 1945, reúne as Cortes na primeira assembleia fora da Europa. Para tal, é preciso entregar ao deputado galego CREDENCIAIS PASSADAS PELOS TRÊS REPUBLICANOS PORTUGUESES, e, para tal, é preciso que Castelão conseguisse sair da Argentina e seguir para o México, tarefa difícil para um exilado político sem passaporte válido. Através de contactos com o meio político brasileiro nomeadamente com o então jornalista Hermes Lima, futuro fundador do Partido Socialista Brasileiro, um passaporte provisório é obtido a nome do escritor galego, facilitando a sua passagem pelo Brasil e ida para o México. Resolvido o problema

do passaporte antes do 6 de janeiro de 1945, a vinda de Castelão é pensada de forma a transformá-lo num “porta-voz” dos republicanos portugueses, não só perante o Governo Republicano de Espanha mas **diante da comunidade internacional**, que estaria atenta às reuniões das Cortes de México, e acompanharia Castelão na sua trajetória.

Na carta sem data de Jaime de Morais a Armando Cortesão: “Conseguimos que o Governo Brasileiro permitisse que três deputados espanhóis pudessem seguir para o México, via Rio [de Janeiro] (isto desde Buenos Aires) quando todos os muitos por demais tiveram de ir pela Costa do Pacífico.

Tratava-se de José Lasarte, deputado nacionalista basco, por S. Sebastian, Villanueva, deputado republicano galego por Pontevedra e, finalmente, Afonso Castelão, que por certo, conhece como o nosso dedicadíssimo amigo e chefe dos galeguistas no mundo, fundador do GALEUZCA (Galiza-Euzkadi-Catalunha), cuja política é idêntica a do nosso amigo, o dr. Aguirre, chefe dos bascos, e do seu colega catalão. Supomos mesmo que a estas horas deverá ter entrado no Gabinete de Giral, como representante dos galegos, ao lado de Irujo, nosso velho amigo também, e de Santaló, que conhecemos menos.

A sua estada aqui foi um autêntico sucesso que nos comoveu até às lágrimas. Foram acarinhados pela colónia espanhola, por toda a intelectualidade e a imprensa brasileira e, sobretudo, por nós e nossos amigos, de facto os promotores e organizadores de todos os detalhes da receção”.

O denominado Villanueva, com certeza se trata de Elpídio Villaverde Rei, nessa altura integrando o Conselho da Galiza, Governo Galego no exílio presidido por Castelão e fundado em 15 de novembro de 1944 em Montevidéu.

Às “Sugestiones para un proyecto de Alianza o de Unión Ibérica con Portugal» respondem os Budas com um plano de ação denominado “Nota sobre la colaboración com los portugueses”, redigido em espanhol por Jaime de Morais e Jaime Cortesão que para além de se considerarem legítimos representantes dos exilados portugueses estabelecem que só podem “pactar con el Jefe del Estado Espanhol, el Presidente de las Cortes o con el

gobierno que pueda nombrar algun dia, con arreglo a las normas constitucionales”. Os portugueses desejarium um Comité especial para as relações com Portugal e execução do pacto em que estejam representantes de todas as entidades e grupos firmantes. Prefeririam que fizessem parte de estas entidades representantes dos sindicatos e do Partido Republicano de Galicia, mas não lhes parece tão necessário como a participação das entidades e partidos já indicados. Não assinariam pacto se não tiverem a garantia da participação real e efetiva de Republicanos, Socialistas, Comunistas e Juntas Autónomas de Catalunha e o País Basco.

O plano da “Nota sobre la colaboración con los portugueses” prevê criar comissões técnicas entre os dois governos [espanhol e português]. No âmbito económico, soluções para os problemas comuns como transporte, as vias de comunicação, a distribuição das águas dos rios comuns, o fim das fronteiras económicas. Estudo obrigatório de ambas as línguas na península [espanhol e português]. Ajudas recíprocas às atividades da oposição clandestina. Propaganda, oferecendo a revista *Afinidades* publicada em Portugal por Leonel de Roulet na que colaboram António Sérgio e Mário Dionísio, este comunista. Estava prevista a compra do periódico *O Globo*, também em Portugal, propriedade de Sabino Costa.

A MISSÃO CONFIADA PELOS BUDAS A CASTELÃO

COMO REPRESENTANTE DOS PORTUGUESES
A MISSÃO CONFIADA PELOS BUDAS A CASTELÃO, COMO REPRESENTANTE DOS PORTUGUESES é a entrega deste plano às Cortes reunidas em México em 17 de agosto de 1945. O pacto entre opositores de Portugal e a Espanha só teria valor no cenário internacional se ocorresse entre representantes com possibilidade de reconhecimento por países membros da recém criada Organização das Nações Unidas. México foi o primeiro em reconhecer o governo dos exilados republicanos como único representante legítimo do povo espanhol.

As divisões entre os espanhóis e o clima tenso das reuniões das Cortes no México em 17 de agosto de 1945 cria desconfiança nos exilados portugueses em termos da representatividade de Giral

mas como é o governo oficialmente “reconhecido” dos republicanos espanhóis exilados **enviam recomendações a Castelhão** neste sentido. Envia telegrama a Castelhão assumindo um posicionamento de distância ante os conflitos da representação espanhola.

Martínez Barrio reconhece a importância da ação conjunta entre os dois sectores da oposição ibérica. No ano de 1946, não há correspondência entre os Budas e os seus amigos espanhóis.

INTERVENÇÃO INTERNACIONAL CONTRA O GOVERNO FRANQUISTA

Em dezembro de 1946, a Assembleia Geral das Nações Unidas rejeita a proposta do delegado mexicano para uma intervenção internacional contra o governo franquista com forte impacto em ambos os grupos. Os Budas mantêm a ideia da ação conjunta contra as ditaduras ibéricas que se exprime em 1947 no governo republicano espanhol de Rodolfo Llopi: Jaime Cortesão, como representante dos Budas, escreve uma nota de abertura no jornal *Libertação*, editado em comum pela Associação Brasileira de Amigos do Povo Espanhol e a Sociedade de Amigos da Democracia Portuguesa, mostrando uma SOLIDARIEDADE forjada nos ideais republicanos comuns e pelos horrores da guerra contra a República espanhola, SOLIDARIEDADE que vai permanecer apesar dos rumos tomados pelos seus exilados:

“Todas as nações livres devem aos povos ibéricos, por fraternidade humana e defesa da liberdade, APOIO AO COMBATE que estão travando contra a TIRANIA que os oprime. Mas ao povo espanhol, em particular, TODOS devemos os maiores esforços para ajudá-lo nessa luta”, *Libertação*, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1947.

Embora o intenso e duradouro relacionamento galego-português não temos referências de relacionamento de EGDC com os Budas ou com outros combatentes portugueses pela causa da República espanhola. Pensamos que necessariamente os haveria. Desconhecemos se em Nova Iorque, onde morava Abílio de Oliveira Águas, em Providence, Rhodes Island, que mantivera correspondência com Bernardino Machado, teria havido qualquer relacionamento de EGDC com ele ou com outros portugueses. O relacionamento de EGDC com bascos e catalães está referenciado.

ATIVIDADE PÚBLICA DE EGDC EM NEW YORK

Segundo Joel Gomes, EGDC desenvolve atividade pública como conferencista em Nova Iorque. Em 2 de março de 1942, o *Commerce Bulletin* da New York University informa da sua visão da Guerra da Espanha em conferência no Clube Espanhol. EGDC afirma que combateu por amor à terra mas não por uma filosofia política [oculta a sua militância comunista]. No *Evening News*, revista do Washington Square College, publica um artigo Meyer Shwebel, em 3 de abril de 1942, relativo a conferência de EGDC acerca da música. Essa mesma revista, sem se poder datar, publica informação da conferência de EGDC intitulada “Prof. Da Cal Discourses Music of Galicia at Spanish Club” em que aparece o pensamento de EGDC da Galiza “ligada” a Portugal: “Política e geograficamente integrava a Espanha mas linguística e emocionalmente estava ligada a Portugal”, tanto, que define o galego como um dialeto do português, portanto, a mesma língua. Afirma o tripé da civilização ocidental, Roma-Compostela-Jerusalém. EGDC é apresentado como “Chairman” do Departamento de Espanhol do Washington Square College. Na informação afirma-se dele que teria viajado por Espanha e Portugal para apanhar a música dos povos, a música popular, que EGDC inter-relacionava com a música sul-americana. Aos 27 de abril, nova conferência no Clube Espanhol referenciada no *Evenings News* em que falou das diferentes línguas e culturas da Península Ibérica. Outro jornal universitário, *Phoenix*, informava aos 11 de maio de 1942 de nova palestra musical de EGDC, e refere dele que aquando estudava na Espanha fora membro de missões culturais que viajavam pela Espanha e Portugal recolhendo música e danças tradicionais. A Music Appreciation Society orientava a sua atividade para estudantes de Comércio. *Evening News* de 4 de janeiro de 1943 referenciava uma outra conferência de EGDC acerca da importância da língua portuguesa para as relações económicas: Desenvolveu as grandes possibilidades do Brasil pela sua grande população e indústria em campos como a minaria, a borracha e muitas outras ramas técnicas

e que seria o país que forneceria os EUA em matérias primas indispensáveis para a guerra. Nesse anos de 1943, EGDC foi convidado como professor visitante da Princeton University em New Jersey por Américo Castro, republicano até à medula, que publicara com Federico de Onis em 1916 *Os Fueros Leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Tormes*, exilado nos EUA: Uma demonstração de como funcionava a rede dos espanhóis exilados com dedicação no ensino universitário dos EUA. A revista *Hispânia* (Pardew, III/IV-1943) informava do acelerado aumento de cursos de língua portuguesa no âmbito universitário norte-americano. De sessenta e quatro instituições, sessenta tinham reconhecido o ensino do português. EGDC aparece como docente do Washington Square College onde lecionava um ano de “Elementary Portuguese” (1943). Em 1944, a American Association of Teachers of Spanish, UNÂNIME, acordou mudar o título da Associação acrescentando “and Portuguese”, porventura devido ao trabalho de EGDC e outros em favor da língua portuguesa. A revista *Hispânia* passou a se definir como “devoted to the interest of the teachings of Spanish and Portuguese”. Confirmara-se o ensino do português em noventa e duas instituições.

Em 1944, EGDC publica na *Revista Hispánica Moderna*, dirigida por Federico de Onis, a seu primeiro estudo acerca de Eça de Queiroz; uma resenha em espanhol do livro de Vianna Moog *Eça de Queiroz e o Século XIX*. EGDC define Eça como fundamente português sob o seu sobretudo cosmopolita. Portugal tem uma importância de primeira magnitude: O seu portuguesismo é o ponto de vista, é a lente de observação do mundo e portanto Portugal está contido na sua obra sempre em função da universalidade. Definição integralmente aplicável, em nossa opinião, ao EGDC galego sem o poder remediar e portanto ciente da sua identidade portuguesa. EGDC confronta com o salazarismo imperante contra Eça de Queiroz, excessivamente revolucionário, “um adiantado no seu tempo”. A *Revista Hispánica Moderna* publica em 1944 trabalhos de Federico de Onis e EGDC sobre os estudos de português, de uma conferência de EGDC em dezembro de 1944 no Instituto Hispánico da City University acerca de

Eugénio de Castro e Almeida, poeta nascido em Coimbra em 1869 e falecido em 17 de agosto de 1944.

EGDC adquire a nacionalidade norte-americana em 18 de abril de 1945 no Tribunal Distrital Sul de Nova Iorque. A Conferência de São Francisco começou em 25 de abril de 1945. Não sabemos se na Conferência chegou a estar presente como J. A. Aguirre, Fontanals ou Jaime de Morais.

EGDC envia uma carta datada em 13 de julho de 1945 para Gaspar Simões tentando se relacionar com ele devido aos estudos acerca de Eça de Queiroz. Gaspar Simões era uma figura central no Campo de Estudos Literários (CEL) português. Em novembro de 1945, EGDC conferencia acerca de Eça de Queiroz no centenário do seu nascimento no Instituto Hispánico da City University segundo informa a *Revista Hispánica Moderna*.

Em 25 de julho de 1946, em New York, na Casa de Galicia, exaltação de Castelão com um banquete presidido por entre outros, EGDC, Sr. Galíndez da Delegação Basca e o Sr. Fontanals da Delegação Catalã. O relacionamento de EGDC com Jesus Galíndez e Josep Fontanals fica de relevo mais uma vez e durante um período de tempo grande, até 1956, está constatado.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Após cinco meses da sua vitória contra a República espanhola, em 1 de setembro de 1939, a Alemanha de Hitler ataca, invade e ocupa a Polónia; nos começos de abril de 1940, a Dinamarca e a Noruega; em 10 de maio de 1940, a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo; continuam a ofensiva pela França e esta capitula em 22 de junho de 1940.

Em 27 de setembro de 1940 é assinado em Berlim o Pacto Alemanha-Itália-Japão, aliança militar contra a URSS: Em 20 de novembro adere a Hungria; em 23 de novembro adere a Roménia, somando-se ao Pacto a Finlândia e a Eslováquia. Em 1 de março de 1941, a Bulgária adere ao Pacto. Em 6 de abril de 1941, é atacada, invadida e ocupada a Iugoslávia que capitula em 18 de abril. Também atacam na mesma data a Grécia onde a fins de maio as tropas hitlerianas ocuparam a ilha de Creta.

Em 22 de junho de 1941, a Alemanha ataca, invade e ocupa a URSS. Em dezembro de 1941 ocupara o território a sul da linha

Leninegrado-Moscovo-Kiev e cercara as duas primeiras cidades. A solidariedade da classe obreira mundial manifesta-se em favor da URSS particularmente da inglesa e da norte-americana. Nos EUA, as manifestações, comícios e conferências em New York, Washington, Chicago, Boston, Detroit reivindicavam ajuda imediata para a URSS. A luta foi tão massiva que S. Welles, do Departamento de Estado dos EUA, a definiu como uma luta de todo o povo norte-americano e em 2 de agosto de 1941, o governo decide ajudar a URSS “na sua luta contra a agressão armada”. Em agosto de 1941, Roosevelt e Churchill assinam a Carta Atlântica para acabar a tirania fascista. Em 29 de setembro de 1941, celebrou-se a Conferência de Moscovo, aliança entre os EUA-UK-URSS contra o fascismo e para ajudar a URSS. Em 7 de dezembro de 1941, o Japão ataca Pearl Harbor e em dia 8, EUA-UK declaram a guerra ao Japão. Alemanha e a Itália declaram a guerra aos EUA. Em 1 de janeiro de 1942, os vinte e seis Estados da Coligação Antifascista assinaram uma declaração em Washington para lutar contra os agressores, colaborar na guerra e não assinar a paz por separado.

A Batalha de Estalinegrado decorre desde 17 de julho até 18 de novembro de 1942 e de 19 de novembro até 2 de fevereiro de 1943. Em 8 de janeiro de 1943, o comando soviético propus capitulação a Paulus que este rechaça. Em 31 de janeiro, entrega-se o marechal-de-campo Paulus e o 2 de fevereiro a melhor agrupação hitleriana deixou de existir. Batalha de Kursk: 12 de julho-23 de agosto de 1943. Batalha de Dnieper, agosto-dezembro de 1943,

Em África, em 23 de outubro de 1942, os ingleses iniciaram a ofensiva contra Rommel. Entre 8 e 12 de novembro de 1942, desembarco norte-americano no norte de África contra tropas germano-italianas que capitulam em 12 de maio de 1943. Em 10 de julho de 1943, início do desembarco das tropas anglo-americanas na Sicília. Em 25 de julho, foi preso Mussolini e substituído pelo Marechal Badoglio. Levantamentos insurrecionais na Itália. Em 3 de setembro, governo Badoglio assina armistício com os aliados e tropas anglo-americanas desembarcam na Península da Itália e começam a avançar para norte ao tempo que

as tropas hitlerianas ocupam a Itália e desarmam as tropas italianas. Em dezembro de 1943 cessaram os combates aliados contra os hitlerianos. O domínio japonês alastrou por Ásia Oriental e sudeste asiático.

Em novembro de 1943, só as forças terrestres alemãs tiveram 5.188.000 baixas. Desde 14 de janeiro até 1 de março de 1944, ofensiva soviética em Leninegrado-Novgorov. Recuperação soviética da Crimeia e a Ucrânia: 24 de dezembro de 1943 até 12 de março de 1944. Ofensiva soviética na Bielorrússia desde 23 de junho até 24 de agosto de 1944. Entre julho e novembro de 1944, libertação de Estónia, Lituânia, Letónia. Na primavera e verão de 1944, o Exército Vermelho expulsou as tropas fascistas do seu território. Ultrapassou a fronteira da URSS com a Polónia e a Roménia e chegou à Prússia Oriental e até fevereiro-abril-maio de 1945 foram libertando-se dos nazis a Polónia, a Roménia, a Bulgária, a Checoslováquia, a Hungria, a Iugoslávia e a Áustria. Em 6 de junho de 1944, começou o desembarco aliado na Normandia: Em 25 de agosto, Paris é libertado. Conferência de Ialta (Crimeia) em 4-11 de fevereiro de 1945.

“Após ter reunido o seu governo em Nova Iorque e de manter contactos com as autoridades militares dos EUA, J. A. Aguirre chegou a Paris em 27 de março de 1945 num avião da Marinha norte-americana e acompanhado dum oficial de enlace da mesma nacionalidade. De Paris foi para Londres onde passou seis dias e teve contactos com representantes britânicos. Tarefa primordial era a organização dum grupo de comandos para uma possível intervenção no interior de Euskadi com apoio das potências aliadas. Mais tarde fez um percurso pelo sudoeste da França. Assinou com os socialistas bascos o 'Pacto de Baiona'... Regressou a Paris e se entrevistou com o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Georges Bidault, embora não pudesse acudir a uma concertada audiência com De Gaulle. Teve encontros com influentes personalidades francesas que faziam parte da Liga Internacional de Amigos dos Bascos. Aguirre regressou aos EUA nos meados de maio de 1945... Em São Francisco onde começara a conferência das Nações Unidas em 25 de abril de 1945, Aguirre tentou uma aproximação entre Negrin e Prieto para impedir que o

campo republicano estivesse dividido entre uma representação da JEL, outra de Negrin e outra de Galeuzca... J. C. Jimenez de Berastudi, *De la derrota a la esperanza: Políticas vascas durante la II Guerra Mundial (1937-1947)*, Onhati: IVAP, 1999”.

Soldados soviéticos içam a bandeira vermelha com a foice e o martelo no Reichstag em 1.º de maio de 1945. Conferência de Postdam acaba em 2 de agosto. Em 6 de agosto de 1945, bomba atômica sobre Hiroshima e o 9 de agosto sobre Nagasaki. Japão anuncia capitulação em 14 de agosto de 1945. Os julgamentos do Tribunal Militar Internacional de Nuremberga começaram em 20 de novembro de 1945 até 1 de outubro de 1946.

AS BOMBAS ATÔMICAS SOBRE HIROSHIMA E NAGASAKI: O PROJETO MANHATTAN

As bombas atômicas que destruíram Hiroshima e Nagasaki foram o resultado do denominado Projeto Manhattan desenvolvido após uma carta de Einstein a Roosevelt datada em 2 de agosto de 1939. Na carta, Einstein informa dos trabalhos de Enrico Fermi e L. Zsilard na América e de Joliot [Curie] na França acerca do urânio e da possibilidade de construir uma bomba cuja explosão poderia destruir um porto de mar e arredores e também utilizá-la desde o ar. Pede financiamento para investigação nas Universidades e laboratórios privados norte-americanos e alerta da hipótese de os alemães [nazis] conseguirem ter a bomba: Dominavam as minas de urânio da Checoslováquia. Einstein mora em Long Island em Nova Iorque a onde responde Roosevelt em carta datada em 19 de outubro de 1939 aceitando a sua sugestão.

Enrico Fermi, italiano filiado no partido fascista de Mussolini em 1929, fuge dele em 1938 por as suas leis contra os judeus: Laura, a sua esposa era judia. Chegam aos EUA em 2 de janeiro de 1939 e E. Fermi começa a trabalhar na Columbia University de New York com a equipa de investigadores que em 25 de janeiro realizam o primeiro experimento de fissão nuclear no sótão da Pupin Hall Laboratory na CUNY. Em 6 de novembro de 1942, Fermi vai para a Universidade de Chicago continuando o trabalho de experimentação dentro do secreto Projeto Manhattan em que participam a Universidade da Califórnia, CUNY, Chicago e outras

universidades em vinte lugares diferentes dos EUA e o Canadá, chegando a trabalhar no projeto 130.000 pessoas.

Enrico Fermi vai para Los Alamos no estado de Nuevo México, centro dependente da Universidade da Califórnia (Berkeley) onde estava o Radiation Laboratory. Integra-se na equipa dirigida por Robert Oppenheimer em que também estão Niels Böhr, Ernest Lawrence, Luís Walter Álvarez, Edward Teller, Hans Bethe, Richard Feynman, John von Neumann.

EGDC no verão de 1940 consegue emprego na CUNY e a sua relação com ela aumentará. Segundo o filho, EUDC, participou em atividades de preparação de inteligência na Operação Torch ou Tocha. Também exilados bascos e catalães participaram antes da data de desembarco norte-americano no norte de África em 8 de novembro de 1942.

Segundo EGDC: “A proclamação pelo presidente Roosevelt da política de 'Boa Vizinhança' nas relações entre as Américas e a criação do Coordinating Committee ou Inter-American Affairs particularmente a aliança com o Brasil de Getúlio Vargas na guerra contra a Alemanha nazi urgiu a preparação linguística necessária para uma comunicação rápida na diplomacia, no militar e no financeiro”. É por essa altura de 1941 que a Modern Language Association, UNÂNIME, resolve acrescentar uma nova secção dedicada à investigação dos problemas linguísticos e literários relativos a Portugal, Brasil e à Galiza, as três num único conjunto. Do futuro dos estudos portugueses nos EUA ocupa-se *Hispânia* com trabalhos de Willian Berrien da Rockefeller Foundation a reivindicar planos para investigar as relações entre as culturas de Portugal, Brasil e a Galiza. A Academia Militar dos EUA promove o estudo do português.

Kim Philby, em setembro de 1941 pertencia à Secção V do MI6 em Londres; era responsável pela contra-inteligência ofensiva. Pelo seu conhecimento e experiência da Espanha de Franco, Kim Philby recebeu a encomenda da subsecção que tratava da Espanha e Portugal com responsabilidade de uma rede secreta de agentes a operarem em Madrid, Lisboa, Gibraltar e Tânger. Em 1942-1943, as responsabilidades de Kim Philby acrescentaram para norte de África e a Itália: Operação Torch ou Tocha, derrota de Rommel,

desembarco aliado na Sicília e na Itália.

Em outubro de 1949, Kim Philby chega a Washington DC como primeiro-secretário da Embaixada britânica. Em outubro de 1950, Burgess – também dos Five Cambridge – chega a Washington DC como segundo-secretário da Embaixada, convivendo com o Kim. É nesse ano 1950-1951 que se descobrem os espões soviéticos dentro do Projeto Manhattan: Klaus Fuchs, comunista alemão (Los Alamos); Harry Gold, nascido em Berna (Suíça), os pais emigraram para os EUA com ele de quatro anos; David Greenglass (Los Alamos), de pais judeus nascido em Nova Iorque em 1922, irmão de Ethel e cunhado de Julius Rosenberg. Ethel e Julius foram condenados a morte e executados na cadeira elétrica.

Klaus Fuch e o resto foram descobertos pela operação de contra-espionagem norte-americana denominada Verona. Klaus Fuch trabalhou no Columbia University Research Laboratory na produção de urânio durante os anos de 1943-1944 morando em Nova Iorque. Em agosto de 1944, vai para Los Alamos com outros membros da missão britânica e ali trabalhará até junho de 1946. Passou muita e importante informação secreta da bomba atômica aos soviéticos. Outros como Bruno Pontecorvo, Allan Nunn May, David Greenglass, Harry Gold e Niels Böhr, também passaram.

Foi em 2014 que Juan Alberto Cedillo publicou o seu livro *Eittington, as Operações Secretas de Estaline* em que afirma que Leónidas Eittington dirige uma rede de espões russos no México que determinou que o segredo da bomba atômica dos EUA chegasse aos soviéticos; os segredos foram entregues por pessoas próximas a Robert Oppenheimer como Enrico Fermi ou Leo Zsilard; Eittington e Vasily Zarubin dirigiram o Projeto Enormous para conseguir o segredo da bomba atômica norte-americana utilizando espões mexicanos e doutros países.

Judeus bielorrussos os dois, Eittington substituiu Orlov, após a fuga deste da Espanha republicana, nas responsabilidades que este tinha, dentre elas o SIM, onde António Ramos e EGDC estavam integrados. António Ramos morava na cidade de México junto com muitos outros exilados republicanos e agentes secretos do SIM. Perguntamo-nos se nos “espões mexicanos e doutros países” utilizados no Projeto Enormous estavam incluídos os do

exílio republicano, uma vasta rede comunicada com muitos países da América. Em qualquer caso o relacionamento de EGDC com António Ramos esclarece-o o seu filho Enric, nascido em 1948, ao afirmar que, menino, passava longas temporadas no México na casa de António Ramos que se reinventara com negócios de farmácia: “Os primeiros anos da minha vida passei-os em boa medida em México, com os Ramos, já que lá António se reinventou como um importante empresário, chefe de uma farmacêutica suíça para as Américas”.

George Koval, espião soviético integrado no Projeto Manhattan, a morar em Nova Iorque, passou informação secreta da bomba atómica de tal maneira que, segundo reconheceu Putin em 2007, permitiu à URSS explosionar a sua primeira bomba atómica em agosto de 1949. George Koval nunca foi descoberto; só depois da sua morte em Moscovo em 2006 é que foi feito público a sua atividade como espião sendo-lhe outorgada por Putin a condecoração de Herói da Federação Russa.

Capítulo quarto

A LITERATURA GALEGA POR EGDC EM 1946

Em 1946, em New York, o *Dictionary World of Literature* é editado em inglês por Joseph T. Shipley, crítico de teatro norte-americano, autor, editor e professor de inglês no Yeshiva College, presidente do Círculo de Críticos de Drama de Nova Iorque (1952-1954) e secretário, durante dezasseis anos, até 1982.

O autor da ressenha da “Galician Literature” é EGDC. Faz história desde que os colonialistas e soldados romanos e o seu vulgar latim foi assimilado e transformado em várias línguas na Península Ibérica. Uma delas o galego, a norte do Minho, que alastra para sul com a reconquista. Com a secessão política do Condado de Portugal e o seu desenvolvimento como nação independente, esta linguagem eventualmente desenvolveu-se em duas variedades linguísticas conhecidas hoje como galego e português. No entanto, as duas linguagens, com ligeiras diferenças permaneceram numa simples unidade, conhecida como galego-português até bem entrado o século XIV. Portugal afirma-se como potência mundial face à Galiza engolida pelo Reino de Leão e politicamente incorporada à hegemonia de Castela. O galego desaparecerá como linguagem literária até ao Ressurgimento com o Romantismo. Realça a influência provençal e a Compostela como fazendo parte do tripé da cultura hegemónica universal do cristianismo: Roma-Compostela-Jerusalém. Sequencia os monumentos da língua desde o *Cancioneiro da Vaticana*, da *Ajuda*, *Cantigas de Afonso X*, *Cancioneiro de Baena* e o *Cancioneiro Geral ou de Resende*. Cita o Marquês de Santilhana e o galego como língua dos poetas de todas as partes da Espanha. Cita a *Crónica Troiana* como a mais antiga prosa em galego que se eclipsa como meio literário só utilizado no XVI século em documentos legais – notariais. Desde essa data, com exceção de Martim Sarmiento, a literatura na Galiza adota a linguagem de Castela – até a invasão napoleónica de 1808

em que acorda auto-consciência regional. É um ressurgir cultural similar ao que mais tarde baixo a influência do Romantismo acontece nas literaturas provençal, catalã e irlandesa. Acompanhando este ressurgimento encontramos um movimento político de reafirmação das características da Galiza, anunciador do moderno movimento nacionalista galego. Referencia os Jogos Florais de 1861 e, para a reconstrução da linguagem literária, a publicação de dicionários e gramáticas, o aparecimento de muitos trabalhos históricos, dramáticos, folclóricos, etnológicos, filosóficos e jornalísticos, alguns bilingües e outros completamente em galego. Organizaram-se sociedades para o desenvolvimento da cultura. Destaca a geração de escritores conhecida como “Precursores”, dos quais a mais importante figura é Rosália de Castro, considerada como uma das mais altas poetisas da Península Ibérica. O cabeça da nova poesia Eduardo Pondal, ao seu lado Manuel Curros Henriques, jovem poeta de intenso, patriótico e revolucionário sentimento fortemente liberal. Referencia Valentim Lamas Carvajal. A fundação da Academia Galega é um importante pilar para reconstruir a cultura nacional. Afirma que desde o fim do XIX século até a Primeira Guerra Mundial as letras galegas oferecem riqueza poética, em prosa e teatro; destaca dois, António Noriega Varela, misticamente das terras altas, e o brilhante Ramón Cabanillas, os ritmos do mar e os sofrimentos da Pátria. O teatro concernido com temas históricos e sociais. A ficção em prosa produz romances de importância universal. Manuel Lugris Freire é, segundo ele, romancista e dramaturgo e principal responsável pelo desenvolvimento do teatro galego. Contemporâneo com ele, Aurélio Ribalta, poeta e prosista, com seu *Libro da Konsagracion* a patrocinar uma bizarra ortografia fonética. Após a Primeira Guerra Mundial, a expressão do nacionalismo galego continua a acelerar. Afonso R. Castelão, desenhador e ilustrador de grão talento, espiritual líder da causa patriótica, produz vários romances de alto valor. Xosé Lesta Meis e legião de jovens poetisas, Luís Amado Carballo, produz íntima e subjetiva poesia. Outros como Manuel António, poeta dos Mares, Deny Fernandes, Augusto M. Casas, Evaristo Correa Calderón, Álvaro das Casas e Fermim Bouça Brey, junta modernidade com a tradição medieval dos

Cancioneiros. Euxenio Montes abre caminho no moderno ensaio estético. Rafael Dieste, influenciado pelo modernismo europeu. Realça a criação do Seminário de Estudos Galegos com ajuda da emigração galega na América. Ramon Outeiro Pedraio reconstrói a participação da Galiza nas contendas civis na Espanha do século XIX e escreve acerca da geografia galega. Eduardo Blanco Amor, delicado poeta, é talvez o mais alto dentre os escritores transatlânticos da emigração galega.

Em 1936, com a expectativa de governos autónomos a brilhante literatura galega estava à vista. Mas infelizmente, a Guerra Civil e o seu rescaldo de opressivo centralismo e **sangrenta repressão** da vida cultural da Galiza causou um dramático, porventura temporário, cese do seu brilhante desenvolvimento.

A LITERATURA PORTUGUESA POR EGDC EM 1947

A primeira edição do *Columbia Dictionary of Modern European Literatura* publica-a Horacio Smith, General Editor of Columbia University, em New York, em fevereiro de 1947. Portanto, antes de essa data é quando EGDC trabalha e escreve as verbetes publicadas no dito *Dictionary* relativas à Literatura Portuguesa e autores portugueses: Abel Botelho, Camilo Castelo Branco, Eugénio de Castro, João de Deus Ramos, Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Guerra Junqueiro, Magalhães Lima, Wenceslau de Moraes, António Nobre, Oliveira Martins, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Literatura Portuguesa, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Teixeira de Queiroz e Trindade Coelho.

De **ABEL BOTELHO** destaca o seu temperamento predominantemente visual, o seu grande poder de observação e o seu talento como pintor de paisagens e o seu trabalho como romancista nas series denominadas *Patologia Social* que começam com o *Barão de Lavos*, um exemplo de determinismo psicológico-sexual ou de fatalismo casual. *O livro de Alda* acerca da prostituição e a corrupção social, *Amanhã*, acerca das lutas proletárias e *Os Lázaros*, também fazem parte da *Patologia* que chocaram o público do seu tempo.

CAMILO CASTELO BRANCO foi, segundo EGDC, a primeira grão figura da ficção portuguesa. Como filho ilegítimo de um amor

romântico, a sua vida foi destinada a ser uma corrente tumultuosa de paixão, acrescentada por uma psicopática constituição. Produz uma brilhante, desigual e desorganizada obra. EGDC descreve a sua personalidade pormenorizadamente para explicar o seu suicídio. Autor de um cento de obras, grão admirador de Balzac: *Onde está a felicidade, Um homem de brios e O que fazem as mulheres*, são os seus primeiros romances de fama. Foi preso por adultério e na prisão escreveu *Amor de Perdição*, o mais maravilhoso dos seus trabalhos. Em *Novelas do Minho* dá uma visão objetiva do rural primitivismo. Reage contra o realismo de Eça de Queiroz parodiando-o em *Eusébio Macário* e *A Corja* envolvendo-se numa violenta polémica contra a nova tendência que acabará aceitando em *A Brasileira de Prazins*. EGDC compara-o com Balzac e Galdós pela alta significância do seu trabalho – cinquenta e oito novelas. Para CCB, “o amor é o motor da personalidade humana”. Destaca de CCB a sua verosimilitude e naturalidade na representação da vida do Norte, do Minho. Tenta explicar as causas do suicídio com pistola de CCB.

EUGÉNIO DE CASTRO, morto em 1944, pouco tempo antes de EGDC escrever a verbete em que lhe atribui um grão talento verbal, engenho e intenso temperamento poético contra a servidume político-social da poesia portuguesa com a sua clamorosa oratória; um renovador da expressão dos média. No seu primeiro grito de revolta, após regressar da França, *Oaristos* (1890), proclama no prefácio a sua rebelião contra a pobreza franciscana da poesia portuguesa, oferecendo uma poesia de aristocrático e formal esplendor, polifónica e rica em imagens. Castro revive aquilo de arcaico, aristocrático e litúrgico do vocabulário repleto de brilhantes e magníficas imagens acompanhado de uma nova representação tipográfica. Qualifica a Castro de virtuoso não apenas no emprego das palavras mas também nas inúmeras possibilidades de manipulação ou tratamento musical e visual. Destaca dele que em 1896, de regresso à França, foi proclamado líder do simbolismo português num banquete no seu honor presidido por Catulle Mendes que o identifica com os mais senlheiros do movimento artístico internacional, através de críticos franceses e italianos. Influenciou

o modernismo espanhol e hispano-americano para ser o mais conhecido e traduzido poeta português. Acrescenta “Mas baixo o simbolista, o amante das opulentas graças Parnasianas, o devoto do cosmopolitismo e arte internacional, ali palpita um espírito à vez profundamente português e clássico”. Evolui para os clássicos. Castro conhecia, admirava e traduzia autores clássicos gregos e latinos, também Goethe. Muda para a corrente de tradição nacional poética, *Sagramor* (1895) contrasta com *Belkiss* (1894) de sumptuosa linguagem asiática, a peregrinação amorosa da Rainha de Saba através do utópico e legendário Oriente. *A Nereida de Harlem* (1896), *O Rei Galaor* (1897), *Salomé* (1896), mostram a pompa das suas temperãs maneiras. *Saudades do Céu* (1899), que indica preocupação nacional, precede o poema *Constança* (1900). A identificação de Castro com a amorosa e triste alma de Portugal e a sua paisagem através da crepuscular figura da desdenhada rainha, rival de Inês de Castro, é completa. *Constança*, segundo Unamuno, é “o símbolo do próprio Portugal”. Continua o seu velho gosto pelo Parnasianismo em *O Anel de Polícrates* (1907), *Camaféus romanos* (1921) com preferência de temas da nacional Idade Média, *Os Cavaleiros das Mãos Irresistíveis* (1916). A fase final de Castro é uma definitiva devoção pelos temas populares e nacionais, para o Neo-Garrettismo que António Nobre iniciara em 1892. As últimas obras cantam as tristezas e alegrias da vida familiar com uma resignada e indulgente tristeza cristã. A Castro se lhe deve a dignidade da poesia portuguesa, a completa renovação dos instrumentos poéticos para além do reconhecimento no mundo latino, dar voz e prestígio internacional à POUCA CONHECIDA literatura portuguesa contemporânea.

JOÃO DE DEUS RAMOS: De João de Deus Nogueira Ramos, nascido no Algarve em 1880, poeta e pedagogo, de extraordinária popularidade, de culto popular, que se proclamou socialista em 29 de agosto de 1880 no jornal *Cruz do Operário*, EGDC escreve que fez parte da Geração de Coimbra que teve muita importância na história da recente literatura portuguesa. Um produto do romanticismo, um intransigente inconformista e um mítico rebelde, identificando-se com a nova revolta e exercendo muita influência sobre muitos dos seus seguidores. Por volta de 1860,

Antero de Quental tinha proclamado o seu grão valor artístico. Muitos dos textos de João de Deus serão recolhidos por Teófilo Braga em 1893 num volume intitulado *Campo de Flores* que o poeta dedica “aos seus contemporâneos da Universidade de Coimbra”. Em 1868 é eleito deputado no Parlamento sem muita convicção e abandona o cargo. Casou e os seus anos de pobreza começam. Encerrado num sótão, trabalha numa máquina de coser para ajudar a sua esposa, compõe versos a comissão para confeitarias ou festas rurais e fez os piores trabalhos para os editores de livros, carente da energia para procurar uma posição e deixar a sua casa. *Flores do Campo* tem sucesso mas a pobreza continua. Em 1875 publica *Folhas Soltas* [Rosalia de Castro publicou em 1880 *Folhas Novas* com poemas escritos dez anos antes] e o mesmo ano abandona a poesia para dedicar-se ao apostolado da alfabetização popular a meio da sua *Cartilha Maternal* que ele próprio escrevera, sendo adotada oficialmente em 1888. Em 1896, é objeto de uma grande homenagem no seu fogar onde vivia em semipobreza. Antes de acabar esse ano morre, modesto, sorridente e gentilmente como tinha vivido. Antes de Quental e da Questão Coimbrã, eis a sua importância, tinha já se afirmado como poeta lírico. Revitalizou, renovou... Numa verdadeira sinfonia de palavras criou a nova metafísica do amor. Uma sucessão de imagens expressa as iridescências da emoção lírica. Eça de Queiroz referencia os seus dous interesses, mulher e divindade: Amor e Misticismo. A mulher nunca causou nele desassossego erótico, foi capaz de transformar a emoção de voluptuosa origem em maravilhosa beatitude de pura contemplação. A sua obra é uma síntese do melhor lirismo português. Combinou a veia tradicional dos *Cancioneiros* com o Renascimento do Neoplatonismo e o natural fluxo de poesia popular e assim produz o lirismo mais puro da poesia portuguesa desde Camões. (Fontes: Teófilo Braga, A. F. G. Bell, E. de Castro).

JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIROZ, para EGDC, o indiscutível mestre do romance, nascido em Povia do Varzim, Minho, que estudou direito em Coimbra amigo íntimo de Antero de Quental e um destacado membro da Geração de 1865. Não toma parte ativa na Questão Coimbrã ou na luta estudantil mas participa nas

Conferências Democráticas do Casino de Lisboa em 1871. Em 1869, assiste à abertura do Canal de Suez, viajando pelo Oriente. Em 1870, administrador municipal em Leiria. Integrado no corpo diplomático, embaixador em Cuba (1873-1874), em Londres (1874-1888), em Paris (1888-1900). O seu primeiro trabalho, *Prosas Bárbaras*, apresentado numa nova linguagem provocativa, afrancesada, galicista, torcida e nebulosamente lírica. Dentre 1871 e 1883, publica com Ramalho Ortigão a revista mensal *As Farpas*, “um monumento de criticismo e... da história social do seu tempo e país”. Em 1875, publica *O Crime do Padre Amaro* contra a corrupção do clero, resultado da sua estadia em Leiria. Amor sacrílego numa significada atmosfera provinciana. Publica *O Primo Basílio* em 1875. *Os Maias*, em 1880, onde o grão mundo das finanças, religioso e literário é descrito com profundidade e acrescentada ironia. *O Mandarim* (1880). *A Relíquia* (1887), um sólido episódio da hipocrisia religiosa. *Suave Milagre* (1891). A sátira religiosa é apenas um aspeto do seu essencial portuguesismo, de “um pobre homem da Povia de Varzim”, como ele se define. *A Ilustre Casa de Ramirez* (1900). *A Cidade e as Serras* (1901), um canto à Natureza e as cousas singelas. *Lendas de Santos* publicadas em 1911 em *Últimas Páginas*. *Correspondência de Fradique Mendes* (1900). A ironia foi o jeito de analisar a realidade para Eça. É um mestre na criação de inesperadas relações entre as cousas, um implacável enunciador do incomodo ou molesto contraste entre a aspiração e a realidade do ser humano. Mesmo assim a sua ironia é diferente da de Bernard Shaw ou Anatole France, ironia menos corrosiva, menos cruelmente refinada. Para o seu particular arte, Eça necessitou um novo instrumento dúctil e complicado. Tinha de renovar a estrutura da linguagem e de facto começou a grandiosa revolução que a prosa portuguesa experimentou em toda a sua história. Rompeu com a longa sentença oratória, a retórica, tão querida do ouvido Peninsular, unindo termos em novas e subtis combinações e englobou numa linha toda uma série de insinuações produto de paciente observação e síntese. Unindo elementos abstratos com imagens concretas e destilando sugestões metafísicas em lírica expressão, acertou a criar um estilo em que a fantasia e a realidade

constantemente se confundem. Eça tem uma rara intensidade de expressão. Vítima de “perfeccionismo” troca uma e outra vez a sua ideia, sempre insatisfeito, na procura da ideal, infável nota. Consegue desenvolver uma nova estética numa nova linguagem. Revelou um outro mundo de vagos conceitos a existirem no subconsciente. A capacidade de Eça para resumir uma totalidade observada numas poucas linhas é comparável à de Maupassant. Eça lamenta não ter alcançado cada “sublime nota de eterna realidade” de Balzac ou “a exata nota de realidade transitória” de Flaubert, mas de facto, por vezes, alcançou ambas qualidades e sugestões e também o vigor de Zola, a caricaturada ternura de Dickens, a suculenta humanidade de Thackeray e a aristocracia mental de Renan. Como jornalista e nas suas cartas evidenciou-se como um grande observador da vida e a cultura de fim de século (XIX). Foi traduzido para muitas línguas europeias e a sua influência na Península e no mundo hispânico está agora a ser estudada como se merece. (Fontes: 1914, 1920, C. Ramallete, 1942 e João Gaspar Simões, 1945).

FIALHO DE ALMEIDA (1857-1911), alentejano, começa estudos em Lisboa tendo que trabalhar como empregado de farmácia e com muitas dificuldades e privações consegue o seu diploma de médico, profissão que abandona pelas atividades literárias. Começa a ser conhecido pela suas campanhas políticas contra a monarquia que alcançam grande popularidade. Em 1889 publica *Os Gatos*, revista mensal dedicada à vida portuguesa e editada exclusivamente por ele. Esta vem a continuar *As Farpas* (1871-1883) revista em que Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão fustigavam as debilidades da mesma sociedade. *Os Gatos* lançam inexoráveis ataques contra as instituições e a pessoa do rei e seus ministros trocando o delicado humor de *As Farpas* por agressiva e difamatória violência. *Os Gatos* é a pessimista reação de um temperamento apaixonado que não vê mais nada do que uma sociedade em ruínas que só inspira aversão, ódio e desprezo. [Em *Os Gatos*] Há falta de fé reformista e social didatismo de Ramalho mas há inesquecíveis páginas de jornalismo crítico e descritiva prosa. Em *Pasquinadas* (1890), *Vida Irónica* (1892), *A Esquina* (1903) e outros livros de crítica e jornalismo a mordaz sátira de

Fialho agitou a vida do seu tempo com o seu ácido comentário, à vez, grosseiro, vulgar, plebeu e aristocrático. A sua iniciativa literária coincidiu com o triunfo do realismo ao que adere embora no seu trabalho fiquem muito romântico desordem sentimental e subjetiva expansividade. Se a isto acrescentarmos o materialismo, resultado da sua formação médica, e a amargura e estreiteces da sua vida consumida às vezes na companhia de um insano irmão, um entende melhor a corrosiva personalidade do autor. O seu trabalho literário está feito de várias coleções de histórias: *Contos* (1881), *A Cidade do Vício* (1882), *O País das Uvas* (1893). Ele não estava interessado na alma nas nos instintos; um uniforme, elementar primitivismo permeia toda essa narrativa. Na sua versão naturalista da vida rural, Fialho representa a extrema reação contra a falsamente idealizada visão do romanticismo. O seu mérito literário acha-se na sua capacidade para apreender a fisionomia plástica das cousas. O elevadamente energético estilo da sua prosa e a quase brutal qualidade para descrever a cor revelam uma hipersensibilidade cromática. Ele recorre à distorção sintática no seu veemente desejo para entregar em toda a sua riqueza a sensação pictórica que os seus olhos podiam ver. Ele intercala galicismos nos seus escritos aquando o matiz desejado estava a faltar na vernácula [língua] e arguia a necessidade de superar com contribuições neo-latinas a rigidez e inadequação da velha linguagem portuguesa. A sua influência nas modernas letras portuguesas em este e outro caminhos tem sido extensa. Em *O País das Uvas*, ele tem dado em possante e palpitante estilo, uma deslumbrante e luminosa visão da gente e do campo do seu distrito nativo, o Alentejo. O desterro foi o amargo final da sua vida. A hábil adulação do ditador João Franco tinha-o abrandado até fazer dele um fervoroso partidário; aquando este regime caiu, encontrou-se cercado e isolado numa hostil atmosfera. Foi para a sua província e desde ali foi para Cuba [Beja] onde morreu em 1911. Fontes: Cláudio Basto (1917), Castelo Branco Chaves (1923), A. Forjaz de Sampaio (1924).

ABÍLIO GUERRA JUNQUEIRO (1850-1923), nascido em Freixo de Espada à Cinta (Trás-os-Montes) filho de prósperos agricultores. Em 1868 matriculou-se na Universidade de Coimbra:

Chegou num revolucionário momento e integrou o grupo conhecido como Geração de Coimbra do que chegou a ser um destacado membro. Antes dos vinte anos já tinha publicado alguns dos seus escritos e nesse tempo em que entrou na Universidade apareceu *Batismo de Amor*. Já tinha mostrado opulência verbal, notável flexibilidade métrica e uma certa oratória e grandiloquente retórica tendência. Obtido o seu diploma, Junqueiro foi empregado na administração do governo. Mais tarde identificou-se com o movimento republicano e levou uma violenta campanha contra a monarquia e a igreja. Madurou artisticamente na devoção ao Hugo da *La Légende des siècles* para se tornar o mais típico e verdadeiro representante da poesia social e liberal do realismo português. Ele foi um de aqueles que resgataram a poesia portuguesa das estagnadas águas de um exausto romântico-Arcadiano lirismo. Em 1874 foi publicado o trabalho que consagrou a sua reputação, *A morte de D. João*, uma coleção de poemas sem grande continuidade mas unidos pelo eterno tema da sedução da qual ele faz o símbolo da corrupção social, um produto do sentimentalismo romântico. Nesses poemas líricos e satíricos o personagem principal é grotescamente aviltado. Fica reduzido a um extremo estado de pauperismo e é feito para morrer num beco, débil e doente. Junqueiro foi imediatamente acusado de degradar a poesia e tomar os temas dos seus versos das cloacas, do hospital e do bordel. Ele retorquiu que as bases para uma nova poesia estava na ciência e não em transportado lirismo romântico e explicou os princípios da sua estética. A Arte deve exprimir os resultados da ciência; deve ser progressiva e ajudar a dar “uma metódica e definitiva ideia” do universo, o seu objetivo final – a justiça. Tudo o que se opor à justiça poderia ser simbolizado no D. João como corrupção e em Jeová como tirania. O escândalo moral provocado por *A morte de D. João* foi seguido em 1885 pelo escândalo religioso de *A velhice do Padre Eterno*. Com a mesma virulência com que tinha atacado a libertinagem personificada em D. João assalta a figura de Jeová. A Igreja, o fanatismo religioso, a intolerância são os alvos desses poemas caracterizados por uma furiosa mordacidade, em versos de melodiosas ressonâncias e de extraordinária dupla riqueza de ritmos e imagens. Em ambos os

trabalhos ele definitivamente incorporou prosa na poesia e introduziu elementos que até então tinham sido considerados fora do reino do poeticamente belo, uma reação extrema contra o fastidioso decoro da poesia reinante. No gosto pelo repulsivo e desagradável há um satânico elemento, reminiscência de Baudelaire mas o grande modelo é Hugo, desde que Junqueiro adotou o alexandrino para o aclimatar a Portugal. No ensejo do ultimátum inglês de 1890, a lira de Junqueiro dá expressão à indignação nacional em *Finis Patriae* (1891) e *Pátria* (1896), ambos cheios da fúria provocada pela humilhação do seu impotente país nativo. A amargura, a visão liricamente apaixonada da queda nacional e a acusação contra o alegadamente culpado elemento, a dinastia, fornecem um exercício poético do negativismo histórico de Oliveira Martins. *Pátria* foi lida avidamente e a sua misteriosa e fantasmal atmosfera, o sinistro simbolismo de alguns dos seus caracteres nomeadamente O Doido, personificação da passada glória portuguesa e o seu messiânico pessimismo causam profunda impressão. Certas técnicas características do seu libelo lírico, as simbólicas repetições, as mórbidas cadências, tiveram uma notável influência em muitos dos poetas que seguiram. A Arte de Junqueiro essencialmente pictórica e descritiva alcança o seu apogeu em algumas das páginas de *Pátria*. Em 1892 a publicação de *Os simples* marcou uma nova fase no seu trabalho. Aqui, em concordância com os impulsos da nova geração, abandona os temas sociais e filosóficos e com uma mais intimamente contemplativa atitude vira a sua atenção para os objetos e humildes almas da vida rural portuguesa. Mesmo assim esforçou-se para perceber por sistemáticos processos a essência da evolução do mundo que o rodeava. A sua obsessão científica, que nunca perde, conduziu-o a escrever uma místico-filosofal poesia de carácter alegórico em que tentou transladar poeticamente os postulados do naturalismo científico e impartir expressão lírica aos descobrimentos de laboratório. O resultado pode ser visto em *Oração ao pão* (1902) e *Oração à luz* (1904), as suas últimas produções estimáveis. Imediatamente após a proclamação da República (1910) Junqueiro é enviado à Suíça como embaixador. Ali compus um ensaio, *Notas sobre a Suíça* (1911) que é o seu

melhor trabalho em prosa – mais tarde incluído em *Prosas dispersas* (1921). Os últimos anos da sua vida durante a qual experimentou uma evolução místico-cristã, retirou-se exausto na sua propriedade em Barca d'Ávila. Nesta fase que foi denominada Tolstoiana, dedicou-se ao cultivo dos seus vinhedos e a experimentos radiológicos.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA (1857-1936), nascido em Aveiro, novelista, dedicou-se a questões políticas e sociais e viajou extensamente. A sua formação literária foi dentro da tradição da escola do realismo e foi amigo das mais destacadas figuras deste movimento. Os seus escritos começaram tarde porém quando novas influências, tal como as da Rússia e a Escandinávia, vieram a ser introduzidas no romance. Contou-se com ele para incorporar a primeira dessas tendências no romance português. Foi assim atraído pelas doutrinas de Leão Tolstói, escritor que ele visitou na Rússia para popularizar as suas ideias em livros e artigos. *O transviado* é a primeira tentativa em Portugal no campo das teses místico-realistas do romance; nas suas páginas o instinto de penetração psicológica aumenta a sua qualidade e interesse. Mais tarde escreveu outros romances e histórias do mesmo evangélico e e humanitário tipo – *O sonho da perfeição* (1901), *Na paz do senhor* (1903) e *Reino da Saúde* (1904). O seu trabalho é primordialmente de interesse porque representa a introdução desta nova modalidade no romance português moderno.

WENCESLAU DE SOUSA MORAIS (1854-1929), nascido em Lisboa. Em 1871 embarcou-se na Marinha portuguesa para fazer carreira militar chegando a capitão. Navegou até ao Extremo Oriente e ficou tão fascinado que decidiu abandonar a vida ocidental. Primeiro consegue o posto de Cônsul de Portugal em Kobe, mais tarde porém abandona-o para penetrar melhor a vida do país. Fez do Japão, paisagem, vida e sentimentos, o único tema dos seus escritos e nisto foi o mais característico representante do “Japonismo” português contemporâneo. Esta corrente literária é totalmente independente da influência de Pierre Loti ou de Goncourts; pelo contrário, está a ser considerada como uma continuação da tradição da cultura lusitana que começa no XV século. Morais, que viveu no Japão o duplo de tempo do que

Lafcadio Hearn, transformou a sua vida num apaixonado esforço para identificar-se com a alma japonesa. Em 1895 publicou *Traços de Extremo Oriente* em que os mais característicos contornos da vida em Siam, China e Japão são retratados com grande serenidade de visão. Japão ocupa uma grande parte do seu espaço, e único sentimento, a alegria do autor do descobrimento e o seu desejo de mergulhar nesse exótico mundo. O trabalho *A obra que se segue, Dai-Nippon* (1897), revela um viajero de alargada visão, comprometido na exaltada interpretação das mais individualistas peculiaridades do espírito japonês, na procura da sua feliz fusão com o dito espírito. Mais tarde publicou *Cartas do Japão* (1904-1905) em que esboça para Portugal o ponto de vista japonês no conflito com a Rússia. Durante este período, após o seu casamento budista, a sua compenetração com a alma japonesa é muito profunda. Aparece então *O Culto do Chá* (1905) e *Paisagens da China e do Japão* (1906) em que o autor continua com um mais controlado estilo, a interpretação de Dai-Nippon. Finalmente, na sua velhice, revelou a melancolia do ocidental desiludido após a impossível aventura de tentar assimilar-se com o inescrutável Oriente. *Bon-Odori em Tokushima* (1918) e *O Yoné e Ko-Haru* (1923) são os frutos do seu infeliz tardio estado de espírito. Em 1926 publicou *Serões do Japão e Relance da Alma Japonesa*. Em 1928 apareceu a terceira série de *Cartas do Japão* e no ano seguinte o autor morreu em Tokushima. Fontes: F. de Figueiredo (1929) e O. Cesar (1937).

ANTÓNIO NOBRE (1867-1900). Poeta nascido no Porto, consumiu a sua infância na companhia de camponeses e pescadores. Em 1888 matriculou-se em direito em Coimbra mas fracassou no primeiro ano. Falto de disciplina mental, acompanhava-o uma doentia constituição. Dedicou o seu tempo à poesia com o objetivo de ser “Bacharel Graduado em Ilusões pela Universidade de Chimaera”. Viajou a Paris para estudar ciências políticas e leis, estabelecendo-se no Bairro Latino e, sofrendo de tuberculose e também nostalgia pelo seu Portugal de mar e campo, alternou seus estudos com a poesia. Em 1891 visitou a Alemanha e no seguinte ano tinha publicado em Paris uma coleção de poemas escritos entre 1884 e 1892 com o título *Só*. Isto foi a lírica

biografia de um espírito doente atormentado pelo desejo de viver. O próprio autor alerta os seus compatriotas contra “o mais triste livro de Portugal”. O livro de facto despertou simpatia e entusiasmo e chegou a exercer poderosa influência na poesia portuguesa contemporânea. Uma tropa de imitadores apareceu, idólatras do “Sósismo”. Então Nobre começa a sua errante e dramática peregrinação na procura de melhores climas lutando contra a doença que o consumia, com o pressentimento do fim. Em 1895 viaja à Suíça onde canta as benéficas montanhas de esse país e aos EUA (1897) e finalmente encontrou refúgio nas Ilhas da Madeira (Arquipélago) (1898) onde a sua doença piorou. Oprimido por uma insaciável ânsia de viajar, na procura de descanso, regressou à Suíça em 1899 e finalmente, perdida toda esperança de recuperação, para Portugal onde morreu em Foz, no cenário da sua infância à idade de 33 anos. A morte de Nobre acrescenta o seu renome. Dous anos após o seu irmão publica *Despedidas*, uma coleção de poemas escritos desde 1893 a 1899. A obra de Nobre como a de Eugénio de Castro, representam na poesia portuguesa, o regresso, seguindo o realismo, à pureza artística e íntima da subjetividade. Essencialmente um neorromântico, uma doente estética atraída pelas últimas formas da decadência – através das quais tinha herdado formas românticas; combinou este neorromantismo com o candor da alma infantil impregnada com dedicação aos elementos folclóricos portugueses. Nostalgia, acentuada pela doença, fez da vida portuguesa e da paisagem um dos elementos constituintes da sua arte. Este regionalismo, extremamente original na sua expressão revive a lírica portuguesa e dá nascimento ao movimento poético nacionalista. Dotado de uma notável capacidade para a assimilação tudo reduziu a uma acentuada forma pessoal de criação artística. A síntese de ingredientes tão diferentes como os elementos do folclore português e decadência produzem na sua obra, discerníveis num simples poema, atitudes alternativas de satanismo e rústico candor; os elementos místicos da raça aparecem fusionados com o delírio da neurose. O estilo, que segue esse contraste de doçura angelical e rebelião luciferina, conota uma tremenda falta de equilíbrio interior, um produto da mórbida

sensibilidade do sistema nervoso. Há um deliberado retorcimento da forma que dá uma realmente assombrosa variedade e flexibilidade das combinações métricas desde as quais deriva o incrível jeito do poeta. Nobre deliberadamente despreza os costumes rítmicos estabelecidos e as leis sintáticas e utiliza o incoerente para produzir essa sensação expressiva do inefável procurada pelo poeta. Um encontra uma pouco menos que inacreditável riqueza de imagens as quais, devido a uma extraordinária associativa plasticidade, abrem um novo metafórico ciclo na poesia portuguesa contemporânea.

A obra de Nobre marcou um regresso ao simples folclore e ao irracional, misterioso e messiânico pessimismo quiçá o substrato básico da alma portuguesa. A sua dolorosa e desesperançada cantiga no soneto “Ao cair das folhas” é o mórbido prazer de antecipação da morte. Nos pouco publicados fragmentos do seu poema épico “O Desejado”, associa dramaticamente a destruição da sua vida física com o desastre de Alcácer-Quibir; El-Rei D. Sebastião é simplesmente o símbolo do desmoronamento das suas ilusões. O coletivo grito de renúncia de “Lusitânia no Bairro Latino” tem provocado Le Gentil para lhe chamar “o grão mestre do desencorajamento”. Fontes: A. da Veiga Simões (1904); Visconde de Vila-Moura (1905); Castelo Branco Chaves (1932).

JOAQUIM PEDRO DE OLIVEIRA MARTINS (1845-1894). Historiador nascido em Lisboa. O seu pai morreu aquando ele tinha dez anos e foi forçado a abandonar os estudos em tão temperã idade para trabalhar em negócios e ajudar a família. Em 1870 foi à Espanha onde permaneceu quatro anos regentando uma mina na província de Córdova. Regressou ao Porto onde primeiro foi empregado e depois diretor da Companhia dos Caminhos de Ferro até 1888 em que foi para Lisboa. No Porto foi amigo íntimo de Antero de Quental e estabeleceu ligações com o Grupo de Coimbra. Este teimoso autodidata formado em infatigável estudo pessoal, aceitou asinha as reformas do realismo coimbrão. Na sua juventude ele tinha simpatizado ativamente com o republicanismo e mesmo escreveu acerca da doutrina socialista mas mais tarde abandonou esses pontos de vista como outros membros do Grupo de Coimbra face o apaixonado negativismo da propaganda

republicana. Influenciado por escritores alemães tornou aderente do monarquismo com o objetivo de tentar a restauração nacional dentro da estrutura do regime existente. Isso visualizou através da ditadura económica e o centralismo cesarista, em apoio à autoridade real. Estas aspirações conduziram-no à política ativa e foi deputado em 1887 e secretário do Tesouro em 1892 embora fracassara no seu propósito político. Viajou à Espanha e outras partes da Europa representando a Portugal em vários congressos e ocupou diferentes cargos oficiais e honorários. Começou a sua carreira literária com um romance histórico, *Phebus Moniz* (1867), mais tarde retirado do mercado, e uma trilogia histórica em prosa e em verso mas cedo abandonou a literatura imaginativa para dedicar os seus esforços a escrever história. Planeou uma extensiva obra histórica internacional e nacional projetada sobre bases sociológicas e antropológicas que quase completou. Perpetuou a atitude de Herculano e marcou uma saudável, talvez demasiado excessiva, reação contra o ilusório otimismo da grandeza nacional de um passado histórico, a atitude oficial na altura. Uma revisão dos valores tornava-se imperativa. O realismo foi o confronto do louvor romântico das passadas glórias com a decadência do momento. Antero de Quental fez abalar a glória do passado com a leitura da sua conferência no Casino de Lisboa e Oliveira Martins seguiu-se o mesmo caminho. Representou em Portugal a crítica da tradição histórica realizada mais tarde em Espanha pela Geração do 98, sobre a qual exerceu notável influência. Nem a sua agitada vida social nem o seu temperamento eram adequados para a lenta e laboriosa tarefa de investigação e acumulação de materiais. Utilizou materiais de outros desde os quais extraiu e selecionou os dados que seriam mais tarde passados através da peneira da sua fina sensibilidade e ordenada inteligência. Deste modo foi capaz de criar uma obra de reconstrução artística, de revitalização integral do passado à maneira de Michelet mas mesmo com grande intensidade lírica. Este é um trabalho caracterizado por luminosas sínteses mas também, às vezes, por precipitadas e arriscadas generalizações. Não foi, estritamente falando, um historiador mas um homem de letras, um poeta ou dramaturgo dedicado à história – “um grande artista histórico” na feliz frase de Menendez Pelayo.

Foi Oliveira Martins quem iniciou o Peninsular ponto de vista nas concepções histórico-políticas. O realismo do que fora pouco aliado tinha adotado uma atitude cosmopolita como reação contra o nacionalismo romântico. Mas este cosmopolitismo francófilo ou germanófilo estava ainda caracterizado por ignorância da Espanha ou preconceito contra essa nação. Oliveira Martins tomou uma valente posição em favor da profunda unidade da civilização peninsular, uma que poderia transcender momentâneas vicissitudes. Seguindo o Tratado Inglês de 1890, que o conduziu para uma campanha colonial narrada em *Portugal em África* (1891), tem êxito ao fazer do Iberismo as bases da sua ação política. A sua permanência na Espanha e o seu conhecimento de esse país indubitavelmente o influenciou na sua tentativa de aproximação política em que pretendeu substituir a tradicional aliança inglesa – enfraquecida pelo ultimátum – por uma outra com a Espanha. Em 1875 fundou com Quental a *Revista Occidental* para promover uma comunidade de interesses e colaboração entre os dous povos e com as repúblicas hispano-americanas. A influência de Oliveira Martins foi muito profunda. A sua sistematização histórica nacional efetuada através de uma subjetiva interpretação em vez de limitar-se à simples recordação; a elaboração de uma definitiva e completa base para a julgar; a sua teoria peninsular – tudo isso foram coisas novas em Portugal. O seu sucesso é facilmente explicável se acrescentarmos um vigoroso estilo, um pouco como o de Taine, uma poderosa plástica e psicológica imaginação e um extraordinário talento como narrador literário. Porém, tais qualidades amiúdo levaram-no ao impressionismo e o seu trabalho, ardentemente pessoal, é menos sólido do que a sua filosofia histórica. Fiel à sua tradição hegeliana, mostra um escrupuloso respeito pela verdade que retrata desde todos os ângulos e apresenta mesmo em contraste com as suas opiniões pessoais. A sua avaliação da história de Portugal é dolorosamente negativa. O seu propósito foi “derrubá-la desnuda de patrióticas ilusões e fantásticas quimeras... numa impessoal e objetiva maneira”, porém, vítima do pessimismo nacional de toda a sua geração, viu o passado nacional à triste luz das pinturas de Goya. Na sua brilhante e corrosiva prosa resumiu os oito séculos

de desenvolvimento nacional português como uma massa de abjeções e misérias e a grandiosa épica dos descobrimentos e o Império Oriental como um montão de infâmias entrelaçadas com pilhagem e simonia. A sua primeira obra histórica foi *O helenismo e a civilização cristã* (1878) seguida em rápida sucessão de *História da civilização ibérica* (1879), *História de Portugal* (1879), *Portugal contemporâneo* (1881), que ele próprio denominou “um triste trabalho” e que é a verdade *de profundis* da nacionalidade portuguesa – e *Brasil e as colónias portuguesas* (1880). Desde 1880 até 1885 produziu uma série de trabalhos acerca da antropologia histórica universal, sociologia e cronologia e em 1889 tornou à história nacional com *Portugal nos mares*. Desde esse momento o carácter biográfico do seu anterior trabalho foi claro; daqui em diante distinguiu-se com históricos retratos e foi um experto na caracterização psicológica de personagens, grupos e períodos. Apareceram então *Os filhos de D. João I* (1891, traduzido ao inglês como *The Golden Age of Prince Henry the Navigator, a Idade de Ouro do Príncipe Henrique o Navegante*), *Vida de Nun'Alvares* (1898) e o único capítulo do *Príncipe perfeito* – publicado postumamente em 1895.

Aquando deixou o governo em 1892 fez uma viagem à Inglaterra e escreveu *A Inglaterra de hoje*, uma apreciação da sociedade britânica dominada por uma confessada anglofobia. Durante a sua última viagem à Espanha pouco antes da sua morte, escreveu uma série de impressões intituladas *Cartas peninsulares* (1895), também publicadas postumamente. Ao lado do seu trabalho como historiador deixou um grande número de livros e tratados de muito interesse relativos à literatura, economia, política e agrarismo. Fontes: Teófilo Braga, *As modernas ideias na literatura portuguesa* (1892); F. de Figueiredo (1929).

ANTERO TARQUÍNIO DE QUENTAL (1842-1891), nascido em Ponta Delgada, Açores, numa família fidalga de tradições liberais e literárias. Em 1858 foi a Coimbra para estudar direito. A universidade da altura era um centro de revolta e de fermentação de novas ideias. Grandioso e gentil, uma magnética personalidade, com o seu dourado e resplandecente cabelo e barba, liderou a revolta dos estudantes contra o medieval bizantinismo da

universidade e tornou guia de um grupo de inquietos espíritos que, como a Geração de Coimbra, fora destinado a renovar o espírito da literatura portuguesa. Em 1861 fez a sua aparição como poeta com a publicação de um volume de poemas, *Sonetos de Antero*, que revela uma arte de primeira qualidade. No prefácio esboça a teoria do soneto, para ele um veículo de puro lirismo, e urge a reabilitação desta disciplinada forma métrica, então fora de estilo, como vínculo à tradição de Camões. No decurso de vinte e cinco anos de árdua produção poética, fez o melhor da sua obra em forma de sonetos. Em 1863 aparece *Beatriz*, um poema pleno de amoroso idealismo, mostrando a influência do novo lirismo de João de Deus. Este poema foi incluído mais tarde numa coleção de primeiros trabalhos, *Primaveras românticas* (1871). Esse mesmo ano (1863) produziu *Fiat Lux*, destruído quase logo que foi impresso – de facto Quental, um espírito essencialmente sincero e independente, livre de toda ambição artística, para quem a poesia era uma necessidade expressiva imediata, destruiu mais da sua obra do que os seus amigos foram capazes de salvar e publicar. Destruíu uma grande parte dos seus versos de veia romântica aquando, em 1865, entrou na fase revolucionária de *Odes modernas*, constituídas por uma peculiar aliança de naturalismo hegeliano e social-humanitarismo francês. Com esta coleção extremamente original introduziu a poesia de combate em Portugal; mais tarde também repudiaria isto como falso, reflexão ainda abertamente reconhecida que deixou escrita. Agora vem a famosa Questão Coimbrã. O jovem Antero era já conhecido fora da universidade aquando aconteceu a turbulenta polémica que dou a conhecer a incompatibilidade dos novos poetas com o exausto pós-romanticismo. Então o vigoroso polemista, o Antero dos panfletos contra Castilho, aparece. *Odes modernas* levava uma breve nota acerca da missão do poeta, deplorando a existência do divórcio entre a prolixa lírica pós-romanticista e a complexa magnitude da vida espiritual do século. Influenciado por Proudhon, Quental proclamou que a poesia seria a voz da Revolução. Em vez de ser um insignificante passa-tempo pessoal apresentaria os grandes problemas humanos, a metamorfose da civilização, e as inquietações da moderna consciência. O

filistinismo via tudo isto como uma extrema ousadia e as *Odes* foram qualificadas de monstruosidades e pedantaria metafísica.

Quental, nessa altura, tinha completado o seu trabalho na universidade mas permaneceu em Coimbra sem decidir acerca da sua carreira. Então começa essa luta de vontade que estava a ser o grão drama da sua existência. Uma vítima constante de angústia metafísica, somente na morte poderia encontrar alívio; iniciador de todos os movimentos espirituais no Portugal do seu tempo, dedicou-se com paixão momentânea a todos os seus ideais, para acabar finalmente na tragédia da neurose e a autodestruição. Começou o Iberismo em 1868 com a sua brochura *Portugal perante a revolução da Espanha* e mais tarde com Oliveira Martins fundou a *Revista ocidental*. Renunciou à sua posição social e foi a Paris como trabalhador tipográfico mas a desilusão e uma pobre saúde obrigaram-no a abandonar a sua ventura proletária. No veleiro de um dos seus amigos faz uma viagem aos EUA e Canadá. Tomou parte ativa na propaganda socialista e estabeleceu a rama portuguesa da Internacional. Em 1871 encontra-se de novo com os seus camaradas de Coimbra e organiza as “Conferências democráticas do Casino de Lisboa” para serem logo proibidas. O polido, satírico panfletário emerge mais uma vez na “carta” ao marquês de Ávila protestando pela suspensão. Em 1874 a neurose apodera-se dele de novo e abandona todo ativo empreendimento retirando-se a Vila do Conde. Neste retiro preparou com ajuda do seu fiel amigo Oliveira Martins a edição de *Sonetos completos* (1886) também como uma coleção de poemas para crianças; além disso a pedido de Eça de Queiroz escreveu três artigos acerca das tendências da filosofia contemporânea. Abandonou o seu isolamento somente em 1891 para encabeçar o movimento patriótico contra o ultimato inglês. Desanimado pelo fracasso desta ilusão final da sua vida ativa, parte para a sua ilha nativa; ali, uma sufocante tarde, acabou com a sua própria vida num parque público.

A obra de Quental manteve o ritmo da sua evolução espiritual. Tendo perdido a fé católica da sua adolescência, entrou numa fase de espiritualismo deístico. Mais tarde descobriu a Hegel e estava entusiasmado pela grandiosa síntese hegeliana que tentou

combinar com o humanitarismo democrático francês, evitando o problema da consciência na fé revolucionária. Mas asinha o seu naturalismo e tendência mística do seu espírito entram em conflito. Isso tentou reconciliar mas entrou numa fase de desolado pessimismo – agravado pela doença – que produz os “lúgubres” poemas salvados por Oliveira Martins. Finalmente pensou que tinha descoberto o equilíbrio interior numa otimista teoria da beatitude da virtude e santidade, uma sorte de budismo ocidental que ele denominou psicodinamismo ou panpsiquismo. Aquando perdeu a esperança do nirvana da placidez moral – refletido nos sonetos finais – procurou repouso na morte. Os seus sonetos são “a autobiografia do [seu] pensamento... memórias da consciência” que aspira a perceber o incompreensível e a expressar o inefável. O primeiro soneto filosófico apareceu em *Odes*, e em *Primaveras* há sonetos de amor, como há, também em *Raios de extinta luz* (1892), uma coleção de juventude publicada postumamente. A técnica estética de Antero é extremamente pessoal e consiste em alcançar a mais inapreensível abstração através da mais imediata experiência. A sua imaginação era abstrata e anti-pictórica. Os seus sonetos, na sua dupla qualidade estética e filosófica, evidenciam uma sóbria e luminosa arte caracterizada por uma profunda emoção e esculpida precisão clássica. Contrário à “arte para o bem da arte”, considerava a poesia não um fim mas uns “meios perfeitamente involuntários de satisfazer as suas necessidades de expressão”. Por causa da sua fraqueza de vontade, a sua produção foi desproporcionadamente pequena se compararmos com o seu poder criativo mas quanto a qualidade “não há na poesia portuguesa outro momento de maior intensidade após Camões”. A obra poética de Quental foi traduzida para as principais línguas da Europa e ocupa o seu lugar ao lado dos melhores poetas filosóficos universais. Os seus ensaios filosóficos, artigos, brochuras e trabalhos similares recolhidos em *Prosas* (1923-1931) oferecem, com as suas cartas, guias para o seu pensamento íntimo e sentimentos e são uma evidência da sua alta qualidade como prosista, um papel que tem sido escurecido pela grão estatura do poeta. Fontes: Teófilo Braga: *As modernas ideias na literatura portuguesa* (1892); “Antero de Quental” em *In Memoriam* (1896);

F. de Figueiredo: Antero (1942).

CAMILO PESSANHA (1871-1926), nascido em Coimbra. Graduado em direito, exerceu essa profissão; foi também professor de liceu em Macau, na China portuguesa. Um precursor do grupo modernista organizado em torno à revista *Presença* (1927), influenciou profundamente esses escritores. A sua extremada sensibilidade poética natural foi mesmo mais refinada através dos contactos com a literatura, a arte e a vida chinesa. Pessanha foi o primeiro escritor do seu tempo que começou a cultivar um puro e interior mundo poético rejeitando a inspiração emocional dos elementos da lírica nacional. Procurando a subtil expressão verbal do completamente subjetivo, iniciou formulações líricas de um mundo íntimo de sensações, do que é incoerente e fragmentário no domínio do psíquico a meio de símbolos que são igualmente elaborados e parciais. A desconexa expressão dos dissociados elementos da vida emocional, um método extensivamente utilizado pelos seus seguidores, a ansiedade para capturar num poema o vago, o fugaz para alcançar a revalorização da beleza das formas não como opulência mas como intensidade do poder expressivo, eis o que constitui a sua contribuição poética. Com exceção de um livro, *Clepsidra* (1920) a obra de Pessanha está dispersa em revistas. Escreveu em prosa história chinesa e assuntos artísticos e traduziu e comentou poesia chinesa, *Oito elegias chinesas*, publicadas na revista *Descobrimento*. Com Wenceslau Morais, ajudou a manter a muito antiga tradição orientalista da literatura portuguesa. Fontes: H. Cidade: *Tendências do lirismo contemporâneo* (1939).

FERNANDO PESSOA (1888-1935), nascido em Lisboa, passou a infância em África do Sul e recebeu educação na Cape Town University. É um destacado membro da primeira geração de poetas de século XX em Portugal, uma geração que começou propositadamente com o futurismo na revista *Orpheu* (1915) e desenvolveu amplamente com o grupo modernista representado na revista *Presença* (1927). Pessoa, um vínculo entre os dois movimentos, foi conspícuo e excessivamente influente – mesmo o pensamento dos seus escritos que não foram numerosos e estão dispersos em jornais.

O seu único livro, *Mensagem* (1934) distinguido com um prémio oficial não é típico da sua inclinação poética e representa apenas a faceta de patriota, messiânico, e irracional misticismo, que o vincula com a velha tradição Lusitana da ilusão do retorno do Rei Sebastião. O resto da sua produção é verdadeiramente significativa. Ele desdobra-se a si próprio projetado em quatro líricas personalidades, ele próprio e um trio caracterizado pela suas qualidades individuais – Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Não há pseudónimos mas são quatro entidades perfeitamente autónomas quanto à natureza e modos de expressão e o poeta os definiu psicologicamente e biograficamente. Através deles tenta dar forma a quatro facetas diferentes do seu ser. É difícil oferecer uma opinião acerca do significado final de esta polarização e dos limites de independência a separarem essas personalidades. A sua poesia, a qual, como essa sua geração, move-se nas áreas da vida interior, representando uma intelectualização da emoção interna. Ele é o maestro da lucidez intelectual no domínio da emoção mas baixo a aparente frieza do lirismo cerebral que à vez parece ser um jogo inteligente, um deteta uma energia sentimental que impele o poeta para a comunicação direta, para a libertação da expressão verbal e à sua vez para a irracional intuição. O seu instrumento poético é sensível ao fraco estímulo vindo do abstrato. A sua forma é clara, transparentemente condensada e, devido à sua precisão, quase analítica; a sua extrema sugestiva sensibilidade lembra Paul Valery. Fontes: A. Casais Monteiro: “*Introdução à poesia de Pessoa*”, *Bulletin des études portugaises*, vol. V (Coimbra, 1938).

JOSÉ DUARTE RAMALHO ORTIGÃO (1837-1915), nascido no Porto, filho dum professor, seguiu a mesma carreira combinando-a com jornalismo, crítica e literatura. Em 1886, enquanto editor do *Jornal do Porto*, tomou parte na polémica entre o pós-romântico e o realismo que foi conhecida como a Questão Coimbrã. Apesar da sua atitude julgadora, a sua crítica igualou a de Antero de Quental na sua brochura *A literatura de hoje* e provocou um duelo entre os dois em que Ramalho foi ligeiramente ferido. Mais tarde juntou-se ao grupo reformista e em colaboração com um dos seus distinguidos membros, o romancista Eça de

Queiroz, compus um romance detectivesco em forma de cartas para o *Diário de Notícias – Um mistério na estrada de Cintra* (1880) que causou sensação desde que o público acreditou se tratar de um acontecimento real. O mesmo ano, a sua coleção de relatos curtos apareceu. Mas o verdadeiro valor literário de Ramalho encontra expressão no seu trabalho jornalístico e livros de viagens mais do que em obras de ficção. Mais uma vez associado com Eça de Queiroz começa em 1871 a publicação de um jornal mensal, *As Farpas*, que continua a intervalos até 1883 e que foi exercer uma importante influência no realismo português. Tem-se afirmado que *As Farpas* têm a sua origem nas *Guêpes* de Alphonse Karr mas deve ser acrescentado que o seu carácter é diferente e mais rico e o seu âmbito de ação muito menos exaustiva. O jornal combina a fina ironia de Eça – cuja colaboração continuou até 1872 – com o equilibrado, sereno e fielmente didático espírito de Ramalho. Dedicado à elegância e à higiene – ambas as duas física e espiritual – Ramalho produziu uma proveitosa e metódica obra de popularização da saúde e de educação social em *As Farpas*. Com amável enciclopedismo, o estudioso Ramalho, impaciente para ensinar e reformar, tratou os mais variados temas, ciência, política, literatura, num límpido e flexível estilo caracterizado por amplas e delicadamente irónicas sentenças. A sua clara e incisiva pluma com uma sensível e didática intenção, satirizou as fraquezas e defeitos da vida portuguesa. O sereno equilíbrio das suas faculdades, o seu bom sentido artístico e a sua elegância espiritual estabeleceram uma tribuna em *As Farpas* desde a qual as ideias da Geração de Coimbra foram disseminadas. Positivismo, determinismo, humanismo, laicismo, fé na ciência e realismo estético foram apresentados nas suas páginas com grande coerência. O sucesso de *As Farpas* estabeleceu a “escola” da que resultaram continuadores ou imitadores, o mais significativo dos quais foi *Os Gatos* de Fialho de Almeida. *Os Gatos*, porém, teve um carácter muito diferente em que o sarcasmo difamatório foi exagerado.

Noutros aspetos da sua obra, literatura de viagens, a atitude de Ramalho não é essa do simples observador de beleza que passa sobre as suas impressões estéticas. Como produto do seu tempo,

concedeu importância científica e utilidade prática a esta literatura. O seu objetivo é comparar sociedades, extrair conclusões e aplicá-las para melhoramento dos países. *A Holanda* (1883) tem este propósito. Num relato caracterizado por uma grão viveza descritiva, indicativa de penetrante poder de observação, nos dá um estudo social e histórico de esse país focado sempre em comparação com Portugal. É a Holanda e não a França que Portugal deveria observar desde que esse país representa a solução ao problema mais semelhante ao seu próprio em tudo a respeito do que esse da grão nação gala. O livro gozou de uma grande aceitação e ficou como modelo deste tipo de literatura. Em 1887 foi publicado *John Bull* sem atingir o nível de excelência de *A Holanda* nem no método seguido nem na atitude. Com a sua anglofobia herdada de Herculano comum a aqueles da geração do realismo, é manifestamente hostil ao meio social descrito. *Últimas farpas* (1910-1915) é claramente inferior à primeira obra. A personalidade espiritual e literária de Ramalho – progressista e reformista – deixa uma marca de elegância construtiva na crítica e no jornalismo português desse período. Fontes: M.^a A. Vaz de Carvalho, *Alguns homens do meu tempo* (1889); *Eça de Queiroz, Notas contemporâneas* (1909); Ricardo Jorge, *Ramalho Ortigão* (1915).

FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIROZ (1848-1919) romancista com pseudónimo de Bento Moreno, nascido em Arcos de Valdevez, Minho, recebeu o seu diploma de médico em Coimbra em 1878. A sua formação positivista levou-o a abraçar o romance experimental introduzido por Eça de Queiroz. Em 1915 foi deputado e membro do governo. Projetou um vasto plano romancista com a intenção de imitar em Portugal *La Comédie humaine* de Balzac. Dividiu a sua obra em duas séries de relatos e romances: *Comédia do Campo* em que estuda a vida das aldeias da sua região nativa e *Comédia burguesa* em que estão entrelaçados tipos e sectores da sociedade lisboeta. Em ambas as séries seguiu o credo da escola experimental com toda fidelidade fazendo análises “psicológicos e sociais” sobre a base da mais minuciosa observação. Desde *Primeiros contos* (1878), o primeiro volume das séries rurais, até *Ao sol e a chuva* (1916) que encerra o ciclo,

criou maravilhosas páginas refletindo a paisagem e costumes do Norte e interpretando o regionalismo do distrito do Minho pelos processos da escola do realismo. Um fácil e capaz observador da vida do país que conhecia muito bem não foi igualmente competente como observador da vida urbana. Assim no seu romance *A comédia burguesa* que começa com *Os noivos* (1896), a análise de tipos – de grão complexidade psicológica – padece frequentemente de superficialidade embora de modo geral é compensada pela minuciosa objetividade do seu realismo. Quiçás a melhor destas séries é *D. Agostinho* (1895) em que retrata o tipo de velho, arruinado fidalgo na sociedade moderna. O seu estilo caracterizado por uma grão simplicidade e impecável correção toma uma singular plasticidade expressiva na descrição do ambiente rural. Fontes: J. Fernandes Costa, *Elogio académico do Dr. Teixeira de Queiroz* (1919).

JOSÉ FRANCISCO TRINDADE COELHO (1861-1908), escritor de contos. Nascido em Mogadouro, Trás-os-Montes. Do seu distrito, onde passou a sua infância em contacto com o meio rural do Norte, extraiu mais tarde os materiais para os seus melhores contos. Estudou leis em Coimbra, diplomado em 1885. Ulteriormente reuniu as suas impressões da vida de estudante num livro intitulado *In Illo Tempore* (1904). Embarcou-se na carreira judicial e foi designado para Portalegre, Alentejo. Aí permaneceu quatro anos, familiarizando-se com outras das regiões portuguesa caracterizadas pela mais típica e popular vida. Em 1890 foi nomeado magistrado em Lisboa. No seguinte ano foi publicado o livro ao qual deve a sua fama, *Os meus amores*, uma coleção de contos de atmosfera rural. Mais tarde escreveu várias obras jurídicas e certas brochuras de cultura popular. Acabou a sua própria vida suicidando-se em 1908, vítima de tristeza e neurastenia. Dotado de um marcado talento como narrador, Trindade Coelho é um dos grandes regionalistas do romancismo português do realismo na concepção da vida rural definitivamente a sua própria. Desde a versão rosada do idealismo romântico os escritores passaram para a cruel descrição de sentimentos e paixões brutalmente elementares como única realidade no rural. Castelo Branco tinha iniciado esta fase, membros da escola do

realismo a continuaram e Fialho de Almeida dou-lhe o seu maior desenvolvimento. Trindade Coelho temperado nas suas descrições nem idealiza nem degrada. De Fialho, de quem é considerado seguidor, herdou a preocupação pelo estilo com que faz uma prosa de grande riqueza expressiva. Porém não mostra a violência ou desorbitada aberração cromática de Fialho. Pelo contrário, o seu estilo distingue-se por suavidade e delicadeza, por um efeito de espontaneidade e naturalidade. A sua sobriedade atinge a simplicidade da qual nenhum elemento poderia ser suprimido e também é o resultado de uma conscienciosa elaboração. *Os meus amores* compreende pequenos esboços de vida aldeã que inclui alguma das mais belas páginas do regionalismo português. Através de um certo tono de amável ironia que impregna a sua narrativa – e que não lhe impede ser um dos escritores do realismo que melhor sabiam como preservar uma posição de distanciamento do seu trabalho – traduz com grão lucidez a relação dos personagens que o rodeia. *Tipos da terra*, *À lareira* e especialmente *Idílio rústico* são contos plenos de singela delicadeza, de realismo misturado com uma subtil simpatia lírica pelo meio, de trágicos elementos confundidos com simplicidade venerável. O seu talento como objetivo observador com a calma viril do seu estilo conciso e analítico, a sua predileção por assuntos simples e singela psicologia fazem de Trindade Coelho, embora a sua limitada produção, um escritor de vigorosa personalidade. Fontes: Luise Ey, *Trindade Coelho* (1918); Fialho de Almeida, *Os meus amores de T. C.*, *Os gatos*, V (1933).

LITERATURA PORTUGUESA

No terceiro quartel do XIX século, após a longa crise ocasionada pela implantação do liberalismo e a sua integração dentro da estrutura histórica do país, o próprio romanticismo português produziu tudo o que se poderia esperar dele. Este movimento tem sido dividido, com alguma sobreposição, em três períodos. Um “romantismo inicial” (1825-1851) que produziu três líderes, Almeida Garrett (1799-1854), Alexandre Herculano (1810-1877) e António Feliciano de Castilho (1800-1875). Com a morte de Garrett, o germe da rebelião inerente ao movimento foi personificado em Herculano que denominava o seu trabalho como

“a primeira tentativa de uma história crítica de Portugal” mas esta insurreição desapareceu com a sua retirada à vila de Vale de Lobos em 1867. Então só fica Castilho; em torno dele tinham se juntado a maior parte dos escritores que constituíram o “segundo romanticismo” (1851-1871). Castilho, um mestre da linguagem, um homem de verbal opulência mas de escassa imaginação criativa, personificou a adaptação do romanticismo à velha cultura da sociedade portuguesa. A sua formação coincide com a dissolução do classicismo Arcadiano, ele participando na introdução do romantismo sem o aceitar inteiramente. Sobre 1865 era o pontífice da adaptação pseudoclássica do romanticismo, entronizado no oficial gosto dominante. Castilho foi um obstáculo na rota da nova geração que introduziu o “terceiro romanticismo” (1871-1890) cedo envolvido em um franco realismo marcando o começo da literatura contemporânea. Este terceiro movimento começa com a rebelião da denominada Geração de Coimbra. As linhas foram traçadas para a batalha entre o romanticismo inicial que desfrutava status oficial e acadêmico e as desenfreadas convicções sociais e críticas, altamente pessoais, dos recém-chegados. O novo grupo revoltou-se não só contra a tirania do gosto oficial representado por Castilho mas também contra todos os seus conceitos filosóficos, estéticos e históricos nomeadamente contra o acompanhante otimismo nacional e estabeleceu a necessidade de adaptar Portugal às tendências europeias. A jovem geração rompeu com força com duas ruidosas manifestações. A primeira foi a famosa Questão Coimbrã apresentada no panfleto *Do bom senso e bom gosto* (1866) e a segunda as “Conferências democráticas do Casino de Lisboa” (1871). Os jovens estudantes de Coimbra tinham-se mostrado em várias ocasiões rebeldes contra a acadêmica disciplina de ferro da Universidade. Duas muito distintas personalidades, Antero de Quental e Teófilo Braga, foram as cabeças visíveis da insurgência universitária. Quental já publicara *Sonetos* (1861), *Beatrice* (1863), uma poesia permeada de amoroso idealismo, e *Fiat Lux* (1863) e *Odes modernas* (1865) em que tenta harmonizar inspiração e espírito científico; Teófilo Braga também tinha feito a sua aparição no mundo das letras com dois poemários cíclicos inspirados em Hugo, *Visão dos tempos*

(1864) e *Tempestades sonoras* (1864). A “Questão” pus de relevo o abismo que afastava as duas gerações. O motivo foi trivial. Castilho, o patriarca das letras, numa carta-prefácio ao *Poema da mocidade* de Pinheiro Chagas (1842-1895) – mimado e querido dos velhos elegidos de Lisboa – tinha feito algumas referências, mais irônicas do que malevolentes, para os dois novos poetas de Coimbra, atacando as tendências estéticas desses representantes das reformas da juventude estudante. As réplicas foram imediatamente publicadas, resultantes da alusão direta e do desejo de polemizar da parte dos jovens. Antero de Quental publicou a mordaz brochura mencionada, *Do bom senso e bom gosto* em que violentamente ataca Castilho. Partidários deste emergiram com grão desprezue de energia; panfletos voavam de um campo e do outro. Quental atacou mais uma vez com a *Dignidade das letras e as literaturas oficiais* (1865) e Braga publicou suas *Teocracias literárias* (1865). Camilo Castelo Branco, o grã romancista independente, que estava a ter subsequentes enfrentamentos com a mesma juvenil geração, tomou parte na controvérsia e atacou os do Grupo de Coimbra com a sua pungente mordacidade. A polémica durou até 1866. Foi um enfrentamento em que os recém-chegados viam a oportunidade de mostrar-se em público e medir as suas forças com o inimigo. Este novo romanticismo impregnado da cultura francesa e de todo o que através da França chegava do resto da Europa, primeiro tomou a sua substância dos pensadores franceses do grupo do 48 – Michelet, Proudhon *et al* [e outros]. Mais tarde ampliou as suas fontes e acabou num bem acentuado realismo. Aqueles jovens tudo absorviam: O satanismo de Baudelaire, a erudição histórica de Leconte de Lisle, o determinismo de Taine, o liberalismo humanitário de Hugo, o revolucionarismo apostólico de Michelet, o alegado diletantismo de Renan e ulteriormente o realismo de Flaubert e Zola. Tudo o francês transbordava nesses rebeldes e irreverentes jovens que, criados no otimismo patriótico do romanticismo, tinham despertado para um apaixonado hipercriticismo e denúncia dos históricos valores nacionais. José Maria Eça de Queiroz, um membro do grupo e criador da personagem Fadrique Mendes, o tipo referencial da geração, falando da “ardente e fantástica

Coimbra” dos seus dias disse: “Através dos caminhos-de-ferro que tinham aberto a Península, aquelas ondas de novas coisas descem sobre nós cada dia desde a França e a Alemanha pela via francesa: Ideias, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada novo dia trouxe a sua revelação como um novo sol. Michelet aparece e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornou profeta e rigoroso juiz de reis; e Balzac com o seu perverso e lânguido mundo, e Goethe, vasto como um universo, e Poe e Heine e eu acredito mesmo Darwin e alguns outros”. Tudo lhes interessa, folclore, filologia, religião comparativa, etnologia, arqueologia. Tudo o aparelho científico do XIX século foi trazido para a frente para confrontar o velho frívolo romanticismo de Arcadianas tendências. Mas o que realmente entusiasmou esses jovens escritores foi a Humanidade – em letras maiúsculas embora o colorido romântico. “Nós começamos imediatamente a amar a Humanidade como o ultra-romanticismo tinha amado Elvira, vestida em sedas de luz de lua” disse Eça. Dentro da confusão ideológica resultante, duas tendências filosóficas foram salientáveis, o Hegelianismo de Quental e o Comtismo [positivismo] de Braga. A primeira de essas tendências foi para nutrir em Quental a melhor poesia filosófica de Portugal e a outra para produzir em Braga “a mais distinta vítima do sistemático método” cujo trabalho como investigador foi prejudicado pelo dogmatismo e extravagantes sínteses. A segunda manifestação da Geração de Coimbra, agora madura, chegou como já se indicou, em 1871. Alguns membros do grupo original, junto com novos elementos, tinham estabelecido um *cénacle* em Lisboa, encabeçado por A. de Quental. Sob a sua liderança organizaram as “Conferências democráticas do Casino de Lisboa”. O seu intuito expressado no programa preparado por Quental foi, resumidamente, transformar a sociedade portuguesa relacionando-a com as correntes filosóficas, estéticas e sociais da Europa. Apenas quatro conferências foram dadas; três foram publicadas no mesmo ano. A primeira, de Quental, ocupou-se das *Causas da decadência dos povos peninsulares* – e foi o verdadeiro ponto de partida de toda a revisionista literatura espanhola da Geração do 98. Eça de Queiroz falou acerca do *Realismo na arte*. A quinta

conferência teria sido *Historiadores críticos da vida de Jesus* mas o governo suspendeu as Conferências por prejudicar a religião do estado. O idoso Herculano rompe o seu silêncio para protestar contra o ato oficial. Eça logo forneceu à crítica conservadora um motivo para atacar. A rebelião no romance estava chamada a encontrar violenta oposição devido à popularidade do género. Já em 1867, as contribuições de Eça para a *Gazeta de Portugal*, num tono ferozmente satânico, tinham provocado o escárnio da crítica e agora com a publicação do seu romance *O crime do Padre Amaro* (1875) caracterizado por um forte psicofisiológico realismo social ao jeito de Zola, a grão batalha começa. Um jornalista e crítico, J. M. da Silva Pinto, amigo de Castelo Branco, publicou um livro elogiando Eça e a nova escola mas o próprio Branco atacou azedamente os inovadores e chegou a envolver-se (1881) numa controvérsia extremamente acalorada com um dos defensores das novas tendências. Pinheiro Chagas acusou Eça de não ser um patriota por causa da sua naturalista apresentação da sociedade portuguesa. A ousadia realista de Eça aflige as pessoas de timorata ética. Foram publicadas brochuras dirigidas às mães para as alertar da armadilha moral do novo estilo. Castelo Branco levou a sua beligerância tão longe como para publicar vários romances parodiando os do novo jeito tais como *Eusébio Macário, história natural e social do tempo dos Cabraes* (1879) e embora esse propósito, para ser somente caricaturas do realismo, algumas delas são notáveis exemplos da sua melhor técnica. Entretanto os partidários da nova escola foram explicando-a e defendendo-a ativamente. Um teórico que expus os seus princípios foi Júlio Lourenço Pinto – que como romancista aplicou os princípios com demasiado rigor. Um outro escritor, Guilherme Moniz Barreto, na sua crítica literária traz a este tipo de literatura uma imparcialidade de juízo desconhecida nesse tempo em Portugal. A oposição no entanto continuava em 1887 aquando Pinheiro Chagas, presidente do Comité do Prémio da Academia Portuguesa causou a rejeição, do romance de Eça de Queiroz, *A Reliquia* (1887). A essência da argumentação residia no facto de que o realismo não foi um processo de evolução gradual desde o pós-romantismo mas uma arma importada por uma geração para a qual “o realismo

significava não só uma definitiva escola literária que dava uma especial interpretação ao romance mas também, em termos gerais, uma atitude de protesto contra um subjetivo idealismo paradoxalmente sem ideais”.

Esta beligerante geração produziu três líderes da maior categoria – Quental na poesia, Eça no romance e Joaquim de Oliveira Martins em história. Oliveira Martins foi um continuador das teses de Herculano e um escritor que exerceu considerável influência no pensamento espanhol da Geração do 98. Também para ser mencionados estão Abílio Guerra Junqueiro e Gomes Leal (1849-1921), eloquentes poetas com preocupações cívico-sociais, e João de Deus, que purificou a lírica amorosa através da sua emoção e a transparência dos seus métodos. Em termos gerais pode afirmar-se que o realismo alargou a extensão da sua poesia integrando nela temas políticos, sociais e filosóficos. O vocabulário poético foi expandido e houve tanto uma deliberada procura de temas e palavras previamente consideradas não poéticas como o pensamento de um especial deleite na oposição ao romanticismo fastidioso. No campo do conhecimento, Teófilo Braga realizou um prodigioso trabalho de investigação literária, Francisco de Sousa Viterbo, incansável acumulador de materiais históricos e Gama Barros (1854-1925), Costa Lobo (1840-1913) e Ramos Coelho (1832-1914) elevaram os escritos históricos a grande altura. O romance alcança o seu apogeu nesse tempo com Eça. Outros partidários do realismo foram Francisco Teixeira de Queiroz, Abel Botelho, tão incomparavelmente naturalista nas suas séries *Patologia Social* e Júlio Lourenço Pinto. José Duarte Ramalho Ortigão foi sobressalente em crítica social e literatura de viagens. Em colaboração com Eça publicou *As Farpas* (1871-1883), um jornal dedicado à sátira e à educação social. Este tipo de publicação foi continuado em *Os Gatos* (1889-1893) por José Valentim Fialho de Almeida que substituiu a fina ironia com um violento sarcasmo. Fialho foi também um notável escritor de contos em que combinou um realismo caracterizado no seu estilo por um esforço plástico para conseguir grandes efeitos e uma preocupação com *écriture artiste*. José de Trindade Coelho continuou o seu uso de temas do campo e o seu escrupuloso estilo.

Alberto Braga relatou deliciosos contos de aldeia numa serena e simples maneira. Jaime de Magalhães Lima, que chegou tarde à literatura, acrescentou ao realismo o elemento humanitário do romance russo de Leon Tolstoi cujas doutrinas propunha numa teórica explicação.

O tratado de guerra inglês de 1890 e a rebelião do Porto agravaram as críticas adversas ao regime e ao mesmo tempo conduziu o negativismo literário nacional para uma sistemática recusa dos valores históricos. Uma total impregnação política de toda a literatura havia tomado lugar. A reação foi quase instantânea, mais uma vez foi sentida a necessidade para dignificar a arte eliminando-a do campo da iminente ação social e política, enfatizando o desagradável da vida; procurou-se a essência das cousas, não simplesmente para as compreender racionalmente. Esta nova arte recusando inclinar-se perante a alegada veracidade científica do realismo foi na procura da verdade estética. Como uma reação contra o universal e supra-nacional liberalismo humanitário produziu-se uma reversão no tratamento dos temas próprios do país – um Neo-Garrettismo (pós-Almeida-Garrett, mencionado acima). O novo movimento de purificação estética afetou particularmente a poesia. Sem confronto comparável ao que aconteceu em 1865-1871 porque aos recém-chegados faltou-lhes a coesão combativa do Grupo de Coimbra e além disso a sua revolução foi menos profunda.

Começa o simbolismo. Não houve etapa parnasiana e não é surpreendente desde que o insensível carácter dessa arte estava em conflito com a subjetividade portuguesa particularmente desde que a sua pompa helénica fora também reminiscência do Arcadianismo de Castilho. Mas houve traços de parnasianismo numa certa preocupação sobre a precisão descritiva, perceptível na poesia de Cesário Verde e António Feijó e também nos primeiros poemas de Gonçalo Crespo (1846-1883) embora estivesse mais associado com a literatura brasileira. Eugénio de Castro foi o líder do movimento nefelibata (cloud-treader, andar nas nuvens), nome dado ao simbolismo no Portugal da altura. O seu Oaristos (1890) foi o manifesto. O caminho tinha sido preparado em muitos aspectos pela geração precedente. Todos os géneros tinham sido

renovados por influências estrangeiras; só a poesia tinha feito relativamente leve progresso. Quental incapaz de aceitar o satanismo mudou para a poesia ideológica de natureza extremamente pessoal expressada através de uma profunda lírica metafísica; Junqueiro tinha conferido eloquente energia à inspiração romântica; e ambos os dois tinham fornecido novos temas desenvolvendo a mais plena e mais sincera linguagem poética cujas possibilidades de simplicidade expressiva, João de Deus, já tinha explorado totalmente. Mas nenhuma dessas cousas tinha efetivamente revolucionado a poesia que contudo seguia os regulares padrões métricos e empregou umas imagens que limitavam o audacioso. A renovação da forma era necessária e isto inaugurou Castro. Completamente nova, a expressão dos média emerge, a linha do verso foi revolucionada e um ostentoso vocabulário para tecidos, joias, perfumes e raras gemas foi desenvolvido como um subproduto da parnasianismo descritivo. Tudo foi acompanhado por um atrevido sistema de metáforas, baseado em audazes e inesperadas relações de ideias. A poesia foi completamente afastada do fórum e da feira e mais uma vez o bardo português foi concernido com os eternos temas do amor e a melancolia. Eugénio de Castro, mais recetivo às influências exteriores do que às locais, chegou a ser um dos escritores portugueses com mais reputação universal. Em Paris fundou uma revista internacional, *Arte*, na que colaboraram Mallarmé e Verlaine. Estabeleceu relações com artistas de todo o mundo que se congregavam em Paris e chegou a conhecer a Rubén Dario. Exerceu uma profunda influência no movimento modernista hispano-americano. Por sua vez, António Nobre era o de maior prestígio em Portugal e foi quase o polo oposto do cosmopolitismo de Castro. As influências exteriores provocaram em Nobre o concentrar-se em si próprio e expressar o seu subjetivismo de um jeito puramente português. Combinando lânguido infantilismo camponês e literatura decadente criou um regionalismo de uma certa qualidade estética coloreado por rústicas recordações de adolescência num atormentado e hipersensitivo tono. *Só* (1892), tem sido definido como “uma obra que marca o regresso não apenas a Garrett mas a todas as patológicas tendências poéticas e

toda a pitoresca fragilidade do espírito nacional”.

Dous acontecimentos históricos ajudaram a restaurar na literatura o impulso para a ação e a consciência da energia nacional – o estabelecimento da República e a participação na Primeira Guerra Mundial. A literatura novamente participou da política dum jeito mais subtil. Manuel da Silva Gaio estabeleceu o Neo-Lusitanismo com o plano, exprimido num simbólico poema, *Chave Dourada* (1916) de fazer do misticismo da raça a base da energia nacional. O nacionalismo ramificou-se em duas tendências, a aceitação da República e o desejo da contra-revolução. A primeira estava representada na formação do grupo “Renascença Portuguesa” e entre os seus principais líderes estavam os poetas Teixeira de Pascoais e Jaime Cortesão (1884-?), o ensaísta António Sérgio, o filósofo Leonardo Coimbra (1883-1936). Pascoais editor do órgão do grupo, *A Águia* (1910), foi o seu representante durante algum tempo com a sua doutrina do saüdosismo, que tentava fazer da Saudade – sentimento nacional de deleitante sofrimento na nostalgia – um motivo para a ação. *A arte de ser português* (1915) foi o livro em que expus a sua doutrina. A oposição à República agrupou-se em torno do historiador, poeta e ensaísta, António Sardinha, que organizou o “Integralismo Lusitano” e o seu órgão, *A nação portuguesa* (1914). Este movimento tem sido comparado com a Action Française e assemelha-se em muitos aspetos. Embora Sardinha cite Leon Daudet e Maurras, aquele a quem está espiritualmente emparentado é Barrés. O recente governo autoritário (1926-?) fundou as suas bases doutrinárias neste grupo. Afonso Lopes Vieira, fundador do jornal *Lusitânia* (1924-1927) em que colaboraram escritores de ambos os dois bandos, representou o nacionalismo puramente literário e procurou a essência nacional não em um nacionalismo artificialmente pitoresco mas nas raízes da literatura do seu país. Na sua poesia tentou conseguir a fusão entre a última modernidade e o arcaísmo da tradição lírica. Uma grande parte da poesia portuguesa contemporânea, de facto, tentou encontrar a sua fórmula numa intelectualizada visão dos elementos folclóricos, combinando ingenuidade quanto à terra com hábil elaboração, no que foi denominado “a democratização do Parnaso e o simbolismo”.

Augusto Gil descreve a simplicidade pagã e cristã das aldeias em musicais Verlainianos versos. António Correia de Oliveira, é arrebatado pela indulgente e sem adornos vida rural, e abandonando a sua dedicação ao nebuloso panteísmo, se converteu no cantor do catolicismo e do passado histórico.

A poesia baseada na emoção nacional está desaparecida em favor de temas tomados de íntimas zonas da personalidade, do hermético isolamento do mundo exterior, indiferente ao destino coletivo. Esta tendência pode já ser observada ao lado da última geração como no caso de Camilo Pessanha, tradutor de poemas chineses, cuja obra está já caracterizada por um subjetivo lirismo. A participação feminina nesta tendência é notável; dentre outras, Virgínia Vitorino é um exemplo com os seus apaixonados sonetos. Tal poesia pressagia o movimento modernista que tem o seu centro em Coimbra, no jornal *Presença* (1927) e que, após experimentar a influência do futurismo, produziu delicados poetas como Fernando Pessoa, Adolfo Casais Monteiro (1908-?), Mário Sá Carneiro (1884-1916) e José Régio (1901-?). A influência de Valery, as ideias de Proust, “pura poesia”, são perceptíveis nesta poesia. Várias tentativas de realismo no drama produziram poucas dignas de menção. A reação nacionalista dou surgimento ao teatro neorromântico em que as influências dos escandinavos, de Maeterlink e Rostand, foram incorporadas. João da Câmara é verdadeiramente excepcional no retrato de usos e costumes regionais. Amílcar Ramada Curto tende para o criticismo social. Júlio Dantas trouxe um elegante, poético e heroico Don Juanismo ao teatro. A maioria dos autores tinham preferido romantizadas emoções acerca do passado peninsular – Fernando Caldeira (1841-1894), Lopes de Mendonça (1856-1931), Marcelino Mesquita (1856-1919) e Eduardo Schwalbach (1856-1919) para além dos já mencionados Virgínia Vitorino, Jaime Cortesão, Correia de Oliveira, *et al.*

O romance está ainda baixo a influência de Eça de Queiroz. Temas variados, o naturalismo descritivo é acentuado mas a estrutura permanece inalterada. Aquilino Ribeiro com a sua copiosa produção é o mais consistente seguidor de Eça. Outros romancistas são Antero de Figueiredo (1867-), que transmite certo tom

religioso à sua obra, Manuel Ribeiro (1871-1941), no qual pode ser observada a influência de Huysman e Augusto de Castro (1883-), caracterizado por tendências psicológicas. Exotismo oriental, uma parte da tradição nacional, reaparece com o japonêsismo de Wenceslau de Moraes quem, no desejo de mudar a sua alma, deve ser comparado com Lafcadio Hearn. Desde o período do realismo, a crítica tem progredido em todos os campos, históricos, literários, filosóficos, etc. A geração do nacionalismo tem produzido figuras tais como Carolina Michaëlis de Vasconcelos esperta no estudo dos textos do Romance medieval. Atualmente uma brilhante geração de investigadores em inúmeros campos especiais está a trazer reputação a Portugal, alternando obras de erudição com ensaio e crítica. Há, sobretudo, a obra de Fidelino de Figueiredo, infatigável crítico e sagaz ensaísta que, na multiplicidade dos seus interesses tem avançado o ponto de vista peninsular na importância dos escritos da história literária. Haveria que salientar também a obra de António Sérgio cujos *Ensaio*s (1920-1936) marcam uma grande altura na claridade do pensamento português contemporâneo. Inúmeras influências podem ser observadas na produção literária da altura, o pensamento agora parece ser mistura da veia francesa com a inglesa e a espanhola, e a nomes tais como os de Gide, Proust e Valery poderiam ser acrescentados os de Thomas Mann, Rilke, Joyce, Huxley, Ortega y Gasset e Unamuno. Mas acima das permeações e influências a literatura portuguesa ainda pode ser ouvida cantar na sua inabalável gama elegíaca que afinal é a autêntica essência da antiga alma nacional. Fontes: Inocêncio da Silva (1858-1914); A. de Campos: *Antologia portuguesa* (28 vol. 1919-1926); F. de Figueiredo: *A crítica literária como ciência: Bibliografia portuguesa da crítica literária* (1920); *História da literatura realista* (1924); *Depois de Eça de Queiroz* (1938); A. F. G. Bell: *Portuguese Bibliography* (1922); *Portuguese Literature* (1922); *Oxford Book of Portuguese Verse* (1925); A. J. Anselmo: *Bibliografia das Bibliografias* (1923); A. Forjaz de Sampaio: *Coleção Patrícia* (51 fascículos, 1923); *História da literatura portuguesa ilustrada dos séculos XIX e XX* (1939); M. Fonseca: *Aditamentos ao dicionário bibliográfico português* (1927); J.

Mendes dos Remédios: *História da Literatura Portuguesa desde as origens até a atualidade* (1930); G. Le Gentil: *La Litterature Portugaise* (1935); H. Cidade: *Tendências do lirismo contemporâneo* (1932).

DOM SEGUNDO SOMBRA, TEORIA E SÍMBOLO DO GAÚCHO

Aquando EGDC escreve em espanhol *Dom Segundo Sombra, teoria e símbolo do gaúcho*, trabalho publicado em *Cuadernos Americanos* XLI, num. 5, setembro-outubro de 1948, na “neutral” Argentina inaugurava Juan Domingo Perón o seu governo com a aberta oposição dos EUA através do que fora seu Embaixador em Buenos Aires, Spruille Braden, magnate mineiro, que tinha como seu secretário privado, ou homem de confiança, na Embaixada desde maio de 1945, o comandante Gustavo Duran, herói republicano espanhol de Heminway e André Malraux, que fora chefe do SIM de Madrid-Zona Centro em agosto de 1937. Em setembro de 1945, Braden foi para o Departamento de Estado substituindo Rockefeller. Ele e Duran foram autores do *Livro azul* que publicara o Departamento de Estado dos EUA antes das eleições argentinas, em 12 de fevereiro de 1946, para denunciar os vínculos nazistas de Perón e outros militares argentinos. A resposta de Perón com a palavra-de-ordem “Braden ou Perón” levou-o a ganhar as eleições em 24 de fevereiro de 1946 com mais da metade dos votos numa coligação da CGT, partidários de Yrigoyen – massacrador do proletariado – e conservadores. Convocaram-se eleições para elaborar uma Constituição e reeleição imediata do presidente Perón em 1951. O posicionamento de Perón em favor de Franco é imediato: Em junho de 1946, na cerimónia da sua tomada de posse como presidente, encabeçados pelo almirante Salvador Moreno desfilaram marinheiros do barco de guerra Galicia enviado por Franco onde Perón recebeu a Grã Cruz do Mérito Naval das mão assassinas de Salvador Moreno. Em 30 de outubro de 1946 assinaram Convénio Comercial e de Pagos, uma imensa ajuda ao franquismo que teria em Perón um incondicional e permanente aliado.

É em 1946 que se publica em Buenos Aires pela Editorial Losada a Sexta Edição de *Dom Segundo Sombra* de Ricardo Güiraldes que

fora publicada pela primeira vez com muito sucesso em julho de 1926 e recebera o Primeiro Prémio Nacional de Literatura. Ricardo Güiraldes morreria em 8 de outubro de 1927 na França pedindo para ser enterrado na Pampa argentina.

A Editorial Losada foi criada em 1938 pelo filho de emigrantes galegos pobres nascido em Madrid, Gonzalo José Bernardo Juan Losada Benítez e, dentre outros, Luís Jiménez de Asúa e foi definida como trincheira editorial no exílio espanhol nascida para publicar todos os autores “malditos” sobretudo espanhóis e latino-americanos que PROIBIA a franquista editorial Espasa-Calpe, quer dizer, para publicar toda a literatura revolucionária – os livros de Lorca, Machado, Alberti, León Felipe, Juan Ramón Jiménez, Neruda, Jorge Amado entraram na Península burlando as ditaduras. Em 1989 tinham traduzido para espanhol toda a obra de Sartre, títulos que levavam quinze anos sem se publicar.

Cuadernos Americanos foi fundada em México em 1941 pelo basco Juan Larrea Celayeta com apoio financeiro de Editorial Losada e Casa de las Espanhas, Columbia University, diretor Federico de Onis.

Segundo EGDC, Ricardo Güiraldes construi a figura do gaúcho como representante da nacionalidade argentina nuns momentos, passadas as Revoluções mexicana e russa, de emergência em América Latina da necessidade de se buscar um “ser nacional”; nacionalismo proclamado através de Manifestos no Brasil. Dom Segundo Sombra (DSS) seria ele mesmo um manifesto nacionalista.

EGDC é dos pioneiros em perceber este nacionalismo sustentado sobre o meio em que trabalha e vive o gaúcho e só Güiraldes como filho do patrão é que tem distanciamento suficiente para construir a figura do gaúcho como representante da nacionalidade argentina. EGDC escreve: “Güiraldes, filho do estanceiro, temperamente alonjado do meio – vai com os pais a Paris muito cedo, com cerca de dous anos, e volta à Argentina falando francês e alemão – viajado e cosmopolita, empapado de paisagens estranhos e embebido de vida e literatura alheias, regressa à Pampa. Mas as suas viagens e a sua cultura em vez de destruir nele o campeiro, contribuem para lhe afirmar a certeza de que o cimento da sua

personalidade, humana e literária, residia no pouso literário da sua infância. Tornando ao meio, o seu cosmopolitismo foi o vigoroso agente catalisador desta reação porque lhe permitiu mirar o seu com olhos parcialmente alheados pela visão de outras terras e outras vidas; e com isso tudo, a possibilidade de ver o próprio em espetáculo, numa ampla perspectiva, com distância suficiente; mas sem estar fora de todo, sentindo-o ainda como próprio”.

É o próprio EGDC o primeiro em afirmar o conceito de dualidade a jogar um papel de muita importância no romance: “Güiraldes procura apresentar-nos esse tudo existencial que é a vida da Pampa, em base à sua essencialidade, isto é, transpondo o local em universal a meio de uma delicada destilação dos valores absolutos presentes na sua realidade. E o verdadeiro mérito do romance... assenta no autor que consegue essa transposição num plano transcendente, sem perder contacto estreito com a realidade imediatamente concreta do ambiente regional. A fórmula que rege essa constante ambivalência do livro baseia-se numa série de subtis dualidades, de constantes desdobramentos, numa técnica de espelhos, em que as imagens reais vão gerando simultaneamente umas segundas imagens de uma realidade estilizada, ideal, esteticamente desumanizada, melhor diríamos – para acompanhar a intenção do autor – numa série de 'sombras' que se projetam agrandadas e puras para o terreno dos valores absolutos”. Leopoldo Lugones, em *La Nación*, define DSS como livro em que havia “pátria pura”.

EGDC realça a grande importância do acerto linguístico: “Para produzir a amálgama, a íntima coerência de essas duas personalidades divergentes do seu herói e lograr um equilíbrio eficaz, no qual se salve a verdade artística, Güiraldes recorre a uma subtilíssima síntese estilística dos elementos linguísticos, mercê à qual a expressão estética atrevidamente subjetiva, indicadora de uma sensibilidade literária avezada ao uso de toda índole de atrevidas transposições, se estimula e se funde... com a linguagem direta e coloridamente dialetal própria do ambiente”.

A função da linguagem metafórica para ligar a vida externa com a interna explica-a EGDC assim: “As metáforas – o livro é rico nelas – são também frequentemente veículo da síntese, caminho subtil

da união entre essas duas zonas da personagem. O procedimento geral consiste em transpor sensações internas indicadoras de uma grande acuidade da percepção subjetiva e abstrata em imagens procedentes do mundo mais imediatamente diário e concreto da vida ganadeira, em audaz salto comparativo, que tenta salvar a distância que afasta ambos mundos, estabelecendo entre eles uma relação plausível e natural dentro da verdade artística”. E cita exemplos como: “E além disso, parecia-me que também ela [a memória do seu pai] morreria, significando a sua presença apenas um recorde frio. Se me houver atrevido, houvera-a feito deitar em baixo, como se degola, por compaixão, um animal que sofre”... “Todas as penas que me tinha dado para ser um resseiro de lei ficavam na minha imaginação como uma moreia de ossinhos de defunto”... “Ao gaúcho que levo em mim sacramento como a Custódia leva a Hóstia”, referente que utilizará Elsie Allen Da Cal para o definir: “E já na soleira da casa dos oitenta, Guerra da Cal continua a nutrir sempre o seu saudoso amor pela Terra, que leva no seu peito sacramento 'como a Custódia leva a Hóstia' - e a sonhar com o seu irrenunciável ideal da grande 'Portugaliza”.

Referindo-se às técnicas todas do romance EGDC frisa: “O resultado é aparentemente singelo mas detrás há uma complexa química artística”. E ainda “O gaúcho combatente decisivo pela independência da nacionalidade argentina... Gaúcho como projeto nacional rural – pobres – face o projeto nacional urbano de levita e cartola – ricos... O gaúcho como classe social, protótipo espiritual e teórico da argentinidade... A fórmula de Güiraldes – extrema originalidade – é a dos grandes mestres, Cervantes, Flaubert, Dostoiévski, isto é o que lhe dá carácter único no romance hispano-americano... DSS é uma afirmação... dos cimentos e origens históricas e sociais da Argentina... é o livro da nacionalidade argentina”.

Ricardo Güiraldes dedica o livro a amigos domadores e resseiros: Taboada, Brandão, Falcão, Pereyra... Dum total de dez, quatro de apelido claramente galego.

A BATALHA NA ONU DOS REPUBLICANOS NO EXÍLIO

Baseámo-nos no trabalho de Sonsoles Cabeza Sanchez-Albornoz

(Departamento de História da Universidade Complutense de Madrid), *Posición de la República espanhola em el exilio ante el ingreso de Espana en la ONU*, publicado em 1995 em *Cuadernos de História Contemporanea*, do que destacamos aquilo que nos pareceu mais significativo:

“A guerra foi para a República espanhola UM GOLPE DE ESTADO INTERNACIONAL – assim o definiu o presidente do México Ávila Camacho – uma invasão estrangeira apoiada por traidores à República. Daí que reclamassem que o feito internacionalmente, internacionalmente se desfizera”.

Em Genebra perante a Sociedade das Nações, Alvarez del Vayo, Negrin e Azcárate, apresentaram a questão sem serem escutados. Apenas conseguiram a constituição de um Comité de Não Intervenção que evitasse a venda de armas aos beligerantes.

A representação da República lutou nas Nações Unidas desde a sua constituição baseando-se na Carta do Atlântico (14-VIII-1941); Declaração (1-I-1942); Conferência de Teerão (2-XII-1943); Conferência de Ialta (12-II-1945) e Conferência de Postdam (17-VII até 2-VIII-1945).

A documentação da atividade dos governos republicanos na ONU pode ser consultada na Fundación Universitária Espanhola. A documentação lavrada no marco da organização entre 1945 e 1947 está na obra de A. J. Leonart y Amselem, *Espanha y la ONU. La cuestión espanhola (1945-1947)*, 2 vol. Madrid, CSIC, 1983. Nesta obra na nota 23 da página 44 está referenciado o BOE de 30 de abril de 1977 que publica o Pacto Internacional pelos Direitos Civis e Políticos e o Pacto Internacional pelos Direitos Económicos, Sociais e Culturais que foram assinados em Nova Iorque pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Marcelino Oreja, em 28 de setembro de 1976 sendo depositados os instrumentos de RATIFICAÇÃO em 27 de abril de 1977. Em concordância com o estabelecido nos textos vigorarão na Espanha desde 27 de julho de 1977. Na mesma obra afirma-se que “Na Conferência de Postdam a questão da Espanha foi das primeiras em ser tratada... Truman não toma partido... as discussões limitadas a vivo debate entre Churchill e Estaline. Embora Churchill insistira em que o franquismo não era do seu agrado, creio que não seria exagerado

dizer que Churchill EVITOU em Postdam a queda do Caudilho... Tais eram as intenções de Estaline cujos exércitos vitoriosos 'dominavam as terras de meia Europa'... Churchill nas suas memórias declara que se opus à proposta de Estaline e o assunto [a questão da Espanha] foi arquivado”. Nunca esclarece se a intenção de Estaline era DERROCAR FRANCO PELAS ARMAS – “intervenção aliada”.

Na Conferência para preparar a Carta Magna da ONU em São Francisco no mês de abril de 1945, a Junta Espanola de Liberación (JEL), máximo organismo do exílio em México, apresentou memorandum aos representantes das nações presentes na Conferência (*Las instrucciones republicanas en el exilio*, José M.^a del Valle, Ruedo Ibérico, 1976, pág. 91-102). A Junta não solicitara uma intervenção armada, nem ingerência interna em Espanha – o contrário do que Estaline defendeu em Postdam; a mesma posição de Churchill. Assinavam o memorandum, Álvaro de Albornoz, Félix Gordon Ordás, António M.^a Sbert, Fernando de los Rios e Indalécio Prieto que viajaram a São Francisco. Também chegaram o presidente do governo basco, José António Aguirre a colocar a questão da autodeterminação de Euskadi e Josep Maria Fontanals, J. Carner-Ribalta e J. Ventura Sureda, do Conselho Nacional Catalão assinantes do *Apelo* às Nações Unidas que apresenta a Galiza-Portugal como nação ÚNICA e Jaime de Morais como observador a representar o exílio português e o presidente do governo republicano Juan Negrin que protesta pela exclusão da Espanha democrática na Conferência, denunciando nações que tinham relações diplomáticas com Franco. O labor de propaganda dos democratas espanhóis continuou durante os meses de maio e junho.

JEL publicou um manifesto em São Francisco, em 8 de maio, pedindo à Conferência a rotura diplomática com a Espanha de Franco convictos de que se a ONU repudiava moralmente o regime de Franco, cairia irremediavelmente. Solicitaram a restauração da República e o seu reconhecimento pela ONU.

JEL teve um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros do México, Ezequiel Padilla, para que o delegado do México em São Francisco, Luis Padilla, apresentara e defendera uma emenda

para excluir da ONU países cujos regimes foram estabelecidos com ajuda militar das nações que lutaram contra a democracia, no entanto esses regimes se mantiveram no poder: Violavam o princípio de Não-intervenção. Delegados de nove países se manifestaram a favor e foi aprovada por ACLAMAÇÃO.

Em Postdam fora Estaline quem propusera fosse tratada a questão da Espanha. Em 2-VIII-1945, GB, URSS e EUA condenam o regime de Franco e não querem o seu ingresso na ONU. As bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki explodiram em 6 e 9 de agosto de 1945.

Os acordos de São Francisco e Postdam provocaram a necessidade de reconstituir as instituições republicanas no exílio. As Cortes republicanas reunidas no México em 17 de agosto de 1945 nomearam Martínez Barrio presidente da República no exílio substituindo a Negrin. Martínez Barrio encomendou a Giral constituir o primeiro governo republicano no exílio.

Em 17-XII-1945, Giral enviou escrito aos representantes da GB, URSS, EUA perante a celebração, em 10-I-1946, em Londres da Assembleia Geral da ONU em que pedia rotura diplomática, consular, económica e comprometia eleições gerais uma vez derrocado Franco.

Em 9-II-1946 aprovou-se uma resolução da ONU proposta pelo Panamá continuando os contidos de São Francisco e Postdam. Em 22-II-1946, dez guerrilheiros para os que a França solicitara perdão foram executados por Franco. Em 1-III-1946, enérgico protesto de Giral e o governo francês fecha a fronteira. Nessa mesma data o governo francês enviou a GB, URSS, EUA comunicação da URGENTE necessidade de acabar com o último foco do fascismo europeu.

Em 4-III-1946, Nota Tripartida de GB-Fr-EUA em que negam a legitimidade franquista e renunciam à intervenção coletiva interna em Espanha: Encontrar os meios para uma pacífica retirada de Franco... Em 6-III-1946, Giral responde dececionado mas agradece à França. A URSS não assina.

Franco respondeu a essa nota com enormes provocações e insolência. A Polónia, a Jugoslávia, a Hungria, a Roménia e a Bulgária reconhecem o governo da República espanhola

encabeçado por Giral. A Polónia solicita ao Conselho de Segurança da ONU que a questão espanhola fosse tratada e propôs uma resolução: Franco perigo para a Paz e Segurança mundial, rotura de relações com Franco, simpatia para o povo espanhol e a sua liberdade. A França e o México aprovaram a proposta e Austrália disse de criar um sub-comité para a questão espanhola porque Franco era um perigo para a Paz e segurança internacional. Em 14-V-1946 perante o questionário que demandava o Sub-comité do Conselho de Segurança, o governo da República entregou ao secretário-geral da ONU, o norueguês Trygve Lie, um amplo relatório com dezanove anexos documentais. Antes, em 9-V-1946, fora entregue ao Sub-comité. No relatório, Giral afirmava a solução internacional para Espanha cujo regime era fascista segundo Franco proclamara em discurso datado em 7 de outubro de 1942 perante o Conselho Nacional da Falange e assim o reconheceu a Assembleia Geral da ONU em resolução de 9 de fevereiro de 1946. Manter relações diplomáticas com Franco, para Giral, era legitimar a intervenção do Eixo nos assuntos internos da Espanha. Estava demonstrado que as forças alemãs e italianas lhe deram o triunfo a Franco. Muitos documentos publicados antes e depois do Processo de Nuremberga provavam os pagamentos de Franco a Hitler e Mussolini por ajudas de guerra e as Nações Unidas na sua resolução de Londres de 9 de fevereiro de 1946 tinham declarado solenemente a intervenção do Eixo nos assuntos internos da Espanha para ajudar a implantar a ditadura de Franco. Argumentava Giral o perigo de Franco construir a bomba atômica, perigo para a Paz e segurança internacional como demonstrara Franco em 1940 violando o Estatuto Internacional de Tânger. Franco queria conquistar Marrocos, Argélia e Gibraltar a meio da guerra e mantinha um número de forças armadas em correspondência com tal fim. Franco estava disposto a realizar uma campanha de propaganda idêntica à que desenvolveu com intervenção militar contra a URSS. Giral inclui a tirania sobre a classe obreira e lembra que a guerra mundial começou em Espanha e que muitos republicanos espanhóis lutaram pela democracia e morreram em campos de concentração, calabouços ou torturados e fuzilados. Portanto, conclui Giral, “A República espanhola tem

direito de ... que na ONU e o Conselho de Segurança não se faça uma EXCEÇÃO das regras de justiça, segurança e direito... únicas garantias da coexistência humana sem as quais a Espanha e a Europa ocidental viveriam sendo um constante perigo para a Paz”.

OS BASCOS NA ONU

Em 21-V-1946, complementando o de Giral, o presidente de Euskadi, José António Aguirre, apresentou a nome do governo basco um outro relatório com doze anexos.

Em 24-V-1946, Giral pessoalmente, a requerimento do Sub-comité do Conselho de Segurança, apresentou um terceiro relatório respondendo as nove questões colocadas pelo Sub-comité. Em 23 e 27 de maio de 1946, Giral compareceu perante o Sub-comité para oralmente informar e responder as questões especiais que lhe fossem colocadas.

No livro de Ludger Mees, *El profeta pragmático: Aguirre, el primer Lehendakari (1939-1960)*, confirmam-se contactos dos bascos com o Departamento de Estado dos EUA em Washington. Também é afirmado que “os três bascos [Aguirre, Irala e Galíndez, da Delegação Basca em Nova Iorque em 1946] se passeavam pelos corredores da ONU como pelo pátio da sua casa e conseguiam encontros com algumas das pessoas mais influentes mesmo das grandes potências... Aguirre jacta-se de se ter entrevistado com cada uma das pessoas que redigiram a Nota Tripartida [Fr-GB-EUA] que agora são 'amigos nossos' e opina que Irala e Galíndez 'são hoje, sem qualquer dúvida, os dous melhores especialistas que existem neste problema [o da ONU]' e lograram 'fortes amizades no seio da ONU sobretudo com técnicos jurídicos com os que trabalham tão de acordo que várias das reuniões se celebraram na Delegação Basca de Nova Iorque'... Aguirre mandou Irala e Galíndez a negociar com o secretário-geral da ONU, Mr. Lie... Desde há já duas semanas Irala, Galíndez e Mr. Lie prepararam um plano secreto que consistia em que a Comissão Humanitária da ONU estabelecesse um bloqueio indireto acordando não comprar a Franco alimentos que retraia do consumo popular para obter divisas. Pretendia-se com o acordo da Comissão Humanitária deixar liquidado um problema, apresentado-o já resolvido à Assembleia; inicialmente a ideia foi da nossa Delegação acolhida

calorosamente pelo secretário-geral e alguns delegados comprometidos”. Giral revela o secreto em entrevista publicada no *New York Times*.

Ludger Mees escreve que “Aguirre desde março de 1946 fazia parte da Junta Permanente de Estudo, órgão consultivo encabeçado pelo presidente da República e como vogais, dentre outros, os ex-presidentes da República e os presidentes dos governos autónomos” – Aguirre era o único presidente de governo autónomo.

No começo de dezembro de 1946, o Delegado do Governo Basco em Londres, Lizaso, apresenta relatório plenamente identificado com o pensamento de Aguirre a Mac Neil, ministro de Estado do governo laborista. Lizaso fizera-se amigo do subsecretário, Ernest Davies. Mac Neil, por encomenda do ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernest Bevin, levava os assuntos da Espanha.

Estava prevista Assembleia Geral da ONU em Nova Iorque para 12 de dezembro de 1946. Ernest Bevin que viaja a Nova Iorque faz escala em Paris, apresenta-se na sede do Governo Basco e pede encontro com Aguirre. No encontro Bevin pede a Aguirre para se encontrar com Giral. No seguinte dia juntaram-se os três. Giral foi convidado pelo Governo Britânico a viajar a Londres em 12-I-1947. Prieto e socialistas frustram a viagem. O projeto político era substituir Franco por governo de Giral ampliado com monárquicos e algum general franquista: Giral concordava.

Aguirre conheceu Culberston – enviado a Madrid em 1947 – e outras personalidades do Departamento de Estado dos EUA durante a sua estadia em Nova Iorque com relação fluída e de confiança. Segundo o historiador Viñas, Culberston “gravitava na órbita do regime” [de Franco]. Greve geral no País Basco na primavera de 1947. Em junho desse ano, Plano Marshall. Culberston antes de ir para Madrid recebera duas vezes Irala. Em 30-IV-1947, Aguirre está em Paris. Em junho de 1947, Jaume Miravittles é nomeado representante nos EUA do presidente do governo republicano, Llopi.

Aguirre foi recebido pelo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Bidault: Pede evitar que os interesses PENINSULARES fiquem excluídos da coordenação europeia –

dezasseis países europeus envolvidos no Plano Marshall – devido à exclusão do regime franquista.

OS CINCO PONTOS DE GIRAL NA ONU

Giral acabou a comparecência de 23 a 27 de maio de 1946 perante o Sub-comité do Conselho de Segurança da ONU com uma declaração em que resumia em cinco pontos a posição do seu governo e as soluções que deveria adotar a ONU:

- i. Adesão à Carta. Fidelidade da Constituição de 1931 e conduta espanhola na Liga das Nações casos Abisínia e a Manchúria.
- ii. Representam legitimidade mas não querem poder; é só o povo e a sua vontade livremente expressa. ONU implementar meios para regime na Espanha compatível com a Carta.
- iii. Espanha, questão internacional (São Francisco, Postdam). O de Franco, único regime existente imposto por Hitler.
- iv. Povo e governo espanhol capazes de derrocar tirania. ONU tomar medidas para povo espanhol decidir livremente os seus destinos. Giral a nome do povo espanhol, dos presos nos cárceres e nos campos de concentração, dos ameaçados de execução, dos mortos defendendo a liberdade, declara que se a ONU falhar só restaria, embora o nosso pesar, os caminhos da violência.
- v. Solicita da ONU que liberte a Espanha das cadeias que contribuíram a lhe por Hitler e Mussolini. A Carta fornece meios para arranjar.

Em 31-V-1946, o Sub-comité entrega relatório e memorandum ao Conselho de Segurança: i. Espanha questão internacional. ii. Regime franquista. iii. Estabelecido graças à ajuda de Hitler e Mussolini. iv. Guerra contra países que formaram ONU. v. Rotura relações diplomáticas. vi. Franco ameaça para a paz e segurança internacionais.

Junho de 1946: Durante todo o mês o Conselho de Segurança discute recomendações do Sub-comité; aprovadas pela quase totalidade dos seus membros trasladou-se à ONU para que fossem incluídas na ordem do dia da próxima Assembleia Geral que se celebraria no mês de outubro em Nova Iorque.

Campanha do governo republicano iniciada em 9 de agosto de 1946 enviando cartas a professores, artistas e intelectuais hispano-americanos, a espanhóis exilados e algumas organizações políticas solicitando-lhes Giral – mais como catedrático da Universidade de Madrid do que como chefe do executivo – que enviassem à Assembleia Geral testemunho de condenação do regime franquista e de adesão à Resolução do Sub-comité; desenvolveram ativo trabalho em favor da República, contra Franco, para a opinião pública conhecer melhor e governantes desenvolver ação imediata. Noutras cartas pedia-se a toda a emigração espanhola o envio de uma postal ao secretário-geral com texto: “Regime de Franco condenado moralmente por ONU em São Francisco (junho de 1945), Londres (fevereiro de 1946) e New York (junho de 1946). ONU rompa relações diplomáticas e económicas com regime de Franco e reconheça governo de Giral”.

Em outubro de 1946, Giral viaja a Nova Iorque para assistir à Assembleia Geral em demanda de proteção. Apresentou novo memorandum com catorze anexos. Acrescentava ao anterior denúncias de casos posteriores ao mês de junho de 1946: O mais importante, o do nazi Leon Degrelle e documentação da própria FET-JONS acerca de atividades fora da Espanha. Juntavam-se declarações e resoluções de organismos nacionais e internacionais contra o regime franquista. Listagens de nações que reconheceram o governo da República, os que romperam com o regime de Franco e os que nunca relações com ele tiveram. Pedia romper relações diplomáticas e económicas com o regime franquista.

Durante o ano de 1946 o governo republicano apresentou relatórios à Assembleia Geral, ao Conselho de Segurança, ao Sub-comité; apresentou os Acordos de Ialta e Postdam; os da ONU (São Francisco e Londres); a Declaração Ministerial de 1945; relatório da JEL em São Francisco; notas da Agrupação de Ação Republicana de Londres e um testemunho belga em favor da libertação da Espanha.

Na mesma data, 7 de outubro de 1946, Giral dirige nota aos governos das quatro grandes potências e à ONU para denunciar o aumento da repressão franquista. Franco continuava mantendo relações diplomáticas, consulares, económicas e comerciais com a

maior parte dos países da ONU o qual lhe permitia apresentar-se perante o povo como respeitado e considerado internacionalmente. Nessa nota de 7-X-1946, pormenorizam-se casos e métodos de perseguição, tortura e assassinato de estudantes, intelectuais, resistentes, obreiros, mulheres...

Giral envia carta datada em 6 de novembro de 1946 aos presidentes das Delegações assistentes à Assembleia Geral para tomarem medidas contra o regime franquista... Porque caso a ONU não ajudar a libertar a Espanha fecharia a via pacífica!... O regime franquista acolhia nazis europeus perseguidos pelos aliados...

Em Nova Iorque, entre outubro e dezembro de 1946, foi debatido no seio da Assembleia Geral o tema das “Relações entre os membros das Nações Unidas e a Espanha”. Em 12 de dezembro de 1946, por 34 votos favoráveis, 6 contrários e 13 abstenções, foi aprovada uma Resolução da Assembleia Geral da ONU cujo texto vai a seguir:

Resolução 39 (I) da Assembléia Geral da ONU sobre a questão espanhola.

"39 (I). Relações dos membros das Nações Unidas com a Espanha

Em San Francisco, Potsdam e Londres, o povo das Nações Unidas condenou o regime de Franco e decidiu que, enquanto esse regime continuar, a Espanha não será admitida nas Nações Unidas.

A Assembléia Geral, em sua resolução de 9 de fevereiro de 1946, recomendou que os Membros das Nações Unidas agissem de acordo com o espírito e a letra das declarações de São Francisco e Potsdam.

Os povos das Nações Unidas garantem ao povo espanhol sua simpatia constante e que as cordiais boas-vindas o aguardam quando as circunstâncias permitam a admissão nas Nações Unidas.

A Assembléia Geral lembra que, em maio e junho de 1946, o Conselho de Segurança realizou um estudo sobre a possibilidade de as Nações Unidas adotarem novas medidas. O Subcomitê do Conselho de Segurança responsável por essa investigação concluiu por unanimidade que:

(a) Em origem, natureza, estrutura e conduta geral, o regime de Franco é um regime fascista, estabelecido em grande parte graças à ajuda recebida da Alemanha nazista por Hítler e da Itália fascista por Mussolini;

(b) Durante a longa luta das Nações Unidas contra Hítler e Mussolini, Franco, apesar dos contínuos protestos dos Aliados,

prestou considerável assistência às potências inimigas. Primeiro, por exemplo, de 1941 a 1945, a Divisão de Infantaria da Legião Azul, a Legião Espanhola de Voluntários e o Esquadrão Aéreo de Salvador lutaram na frente oriental contra a Rússia Soviética. Segundo, no verão de 1940, a Espanha apreendeu Tânger violando o estatuto internacional e, como a Espanha mantinha um exército importante no Marrocos espanhol, um grande número de tropas aliadas foi imobilizado no norte da África;

(c) Evidências incontestáveis mostram que Franco era, com Hitler e Mussolini, um culpado na conspiração de guerra contra os países que eventualmente formaram as Nações Unidas como um todo durante a guerra mundial. Foi parte da conspiração em que a beligerância completa de Franco seria adiada até que se concordasse mutuamente '.

A Assembléia Geral,

Convencida de que o governo fascista de Franco na Espanha foi imposto ao povo espanhol pela força com a ajuda das potências do Eixo e ao qual ele deu ajuda material durante a guerra, ele não representa o povo espanhol e que, devido ao seu domínio contínuo de a Espanha, está impossibilitando a participação nos assuntos internacionais do povo espanhol com os povos das Nações Unidas;

Recomenda que o governo espanhol de Franco seja excluído como membro das organizações internacionais estabelecidas pelas Nações Unidas ou que tenham vínculos com elas e da participação em conferências ou outras atividades que possam ser realizadas pelas Nações Unidas ou por essas organizações, até que um governo novo e aceitável seja estabelecido na Espanha.

Desejando, além disso, garantir a participação de todos os povos amantes da paz, incluindo o povo da Espanha, na comunidade das nações,

Recomenda que, se dentro de um prazo razoável, não tenha sido estabelecido um governo cuja autoridade emana do consentimento dos governados, que se comprometa a respeitar a liberdade de expressão, religiosa e de reunião e que esteja disposto a fazer eleições prontamente nas quais o povo espanhol, livre de intimidação e violência e sem levar em conta os partidos, possa expressar sua vontade, o Conselho de Segurança estudará as medidas necessárias a serem tomadas para remediar a situação;

Recomenda que todos os membros das Nações Unidas retirem imediatamente seus embaixadores e ministros plenipotenciários em Madrid.

A Assembléia Geral também recomenda que os Estados Membros das Nações Unidas informem o Secretário-Geral, na próxima sessão da Assembléia, que medidas foram tomadas de acordo com esta recomendação”.

Quinquagésima Nona Reunião Plenária, 12 de dezembro de 1946.

Na Resolução para além de condenar de forma definitiva e inapelável o regime de Franco ao que considerou fascista pela sua origem, estrutura e natureza, cúmplice e colaborador das potências do Eixo, incluía três recomendações: i. Excluir governo de Franco de todos os organismos internacionais estabelecidos pela ONU. ii. Conselho de Segurança examinar medidas apropriadas para remediar a situação se num “prazo razoável” não se estabelecesse em Espanha um regime democrático. iii. Retirada imediata de Madrid dos representantes diplomáticos.

Embora a contundente condena do regime de Franco e do triunfo para o governo republicano da Resolução da ONU, Giral é obrigado a se demitir pelas críticas e o abandono do seu governo da parte do PSOE. Formou-se o segundo governo presidido por Rodolfo Llopió que durou desde fevereiro até agosto de 1947. Durante este período Franco, reforçado pelo desleixo internacional e republicano, em 18-IV-1947 promulga a Lei de Banditismo e Terrorismo e Ordem Secreta da Direção Geral de Segurança que dava aos agentes instruções para aplicar a lei cujo resultado foi o aumento das pessoas condenadas, executadas e presas políticas e para responder à Resolução de condena do seu regime, promulga em 26-VII-1947 a Lei de Sucessão: Espanha reino e Franco designa rei.

Em 6 de agosto de 1947, demite-se Llopió e é substituído por Álvaro de Albornoz y Limiana. O Conselho de Segurança não toma medida nenhuma. Em setembro a Assembleia Geral protesta a inatividade do Conselho de Segurança. Em novembro de 1947, Álvaro de Albornoz viaja primeiro a Londres para dirigir um relatório às quatro grandes potências, Fr-GB-EUA-URSS, ali reunidas e depois viaja a Nova Iorque para assistir à Assembleia

Geral prevista para dia 17 e entregar ao presidente, Oswaldo Aranha, memorandum sobre a questão espanhola.

Em 17-XI-1947, a Assembleia Geral por 36 votos contra cinco e 12 abstenções, aprovou Resolução que ratificava a anterior e confiava em que o Conselho de Segurança assumisse as suas responsabilidades. Álvaro de Albornoz atribui os pobres resultados à divisão do republicanismo que só beneficiava Franco e ao regressar a Paris assim o proclamará em conferência de imprensa.

Em 21-IX-1948, reunida em Paris a III Assembleia Geral da ONU, Álvaro de Albornoz aproveita a conjuntura para dirigir-se à opinião pública internacional e às Nações Unidas. Em 30-X-1948, desde o Centro de Estudos de Política Estrangeira dirige-se à opinião pública francesa e internacional para denunciar a Política de Não Intervenção e os danos que causava no povo espanhol: i. Privá-lo dos meios de defesa. ii. Reconhecer Franco. iii. Violado o Estatuto Internacional de Marrocos. iv. Incumprir resolução da ONU. v. Aumentar terror e tirania.

Em carta datada em 14 de novembro de 1947 Álvaro de Albornoz escreve à Assembleia Geral: “Após dois anos da Resolução de 12-XII-1946, agrava-se a tirania de Franco. A causa é a Política de Não Intervenção. Pede bloqueio económico a Franco, apenas petróleo e algodão. O governo republicano quer solução pacífica mas declina responsabilidade caso...”

Assembleia de Paris não resolve... Durante o ano de 1948 diferentes países enviam embaixadores ao Madrid de Franco... Demite-se Álvaro de Albornoz em 16-II-1949 mas Martínez Barrio encomenda-lhe mais uma vez o governo até 13-XII-1951.

Em 4-V-1949 começa o debate na Comissão Política da Assembleia Geral da ONU em Lake Success (Nova Iorque). Álvaro de Albornoz pretendia condena de Franco e que não fosse admitido o seu regime em organismos regionais e os EUA não o financiar. Nova derrota política do governo republicano porque a proposta polaca de embargo a Franco foi rejeitada.

Em 1950, os EUA anunciam enviar Embaixador à Espanha de Franco e admiti-la na ONU. O Senado dos EUA autoriza 62,5 milhões de dólares de crédito a Franco. Diferentes países rompem com o governo republicano e reconhecem Franco: Peru, Bolívia,

Costa Rica, Panamá, Chile, Santo Domingo – Perón agia em favor de Franco desde a Argentina.

Em 22-II-1950 o governo republicano apela contra a declaração dos EUA. No mês de maio envia relatório com 21 anexos para o secretário-geral da ONU Mr. Trygve Lie. Em 20-X-1950, Álvaro de Albornoz remete à Comissão Política da Assembleia Geral um documento para liberdade na Espanha e isolamento de Franco. Em 4-XI-1950, Resolução permite diplomacia com regime de Franco e este aderir às instituições internacionais. Em 9-XI-1950, presidente e todo o governo republicano condenam a Resolução perante a opinião pública internacional e manifestam confiança nos EUA, GB, Fr, etc. A França envia Embaixador a Franco.

13-VIII-1951, Álvaro de Albornoz é substituído por Félix Gordon Ordás. Este escreve em Paris, em 22-XI-1951, a Luis Padilla Nervo, presidente da VI Assembleia Geral, contra os valedores de Franco. Em 1952 a Espanha de Franco ingressa na OMS. Em 30-I-1953, ingressa na UNESCO, assina Concordata com o Vaticano e Acordo Militar com os EUA de Eisenhower. Em janeiro de 1955, a Espanha de Franco é observadora permanente na ONU. Em fevereiro de 1955, o governo republicano escreve aos membros da ONU lembrando que o regime de Franco, igual que sempre, era incompatível com a ONU. Datada em Paris, em 8-II-1955, Félix Gordon Ordás também escreve carta ao secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjöld.

Datada em Paris, em 7-X-1955, o governo republicano envia carta aos delegados da ONU para evitarem o ingresso da Espanha de Franco que previamente tinha solicitado.

Em 14 de dezembro de 1955 a Espanha de Franco foi admitida na ONU. Em 12-III-1956, Jesus Galíndez é sequestrado em Nova Iorque para desaparecer até hoje. Seis dias antes visitara a morada de EGDC. Em 13-III-1956 seria içada a bandeira da Espanha franquista na ONU em Nova Iorque.

O SERVIÇO BASCO DE INFORMAÇÃO (SBI)

Iker Rioja Andueza é o autor do artigo “Euskadi confidencial: Espiões bascos ao serviço da Casa Branca” publicado em espanhol em 14-VII-2018 em www.eldiario.es. O próprio autor esclarece as fontes: Relatórios confidenciais da CIA e FBI desclassificados

graças ao programa FOIA (Freedom of Information Act) e afirma que os arquivos secretos do Serviço Basco de Informação (SBI) estão desaparecidos nessa data. Do dito artigo destacamos o que se segue: “No avião da Pan American World Airways desde A Havana chega a Miami em 29-II-1943 António Irala com passaporte da República de Euskadi nº 2323 e um cheque de cinco mil dólares. Irala leva uns meses nos EUA e o seu endereço é 30, Quinta Avenida de New York, sede do governo basco, e leva uma 'espécie de salvo-conduto do governo dos EUA'. Irala é interrogado em Miami ao regressar de A Havana por uma equipa de espões do SIS (Special Intelligence Service) adscrito ao FBI que tem a sua sede no Rockefeller Centre em Manhattan em Nova Iorque. O buró do SIS, dirigido por John Edgar Hoover, leva uns meses vigiando a Delegação basca. Os agentes redigem o expediente 97/1943. Segundo os agentes do SIS, Irala é um espão do SBI que trabalha para a OSS (Office of Strategic Services). O SBI levava um ano colaborando com o britânico SOE (Secret Operations Executive, criado por Churchill em 1940). No arquivo do SOE, desclassificado em março de 2017, há uma listagem de vários bascos, citam Jesus M.^a de Leizaola (See LEIZAOLA. Date range: 01 January 1939 – 31 December 1946. Reference: HS 9/910/6. Subjets: Intelligence) e dezenas de republicanos espanhóis.

Na França os nazis desmantelaram o Deuxième Bureau e o SBI que colaborava com ele e recebia 75.000 francos mensais do governo francês, perde-os. Em 5-8 de outubro de 1942, os agentes do SBI conseguem o código secreto das comunicações da Embaixada espanhola em Washington. Em 10-XI-1942 – após Operação Torch ou Tocha, em 7-XI-1942 – Aguirre e Ramón de la Sota comparecem no gabinete do coronel Donovan. O agente da OSS, Frank T. Ryan, redige relatório da reunião. O Departamento de Estado considera a proposta de quatro pontos de Aguirre: i. Enviar mensagem cifrado a agente na Espanha através de espões norte-americanos. ii. EUA fornecer duas ou três emissoras de rádio ao SBI. iii. Visto para agente entrar desde a Venezuela aos EUA como instrutor de rádio. iv. Armas, munições, equipas e explosivos que chegariam em grandes barcos dos EUA para serem apanhadas

por barcos das pescas que os introduziriam em terra. Em 20-XI-1942, Elly Hungtinton adverte Donovan das consequências políticas de trabalhar com os bascos. Contactar bascos com elementos no Norte de África poderia ajudar nos seus planos para a Espanha. O contacto seria com um agente de operações secretas. O Norte de África seria onde treinar equipa militar e preparar fornecimentos. Antão Irala tem encontros semanais com o agente Jerome Doyle (FBI) durante os anos 1943 e 1944. Em março de 1944, FBI e SBI tinham acordo para espões bascos no México, Porto Rico, Cuba, Venezuela, Peru, Colômbia, Argentina, Uruguai e República Dominicana estarem às ordens do SIS (FBI). O Governo Basco ingressaria 4.126 dólares mensais que ele próprio distribuiria a agentes bascos. Os objetivos são: Caçar nazis e vigiar comunistas particularmente galegos. Segundo os EUA há um espião basco infiltrado no PC do México. SBI colabora com ONI (Office Naval of Intelligence da Navy). Na Argentina, santuário nazi com Perón no governo (1944-1945-1946). SBI informa através de canais do FBI que controlam todas as comunicações. Em 1945, Aguirre oferece mil homens à OSS para grupo comandos atuar na Europa como Leizaola do SBI atuava com o britânico SOE. 14-20 de abril de 1945, Batalhão Guernika combate nazis na Ponte de Gave, na França ocupada. Antes, em 7-IV-1945, acordo secreto Aguirre-OSS para criar Airedale, 114 agentes treinados para tudo. Escolhe-os o alferes dos EUA Edward W. Andrews (Chicago, 1916) e Primitivo Abad (basco). 'Hit and run', golpear e correr. Orçamento de 152.000 dólares. Alojaram-nos na Abadia Notre Dame de Vaux eu Cernay-la-Ville, a 50 km de Paris, propriedade do barão Rotschild (comandos Rotschild). Começaram a treinar em dia 26 de abril e acabou Airedale em 29 de junho de 1945 por ordem do governo dos EUA. A OSS acabou com a Segunda Guerra Mundial, transformada em SSV, CIG e CIA em 1947. A colaboração basca continuou até 1950. Aguirre morre em 1960 sendo substituído por Jesus M.^a Leizaola. Em março de 1947, FBI deixou de financiar SBI. Os bascos continuam colaboração: Jesus Galindez que iniciara o seu trabalho para o SIS (FBI) em 1944 em República Dominicana é agente em nómina do FBI – o seu código interno NY-507-S – com prolífica vida

académica e representante do governo basco na ONU em Nova Iorque. Galíndez é um ativo de muito valor para o Buró do FBI que o não quer perder 'baixo conceito nenhum'. Antão Irala chega a Nova Iorque semanas após do 12 de março de 1956 em que Galíndez desaparecera após ministrar aulas na Columbia University: Tomou o metro na 57 com Oitava Avenida para ir ao 30 da Quinta Avenida. Irala quer salvar a documentação da Delegação Basca sem o conseguir, Os arquivos secretos do SBI permanecem desaparecidos hoje”.

EGDC E A REVOLUÇÃO CUBANA

Enric Da Cal frisa: “Os primeiros anos da minha vida (1948-1958?) passei-os em boa medida em México com os Ramos já que António lá se reinventara como um importante empresário CHEFE DE UMA FARMACÉUTICA PARA AS AMÉRICAS”.

Luís Soto escreve que “[para a guerrilha cubana em Serra Maestra] juntei umas boas quantidades dos medicamentos mais essenciais PELAS MINHAS RELAÇÕES COM OS LABORATÓRIOS em México que transporta à Serra Maestra MANUEL SOUSA ERMIDA (MSE)”.

Forneceu medicamentos António Ramos, chefe no SIM e amigo de EGDC e no exílio no México décadas depois, a Luís Soto para MSE as transportar desde o México até à Serra Maestra em Cuba? Manuel Sousa Ermida nascido em Ponte Caldelas em 1906, foi alfaiate em Ordes durante a República e orientador político do que seria conhecido como guerrilheiro Manuel Ponte, que chegaria a ser chefe da IV Agrupação do Exército Guerrilheiro da Galiza. MSE, que fora oficial do Exército Popular Republicano durante a guerra contra a República espanhola, junto com Alberto Bayo treinou em México os oitenta e dois guerrilheiros recrutados por Fidel Castro – que chegou a México em julho de 1955. O treinamento durou três meses, agosto-novembro de 1956. Acabado o treinamento, embarcariam no Gramma em 25-XI-1956 para a vitória da Revolução Cubana em 1-I-1959.

Luís Soto como secretário de Castelão em Nova Iorque conheceu EGDC e era amigo dele; Luís Soto teve contactos com o Che Guevara e com Fidel Castro através de MSE: Encontravam-se no negócio deste, “Varón Dandi”, na rua Bolívar no centro da cidade

de México. Um neto de MSE afirmou ler nas cartas do seu avó este angariar fundos para a Revolução Cubana de “pessoas de Nova Iorque”, também nessas cartas, todas desaparecidas, queimadas, ficou escrito o apoio de MSE à Revolução Sandinista. Em 8 de dezembro de 1957, EGDC promove um “Grão Festival Pro Cultura Galega” para angariar fundos destinados ao financiamento da Real Academia Galega e das Editoras Galaxia, Bibliófilos Gallegos e Citânia e outras iniciativas semelhantes no seu período na NYU. EGDC tem contactos com a comunidade de emigrantes e exilados no México.

As viagens de EGDC ao México eram frequentes. Ele mesmo afirma ter estado um mês no México por volta dos anos 1957 e 1958. Desde abril de 1958 até setembro de 1959 desfrutou de ano sabático na NYU.

Luis Soto que inicia a publicação da revista *Vieiros* no México, junto com Carlos Velo, afirma a participação de EGDC nela. Carlos Velo, notável cineasta, foi fundador do Cine-Clube da FUE em Madrid, colaborara nas Missões Pedagógicas e na “Barraca”, com certeza relacionando-se com EGDC.

LÍNGUA E ESTILO DE EÇA DE QUEIROZ

O Estudo de Doutoramento de EGDC no Departamento de Estudos Hispánicos da Faculdade de Filosofia da Columbia University foi redigido em espanhol com o título *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. I.- Elementos básicos*. A língua portuguesa não era permitida, espanhol era-o, para o doutoramento em Nova Iorque por volta de 1949-1950 aquando EGDC apresentou e foi avaliada a sua tese doutoral por volta de fins de 1949, começos de 1950.

LÍNGUA E ESTILO DE EÇA DE QUEIROZ (LEEQ) foi publicado em espanhol em janeiro de 1954 em Coimbra nas coleções *Acta Universitatis Conimbrigensis* com uma nota prévia de EGDC datada em New York, Natal de 1953 e redigida em português: “Este estudo é obra de amor [EGDC tinha doze anos aquando leu pela primeira vez Eça de Queiroz e aos dezasseis conhecia toda a sua obra]. Amor que me levou, muito cedo na minha vida, a internar-me com uma curiosidade gozosa pelas verdes veigas e as praias sonoras da literatura portuguesa – que representava para mim um assombrado encontro com o meu próprio espírito, uma

inesperada descoberta da minha verdadeira intimidade.

PORTUGAL ERA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL, PLENO, DA MINHA GALIZA NATAL. Era o que a Galiza deveria ter sido se as vicissitudes e caprichos da história não a tivessem transviado do seu destino natural, deturpando a sua fisionomia espiritual, quebrando a sua tradição, impondo-lhe formas de cultura alheias, estranhas ao seu carácter.

Mais tarde a vida [sic] trouxe-me para as terras da América, a professar nas aulas universitárias dos Estados Unidos a língua e a literatura castelhanas. E aquele velho AMOR impulsionou-me então à labuta universitária de convencer os meus alunos e – os meus colegas – [é o próprio EGDC motor de convencimento dos seus próprios colegas mas não ao invês como se diz dele] de que, desconhecendo-se a cultura lusitana, o génio peninsular fica mutilado, incompleto, privado duma das suas facetas características, duma parte ESSENCIAL – que aliás é chave imprescindível para uma compreensão inteligente e satisfatória da outra parte, tanto no mundo ibérico como no de além-mar.

Amor... [pela] figura sedutora de Eça de Queiroz... Ele... exemplificaria a continuidade da interinfluência das duas grandes literaturas peninsulares, e ajudaria a esclarecer certos aspetos do ritmo histórico que rege as osmoses mútuas de ambas as culturas, as suas afinidades, diferenças, o seu curioso sistema de 'paralelidades e assincronias', as atrações e repulssões das suas respectivas modalidades espirituais – tão próximas e, porém – tão distantes”. Destaca o nome de Manuel Lopes de Almeida por tomar a iniciativa de publicar *LEEQ*.

Helena Cidade Moura traduzirá do espanhol para português *LEEQ* em 1966 e o livro será publicado pela Editorial Aster de Lisboa, composto e impresso na Livraria Editora PAX, LDA, de Braga. Helena Cidade Moura (1924-2012), católica progressista, foi a responsável pela maior campanha de alfabetização logo a seguir o 25 de Abril. Muito amiga de Paulo Freire, publicou o *Manual de Alfabetização* com muito sucesso. Foi deputada da Assembleia da República e dirigente do Movimento Democrático Português/Comissão Democrática Eleitoral. Realizou e acompanhou mais de quatro centos cursos de alfabetização por

todo Portugal. Queirosianista, amiga, como o pai, Hernani Cidade, de EGDC, tem 135 registos na Biblioteca Nacional, a maioria relativos a Eça de Queiroz.

LEEQ é a grande arma com que EGDC “rende” o salazarismo. Em termos queirosianos e linguísticos “rendem-se-lhe” dois ministros e um chefe de governo, Marcelo Caetano. Terá de ser o MFA e o povo português o que derroque a ditadura salazarista motorizado pelas lutas de independência das colónias africanas de Portugal.

LEEQ marca explicitamente, no Natal de 1953, os objetivos de luta de EGDC de por vida: A sua Potugaliza, isto é, a união nacional da Galiza e Portugal, o português, e a sua ORTOGRAFIA, como a língua da Galiza. Esta é a “labuta missionária” em que permanente e ativamente está envolvida a sua vida em todas as suas variegadas iniciativas e empreendimentos. Uma vida de permanente combate contra o franquismo que impede a liberdade da Galiza e contra Salazar cuja PIDE sabe do combate de EGDC de armas na mão contra Franco.

LEEQ dá-lhe a EGDC um enorme prestígio que serve para criar redes de colaboração quer em Portugal quer no Brasil para acabar penetrando na Galiza. O açoriano, Alberto Machado da Rosa, em carta de 16-V-1955 informa que no clube literário da Universidade de Wisconsin *LEEQ* era conhecido como *Da Cal's Book* e que ele próprio fez que Érico Veríssimo “ficou sendo mais um convertido” em favor do trabalho de EGDC. Érico Veríssimo, talvez dos mais lidos, admirados e populares romancistas brasileiros, era a figura de referência para a promoção da cultura brasileira nos EUA desde 1941 devido à “Política de Boa Vizinhança” de Roosevelt. Em 1940, publicou em *A Saga* a vida de um combatente brasileiro nas Brigadas Internacionais contra Franco.

EGDC CONTACTA COM OUTEIRO PEDRAIO E COM A GALIZA

Foi com a mediação do seu amigo e colega Alberto Machado da Rosa que EGDC contactou com o grupo de Editorial Galaxia e o da revista *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Alberto Machado da Rosa, professor da Universidade de Wisconsin, aproveitando o ano sabático viajou a Compostela em março de 1957 para ampliar estudos sobre Rosalia de Castro. Ali se reuniu com Outeiro

Pedraio, Ramón Pinheiro, Felipe Cordero Carrete e Fermim Bouça Brey. Outeiro Pedraio redige uma carta a mão para EGDC que foi assinada pelos anteriores junto com Jesus Alonso Monteiro, López Nogueira e António Ruibal: Felipe Cordero Carrete assinou “em nome das novas gerações”. O português “nosso amigo o Dr. Machado da Rosa” é o mensageiro “dos nossos sentimentos e arelanzas espreitando na fidalga figura de Vde. o símbolo e querenza da grande Galiza... cara ao futuro”. Da Rosa envia por carta de 19-IV-1957 a mensagem de Outeiro Pedraio e assinantes qualificando-a de “homenagem [bem sentida] ao que V. realizou, realiza e promete realizar”. Em 15 de abril, carta de EGDC que responde “emocionado... V. sabe o que a Galiza supõe para mim e [a mensagem] me comover profundamente...”. A partir daí EGDC inicia correspondência com Outeiro Pedraio. Na primeira carta agradece-lhe a mensagem tão cheia de acesa galeguidade para dar-se a conhecer referenciando as conferências de Outeiro Pedraio nas tertúlias do Café Regina em Madrid nos tempos da República às que regularmente acudia. Manifesta-lhe que era amigo do inesquecível Castelão e Soares Picalho: “Daqui [New York] temos seguido DIA A DIA o labor que aí tem realizado para manter viva, ao longo destes duros tempos, a chama do ideal de uma Galiza limpa, esgrévia e pura”. Informa-o dos “galegos bos e generosos” que levam a Terra no coração a todas horas: Em New York, Emílio González López, professor no Hunter College; os irmãos Santamarina na Rutgers University College de Nova Jersey; Rubia Barcia na Universidade de Califórnia; Ramón Martínez López, professor em Texas; Outeiro Espasandin em Waynesburg e Sebastian González, Decano na Universidade de Porto Rico. “Eu [EGDC] humilde... [contribuir para] aproximação luso-galaica, ao meu ver, fundamental para o nosso futuro cultural”.

EGDC PENETRA EM PORTUGAL

GRAÇAS A ALBERTO MACHADO DA ROSA

O trabalho do amigo e colega açoriano Alberto Machado da Rosa não cessa porque é ele que arranja as dificuldades de EGDC para conseguir convite no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado em Lisboa em setembro de 1957. Os organizadores do III Colóquio sabiam, como a PIDE, da posição

de combatente anti-franquista de EGDC. Machado da Rosa desafiou o salazarismo publicamente fazendo depoimentos em favor de EGDC na imprensa de Lisboa. E não apenas, também lhe organizou contactos com agentes da cultura portuguesa da altura: EGDC assistente a esse III Colóquio em Lisboa, conheceu Jacinto do Prado Coelho e políticos como o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Cunha, para apoios ao ensino do português na NYU. Esteve com Fidelino de Figueiredo e Soares Amora, vultos da intelectualidade portuguesa e brasileira. Reuniu-se com Câmara Reis diretor de *Seara Nova*. Esteve com conhecidos de Madrid como Dámaso Alonso e Menendez Pidal ao que se refere como “ilustre galego nominal”. Com Nemésio Vitorino, com Rodrigues Lapa. Referencia a existência de várias revistas, dentre elas *Graal* e *Quatro Ventos*, dedicadas ao acercamento Luso-Gallego... que pode ter uma transcendência enorme para o futuro cultural da Galiza.

EGDC NA NEW YORK ACADEMY OF SCIENCES

Em 28 de março de 1958 Eunice Thomas Miner, Diretora Executiva da The New York Academy of Sciences, comunica a EGDC que tinha sido eleito Active Membership da Academia que presidia Boris Pregel, investigador no campo da energia atômica. Boris Pregel, judeu ucraniano nascido em Odessa, em 1940 fugiu dos nazis para New York e estabeleceu a Canadian Radium And Uranium Corp. of New York. Foi ele que forneceu o urânio consumido no Projeto Manhattan para a construção da bomba atômica, tendo relação com os principais cérebros do dito projeto como George Braxton Pegram da Columbia University a trabalhar com Enrico Fermi e Harold Clayton Urey. Chegou a fornecer urânio à URSS autorizado pelo governo dos EUA.

EGDC ORGANIZA O JUNIOR YEAR NA ESPANHA

Em 1958 EGDC organiza o Junior Year da NYU com a Espanha. O Junior Year estava na linha do American Field Service (<http://www.afs.org>) organização sediada em New York que favorecia desde 1947 os intercâmbios de estudantes entre diversos

países. EGDC considerava “a presença dum forte núcleo de estudantes americanos na Universidade espanhola... um agente de estímulo e de catálise de fermentações inconformistas”. Isto comunica a Machado da Rosa em carta datada em 6-I-1958. A Eduardo Blanco Amor em carta em espanhol de 14-IX-1958 conta-lhe que: “Fiz o Junior Year in Spain facilmente... O Instituto de Cultura Hispánica convidou-me ir à Espanha despesas pagas... Eu ri-me nas suas barbas – nas de Sanchez Bella. Em 1939 houveram-me fuzilado, agora convidam-me... Mudaram a sua opinião sobre mim... Eu continuo a acreditar que são os mesmos perros embora o colar pareça um bocadinho diferente”. O projeto do Junior Year in Spain serviu-lhe para reforçar e afiançar as alianças com colegas hispanistas das Universidades dos EUA: No primeiro curso em Madrid participaram 102 pessoas do estudantado norte-americano de 54 faculdades e 31 Estados. Eram acompanhados por docentes. A iniciativa teve sucesso e mantém-se na atualidade.

EGDC é colaborador de um volume publicado por Galaxia em junho de 1958 de homenagem a Outeiro Pedraio reformado em dia 5 desse mês como professor da Universidade de Santiago de Compostela. Contribuiu com o estudo *Glosas superficiais ao tema do mar na nossa lírica primitiva* em que afirma que “na Idade Média ambos povos [galego e português... embora]... a separação política constituíam UMA SÓ ENTIDADE linguística e espiritual, manifestam perante o mar... uma atitude IDÊNTICA”.

EGDC viaja em junho e dezembro de 1958 convidado como professor visitante na Universidade de Porto Rico em Rio Piedras, onde era decano o exilado galego Sebastião González. Margot Arce de Vazquez casada com Compostela, conhecido escultor galego, também o convidará. Contactará com amigos e estabelecerá novos contactos.

EGDC é orador em galego junto com Emílio González López numa homenagem que Unity Gallega fez à atriz exilada galega Maria Casares, nascida em A Crunha e filha de Santiago Casares Quiroga, que representou teatro em New York em 1958. Nessa altura era reconhecida na França e internacionalmente: Levava catorze anos de parilha com Albert Camus.

INSTITUTO BRASILEIRO NO WASHINGTON SQUARE COLLEGE OF NEW YORK

O Instituto Brasileiro no Washington Square College da New York University iniciou o seu andamento em junho de 1958. Foi inaugurado oficialmente em 3 de dezembro com presença de EGDC que imediatamente se deslocou a Porto Rico onde profere conferências em 5 e 8 desse mês. Foi o resultado de anos de trabalho de EGDC que também tentou organizar sem o conseguir o Instituto Português. O governo do Brasil presidido por Juscelino Kubitschek promovia a “Operação Panamericana” para liderar o relacionamento de América Latina com os EUA respondendo aos interesses dos grupos financeiros com intenso comércio entre Brasil e os EUA e consideravam o Instituto Brasileiro de muito valor para os seus propósitos. Neste quadro EGDC liderou um grupo da NYU que angariou financiamento de empresas dos EUA com interesses económicas no Brasil no modo conhecido como “fundraising”. A iniciativa teve um forte apoio ao assinar o presidente dos EUA, Eisenhower, em setembro desse ano, a National Defense Education Act, uma lei para promover as seis línguas estrangeiras prioritárias, uma das quais, o português. Em novembro de 1958, EGDC, encontra-se no Brasil selecionando em várias universidades brasileiras o estudentado que participará nas atividades do Instituto Brasileiro. A projeção de EGDC nos média brasileiros é de destaque: *Visão, Jornal do Brasil, Diário de Pernambuco, Diário de Notícias* (da Bahia); *Estado da Bahia, Jornal do Commercio* (Recife), *Jornal de Letras* levam à opinião pública brasileira as ideias de EGDC na defesa da liberdade da Galiza em união com Portugal inserida na comunidade que lhe é própria: a da cultura galega, portuguesa e brasileira.

EGDC À ALTURA DE JEAN PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUBOIR NO BRASIL

Este é começo de dois anos, 1959 e 1960, em que a projeção de EGDC e da Galiza será notável e receberá importantes distinções do governo brasileiro que o categorizará à altura do escritor Jean Paul Sartre e da escritora Simone de Beauvoir. À opinião pública

brasileira ser-lhe-ão fornecidas, através de EGDC, informações relativas à causa da liberdade da Galiza. Estreitará relações com a Consulesa do Brasil em New York, a poeta Dora Alencar Vasconcelos, e terá relacionamento nessa cidade com muitos intelectuais brasileiros de diferentes campos, dentre eles o músico Heitor Villa-Lobos ou o dramaturgo Guilherme Figueiredo.

A importância dada ao Instituto Brasileiro fica de relevo nos quatro mil convites enviados para a inauguração; que se organizara uma semana de atividades... sobre economia, educação, sociologia...; a promoção tivera apoio oficial das Nações Unidas cujo secretário-geral era o sueco Dag Hammarskjöld (1905-1956) que em 1956 apoiara Nasser no Egito; em 1960 coadjuvou o assassinato de Lumumba no Congo e morreu em 1961 no avião em que viajava abatido por mercenários com apoio da Rodésia do Norte (atual Zâmbia); foi Prémio Nóbél da Paz a título póstumo; deixou poemas escritos publicados após a sua morte; foi traduzido para o português no Brasil de 1967.

Foi a primeira vez que se fez uma semana do Brasil nos EUA. Na inauguração estiveram presentes Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil; Lucas Lopes, ministro de Fazenda; Roberto Oliveira Campos, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico; Hernani Tavares de Sá, diretor de *Visão*; Heitor Villa-Lobos, compositor, políticos, intelectuais e professores como Alceu Amoroso Lima, Amaral Peixoto, Dora Vasconcellos, Américo Lacombe e Murilho Melchior. Dos EUA estiveram o Governador Nelson Rockefeller ou o professor William Grossman. Apresentou-se a obra de Heitor Villa-Lobos, “Bendita Sabedoria”, aclamada durante dez minutos por duas mil pessoas postas em pé a aplaudirem calorosamente.

Robert Wagner, presidente da Câmara Municipal de Nova Iorque, declarou a Semana do Brasil os primeiros dias de dezembro, devendo a bandeira brasileira ser hasteada nos edifícios públicos da cidade. Esse dia 3 de dezembro, em cerimónia presidida pelo presidente da New York University foi outorgado o doutoramento *Honoris Causa* a Alceu Amoroso Lima, Roberto de Oliveira Campos, Pedro Calmon, Lucas Lopes e Heitor Villa-Lobos. O ministro Lucas Lopes discursou durante uma hora na Faculdade de

Direito da NYU onde foi lida uma mensagem do presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek. Tudo dimensionava a importância dada ao Instituto Brasileiro organizado por EGDC a quem a revista *Visão* dedica a capa (com Carlton Sprague Smith) em 17-IV-1959. A difusão da Galiza, da sua cultura e língua, no Brasil é profusa através de EGDC que é apresentado como galego [palavra conotada negativamente], como combatente antifranquista em favor da liberdade da Galiza, da sua cultura e língua que adotaria a ortografia portuguesa.

O Jornal de Letras de Rio de Janeiro, em 1-XII-1958 em notícia inserida na sua capa destacava a EGDC como galego, antifranquista, poeta que viria publicar *Flôres d'além mar*, versos com ortografia portuguesa, e um congresso de filólogos para UNIFICAR A ORTOGRAFIA contando com a participação de especialista brasileiro Celso Da Cunha.

No *Jornal do Brasil* de Rio de Janeiro em 7-XII-1958: EGDC é da Galiza, nacionalidade ibérica, e quer a integração, pelo menos cultural, da Galiza, de Portugal e do Brasil; quer uma federação ibérica, com os catalães de um lado e os galaico-portugueses do outro, a impedir o imperialismo castelhano. Luta em favor da ortografia portuguesa para o galego e sonha com o momento em que, afastado Franco do governo espanhol, o galaico-português voltará a ser ensinado nas escolas da Galiza.

Brasil tem nessa altura setenta milhões de habitantes, o Rio de Janeiro mais de três e o São Paulo, 3,8 milhões. As intenções de publicar EGDC os seus poemas chegarão à Editorial Galaxia através do jornalista galego José Landeira Yrago, na altura, a exercer no Brasil e por uma carta de Manuel Rodrigues Lapa datada em 15-XI-1958 enviada a Francisco Fernández do Rego: “Visita ontem de EGDC... veio... para fundar... Instituto Brasileiro. Falamos em vocês, Castelão, Outeiro Pedraio... tudo... política, literatura, ortografia. Pensa ele... muito bem que devíamos reunir-nos portugueses, brasileiros e galegos para... reforma ortográfica”. Em 1959 cria-se o Junior Year no Brasil na Universidade da Bahia e terá como diretor Alberto Machado da Rosa proposto por EGDC; o número de participantes será de trinta no primeiro grupo procedente de Massachusetts, Florida e Califórnia (1959-1960).

Um segundo grupo prosseguirá os seus estudos na Universidade do São Paulo durante 1960-1961.

Em abril de 1959 a revista *Ordem* de Rio de Janeiro destacava na capa o poema de EGDC “Seran mística” que o dedicava a Alceu Amoroso Lima. Na revista foi publicado que “a literatura galega é da maior importância e não apenas histórica. A grande poetisa Rosalia de Castro a renovou no século passado” e assinala a EGDC como “um dos mestres do renascimento literário galego dos nossos dias”. Em agosto, o seu poema “Colóquio” foi publicado, e musicado, no Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros na Bahia e a imprensa informou que fora lido na Academia Brasileira das Letras. Em setembro, o *Jornal de Letras* de Rio de Janeiro anunciava na capa em máximo destaque a publicação do poema “Disparate miniado da morte do rei sábio” de EGDC que o dedica a Celso Cunha “afervorado amigo da Galiza”. Utiliza ortografia próxima do português.

EGDC RELACIONA-SE COM O SUECO MAGNUS MÖRNER

EGDC conheceu em 1958 em Porto Rico o hispanista sueco Magnus Mörner e combinou com ele a possibilidade de oferecer conferências na Suécia. Magnus Mörner (1924-2012) publicara a sua tese doutoral acerca da obra dos jesuítas na região de La Plata. Foi um dos mais destacados latino-americanistas europeus: Diretor do Instituto de Estudos Latino-americanos em Estocolmo, professor de História Latino-americana na City University of New York (CUNY, 1966-1969) e no Queen's College de New York; publicou em 1960 *Viva a revolução, tradição e dinamismo na sociedade latino-americana* e em 1962 *Mistura das raças na história de América Latina*. Em 14-V-1959, EGDC conferenciou em Estocolmo e foi convidado a falar na rádio nacional sueca acerca dos estudos hispânicos e luso-brasileiros nos EUA.

Em 5 de julho está em Portugal com Fidelino de Figueiredo ao que lhe presenteia um gira-discos. Entrevistou-se também com Maria Eça de Queiroz que lhe deu a conhecer materiais inéditos do pai.

Em 29 de junho de 1959, EGDC parte para o Brasil onde participará na Semana de Estudos Americanos celebrada em Rio de Janeiro, na Universidade do Brasil. Depois participará no IV

Encontro Internacional de Estudos Luso-Brasileiros em Salvador da Bahia patrocinado pela Universidade da Bahia e pela UNESCO. Foi-lhe outorgado pela Universidade o diploma de Doutor Honoris Causa. Participa em atividades da Academia Brasileira de Letras. É conferencista na Fortaleza convidado pela Universidade do Ceará e também em Recife convidado pela Prefeitura. Publica poesia e fora estreada uma cantata na Bahia sobre um poema seu composta pelo músico brasileiro Mozart Camargo Guarneri.

O IV COLÓQUIO NO BRASIL

O IV Colóquio celebrou-se durante onze dias, desde o 10 até ao 21 de agosto de 1959 onde EGDC teve uma participação de destaque na área das Letras e a sua presença foi projetada nos média durante três dias em *A Tarde*; três dias no *Estado da Bahia*; oito dias no *Diário de Notícias* (Bahia) e no *Jornal da Bahia* durante cinco dias: Desde o dia 7 até ao dia 20 de agosto, EGDC foi noticiado nos média brasileiros. Nesse IV Colóquio, EGDC foi escolhido para falar em representação dos colóquistas na receção oficial que ofereceu o Governador do Estado da Bahia, Juracy Magalhães.

As reticências do Portugal salazarista face o Brasil democrático puseram em perigo a celebração do Colóquio mas afinal foi enviada uma importante delegação portuguesa. O *Estado da Bahia* de 13-VIII-1959 indica na capa como na véspera houvera confronto entre EGDC e António Coimbra Martins relativamente a Eça de Queiroz perante uma concorrida audiência concluindo a informação do jornal que “todavia venceu por fim o professor Da Cal, após discorrer vibrantemente sobre o escritor Eça, foi aplaudido com delírio pela assistência”. A ideologia salazarista que abafava a figura de Eça de Queiroz foi derrotada em combate público.

Na tarde do 20 de agosto de 1959, no Auditório da Reitoria da Bahia, a cantata “Colóquio” com letra de EGDC e música de Camargo Guarneri foi interpretada: Solista, Olga Maria de Schroeder.

Edgar Rego dos Santos, reitor da Universidade da Bahia outorgou o diploma de Doutor Honoris Causa a EGDC junto a outros como Marcel Bataillon (França); Charles Baxer (GB); Francis Rogers, Sprague Smith e Lewis Hanke (EUA) e Costa Pimpão, Azeredo

Perdigão e Reinaldo Santos (Portugal).

No IV Colóquio, EGDC encontrou-se com Alberto Machado da Rosa que estava com o Junior Year. EGDC em carta em espanhol para Rúbia Barcia, datada em 23 de julho de 1964, escreve relativamente a Alberto: “É raríssima avis, anfíbio das duas culturas peninsulares que te reforçaria o espanhol e com teu apoio faria de esse departamento um dos grande centros galaico-luso-brasílicos do país”. Em parágrafo anterior escreve: “Alberto é uma pessoa excecional. Não apenas pela suas dotes intelectuais e pelo estimulante da sua companhia mas também pela segurança da sua humanidade de bem e da sua lealdade a toda prova, moedas... que não são de uso corrente”.

HUMBERTO DELGADO ABALA O SALAZARISMO

Os acontecimentos antes e depois das eleições de 8 de junho de 1958 que impediram a vitória da candidatura encabeçada por Humberto Delgado, abalaram o regime salazarista em Portugal obrigado a cambiar o governo e a Paulo Cunha por Marcelo Mathias, no ministério dos Negócios Estrangeiros. EGDC nas suas cartas a Helena Cidade Moura e a outras pessoas queixava-se da falta de apoio de Portugal para os seus planos. Hernani Cidade, pai de Helena e destacado professor da Universidade de Lisboa na Faculdade de Letras medeia com o novo ministro, Marcelo Mathias, para apoiar os projetos de EGDC na NYU. Hernani Cidade comunica a Da Cal em carta de 14-III-1959 que o novo ministro era leitor e admirador de *LEEQ* e que defendeu “com a maior simpatia” a iniciativa perante o presidente do Conselho e com o antigo embaixador e ministro da presidência, Teotónio Pereira. Em 31 de março, em Nova Iorque, EGDC entrevistar-se-á com Marcelo Mathias com sucesso segundo comunicará por carta a Machado da Rosa. O poder de *LEEQ* continuava a exercer os seus efeitos.

Em setembro de 1959, EGDC reincorpora-se à NYU após dezassete meses de ausência, desde abril de 1958. Falham os projetos desde Portugal e desde o Brasil e EGDC perde os cargos que tinha na NYU.

LUA DE ALÉM-MAR (LAM)

Em 14-VI-1959 em Valença do Minho, EGDC encontrou-se com os representantes de Galaxia, Ramón Pinheiro, Garcia Sabell, Isla Couto e Fernandez Albor – Outeiro Pedraio e Fernández do Rego não puderam assistir. Fernández Albor lembra a insistência de Da Cal para a confluência de interesses galego-luso-brasileiros.

LUA de alén MAR, o livro de poemas de EGDC publicado pela Editorial Galaxia estará no mercado em 31 de outubro de 1959, quatro meses após do encontro em Valença do Minho em que EGDC em “Nota de Autor” proclama:

“Empregamos a grafia portuguesa para todos os fonemas galegos que por meio dela podem ser representados sem se deturpar o carácter da nossa peculiaridade idiomática. Movem-nos a isso duas razões, ao nosso ver validamente justificadoras: A primeira é a evidência de que o sistema gráfico vigente até hoje entre nós não tem base alguma respeitável, nem histórica, nem cientificamente; a segunda, e ainda mais importante, é o considerarmos INADIÁVEL o restabelecimento dos vínculos tradicionais das nossas letras com o âmbito amplo e rico da cultura luso-brasileira, à qual tanto pelo verbo comum como pelo espírito pertencemos. Não fazemos nisto senão seguir o conselho venerável do patriarca Murguia, que já recomendou a UNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA COM PORTUGAL, apontando que nela estava o porvir do nosso idioma. De facto cremos que esse é o caminho mais certo para ultrapassar os limites regionais e dialetais que ainda estreitam a expressão cultural galega. Consideramos, pois, INELUDÍVEL a nossa reintegração no perímetro das correntes universais do 'mundo que o português criou' aquém e além-mar. O verdadeiro meridiano espiritual da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio de Janeiro – e quanto antes reconhecemos esta verdade, antes se abrirão à nossa antiga voz recuperada as possibilidades de ecoar fora dos restritos confins comarcais nos que nos estamos fechando, cegos às vastas perspectivas que temos diante dos olhos”.

Na edição da Editorial Galaxia de 1959, esta “Nota de Autor”, por lapso, aparece simplesmente como “Nota”, facto que fez com que fosse atribuída aos editores. Porém no “Índice” está consignada com “Nota de Autor”.

Nesta edição, Jacinto do Prado Coelho no Limiar escreve: “Galiza terra irmã de Portugal... e a ciência confirma... a UNIDADE lusogalaica de civilização e de cultura... a maneira de sentir [de EGDC] é profundamente galega ou galaico-portuguesa... sentimento de compreensão da História; a espiritualidade comum, língua comum... Da Cal enriqueceu o património de galegos e portugueses, estreitou mais os laços que nos UNEM, fez-nos mais conscientes do que somos”.

Relativamente a *LAM* escreveram nos média galegos Manuel Cortezón, Anxel Fole, José Luís Franco Grande, Salvador Garcia-Bodanho, Emílio González López, Arcádio López Casanova, Salvador Lourenzana (Francisco Fernández do Rego), Ramom Lourenço Vazquez, Fernando Mon, Ramom Outeiro Pedraio, Ramom Pinheiro López, Manuel Rabanal, Vicente Risco e «X».

Ramom Lourenço Vazquez deixou escrito em *La Noche* (Compostela) em 12-II-1960 e 15-II-1960: “O mais interessante [de EGDC] é o seu desejo de acomodar o galego aos leitores lusobrasileiros. Seria verdadeiramente maravilhoso que a literatura galega fosse conhecida no mundo luso-brasileiro e romper o cerco que hoje lhe têm traçado... todos os intentos de eliminar as diferenças luso-brasileiras, quanto à linguagem, foram falhidas.

E nós teríamos de fazer uma acomodação aos fonemas portugueses. A ideia encontraria opositores. Mas não me parece descabelhado. Apenas me refiro a alguns fonemas como 'nh', 'lh', 'g', 'j' (como fazia Pondal). Adotar o 'ç' seria mais complicado. Sabemos que há uma zona de 'sesseio' e outra de 'ceceo'. O propriamente galego é o 's' porque a 'z' é particularidade do castelhano em toda a Romania. Mas nós escrevemos com 'z' embora pertencamos a uma zona de 'sesseio'... A ideia é interessante. Haveria que lutar mas seria fundamental que nos achegássemos ao mundo luso-brasileiro sem perdermos os nossos direitos e o nosso património”.

Ramom Lourenço Vazquez tornou o mais assanhado inimigo da utilização atual para o galego da nossa secular ORTOGRAFIA fazendo um dano verdadeiramente imenso ao formar na Universidade de Compostela as novas gerações licenciadas em filologia e linguística radicalmente contrárias à evidente UNIÃO E

IDENTIDADE LINGUÍSTICA do galego e o português. Dano em que continua a militar desde a Real Academia Galega com outros como Jesus Alonso Monteiro que definira a EGDC como “galego extra-muros” – fora dos muros do cárcere com que o Reino da Espanha cerca à Galiza?

EGDC RECEBE DO BRASIL

A ORDE NACIONAL DO CRUZEIRO DO SUL

Em 30-III-1960, EGDC recebeu em Nova Iorque a mais alta condecoração brasileira outorgada a uma pessoa estrangeira, a Orde Nacional do Cruzeiro do Sul no grau de oficial, em ato presidido pela Cônsul Dora de Vasconcellos. Das seis categorias da Orde, Grande Colar, Grã Cruz, Grande Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro, outorgaram-lhe a quinta categoria. A proposta feita pela representação diplomática brasileira nos EUA foi aprovada pelo Conselho presidido por Juscelino Kubitschek, presidente da República, com o ministro das Relações Exteriores, Horácio Láfer e o ministro da Guerra, Odílio Denys que outorgaram a EGDC a dita condecoração. Ao Che Guevara fora-lhe outorgada no seguinte ano de 1961 por Jânio Quadros a Grã Cruz da Orde Nacional do Cruzeiro do Sul. A notícia da condecoração a EGDC fora publicada no *New York Times*, no *New York University Alumni News*, em *El Diario* de Nueva York, no *Brasil Herald* e em *Visão*.

Esse mesmo ano, a EGDC, fora-lhe outorgada pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal do Rio de Janeiro a Medalha Padre Anchieta. Também foi designado Cidadão de Honra do Rio de Janeiro. Tudo pelo seu trabalho em favor do Instituto Brasileiro na NYU.

Em 11 de junho de 1960, EGDC recebeu o Prémio Rosalia de Castro nos Jogos Florais Galaico-Portugueses de Guimarães organizado pela *Emissora Nacional* com o apoio do Governo de Portugal.

Foi convidado a conferenciar no Congresso Internacional da História dos Descobrimentos celebrado desde o 4 até ao 12 de setembro de 1960 em Lisboa com um subsídio de 2000 dólares; o Congresso foi celebrado com solenidade oficial “sob a presidência do Chefe do Estado”. A conferência de EGDC foi publicada nos

EUA pelo jornal *A Luta* em que é apresentado como “espanhol que fala lindamente português... e que sendo a Galiza a sua Nação de origem não regressa a ela porque não deve fazer parte de uma Espanha unificada... é mais irmã de Portugal do que da Espanha... As raízes do passado e a alma do povo... prendem-se com a Pátria de Camões”. Também foi editada a conferência em Portugal pela Embaixada dos EUA em Lisboa em 1961.

ERNESTO GUERRA DA CAL-JEAN PAUL SARTRE-SIMONE DE BEAUBOIR

O de maior relevo para EGDC foi com certeza ser Convidado de Honra à par de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir no Primeiro Congresso Brasileiro de História e Crítica Literária celebrado em Recife desde o 7 até ao 14 de agosto de 1960. Sartre e Simone de Beauvoir estiveram em Cuba desde o 20-II até ao 15-III-1960 e foram recebidos pelo Che Guevara. Sartre escrevera vários artigos diários no *France Soir* em defesa da Revolução Cubana que seriam logo publicados num livro, *Furacão Sobre o Açúcar*, no Brasil nesse mesmo ano. O prestígio dos dois como críticos da sociedade capitalista, da guerra imperialista contra a Argélia estava no seu auge num contexto de “Guerra Fria” e ameaças de guerra atômica mundial.

Simone de Beauvoir que publicara *O Segundo Sexo* em 1949 escreveu no seu diário as impressões que lhe causou o Brasil durante os dois meses e meio que permaneceram ela e Sartre no país e que logo seriam publicadas num livro. Tiveram um encontro com Juscelino Kubitschek.

Não tem qualquer dúvida que a consideração dada ao EGDC pelo Reitor da Universidade de Recife, José Alfredo G. da Costa Lima, ao designar EGDC com “Convidado de Honra” é a mesma consideração dada ao Jean Paul Sartre e à Simone de Beauvoir, com todo o seu prestígio como ativistas políticos revolucionários.

Na sessão de encerramento do Congresso, EGDC fez parte da Mesa falando como representante dos congressistas estrangeiros, dentre eles Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre, reclamando a sua função como mediador entre a Galiza e o intersistema lusófono: Brasil assume a metodologia de *LEEQ* de EGDC.

Nesse Congresso Jânio Quadros que assistiu às sessões, reclamou

a existência de um ministério da Cultura. Em setembro de 1960, Jânio Quadros apresentou a sua plataforma de Governo em Recife perante cem mil pessoas.

Jânio Quadros era um grande admirador da Revolução e viajou a Cuba em abril de 1960 convidado por Fidel Castro; um dos integrantes da comitiva de Jânio foi José Aparecido de Oliveira. As eleições foram em 3 de outubro, Jânio Quadros foi eleito e tomou posse da presidência em 31 de janeiro de 1961. José Aparecido de Oliveira foi secretário da Presidência da República. A ele é atribuída a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Assim como o Instituto Brasileiro na NYU foi um sucesso para EGDC, o Instituto Português não foi avante.

A OPOSIÇÃO A SALAZAR

ENCABEÇADA POR HUMBERTO DELGADO

Durante o ano de 1958, Portugal abalou instabilizando a ditadura salazarista tudo o que se movia arredor da figura de Humberto Delgado. No Porto, em 14 de maio de 1958, uma grande manifestação popular anuncia o rechaço ao salazarismo. Em 8 de junho celebraram-se eleições: Humberto Delgado face Américo Thomas, candidato salazarista. A candidatura de Humberto Delgado fora apoiada por Jaime Cortesão, António Sérgio, Aquilino Ribeiro e Azevedo Gomes. Fora proclamado vencedor o candidato de Salazar graças a uma gigantesca fraude eleitoral acompanhada de intensa repressão contra a população e perseguição da PIDE à oposição salazarista. Humberto Delgado em 12 de dezembro de 1958 entra na Embaixada do Brasil em Lisboa para pedir asilo político e permanece encerrado nela até ao 20 de abril de 1959 em que parte para o Brasil ao que chega de avião no seguinte dia 21, aniversário do Tiradentes, ao aeroporto do Rio de Janeiro.

Em 5 de junho de 1959, Manuel Rodrigues Lapa, exilado no Brasil e professor na Universidade de Belo Horizonte, escreve carta a Humberto Delgado para que retificasse a sua atuação relativa ao exílio português no Brasil. Este nucleava-se em torno ao jornal de São Paulo, *Portugal Democrático*, em que escreviam o dito Rodrigues Lapa, Jaime Cortesão, Jorge de Sena, Roberto das

Neves, Manuel Sertório e outros.

Em 5 de novembro de 1960, nas comemorações da República, Manuel Sertório refere que Humberto Delgado discursou: “às liberdades dos povos congregados sob a nossa bandeira, respeitando o princípio geral de autodeterminação...”. Anos antes, em 1941, Humberto Delgado escrevera dois artigos na *Revista do Ar* manifestando simpatia com Hitler. Adido militar na Embaixada portuguesa em Washington, Humberto Delgado viveu durante cinco anos (1952-1957) nos EUA.

O COMBATE GALEGO-PORTUGUÊS CONTRA AS DITADURAS DE FRANCO E SALAZAR O DRIL E O SANTA LIBERDADE

É em julho de 1959 que é criada em A Havana a União de Combatentes Espanhóis de Alberto Bayo e José Velo Mosquera. Após encontro em Caracas de galegos e portugueses em outubro de 1959 é criado o Directório Revolucionário Ibérico de Libertação, DRIL, cuja ação mais conhecida foi o sequestro do paquete Santa Maria que unia Vigo com Caracas passando por Lisboa. A derrocada das ditaduras de Franco e Salazar pela ação insurrecional armada para serem substituídas por uma Confederação de Repúblicas, Galiza, Portugal, Catalunha, Euskadi, Espanha, baseada no reconhecimento do direito à autodeterminação mesmo das colónias portuguesas, eram os objetivos do DRIL integrado por pessoas galegas e portuguesas. José Velo Mosquera, “Junqueira de Âmbia”, e José Fernández López, “Sotomaior”, são os nomes dos galegos junto com Henrique Galvão e Humberto Delgado, portugueses, os que dirigiram a ação do Santa Liberdade, nome do Santa Maria rebatizado, entre 22 de janeiro e 4 de fevereiro de 1961. O sequestro provocou grande entusiasmo e apareceram juntos no Palácio dos Desportos de Caracas, Humberto Delgado, Júlio Alvarez del Bayo que fora ministro da República espanhola, Fabrício Ojedo e Gustavo Machado, secretário-geral do PC da Venezuela. O desfecho da “Operação Dulcínea” foi Jânio Quadros, na presidência do Brasil, dar asilo político aos sequestradores

galegos e portugueses que desembarcaram no porto de Recife após o presidente J. F. Kennedy, que tomara posse em 20 de janeiro, não considerar a ação ato de pirataria; no Gabinete ou Governo de Kennedy para além do seu irmão Robert, Bob, no Departamento de Justiça, estava Arthur Goldberg no Departamento de Trabalho (Secretary of Labor) que durante o ano de 1942 integrara a OSS e fora investigado pelo FBI na Caça às Bruxas de McCarthy, este derrotado por Robert Kennedy nas primárias do Partido Democrata em Califórnia e assassinado no próprio ato da proclamação como candidato em 1968, cinco anos depois do do seu irmão J. F.

As atividades de EGDC no Brasil durante os anos de 1959 e 1960, em que Humberto Delgado ali permanece no exílio, foram, com certeza, em termos de objetivos proclamados, publicitados ou enunciados, coincidentes com os dos combatentes galego-portugueses do Santa Liberdade para a derrocada das ditaduras ibéricas, acrescentados mesmo por EGDC em termos da única língua e cultura galego-portuguesa-brasileira.

Humberto Delgado será assassinado pela PIDE em 13 de fevereiro de 1965 após se ter reunido na comunista Praga com Álvaro Cunhal e ser visitado no hospital da dita cidade, onde estivera uns meses ingressado, por Bem Bella presidente da Argélia independente desde março de 1962 que prometeu a Humberto Delgado honras de chefe de Estado se visitar a Argélia como assim aconteceu.

EGDC é aceite como membro da Hispanic Society of América sendo-lho comunicado em carta datada em 27-X-1960 e foi eleito para o Conselho Diretivo (Trustee) em 2 de novembro de 1961 e permanecerá nesse cargo até ao seu aposentamento. Segundo o filho, Enric Da Cal, era uma coisa muito desejada pelo seu pai.

Em dezembro de 1960, através de Helena Cidade Moura, EGDC editou na revista *Escola Portuguesa* da Direção-Geral de Ensino Primário o conto de Eça de Queiroz intitulado *Um milagre* que ele tinha encontrado em pesquisas no Rio de Janeiro e lhe enviara à dita Helena Cidade Moura pelos estudos que ela realizava orientada por Jacinto do Prado Coelho e com indicações do próprio EGDC.

ORDEM MILITAR DE SANT'IAGO DA ESPADA PARA EGDC

EGDC recebeu em 1962 a condecoração de oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada outorgada pelo Governo de Portugal pelos méritos nos campos das Letras, das Ciências e das Artes. A proposta foi assinada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Alberto Franco Nogueira em 2-VI-1961 por EGDC “ter sido um devoto lusófilo e o mais forte esteio da cultura portuguesa na Universidade de New York, onde por sua influência, existem hoje cursos de 'Estudos Portugueses' e se projeta a criação do 'Instituto Português'...”. J. Mendes de Almeida, Chefe de Gabinete do ministério da Educação, em 26-XII-1961 comunica por escrito que o ministro, Manuel Lopes de Almeida “aplaude inteiramente e muito se regocija de tal concessão” porque Da Cal “é não só um devotado lusófilo mas também autor do melhor estudo sobre o estilo de Eça de Queirós e... foi premiado nos Jogos Florais Luso-Galaicos”. Em 21-XII-1961, o presidente Américo Thomas assinava a concessão.

Em 6 e 7 de abril de 1962, EGDC participa no Luso-Brasilian Symposiun na Universidade de Wisconsin dirigido por Alberto Machado da Rosa que teve apoio das Fundações Rockefeller e Ford. EGDC conferenciou “O renascimento galego contemporâneo” perante mais de cem docentes de português nos EUA. Da Rosa favorecia a conjugação da cultura portuguesa com a galega publicando em 1964 a *Luso-Brasilian Review* em que se publicou a conferência de EGDC.

Em 1962, o estudantado da Universidade de Compostela reivindicou o ensino em língua galega no Instituto de Idiomas da própria Universidade; o Reitor Jorge Echeverri solicitara uma cadeira de língua galega para a Faculdade de Filosofia. Em 19-V-1963, EGDC dirige carta ao Reitor agradecendo a iniciativa que “prestando ouvidos aos calorosos sentimentos patrióticos da mocidade académica fez possível o cumprimento desses anseios tão longamente frustrados... de todos os amantes da cultura galega renascida à roda do mundo...”.

Capítulo quinto

CRIAM-SE NA GALIZA O PSG E A UPG

Em 23 de agosto de 1963 cria-se o Partido Socialista Galego (PSG) com Ramom Pinheiro como um dos seus fundadores. Em 1964 cria-se a União do Povo Galego (UPG) sem que sejam incorporados nos seus respetivos programas os objetivos pelos que EGDC trabalhava.

RIO DE SONHO E TEMPO (RST)

Em 16 de abril de 1963 EGDC publica *Rio de Sonho e Tempo (RST)* com Editorial Galaxia. No Limiar, Outeiro Pedraio proclama EGDC como “mestre da nova Galeguidade, grave no cumprimento dos seus votos com a forma de cultura mais cingida ao seu espírito e por ele escolhida... É um dos melhores representantes do espírito de Coimbra e Compostela, da flor ocidental da cultura galaico-portuguesa na grande nação que soube escolher o cumprimento de alguns dos entranhados anseios da Europa”. Exceto umas poucas palavras do Limiar o resto podem ser encontradas em dicionários portugueses escritas com a nossa secular ortografia; fizemos este exercício para mostrar a contradição e incoerência de um dos grandes da nossa literatura, Outeiro Pedraio que escreve o Limiar com ortografia espanhola. Nos dous últimos poemas de *RST* acerca de Rosalia de Castro, EGDC identifica-a como símbolo da Galiza. *RST* é um livro de poemas que contribui a internacionalizar a língua galega, a existência da Galiza e as suas ânsias de liberdade.

UMA ÚNICA ORTOGRAFIA PARA GALEGO-PORTUGUÊS-BRASILEIRO, ALFABETIZAÇÃO MAIS RÁPIDA

Em setembro de 1963, EGDC, na Universidade de Coimbra, participou no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Uma proposta de aproximação linguística da Galiza, Portugal e Brasil foi assinada por Alberto Machado da Rosa, Celso Cunha, Pedro Calmon e EGDC em que defendiam a criação dum Centro de Documentação e Informação da Língua Portuguesa

Contemporânea. Tudo provocou numerosas intervenções dentre as quais a de Celso Cunha que defendeu “simplificações ortográficas para **alfabetização** mais rápida” e uma ÚNICA ORTOGRAFIA do Português de Portugal e do Brasil.

Nas Atas do Colóquio ficou recolhido que: “Um dos comentários mais enérgicos e fundamentados a respeito da necessidade de uma política comum luso-brasileira do idioma foi o do professor Ernesto Da Cal, ao apontar o exemplo da Espanha que ainda recentemente se ocupou desse grave assunto na área do espanhol em Congresso reunido em Madrid”.

Esta iniciativa é a origem dos Acordos Ortográficos de 1986 no Rio de Janeiro, dos de 1990 em Lisboa e da criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em 1996 em Lisboa em que houve uma representação da Galiza integrada por quatro operários em luta a reivindicarem o seu reingresso nos estaleiros navais de ASTANO na Ria de Ferrol após despedimentos maciços de Felipe González e El-Rei da Espanha, João Carlos I. Os quatro foram convidados oficiais pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama e uma vez constituída a CPLP, recebidos por este já na sua qualidade de presidente acompanhado do Secretário-executivo, Marcolino Moco e o Secretário-executivo adjunto, Rafael Branco da CPLP.

O empenho de EGDC e a sua lucidez ideológica estão na origem de todos estes acontecimentos cujo desenvolvimento posterior ainda não teve o resultado da Galiza integrada na CPLP nem o português ser oficialmente [e extra-oficialmente] reconhecido como língua da Galiza persistindo a proibição do uso da sua secular ORTOGRAFIA.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN APOIA À GALIZA

Ramom Pinheiro e Fernández do Rego estiveram em Coimbra com EGDC para este interceder perante a Fundação Calouste Gulbenkian e que esta financiasse publicações da Editorial Galaxia e estreitar laços com a Fundação Penzol em Vigo: Encontrar-se-ão em Lisboa com a Gulbenkian. Posteriormente um seu dirigente, Domingos Monteiro, viajará à Galiza. Segundo R. Pinheiro, em carta a Da Cal de 12-X-1963, Domingos Monteiro “estava muito

bem informado das conversas em Coimbra, de EGDC e Alberto Machado da Rosa... com Perdigão, presidente da Gulbenkian...". Ainda EGDC orientará os da E. Galaxia para enviarem catalogos à Holanda e à Suécia, na estratégia de internacionalizar a língua galega.

Em 1963, na *Grolier International Encyclopedia*, EGDC publica verbetes de Almeida Garrett, Luís de Camões, Camilo Castelo Branco, Eugénio de Castro, Inês de Castro, Júlio Diniz, J. M.^a Eça de Queiroz, António Ferreira, Alexandre Herculano, The Lusíads, Abílio Guerra Junqueiro, Francisco de Moraes, António Nobre e Garcia de Resende. Os EUA recebem uma visão da literatura portuguesa através de EGDC.

EGDC entrevista em New York a Camilo José Cela para a *Voz de América* e em 5 de abril de 1963 numa "cachelada" organizada por Unity Gallega em benefício da Fundação Penzol, intervêm como oradores o dito Camilo José Cela e Emílio González López.

ANTÓNIO HOUAISS NA ONU EM SINTONIA COM EGDC

A NYU editou um volume em que António Houaiss apresenta os três poetas, um dos quais EGDC, do recital "Três Poetas em Auto-Leitura" que fora celebrado no Brazilian Institute da NYU em 28 de abril de 1964. Relativamente a EGDC, António Houaiss escreve: "aquela original co-identidade linguística galaico-portuguesa perdura ao cabo de um milénio de formação e de oito séculos pelo menos de documentação, no essencial de suas formas e recursos expressivos, a tal ponto que o conceito de 'galego codialeto românico do português' é tão bom quanto o 'português, codialeto do galego', ficando toda a hierarquia entre as duas línguas reduzida a uma contingente conveniência política.

Sábio da palavra como poucos o são no mundo ibérico, pesquisador eminente, conhecedor dos segredos da prosa expressiva artística (Eça de Queiroz e Ernesto Guerra Da Cal terão seus nomes reunidos sempre, após o estudo estilístico que o último fez do primeiro, o maior romancista português) – gramático, lexicógrafo, filólogo, erudito do campo ibero-românico, professor sem jaça – Ernesto é homem múltiplo, que no fazer completa o seu saber, fazer de artesão nos ócios impossíveis para ele, fazer de

poeta – com a *Lua de Alén Mar*, de 1959, e seu *Rio de Sonho e Tempo*, de 1963.

Não é de maravilhar que em tanto conhecedor da poesia nos outros, haja tanto domínio da poesia de si mesmo... na língua da Galiza que Rosalia universalizou de novo, fiel às origens primeiras da lírica natal”.

Quem isto deixou escrito, António Houaiss, era desde 1960 até ao 1964 representante de destaque, secretário da Delegação Diplomática Permanente do Brasil na ONU em Nova Iorque. Votou, representando ao Brasil na ONU “contra a presença portuguesa em África” o qual lhe significou, com a imposição da ditadura militar em 1 de abril de 1964, ser cessado, afastado de tudo e negado dos seus direitos políticos. António Houaiss com 15 anos ingressara na Federação Vermelha de Estudantes e lutou contra a ditadura de Getúlio Vargas. Combateu contra a ditadura militar e na democracia foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro, sendo o primeiro presidente. Os últimos anos da sua vida foram de extraordinária produtividade. Com José Aparecido de Oliveira trabalhou pela CPLP. Foi ministro de Cultura com Itamar Franco e foi artífice dos Acordos Ortográficos para o Português no mundo, segundo Roberto Amaral, ex-ministro de Ciência e Tecnologia.

A sintonia de EGDC com António Houaiss, este na ONU, fica patente para lhe atribuímos a EGDC um contributo de destaque no campo linguístico-político da Galiza e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A LUSO-BRASILIIENS REVIEW (1964)

Em junho de 1964, a Universidade de Wisconsin editou o primeiro número de *Luso-Brasiliens Review*, o anelado projeto de uma publicação própria do lusitanismo nos EUA. Era o editor Alberto Machado da Rosa e EGDC fazia parte do Conselho Assessor. O primeiro artigo da revista é “O Renascimento do Galego Contemporâneo” de EGDC em que embora as “circunstâncias adversas” políticas, “a política centralista... [com] formas odiosas e obtusamente contraproducentes... que impedem o desenvolvimento cultural da Galiza, o renascimento da cultura galega é evidente e de maneira natural tenderá a reintegrar-se mais e mais às suas

irmãs portuguesa e brasileira. O meridiano da cultura galega renascida tem de ser o eixo Lisboa-Rio”. EGDC enviará este trabalho para Outeiro Pedraio, Fernández do Rego e Ramom Pinheiro.

EGDC, DA NEW YORK UNIVERSITY PARA A CITY UNIVERSITY OF NEW YORK

O último curso de EGDC na NYU foi o de 1963-1964, quer dizer, desde os 29 até aos 54 anos, EGDC lecionou na New York University, que abandonou para a City University of New York, onde no Queen College começa a nova etapa profissional como docente no curso 1964-1965. Esclarece EGDC que “nesse ‘flamante’ centro, apoiado pelo município e o Estado de New York, querem desenvolver um programa de Português”. Permanecerá no Queens College da City University of New York até ao seu aposentamento em 1977.

Em setembro de 1965, EGDC e Margarida Ucelay divorciaram-se após uns anos de separação. Em março de 1966, EGDC casou com Elsie Allen Da Cal, anglo-portuguesa, pai inglês, mãe portuguesa, que conhecera por volta de 1961, aquando ela trabalhava como secretária na NYU. A relação entre ele e o filho romperá em 1967. O casamento com Elsie favorecerá, intensificará os contactos com Portugal pois viajarão quase todos os verões a visitarem a família de Elsie e à mãe dele: “Andorinham” em palavras de EGDC...

Em *Grial* (VIII-IX, 1964) Ramom Pinheiro publica o artigo da série “Galegos fora de Galicia” dedicado a EGDC e escreve: “O Ernesto Guerra Da Cal é uma personalidade verdadeiramente brilhante, às vezes mesmo fulgurante, e é, de certo, um dos melhores talentos que produziu a Galiza neste século”. Por essa altura EGDC está “radiante” segundo confessa a Fernández do Rego em carta de 6-XI-1964.

Na *Revista Camoniana* da Universidade de São Paulo (1964) foi publicado o “Poema a Luís de Camões” de EGDC em que é apresentado assim: “Guerra Da Cal, galego como os ancestrais de Camões... o Trovador de Ferrol elege o poeta da tristura seu modelo na poesia e no sofrimento: Deseja carregar a sua lira e a sua espada”.

EGDC E O BLACK POWER

Nesse ano de 1964 traduz de inglês para galego poemas de Langston Hughes, “Too, Sin América” (Eu também canto a América) e “The Negro” (O Negro), publicando-os na *Memória Anual* de Unity Gallega. EGDC define Langston Hughes como “o poeta de raça negra mais eminente dos EUA”, comunista, com quem teve amizade. Langston Hughes fora jornalista na Guerra contra a República espanhola, viajara à URSS para filmar *Negro Live*, filme que não se chegaria a realizar e fora obrigado a depor perante a Comissão McCarthy acusado por essa viagem e de comunista. Foi figura central da movimentação “black power” e do Harlem negro.

Por volta de 1965, segundo testemunha o filho Enric, EGDC relacionava-se com George S. Moore, presidente do First National City Bank (mais tarde City Bank), que encabeçava uma equipa promovida pela Fundação Ford para criar o Atlantic Development Group for Latin America, ADELA, para desenvolvimento económico e social, contra a pobreza, na América Latina e nas Caraíbas. Operou de 1965 a 1980 e foi dissolvido em 1994. Chegou a integrar 242 bancos privados dos EUA, Europa, Japão, Canadá, com o maior património líquido do mundo. Na equipa inicial encabeçada por George S. Moore figurava Hermann Josef Abs, o mais poderoso banqueiro do Terceiro Reich, presidente do Deutsche Bank de 1938 a 1945 e de outras 44 empresas incluindo IG Farben com trabalho escravo a produzir Zyklon B para gasear em Auschwitz. Hermann Josef Abs, graças à intervenção britânica, safou-se de ser julgado e condenado pelo Tribunal Militar Internacional de Nuremberga. Outro dos integrantes da equipa era Gianni Agnelli da Fiat. Tudo, na cidade de New York. ADELA foi a continuação da Aliança Para o Progresso de JF Kennedy, “para completar a revolução das Américas...”.

É em março de 1965 que EGDC divulgou uma entrevista com Mair José Bernardete e com Albert Matarasso, destacadas figuras da cultura sefardita, no programa da *Voz de América* em que afirma ter-se entrevistado e falado da questão com o Embaixador de Israel na ONU, Michel Comay, com U Thant como secretário-geral. Nessa altura era Primeiro-ministro de Israel Levi Eshkol que reata

relações diplomáticas com a República Federal da Alemanha e estabeleceu relações com a URSS o qual favoreceu a emigração de judeus deste país a Israel. Durante a Guerra dos Seis Dias estabeleceu um Governo de Unidade Nacional, com liderança militar sob o comando de Moshe Dayan.

EGDC E ARMANDO CORTESÃO

EGDC será Membro Correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa desde 5 de junho de 1966 e em setembro desse ano contribuiu para organizar o VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado nas Universidades de Harvard e Columbia. Fora convidado Ramom Pinheiro que interveio na secção de linguística. Este conta que EGDC, Celso Cunha e ele acordaram a criação da Comissão Internacional de Linguistas para o estudo do galego que fora proposta por Cunha no decurso do VI Colóquio e mesmo se designara o professor alemão Joseph M. Piel para presidir a Comissão “para incorporar a cultura galega ao âmbito internacional luso-brasileiro”. Presidia a delegação portuguesa no VI Colóquio Armando Cortesão, irmão de Jaime Cortesão, da Universidade de Coimbra e em 30 de setembro de 1966 solicitou-lhe curriculum a EGDC para o propor como membro da Academia Internacional de Cultura Portuguesa; este aceitará e em 5 de junho de 1967 em carta enviada para a Academia indica: “Tenho dedicado muitos anos da minha vida profissional ao estudo da cultura portuguesa, com a qual, como GALEGO, me sinto totalmente identificado, vindo, desde há muito, labutando pelo justo reconhecimento dos seus altos valores no meios académicos deste país”.

ERNESTO GUERRA DA CAL E A ONU

Em junho de 1967 celebrou-se na Vandervilt University uma reunião para promover os estudos de português no ensino secundário dos EUA. Dirigida por William Holloway Roberts da Universidade organizadora, a reunião foi patrocinada pelo Institute of International Studies (United States Office of Education), a Fundação Gulbenkian, a Hispanic Society of América, United Merchants and Manufacturers, Phi Lambda Beta (fraternidade portuguesa nos EUA apoiada pela Gulbenkian) e a Vandervilt University. EGDC abriu as sessões defendendo a utilidade do

português e do seu ensino nos EUA e dos estudos literários particularizando na influência da portuguesa Geração de Coimbra de 1870 sobre a espanhola de 1898; reivindicou o seu estudo acerca de Eça de Queirós pelo impacto deste sobre Valle Inclan, o seu primeiro tradutor.

Atas dessa reunião recolhem diferentes intervenções de EGDC sobretudo na reunião presidida por Oscar Fernandez (NYU), com Jean R. Longland (Hispanic Society of America) como secretária, Leroy Benoit (Cornell University), Antoni Castagnaro (NYU), Camila Miguéis (New School of Social Research) e Maria de L. Sá Pereira (ONU) como “Resource Consultants” e Afrânio Coutinho e EGDC como participantes: Este defenderá com muita força os estudos de português nos EUA.

HELENA CIDADE MOURA PUBLICA EM PORTUGUÊS LINGUAGEM E ESTILO DE EÇA DE QUEIROZ (1966)

Em 1966, Helena Cidade Moura publica em Editorial Aster de Lisboa, *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*, tradução para português do trabalho de EGDC editado em espanhol pela Universidade de Coimbra em 1954. A edição da tradução foi composta e impressa na Livraria Editora Pax LDA de Braga. Na capa do livro, EGDC “é justamente considerado um dos maiores especialistas em temas queirozianos. É também dentro da cultura galega e das Letras hispánicas, um lusófilo de primeiro plano... A obra que editamos pela primeira vez em língua portuguesa... EGDC foi encontrar nessa prosa revolucionária [queiroziana] muitos dos cânones da mais clássica poesia... Observa o A. [EGDC] a profunda revolução a que se submeteu o instrumento de expressão literária, nos seus próprios alicerces”.

Helena Cidade Moura contribuía com a sua tradução para português à revolucionária obra de Eça de Queiroz e de EGDC, “indissolivelmente unidos” como escrevera António Houaiss.

CONTEXTO NEOIORQUINO DE EGDC: A ONU NA DÉCADA DE 1961-1971

Desde 30 de novembro de 1961 até 31 de dezembro de 1971 foi secretário-geral da ONU, U Thant. Vinha a substituir ao sueco Dag

Hamarskjöld porventura assassinado ao ser abatido o seu avião que tentava aterrar no Congo para um cessar-fogo entre as forças da ONU e katanguesas apoiadas pela Bélgica. Durante várias semanas não foi possível acordo para encontrar novo secretário-geral até que o Movimento de Países Não-Alinhados e outras nações pequenas propuseram U Thant, ficando amplamente acreditado o seu papel de mediador que evitou uma guerra mundial nuclear na denominada “crise dos mísseis em Cuba” e para acabar a guerra civil no Congo. Durante o seu mandato entraram na ONU dezenas de novos países asiáticos e africanos e foi um firme opositor ao regime de apartheid da África do Sul. Estabeleceu muitas agências ambientais e de desenvolvimento, o Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento, a Universidade das Nações Unidas, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, o Instituto das Nações Unidas para Treinamento e Pesquisa, o Programa Ambiental da ONU.

A pedido de Nasser retirou as forças da UNEF do Sinai em 1967, o que lhe trouxe a inimizade dos EUA e Israel. Também o seu posicionamento contra os bombardeamentos dos EUA sobre Viet Nam do Norte, criou-lhe muita animadversão da parte norte-americana. A guerra no Chipre, a guerra dos Seis Dias, a guerra Índia-Paquistão, a entrada das forças do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia, aconteceram sob o mandato de U Thant na ONU. U Thant designou o que fora alcaide da Ponte Vedra em 1933, Bibiano Fernández-Ossório Tafall, como o seu representante na missão da ONU para Chipre nas negociações que se reiniciaram em 1972 após aquele deixar o cargo. U Thant morreu de cancro de pulmão em Nova Iorque em 25 de novembro de 1974 aos 65 anos. Nova Iorque, “capital do mundo”, a sede das Nações Unidas, era um lugar privilegiado para EGDC colocar as questões da liberdade da Galiza num contexto democrático favorável para a liberdade dos povos do planeta. Essa década de U Thant foi de descolonização e independência de muitas nações submetidas que ingressaram na ONU como nações livres de pleno direito com voz e voto na Assembleia Geral.

Em 24 de agosto de 1967, *Faro de Vigo* notícia com fotografia a presença de EGDC na cidade a onde viajou para lhe apresentar

Elsie Allen Da Cal à sua mãe e também para se reunir com Fernández do Rego, Álvaro Cunqueiro ou Valentim Paz Andrade. Em 1968, está no mercado a nova edição de *Literatura del siglo XX* [a primeira fora em 1954] de EGDC e Margarita Ucelay, livro para o ensino da literatura espanhola de profusa difusão em colégios universitários dos EUA, em oitenta e cinco precisa Elsie Allen Da Cal, e que quatro décadas depois não deixou de ser usado em muitos deles para além do seu uso no Canadá, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia. Muitos dos autores referenciados estavam censurados pelo franquismo.

EGDC E A CHECOSLOVÁQUIA

Nesse ano de 1968 publicou-se na Checoslováquia, em Praga, *Slovník Spisovalelu Španělsko, Portugalsko, Literatura Španělska, portugalska, katalanska, galicijska, baskická* de Zenek Hampl, novo nome de Zenek Hampejs que EGDC conhecera em 1959 no Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado na Bahia. EGDC enviou-lhe *RST* e isto determinou o interesse pela literatura galega que incluirá no seu livro. EGDC abre mais uma porta para a projeção internacional da literatura galega. Esse é o ano da entrada das forças do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia.

O PORVIR DA LÍNGUA GALEGA

Também em 1968 o Círculo das Artes de Lugo publica *O porvir da língua galega*; o presidente, Ramon Varela Mendez, afirma o ressurdimento da literatura e o pensamento galego que mesmo “penetra na consciência popular”. Nesse ano houve grandes lutas na Universidade de Compostela e fora criado o grupo de cantores denominado “Vozes Ceives”. No ano de 1969 publicou-se a quarta edição bilingue (galego-espanhol) de *Longa Noite de Pedra* de Celso Emílio Ferreiro com três mil exemplares. A segunda edição, em 1967, com mil e a terceira em 1968, com três mil. Três edições em três anos com sete mil exemplares. A primeira edição fora em 1962. Colaboram na publicação da quarta edição Alonso Monteiro, Mendez Ferrim, Carvalho Calero e Paz Andrade. Este escreve da “evolución transccontinental da língua galaico-portuguesa... dos axustes necessários para inserir o galego na área falante do português”.

Em 1969, EGDC escreve carta a Paz Andrade para apoiar o seu

posicionamento. Este e Manuel Rodrigues Lapa reconhecem a autoridade de EGDC. Paz Andrade e EGDC coincidirão na Comissão para a Integração da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro.

EGDC COMENDADOR DO INFANTE D. HENRIQUE

O Governo de Portugal condecora EGDC como Comendador do Infante D. Henrique. A cerimónia de entrega, na City University of New York, foi em 21 de novembro de 1968 com cem pessoas convidadas, representantes de Portugal na ONU, integrantes do Consulado de Portugal e da comunidade universitária, com intervenção do Cônsul Geral de Portugal em Nova Iorque, Alexandre Lancastre de Veiga. A proposta de condecoração foi assinada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira (em 25-I-1967) e o da Educação, Inocêncio Galvão Teles, porque EGDC “é um grande amigo de Portugal... e tem contribuído EXTRAORDINARIAMENTE para o conhecimento da literatura e a cultura portuguesas”. O Alvará da Concessão da Ordem foi assinado pelo presidente Américo Thomaz em 31-VIII-1967.

EGDC participa ativamente na direção da denominada “fraternidade portuguesa Phi Lambda Beta” que impulsava os estudos de português nos EUA e promovera em junho de 1967 o encontro da Universidade de Vandervilt e mesmo uma campanha em favor do estudo do português nos EUA. Em 31 de dezembro, EGDC participou como vice-presidente segundo numa candidatura à direção dessa fraternidade com Hernani Cidade [Portugal] como presidente honorário, e Albert R. Lopes (EUA) para substituir Fidelino de Figueiredo e Melissa A. Cilley, já falecidos. Participará também no Executive Council. Jean Longland da Hispanic Society of America seria uma das “members of the nominating Committee 1968 National Election”.

Em 17 de janeiro de 1967, EGDC participa no programa “Poetas de Galicia” que emitia *Radio Nacional de Espanha* para todo o território espanhol; convidado pelo jornalista Martínez Anido, EGDC falou da situação da poesia galega e do seu conhecimento nos EUA. Reivindicou a ORTOGRAFIA baseando-se em Murguia

e Correia Caldeirão porque a utilizada, caótica e carente de base histórica ou científica, tem de ser substituída pela ortografia do português, a nossa secular ortografia.

O último trabalho nos EUA de EGDC acerca de Eça de Queirós foi publicado em 1969 na *The Encyclopedia Americana*. Completava seis trabalhos em língua inglesa sobre Eça difundidos através de dois dicionários de literatura e quatro de enciclopédias entre 1947 e 1970. É nesse ano de 1970 que colabora com Portugal no *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária* dirigido por João José Cochofel, com verbetes acerca de Acácio e Basílio, duas das celebradas personagens de *O Primo Basílio*.

ESTELLA GLATT TRADUZ PARA PORTUGUÊS LEEQ NO BRASIL

Estella Glatt, brasileira, traduz *LEEQ* de EGDC que se publica em 1969 por Tempo Brasileiro e a Universidade de São Paulo. Eduardo Portella viu assim concretizar-se o projeto que anelava desde 1959 após arranjar com a Editora Aster que publicara três anos antes a tradução portuguesa de *LEEQ* de Helena Cidade Moura. A projeção mediática da tradução de *LEEQ* de Estella Glatt durante o ano de 1970 será: *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro); *Jornal do Brasil*; *Voz de Portugal* (Rio de Janeiro); *O Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro); *Província de Pará* (Belém); *O Globo*; *O Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro); *Folha do Norte* (Belém de Pará); *Folha de São Paulo* (1978); em 1972, *El Nacional* de Caracas e o *Comércio da Povoação de Varzim*. João Guimarães Rosa, figura central da literatura brasileira, promoveu o estudo de *LEEQ* de Estella Glatt.

EGDC recebeu duas ajudas Fulbright-Hay Research Grant em 1970 para investigar em Portugal e o Brasil e uma outra em 1971 da Research Grant to Portugal da CUNY para avançar estudos de Eça de Queirós.

Esse ano de 1970, EGDC tem ano sabático e viaja ao Brasil para o lançamento da tradução de Estella Glatt de *LEEQ* com sucesso: Na Universidade Federal do Rio de Janeiro do 5 ao 15 de janeiro participa no Seminar on American Literature and English Language apoiado pela Comissão Fulbright em que profere duas conferências. A primeira, intitulada “O impacto da cultura

brasileira nos EUA”, foi publicada duas vezes: No *Comércio do Povo* (Porto Alegre) e no *Jornal do Comércio* (Recife). Na segunda conferência “revisitou os principais acontecimentos desde os inícios do século XIX até 1970” e fez referência ao encontro de 1967 na Universidade de Vandervilt com Afrânio Coutinho e Maria de L. Sá Pereira como “resource consultants” da ONU, para ensino do português nos EUA; EGDC frisa que “os resultados concretos de aquela reunião já se derivaram e são muito animadores... Desde aquela data já se conseguiu implantar aulas experimentais de português num certo número de High Schools...”.

EGDC, OS VELHOS COMBATENTES VITALÍCIOS

E OS NOVOS GURREIROS DO AMOR

Concluiu esta segunda conferência afirmando que “Aqueles de nós... da geração... **dos velhos combatentes vitalícios** da batalha... em prol da causa da cultura luso-brasileira [nos EUA]... olhamos... o futuro... que está garantido... pelas gerações de **novos guerreiros**... que estão a espalhar-se pelo país [EUA]... E defende o AMOR visto ser, dentre todas as formas de conhecimento humano, a MAIS ALTA, a MAIS FUNDA e a MAIS LARGA – e a MAIS NOBREMENTE DURADOURA”.

Entre o 19 e o 23 de janeiro de 1970, EGDC proferiu um ciclo de conferências publicadas em um livro pela Universidade Federal do Rio de Janeiro: Cervantes como centro da narrativa relacionando-o com Eça de Queirós e Machado de Assis. O sucesso do ciclo foi publicado mesmo em jornais como *O Globo* e o *Diário de Minas* que apresentam EGDC como o maior especialista em Eça de Queirós e Cervantes. Teve apoios de Eduardo Portella, Waldemar Cavalcânti, Celso Cunha, Leodegário Azevedo Filho, António Chediak, Elísio Condé. Também do livreiro e editor António Pedro Rodrigues. *A Voz de Portugal* (III/IV-1970), que organizava o exílio português no Brasil, publicou, através de Leonardo Jorge, a mais extensa entrevista-reportagem com EGDC distribuída em oito entregas, um longo diálogo no Real Gabinete Português de Leitura em que participou António Pedro Rodrigues. Leonardo Jorge, em 1974, publicará num livro vários dos seus discursos e mensagens incluindo as opiniões acerca dele de destacadas personalidades da

intelectualidade, da cultura e da política, dentre elas a de EGDC. Fora proposto EGDC para ser membro da Academia Brasileira das Letras para substituir Serafim Leite que falecera em 27-XII-1969 mas a vacante foi ocupada por Marcello Caetano em 1970. Em 1976 também será candidato sem sucesso.

EGDC EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

No decurso do seu ano sabático de 1970, EGDC, ao chegar a Portugal mudou de planos ao ser convidado por Leonardo Mathias, filho do que fora em 1959 ministro português dos Negócios Estrangeiros, Marcello Mathias, que apoiava projetos de EGDC na NYU, para viajar a Angola e Moçambique, convite especial para personalidades estrangeiras conhecerem esses territórios em que a luta armada dos movimentos independentistas era uma realidade cotidiana. EGDC aceitou e viajou com Elsie durante o mês de novembro em que a sua presença é noticiada – em 20-XI-1970 em *Notícias* de Lourenço Marques (hoje Maputo) – sobretudo em Moçambique graças a Joaquim Montezuma de Carvalho que morava em Inhambane (Moçambique). Conferenciou acerca de *A Relíquia* em Luanda e Lourenço Marques (hoje Maputo) e foi publicado nessa cidade um seu poema no *Diário de Notícias* em 23-XI-1970.

Ao regressar escreve cartas a Blanco Amor manifestando-lhe satisfação pela viagem e em 7-XII-1970 escreve cartas de agradecimento aos ministros de Ultramar, Joaquim da Silva Cunha e ao dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício; para o primeiro: “a magnitude civilizadora da obra de Portugal em África”; para o segundo: “tantos civilizadores... gigantescamente... a sua ação no teatro das suas façanhas”. Enviou cópias das duas cartas para o Marcello Caetano e não fez público nada que transparecesse aquela valorização “civilizadora”.

EGDC não viajou com condições impostas segundo Joaquim Montezuma de Carvalho (JMC), contrário a Salazar e a Marcello Caetano, segundo se pode pensar de cartas que lhe envia Silvio Lima em 1969 intercetadas pela PIDE, e aventura a hipótese de EGDC querer verificar *in situ* se Eça de Queirós tinha razão aquando defendia que as colónias portuguesas fossem vendidas. Resulta difícil não pensar que EGDC aproveitasse o ensejo para

saber qual o desenvolvimento dos movimentos em luta para se independizar de Portugal com as pertinentes simulações. Montezuma também é relacionado com a publicação de um denunciador artigo no *Diário de Notícias* que levou ao julgamento e posterior exílio do poeta Virgílio Lemos por “ofensas à bandeira nacional” portuguesa e declara que não alinha entre os que pretendem a imediata independência para Moçambique. Montezuma ainda antes em 1917, sendo estudante, tomou a iniciativa da homenagem a Teixeira de Pascoaes publicando o livro colectivo *A Teixeira de Pascoaes*.

Nesta viagem JMC entregou a EGDC o único produto audiovisual conservado de Federico Garcia Lorca que será doado à Hispanic Society of America o qual favorecerá que JMC seja eleito membro da instituição. O filme serviu de base para em 1975 a HSA celebrar uma exposição muito “admirada” segundo a bibliotecária Jean Longland.

Durante o mês de janeiro de 1971, EGDC desenvolve uma grande atividade como conferencista em Portugal para reivindicar *A Relíquia* de Eça de Queirós como “uma triunfante ilustração da Arte sobre a Vida. Por isso vive e viverá como tenra, risonha e melancólica sátira das ilusões humanas – expressa numa forma de perene perfeição”. Após conferenciar em janeiro de 1970 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, conferencia durante o mês de novembro de 1970 na CUNY, em Angola (Luanda), e Moçambique (Sociedade de Estudos de Lourenço Marques, Maputo). Antes de conferenciar em Portugal o *Diário de Notícias* e *A Capital* noticiam em 5-I-1971 de uma receção oficial a EGDC de Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros, como reconhecimento pela sua dedicação em favor da cultura portuguesa. Marcello Caetano publicou em 1961 um estudo de cartas de Eça de Queirós aos seus editores que foi dedicado a EGDC. Nos dias 8 e 9 de janeiro de 1971, o *Diário Popular*, *A Capital* e *O Diário de Notícias* informam de conferência de EGDC no Grémio Literário de Lisboa. *O Diário de Coimbra* de 16-I-1971 notícia das Comemorações da Geração do 70 à que pertenceu Eça de Queirós. Abriu os atos em 15 de janeiro EGDC com conferencia sobre *A Relíquia* na Universidade de Coimbra com

muita assistência e muitos aplausos que, Carlos Reis, estudante na altura e assistente à conferência rememorarão após a morte de EGDC. Em 20-I-1971, Urbano Rodrigues Tavares que pertencia ao clandestino Partido Comunista Português com contacto com o nacionalismo galego, publica uma ampla entrevista com EGDC no Diário de Lisboa intitulada “A língua portuguesa tem um destino universal”. Nela EGDC defende o uso da ortografia portuguesa na Galiza e um futuro federal para a Espanha.

Em 12-I-1970, Outeiro Pedraio escreve carta a EGDC para agradecer-lhe o apoio dado para o seu ingresso na Hispanic Society of America.

EGDC NO CENTENÁRIO DA QUESTÃO COIMBRÃ

Naquele ano de 1971, as Comemorações da Geração do 70 ou da Questão Coimbrã foram impulsadas por diferentes pessoas e grupos opositores à ditadura salazarista que se ressentia pelo desgaste da guerra colonial para contribuir à sua derrocada como acontecera cem anos atrás em que a Questão Coimbrã favoreceu a queda posterior da Monarquia e a instauração da República. Uma das pessoas empenhada em acabar com a ditadura era Alberto Machado da Rosa em campanha desde anos atrás para a celebração do Centenário da Questão Coimbrã. EGDC encontra-se envolvido na campanha e nas Comemorações, cousa que destaca o próprio Alberto Machado da Rosa ao incluir “um insigne filho da Galiza... EGDC” que fez parte de uma Comissão em Coimbra para organizar a efeméride do Centenário da Questão Coimbrã ou Geração do 70: EGDC dá o seu contributo à derrocada da ditadura salazarista.

Os ataques do salazarismo através das vozes da crítica salazarista, Gaspar Simões e Allyrio de Melo, contra EGDC serão públicos, intensos e duradouros no tempo. A análise que EGDC fazia de *A Relíquia* em particular e de Eça de Queirós em geral, batiam frontalmente contra a ideologia da ditadura salazarista e os seus pilares. Durante os anos de 1971 e 1972 os ataques contra EGDC sucedem-se e são empregados contra ele os qualificativos de “galego e espanhol” em sentido pejorativo. A virulência dos ataques contra EGDC produzem as respostas dos seus aliados e

amigos e amigas que também serão atacadas como Helena Cidade Moura.

Em 1972, os estudos sobre Eça de Queirós serão o centro da atividade de EGDC e desde treze países chega-lhe o reconhecimento por essa produção nomeadamente a que maior dano produzia nos ambientes salazaristas, *A Relíquia*.

A INSURREIÇÃO OPERÁRIA EM FERROL DE 10 DE MARÇO DE 1972

Os acontecimentos na Galiza, a insurreição operária em 10 de março de 1972 em Ferrol que alastrará a Vigo e à Galiza toda, a vinda do Zeca Afonso a Lugo e Compostela a cantar, solidário com as lutas operárias, “Grândola Vila Morena”, o levantamento operário em Vigo de 12-26 de setembro de 1972, talvez estejam no fundo dos apelos de Franco Grande, nomeadamente no verão de 1972, para EGDC visitar Vigo. Em 25 de julho de 1972, Franco Grande convida-o para se encontrarem em Vigo. Em 18 de agosto, EGDC responde a Franco Grande para lhe dizer que estivera em Vigo durante três dias em junho mas só para acompanhar a mãe de 83 anos e não contactara ninguém. Em 8 de julho de 1972, Manuel Rodrigues Lapa em carta a EGDC propõe-lhe se encontrarem “para falar consigo sobre os problemas do galego, ameaçado gravemente pelos audiovisuais em castelhano... [e] o seu exemplo como inspiração de TODO LITERATO GALEGO... primeiro foi o povo que salvou a língua; agora compete aos autores salvá-la de novo por meio de adequado uso literário...”.

A BIBLIOGRAFIA QUEIROSIANA (BQ) DE EGDC ENTRA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Em 21 de maio de 1973, EGDC confirma em carta a Joaquim Montezuma de Carvalho ter entregue a *Bibliografia Queirosiana (BQ)* na Universidade de Coimbra onde causou admiração e surpresa pelas dimensões e exaustividade do conteúdo. Do acontecimento da conta no jornal de Lisboa, *A Capital*, o jornalista Rogério Fernandes, opositor à ditadura que dirigira *Seara Nova* e após o 25 de Abril ingressou no PCP, vice-presidente do Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos no

âmbito da Assembleia da República, a sua obra *Os Caminhos do ABC: Sociedade Portuguesa e ensino das primeiras letras*, marca o seu compromisso com os humildes. Numa entrevista a EGDC de duas páginas publicada na capa do jornal e nas páginas centrais com fotografia, o tratamento de destaque é muito grande. EGDC dimensiona Eça de Queirós como um vulto da literatura universal, marca tarefas para o Campo Literário Português e informa que a *BQ* consta de 1800 páginas dactilografadas e cerca de 10.000 verbetes, trabalho que não poderia ter realizado se não vivesse em Nova Iorque onde as bibliotecas são pródigas. No final da entrevista fala dos problemas da expansão do português nos EUA e da Galiza na recuperação da sua língua e cultura.

Conclui Rogério Fernandes, EGDC “ter direito não só à admiração como à gratidão dos homens e cultura portuguesa”. Apresenta-o como galego de nascimento e português “por afinidades de língua, cultura e sentimento». Ao encerrar a entrevista, indica R. Fernandes, “o professor Da Cal evoca os anos da meninice na sua Galiza, onde imperava um certo fradiquismo nas classe cultas e onde uma tradução de Eça de Queirós lhe caiu nas mãos aos doze anos. Foi uma paixão que continuou em Santiago (sic) e depois nos tempos de Madrid, nos tempos da formação e que, decerto, não acabará”.

MANUEL RODRIGUES LAPA COMBATE EM FAVOR DA GALIZA

Em julho de 1973, Manuel Rodrigues Lapa tinha setenta e seis anos. Exilado no Brasil por ser grande combatente pela Liberdade, perseguido pelo salazarismo e a PIDE que o encarcerou e privou de qualquer meio de vida. O que fora amigo de Castelão e do Partido Galeguista na década de 1930. Cientista da língua, a Galiza ocupara grande parte do seu trabalho de investigador porque “Como a nossa língua é radicalmente a mesma, há um problema de recuperação literária do galego, a ser resolvido naturalmente com a ajuda do português, que é a verdadeira língua de cultura. Nisso também me tenho empenhado. Cinjo na minha atividade de escritor, as três dimensões da nossa cultura que são cronologicamente a galega, a portuguesa e a brasileira... Convencime inteiramente de que, para nos conhecermos bem, teremos de

conhecer a Galiza onde está a nossa mais profunda raiz... Nunca deixei de me ocupar da Galiza, que é para mim como um vício e uma necessidade; e também um dever moral”.

É este velho combatente exilado com grande autoridade linguística que guiado pelo seu amor à Galiza publica nessa data de julho de 1973 em *Colóquios/Letras*, revista da Fundação Calouste Gulbenkian dirigida por Jacinto do Prado Coelho, um trabalho intitulado “A recuperação literária do galego” contrariando um outro publicado por Ramom Pinheiro na mesma revista. Manuel Rodrigues Lapa coloca como referente e autoridade galega em matéria da língua a EGDC realçando que Outeiro Pedraio o considerasse “mestre da nova galegidade” e proclamando que “é quase um milagre ter sido um escritor galego [EGDC] superiormente apertrechado, o primeiro a dar a esta ideia a forma justa e concreta por que todos esperávamos. Assim seja pois”, a língua galega escrita com a sua secular ORTOGRAFIA, a do português, acrescentamos.

Manuel Rodrigues Lapa reconhece o “superior apertrechamento” e ser pioneiro a EGDC num contexto de queda das ditaduras de Franco e Salazar.

Para além das insurreições operárias de Ferrol e Vigo de 1972, a reivindicação da língua tornara-se um fenómeno de massas através de cantores agrupados em “Vozes Ceives” – duas mil pessoas assistiram a um seu recital na Faculdade de Medicina da Universidade de Compostela em 26 de abril de 1968 – que permanecerão unidos até ao ano de 1974. “Vozes Ceives” fora fundado em maio de 1968 ao jeito do movimento catalão “Els setze jugs” ou o basco “Ez dok amairu”. Acrescentemos a canção de intervenção, movimento em que participa José Afonso para completar o quadro peninsular. Eis que o franquismo decreta a incorporação das línguas nativas aos programas de Ensino Geral Básico e pré-escolar a meio do Decreto 1433/75 de 30 de maio. Antes, a ordem ministerial de 23 de agosto de 1973 permitiria na Espanha o ensino do português como língua estrangeira.

CONTRA A NOSSA SECULAR ORTOGRAFIA, A DO PORTUGUÊS

Em 19 de agosto de 1973, *Faro de Vigo* oferece uma ampla

referência do artigo de Manuel Lapa publicado também em *Grial*. Uma semana depois, em 26 de agosto de 1973, Dario Xohan Cabana publica “Decimos non à integración do idioma Galego no Português” em *El Ideal Gallego* e na mesma data publica “Contra a falsa ORTOPÉDIA linguística” em *El Progreso*. Dario Xohan Cabana a militar na União do Povo Galego, qualifica de irresponsável sem o citar a EGDC, também desqualifica a Lapa. Xavier Alcalá contraria Dario Xohan em *El Ideal Gallego* em 2 de setembro de 1973 e em 4 desse mesmo mês Xosé Ramon Fernández Oxea (Ben-Cho-Sei) defende em *La Región* o ensino do português como língua estrangeira num sistema de educação que PROIBIA o galego. Mas nada foi feito nesta linha que também defendia Manuel Lapa. Álvaro Cunqueiro em dia 9, posiciona-se contra Lapa-EGDC em *Faro de Vigo*. Outeiro Pedraio posiciona-se em carta datada em 4 de setembro de 1973 contra Lapa-EGDC: Essa carta será publicada e respondida em *Grial* em 1977 por Lapa e posteriormente em livro de 1979 também de Lapa.

A POSIÇÃO

DE RICARDO CARVALHO CALERO

Ricardo Carvalho Calero nessa altura não defendia a posição Lapa-EGDC; em dezembro de 1969 escrevia “hoxe, agás algun extravagante desvencellado do tempo e das circunstancias, todos empregamos a mesma ORTOGRAFIA... a castelá...”. Será em 1979 que Ricardo Carvalho Calero mude de posição. No último trimestre de 1973, Ramon Pinheiro contraria a Lapa em *Grial*: O galeguismo e os grupos nacionalistas da Galiza eram contrários ao uso da ortografia portuguesa para o galego. EGDC é o único a defender essa posição. Carrero Blanco é morto em atentado em 20 de dezembro de 1973.

A LÍNGUA GALEGA REIVINDICADA PELO MOVIMENTO OBREIRO

No entanto a luta em favor da utilização do galego, contra a proibição do seu uso pelo franquismo, penetra no Movimento Obreiro e aparece como reivindicação permanente como um direito do proletariado e do povo galego para usar a sua proibida e própria língua. O que não aparece reivindicado é um outro direito

básico, o da ALFABETIZAÇÃO na própria língua e cultura. Também é verdade que se nessa altura fossem assumidas as posições de Lapa-EGDC, o *Manual de Alfabetização* de Helena Cidade Moura ou outro teriam entrado na Galiza com os pertinentes resultados experimentados em Portugal ou qualquer outro país em que se desenvolvesse campanha de ALFABETIZAÇÃO na sua própria língua e cultura. Em qualquer caso ao proletariado e ao povo galego fora-lhes furtado o debate que ficou apenas para alegados especialistas.

A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

É a Revolução dos Cravos o contexto que favorece a iniciativa de Manuel Lapa de propor a EGDC e Outeiro Pedraio fazerem parte da Associação Portuguesa de Escritores (APE), fundada dentre outros por Francisco Assis Pacheco. A ideia de dar entrada oficial nas letras portuguesas, às da Galiza persistia desde a fundação da APE e é com a entrada de EGDC e Outeiro Pedraio que se concretiza. Mais tarde Lapa publica no *Diário de Lisboa* de 8 de novembro de 1974, o intuito de propor o ingresso de Álvaro Cunheiro e Celso Emílio Ferreiro. No verão desse ano Lapa e EGDC mantiveram intenso contacto por causa desse assunto. Em 7 de janeiro de 1975, Lapa comunica a EGDC a sua eleição como membro da APE e em 9 de março propõe-lhe organizar “um debate público acerca da língua e a cultura galega”.

A IDEOLOGIA POLÍTICA DE EGDC EM 1974

Com ensejo da entrada na APE, EGDC envia para Lapa uma autobiografia datada em 22 de novembro de 1974 em que se define como “um fanático íntimo e privado da Liberdade – com maiúscula. Que quando foi necessário moralmente agir na ação em defesa da dignidade humana, não hesitei em entrar em combate com as armas na mão contra o Fascismo franquista. [Exilado nos EUA] dediquei todos os meus... esforços a pregar o Evangelho da CULTURA galaico-portuguesa”.

Considera-se “um anónimo e velho [tem 63 anos] lutador anti-franquista cuja ideologia não mudou um ponto durante todos estes anos. Continua a estar onde estava em 1936”. Nesse ano as Juventudes Unificadas Socialistas em que Ernesto Perez Güerra, Ernesto Guerra Da Cal, as representava publicamente dentro das

Milícias Populares Galegas, segundo publicava *El Socialista*, defendiam a Revolução que acabasse com o capitalismo para construir uma sociedade socialista e comunista; e defendiam a União Livre de Repúblicas Confederadas, uma das quais, a República da Galiza e Portugal.

E acrescenta “Embora a vida... me causar desilusões sobre a natureza humana em todos os seus aspetos inclusivamente os políticos mantenho-me ferrenhamente fiel à minha ideia tão bem exprimida por Valle Inclan, de que 'de realidades vive o homem mas de sonhos sobrevive' e eu sou perpetuamente um 'sonhador teimoso em sonhos' – como D. Quixote”.

E acaba: “... Galiza cuja unidade espiritual com Portugal eu tenho VITALICIAMENTE defendido”. O paragrafo completo que Joel Gomes reproduz é o que se segue: “Si licitus est' para parafrasear o nosso Eça poderia afirmar, com infinitamente mais razão do que ele, já se vê, que 'sou um pobre homem de Quiroga' – lugar da minha infância. Sobre o escritor – que julgo ser o que principalmente conta para a associação de escritores – já mandei o meu 'curriculum vitae'. Do homem, que quer que lhe diga? Homem público não sou, nem nunca fui, nem nunca quero ser, pois não tenho a vocação. Político, também não sou, no sentido público e profissional da palavra, se entende. Sou, porém, um fanático íntimo e privado da Liberdade – com maiúscula. Que quando foi necessário moralmente agir na ação em defesa da dignidade humana, não hesitei em entrar em combate com as armas na mão contra o Fascismo franquista. Com a triste derrota tive que me exilar e refazer a minha vida nos EUA, onde, como o meu Amigo sabe, dediquei todos os meus humildes esforços a pregar o Evangelho da cultura galaico-portuguesa 'in partibus infidelium'. Considero-me, pois, um anónimo e velho lutador anti-fascista cuja ideologia não mudou um ponto durante todos estes anos. Continuo onde estava em 1936. Embora a vida, como é natural com o acréscimo dos anos e da experiência, não tenha deixado de me causar desilusões sobre a natureza humana em todos os seus aspectos, inclusivamente os políticos, mantenho-me ferrenhamente fiel à minha ideia, tão bem exprimida por Valle-Inclan, de que 'de realidades vive o homem, mas de sonhos sobrevive' e eu sou

perpetuamente 'um sonhador teimoso em sonhos' – como D. Quixote.

Quero mais uma vez patentizar-lhe o meu sensibilizado agradecimento pela sua bela iniciativa de, através da minha pessoa, que pouco vale, e da dos outros candidatos galegos que valem muitíssimo mais do que eu, querer dar entrada oficial no mundo das letras portuguesas, às da Galiza, cuja unidade espiritual com Portugal eu tenho vitaliciamente defendido. Bem haja meu caro amigo!”.

EGDC PERANTE AS NACIONALIZAÇÕES DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Em 10 de junho de 1975, em carta dirigida a JLFG, EGDC escreve: “Além do mais, a situação em Portugal não é das mais aliciantes. Os 'pretorianos' son un fato de loucos, que non saben o que é uã revolución e que estan fazendo as parvadas mais inconcebíveis – que levan aquele pobre país à ruína, da qual sairá – que horror! – un Pinochet brutal, se Deus non o remediar, ou a relambida Virxe da Fátima! Aquilo está na total anarquia económica. Para o fin do vran, acabarán as poucas divisas estrangeiras que xá fican (400 milhós de dólares, com uã balanza comercial que perde \$110 milhós por mês) e entraran a gastar o oiro que forretamente acumulou durante corenta anos o Moucho de Comba-Dão, tirados das costelas do Povo. As nacionalizaciós son loucas e a maneira como se están a fazer as socializaciós ainda mais louca. Os tipos non saben nada e xulgan que saben tudo. O infantilismo revolucionário é para apavorar o próprio Lenín, que se levantasse a cabeça, e olhase para Portugal levaria as mans a mesma e se encafuaria novamente no seu hórrido cadaleito de seu horrendo mausoleu da Praza Vermelha. Enfin, un desastre!”. Nessa mesma carta a JLFG, comunica-lhe que ele, EGDC, fora eleito membro representante da Galiza na Associação Portuguesa de Escritores e também aceite a sua candidatura para a Academia das Ciências de Lisboa.

O MANIFESTO DE ROMA

“Galicia é hoje, por circunstâncias históricas **IRREVERSÍVEIS**, **BILÍNGUE**... Galicia é hoje **irreversivelmente bilíngue**”. Assim começa o “Manifesto para a supervivência da língua galega”

redigido em Roma e enviado à revista *Grial* antes do 5 de abril de 1974, data da carta de Ramom Pinheiro para o porta-voz do grupo das treze pessoas do Manifesto de Roma, Martinho Montero Santalha, tentando justificar a sua não publicação, a sua censura. Foi publicado em português na revista *Seara Nova* em setembro de 1974 e em espanhol na revista *Cuadernos para el Diálogo* em outubro de 1974. No Manifesto, ao calor da Revolução dos Cravos, reivindica-se a língua galego-portuguesa e medidas na rádio, televisão, jornais, ensino, administração, Igreja “Em prol da integração da língua galego-portuguesa” e um bilinguismo “harmónico” e repetitivo (treze vezes). É um manifesto muito contraditório em termos do irreversível bilinguismo da população da Galiza: O diagnóstico mais certo é uma esmagante e aniquilante PROIBIÇÃO do galego-português pela força militar da ditadura franquista, aliás, resultado de séculos de opressão pelas armas castelhanas e espanholas; quer dizer, submeter a população ao mais abjeto ANALFABETISMO na sua própria língua e cultura, ALFABETIZANDO-A à força em espanhol. O Manifesto tem a virtude de definir a língua da Galiza como língua galego-portuguesa, em identidade do galego com o português e abrir a Galiza ao mundo português e brasileiro, ao mundo da nossa língua e cultura. O discurso bilinguista, o idílio bilinguista, é e será o do inimigo opressor espanhol, o do Estatuto de Autonomia vigorante imposto na Galiza com um voto afirmativo de cada cinco pessoas com direito ao voto durante cerca de quatro décadas.

Lapa em carta a EGDC de 6 de agosto de 1974 informa-o do Manifesto de Roma. Lapa publica nesse mesmo verão em *Vértice* o artigo “Duas atitudes face o problema do galego” marcando “o aprendizado do português para recuperar a própria língua” como fizeram EGDC e Francisco Anhão. Lapa acolhe com entusiasmo o Manifesto de Roma e afirma que “há que dar o máximo apoio a esse benemérito grupo dos treze de Roma”.

CONFLITO LINGUÍSTICO E IDEOLOGIA NA GALIZA

Em 1976, Francisco Rodrigues, dirigente da UPG publica o livro *Conflito linguístico e ideologia na Galiza* para contrariar o Grupo de Roma e Manuel Rodrigues Lapa.

Começa o livro referenciando António de Lebrija que no prólogo, datado em Salamanca em 1492, da sua *Gramática da língua castelhana*, afirma que “sempre a língua foi companheira do império”; também afirma que “a língua castelhana teve a sua infância no tempo dos juízes e Reis de Castela e Leão e começou a mostrar as suas FORÇAS no tempo... do Rei Dom Afonso O Sábio... e que se estendeu depois até Aragão e Navarra e desde ali a Itália seguindo a companhia dos infantes que enviamos a IMPERAR em aqueles Reinos; [que] os MEMBROS E PEDAÇOS da Espanha que estavam por muitas partes derramados, reduziram-se e ajuntaram em um corpo e UNIDADE de Reino... Depois de os inimigos de a nossa fé VENCIDOS POR GUERRA E FORÇA DE ARMAS... que floresçam as artes da paz. Entre as primeiras, a arte que nos ensina a língua [castelhana] que até à nossa idade [ao nosso tempo] andou solta e fora de toda regra [e teve] em poucos séculos muitas mudanças que [se a compararmos] com a de há quinhentos anos [992] acharemos tanta diferença... quanta pode ser maior ente duas línguas... Que depois que vossa Alteza metesse baixo o seu jugo muitos povos bárbaros e de peregrinas línguas [e vencidos] teriam necessidade de receber as leis que o vencedor [IMPÕE] ao vencido e com elas a nossa língua... uma vez derrotados [e não só] os inimigos da nossa fé [têm necessidade de saber castelhano] mas [também] os biscainhos, navarros, franceses, italianos e todos os outros que têm algum trato e conversa em Espanha”.

Esta ideia de os inimigos vencidos por GUERRA E FORÇA DAS ARMAS para lhe impor as leis e língua do vencedor não pode ser esquecida consciente ou inconscientemente ou transformada em “imperialismo político-económico” que assimila minorias do povo... para garantir “CONFLITO LINGUÍSTICO internamente”. O caso da Galiza, “domada e castrada” pela GUERRA E FORÇA DAS ARMAS para lhe impor leis e língua do vencedor castelhano-aragonês dura mais de quinhentos anos – desde dezembro de 1486 em que Fernando e Isabel chegam a Compostela a tomarem posse da conquista do Reino da Galiza. Definir o que acontece na Galiza como “conflito linguístico” é um erro que OCULTA toda carga de agressão, repressão e dano que todas e cada uma das pessoas a

habitarmos a Galiza sofremos durante a nossa vida e durante gerações.

Para fazermos um diagnóstico mais acertado do que acontece na Galiza não temos outro remédio que a análise rigorosa, científica, marxista do MANIFESTO POLÍTICO-MILITAR IMPERIAL UNIVERSAL da sua Alteza Isabel de Castela, que é o prólogo da Gramática de António Lebrija, análise desde a Galiza para o mundo e desde o mundo para a Galiza. É só lembrar que esse ano de 1492 é o da navegação de Cristovão Colom a América e ao seu regresso as negociações entre as duas coroas peninsulares dão, em 1494, o Tratado de Tordesilhas que repartia o mundo em duas metades, renunciando Portugal à Galiza. Na Galiza, somos o resultado desse devir histórico que começa com esse Tratado de Tordesilhas e esse prólogo de António Lebrija.

Em qualquer caso Francisco Rodrigues, que nem sequer aponta a necessidade desta análise, afirma que “galego e português são a mesma língua” desde uma perspetiva linguística. Mas [não nos consola] desde uma perspetiva sociológica e política, galego e português são a mesma língua porém **ortografia portuguesa** para o galego é que não, ORTOGRAFIA ESPANHOLA é que sim. A solução de que escrevamos na **nossa secular ortografia**, a do português, proposta por Rodrigues Lapa – PROPOSTA DE EGDC que ele coloca como referente e autoridade – segundo Francisco Rodrigues, “é individualista e 'culturalista', uma falsa alternativa... porque não soluciona os nossos problemas culturais como povo, como coletividade, nem pode consolar ninguém que queira a sua língua e cultura 'normalizada' no seu contexto social”.

Dos nossos problemas culturais como povo, como coletividade, podemos destacar:

- i. Somos forçados como povo a nos alfabetizar em espanhol, falar, ler, escrever num contexto em que o galego é falado por muitas pessoas.
- ii. Somos obrigados a nos ANALFABETIZAR na nossa própria língua e cultura num contexto em que o espanhol está cheio de palavras galegas que cria uma considerável confusão.
- iii. É-nos PROIBIDA com todo rigor a ALFABETIZAÇÃO

na nossa própria língua e cultura.

Justamente, as forças da resistência das que fala Francisco Rodrigues, desde muito há falaram de ALFABETIZAR a população galega com dicionários e gramáticas portuguesas, desde muito antes da Irmandade da Fala e João Vicente Biqueira afirmarem o mesmo. E Francisco Rodrigues e as pessoas a integrarem a sua organização, como forças da resistência na coerência, estariam ALFABETIZADAS na sua própria língua, ORTOGRAFIA e cultura e teriam ALFABETIZADO muitíssimas outras desde os esperançosos tempos da Revolução dos Cravos que levou avante maciças campanhas de ALFABETIZAÇÃO com o *Manual de ALFABETIZAÇÃO* de Helena Cidade Moura que poderia ter sido de uso maciço na Galiza, se as forças da resistência incluído Francisco Rodrigues abandonassem a resistência a usar a nossa secular ORTOGRAFIA, resistência que continua mais de meio século passado.

Insistimos muito na questão da ALFABETIZAÇÃO da população da Galiza na sua própria língua e cultura porque isto pode ser decisivo para derrubar o poder e as falácias dos **analfabetizadores** a impor-nos pela força a espanhola ALFABETIZAÇÃO, numa língua e cultura não só alheia ou estrangeira mas também CONTRÁRIA, ANTAGÓNICA, ANIQUILANTE de todo o que somos coletiva ou individualmente e de TODO O PATRIMÓNIO secular que a meio do trabalho fomos construindo na Galiza.

EGDC parece-nos um referente adequado porque, embora o seu afastamento das massas populares galegas, ele abriu um caminho abrangente, de totalidade, na análise da língua e a cultura galego-portuguesa-brasileira, com estudos e preocupação por conhecer – desde a Galiza – tudo o interrelacionamento histórico-linguístico-cultural da Galiza com Portugal e ao invés, da Galiza com a Espanha e ao invés, de Portugal com o Brasil e ao invés, e de todos eles com o mundo e ao invés.

Aquando Francisco Rodrigues se posiciona contra Rodrigues Lapa e EGDC, está a se posicionar contra toda a tradição política, linguística e cultural que ele afirma defender, particularmente contra A. D. Rodrigues Castelão que em 30-X-1931, no *Diário de Lisboa*, como professor distinto do Instituto de Estudos Galegos

acrescenta: “Em Santiago damos cursos de português. A similitude entre os nossos idiomas é perfeita”.

Capítulo sexto

MUDAR TUDO PARA TUDO SEGUIR IGUAL

E o posicionamento de F. Rodrigues acontece num tempo de mudança política anunciada. Franco morrera em novembro de 1975 após decretar em 30 de maio desse ano o Ensino das línguas nativas na educação pré-escolar e na educação geral básica no Decreto 1433/1975 de 30 de maio publicado no BOE n.º 156 de 1 de julho de 1975. Em 15 de dezembro de 1976, celebrou-se o referendo da Lei de Reforma Política. Em 15 de junho de 1977, eleições gerais espanholas com triunfo da UCD de Adolfo Suarez. A Junta Pré-Autonómica cria-se por Real Decreto Lei 7/1978 de 16 de março. Em 6 de dezembro de 1978, referendo constitucional espanhol.

Em julho de 1978, constituiu-se a Junta da Galiza presidida pelo franquista António Rosón; e foi criada uma Comissão, a Comissão dos 16, para redigir o texto do Estatuto de Autonomia da Galiza. Estava integrada por nove representantes da UCD, dous do PSOE, dous da AP, um do PCG (Anjo Guerreiro), um do POG (Camilo Nogueira) e um do PTG (Fernando Solha).

A proposta desta Comissão dos 16 foi apresentada no Parlamento espanhol e o ministro da UCD, Perez Llorca, quis “delimitar” o seu contido drasticamente. Houve grandes protestos e mobilizações na Galiza contra a “ultragem” estatutária. Em 29 de setembro de 1979 assinou-se o denominado “Pacto do Hostal” [dos Reis Católicos em Compostela] em que participaram Manuel Iglesias Corral, Meilão Gil e António Rosón pela UCD, Anjo Guerreiro e Perez Tourinho pelo PCG, José Luís Barreiro Ribas e Luís Álvarez Ortiz pela AP, Ceferino Diaz e Francisco González Amadiós pelo PSOE e Avelino Pousa Antelo, Jaime Isla Couto, Alfonso Zulueta de Haz e Luís Sobrado pelo PG, pacto que seria aprovado pelas Cortes espanholas para ser submetido a referendo. O Real Decreto de 20 de julho de 1979 (BOE n.º 200 de 21 de agosto de 1979) não é para a utilização da língua galega no sistema

educativo da Galiza como afirma porque exclui a educação universitária e minimiza o bacharelato e a formação profissional de segundo grau.

A COMISSÃO LINGUÍSTICA PRESIDIDA POR RICARDO CARVALHO CALERO

O Plenário da Junta da Galiza aprovou em 21 de setembro de 1979 criar uma “Comissão Linguística” presidida por Carvalho Calero e integrada por Ramon Martínez López (ex-professor da Universidade de Texas, regressado do exílio) como vice-presidente; José Luís Rodríguez Fernández (Cátedra de Galego na USC); José Fernando Felgueira Valverde; Isidro Millan González Pardo, Antão Santamarina Fernández; José Luís Pensado Tomé e Manuel Vidian Torreira. Era Conselheiro da Educação e Cultura, Alexandrino Fernández Barreiro, o que presidiu a constituição dessa “Comissão Linguística” que começou a trabalhar em 20 de outubro de 1979 e elaborou umas Normas Ortográficas do Idioma Galego, divulgadas pela Junta da Galiza em 17 de maio de 1980, no Dia das Letras Galegas, para simbolizar o documento.

Em carta de Lapa a EGDC (13-IX-1979) [rendido aos argumentos de EGDC para publicar um “maquiavélico” Dicionário castelhanogalego]: “A verdade é que todo esse problema [EGDC refere a Lapa o problema do galego em carta de 29-VIII-1979] se resolveria simples e **perfeitamente** com um ENSINO OBRIGATÓRIO do português na escola SECUNDÁRIA galega durante DOIS anos apenas; mas o galego não tem a dureza do basco nem do catalão para IMPOR tal medida perfeitamente legítima”.

Em 13 de março de 1980, EGDC escreve carta a Paco (Francisco Fernandez do Rego) com ortografia não portuguesa, mistura: “Há quatro anos que estou jubilado e três que estou residindo em Estoril numa casa que Elsie herdou do pai. Fazemos uma vida mui pacata. Rara vez vamos a Lisboa nem a parte nenhuma... passear, nadar, golfe [desfrutam da vida]... eu faço carpintaria e também escrevo... a *BQ* vai no III volume e ainda temos mais dois no forno da Universidade de Coimbra programados para virem a lume... neste ano... de 1980 [não esclarece em que língua escreve]. Ontem fui a Lisboa almoçar com o Mestre Rodrigues Lapa [está rejo,

lúcido... oitenta e tal anos]. Falamos de todos os amigos da Galiza, especialmente de ti, e ao regressar à casa, resolvi escrever-te. Tenho acompanhado e processo pré-autonómico da Terra e as larpeiradas da UCD e do lampantim Suarez, em relação à Galiza e Andaluzia, etc. etc. Recebo regularmente o *Grial* e um semanário que se edita em Compostela de carácter marxista de esquerdas intitulado *A NOSA TERRA*. De vez em quando comunico-me com um rapaz engenheiro e escritor, o Xavier Alcalá, que conheci na Livraria Sá da Costa no ensejo do lançamento do último livro do Mestre Lapa, primeiro de uma aproximação luso-galaica, a *Noroeste*. Mas... estou bastante desatualizado acerca do movimento cultural galego, que parece ter dado um surto realmente mui esperançoso relativamente ao futuro da nossa língua. Surgiram muitas forças novas e o panorama parece ter mudado consideravelmente. Pelo Lapa e pelo Alcalá sei da controvérsia entre lusistas e 'indigenistas' que por vezes se apresenta com matizes de grande ingenuidade. Agora não há quem não seja galeguista... porém... muito... é de tipo folclórico de 'gaita e lacão com grelos' [pede-lhe o *Ensino*, *Revista Galega de Socio-Pedagogia*, *Encrucilhada* e *Galiza* 80]. Em Lisboa é praticamente impossível obter-se publicações da Galiza. Até esse ponto são tristemente exíguos os contactos culturais entre os dois povos irmãos”.

As Normas Ortográficas do Idioma Galego foram aprovadas por UNANIMIDADE e estabeleciam a ORTOGRAFIA ESPANHOLA para o galego embora com a crença “fantástica” de com o tempo evoluir para a ORTOGRAFIA tradicional do galego, quer dizer, a do português. Os acontecimentos baniram qualquer fantasia para o franquismo impor a sua realidade. Em 21 de dezembro de 1980, o referendo do Estatuto de Autonomia tem como resultado que só 450.556 votantes dum total de 2.172.898, deram a sua aprovação ao dito Estatuto, quer dizer, quatro votantes de cada cinco não aprovaram o Estatuto de Autonomia. O rechaço da Galiza ao Estatuto de Autonomia foi esmagante. Felipe González antes de finalizar esse ano de 1980 alerta de golpe militar. Sessenta e quatro dias após o referendo do Estatuto de Autonomia da Galiza, em 23 de fevereiro de 1981, se produz o golpe militar cujo desfecho, o

denominado “Pacto do Capó” com os militares, ainda hoje permanece SECRETO embora os acontecimentos posteriores esclareçam os seus termos.

**CONTO DE FADAS,
POEMA REVOLUCIONÁRIO
DEDICADO À JUVENTUDE GALEGA**

É em setembro de 1981, em Estoril, que EGDC data o poema intitulado “Conto de Fadas”, “contado por um velho à Mocidade galega hoje representada por Maria Pilar Garcia Negro e Xosé M.ª do Barro a quem este poema é dedicado”. Poema publicado em *A Nosa Terra* (nº 162, 28-X – 5-IX-1981), do poeta PORTUGUÊS (sic) EGDC: “Esta e a escolma de un longo poema que nos enviou o poeta portugues Ernesto Guerra da Cal”. A mutilação do poema em ANT é inaudita. Eis o poema:

“Galiza, Terra-Mãe de Portugal / 'órfã de pátria num recinto alheio' / como certamente se doeu de Ti / o Torga / irmão poeta da banda Sul do Minho / o rio que não foi nem é fronteira / Galiza Mãe e Avó / de nações / que falam a tua fala / ecumenicamente / pelos cantos do mundo / Porém, / órfã Tu Foste sempre, encarcerada / na cadeia espinhenta da Castela / Órfã de Sal, de Pão, de Fogo, e Vinho / Até chegaste a ser / órfã tão obsoleta / que foste mesmo órfã de ti mesma / Tal como a Branca-Neves / só tiveste Madrasta/ (a fera 'Madre Pátria', à que eles chamam grande para apou- / quentar as outras que avassalam) / Essa Madrasta bruxa / 'negra sombra' infernal / fez de ti uma escrava borralhenta / para a sua cozinha emporcalhada / e com sanha feroz espezinhou-te / querendo destruir a tua beleza / tua gentil figura / pela lógica inveja de quem só tem deserto / na paisagem e na alma / Perante a sua impotência / pretendeu extinguir-te por feitiço / fazendo-te comer / a maçã peçonhenta do letargo / E assim ficaste / Bela Adormecida / Longo sono de pedra / foi o teu! / 'Longa noite de pedra!' / Mas pedra alta dura / como as pedras do dolmem de Dombate / Jamais mesmo dormente / perdeste a tua imagem / original e insubmissa / e a violência demente, genocída / o teu feroz algoz / não logrou violar-te / O teu brilho imutável / diamantino / arrostou o martírio / e quedaste intocada / ingel / ensimesmada / a sonhar o teu sonho / de séculos a oito / Sonhavas

nos ronséis / de todos os navios, negreiros e sombrios / que
levaram teus Homens para os portos amargos do Universo / como
mercadoria / rica e proveitosa / de trabalho e de fel / de fome e de
revolta / Sonhavas com as viúvas / dos vivos e dos mortos / fêmeas
de forçosa varonia / matriarcas saudosas de lares amputados / que
com as mãos poderosas / na enxada e no fouchinho / faziam sós a
lavra do Agro dos ausentes / Sonhavas como a Diáspora galega /
Santa Companhia infinda / de sombras emigrantes para os aléns
longínquos / de terras e de mares / salgados de misérias / e podres
de penúrias / Sonhavas com o acervo suor dos segadores / nos
inóspitos ermos de Castela; / com os amoladores / sempre atrás da
sua roda / dos atrancos e barrancos nos caminhos da Europa; / com
as mãos calejadas dos pedreiros; / Com as costas anchas dos
carregadores / de pianos e barris; / com todos os artistas / de pena /
de pincel / e do cinzel / degredados, errantes, espalhados / por
todos os confins do Orbe inteiro / audaces, bravos, fortes e
teimosos / refazendo Galizas pequeninhas / nos Brasís e
Argentinas / nos Trópicos ardentes das Antilhas / criando dia a
dia / no coração e os olhos da lembrança / alagados de báguas de
morrinha / essa Pátria remota / Colónia calculada / vendida por
traidores / por um preço tão vil / que não chegou sequer a trinta
dinheiros / E Tu / a doce Terra nossa e amorosa / acordavas às
vezes do teu Sonho / – trágico pesadelo / e querias afirmar a
reconquista / da tua libertação. / Mas a bota brutal, sanguinolenta /
obrigava o teu povo / a novamente pôr a testa ao jugo / do Estado
inepto, estulto e implacável / que com Águia imperial / ou Coroa
real / ou mural / ou qualquer outro símbolo / dinástico, político ou
social / foi sempre para ti / e ainda é / o grilhão opressor
degradante e bestial / que nos fere no espírito e na carne / E a
Madrasta voltava / a aguilhoar-te o corpo / a assetá-lo com flechas
heráldicas grotescas / e a sugar-te / insaciável vampiro desumano /
o sangue das tuas veias / com maior avidez / se isso for possível /
do que o das outras colónias interiores / (só lhe quedou para
sempre / fundamente espetada no costado / a multissecular /
espinha portuguesa. Bendita Aljubarrota / exemplo singular e
permanente!) / Muito suor e sangue / muita lágrima / muito
nefando ultragem / aguentou a tua Gréi, Galiza mártir! / Que

terrível Calvário / que Gólgota infamante / com que longa Paixão /
e em que sinistra Cruz / foi teu Povo encravado / pela 'Pátria
Oficial' / suposta e sobreposta / tão fátua e sobranceira / no seu
iníquo / interno / Império anão / mas agora já não! / Todo isso
pertence já ao Passado / porque o nosso Presente é já um futuro / e
os dias do cativo / estão contados! / Porque um alvor novo /
Uma Estrela surgiu no Firmamento / e com ela na frente / apareceu
o Príncipe do Conto / e beijou-te nos lábios / com bico meigo e
vivificador / E Tu / abrindo devagar / os olhos turquesa / miraste os
dela / num despertar de Aurora deslumbrante / que inaugura um
Porvir iluminado / afugentando para sempre as tebras / Esse
Príncipe / que leva no seu rosto / Luzeiro com fulgor de manhã
viva / é a nova Mocidade da Galiza / que vive, e sente, e pensa, e
fala / no seu inalienável verbo próprio / E que sabe o que quer / e
que o sabe dizer ferrenhamente / vibrante como a Fé no seu
Destino / E está pronta a lutar / pra que a Bela Dormente / nunca
mais adormeça / E a nova dourada Juventude / que berra
'Liberdade!' pelas ruas / que estuda / que trabalha / nas fábricas /
nos campos / nas escolas / e que organiza greves contra o Demo /
porque sabe que tem Deus do seu lado / e construi / diariamente / e
devotadamente / a sua afirmação irrevogável / de não tolerar mais
a servidume / Esse Príncipe-Estrela / é paladino nobre e
destemido / que com claro clarim faz a chamada / às hostes de
combate / da Nova Ordem de Cavalaria / para a batalha / final,
encarniçada / contra o soberbo infiel que nos subjuga / As suas
flamejantes Armas / são as das ferramentas e das Letras! / Com
essa Nova Ordem / virá a lume a só, a verdadeira / Galiza redimida
/ A soberana / A que nos foi roubada / de séculos atrás / 'Os tempos
são chegados...!' / Hoje já não se chora / Já Rosalia chorou por
todos nós e para sempre – como disse o / Poeta. / Agora não se
chora nem se implora / para obtermos / aquilo que foi sempre
nosso / E a Nova Mocidade / a do livro / a da espiga / a do
obradoiro / ouviu a voz do Vate, de outros tempos / que, como
Cristo a Lázaro, / disse à Galiza exânime / 'Ergue-te e anda... !' / E
Ela ergueu-se do seu leito / onde jazia prostrada / pôs-se em pé e
começou a andar / e a clamar / com seu Povo / de punho alto e
convicto: / ... 'Como em Irlanda!' / 'A nossa Terra é Nossa!' / Sob o

olho torvo das metralhadoras / com a calma serena / da segurança da vitória certa / de quem sabe lutar / vencer / e convencer / Eis a nova versão / do conto popular da Bela Adormecida / que eu ouvi quando menino / ao pé duma lareira camponesa / no meu vale quiroguês / que o Sil dourado banha / e contem, pelo menos, pra mim, no meu recorde / a bela profecia / esperançosa / para a nossa / ideal Nação futura”.

Oito dias antes da publicação do poema de EGDC em *ANT*, num clima de terror celebram-se as primeiras eleições autonómicas na Galiza em 20 de outubro de 1981 em que o franquismo da AP de Fraga Iribarne as ganha com 301.039 votos dum total de votantes de 2.174.246. Será presidente da Junta da Galiza Fernández Albor e governará a Galiza a AP de Fraga Iribarne com treze votos de cada cem votantes – 1,3 votos de cada dez. A abstenção fora de 1.168.024, um 54 %. Mais uma mostra do rechaço popular ao franquismo disfarçado de democrata na Galiza.

É nessa ressaca de terror do golpe militar que em 1981, na Universidade de Tréveris, se reúnem Alonso Monteiro, Ramon Lourenço “o perseguidor de infieis galego-portugueses”, Ramon Pinheiro e outros vultos da perseguição do que eles denominaram “perigosos lusistas” para mudar a proposta de Ricardo Carvalho Calero e da “Comissão de Linguística” denominada *Normas Ortográficas do Idioma Galego* de 1980 por outra que PROIBISSE com todo rigor tudo o que identificasse o galego com o português, obsessão que transparece explícita em todas as *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego* aprovadas pela Real Academia Galega a proposta do Instituto da Língua Galega que serão lei de OBRIGADO cumprimento ao serem publicadas no *Diário Oficial da Galiza* no Decreto 173/1982 de 17 de novembro promulgado em 20 de abril de 1983. Consumava-se a PROIBIÇÃO do português na Galiza, a sua perseguição e punição de todas aquelas pessoas ou organizações que o utilizassem, uma verdadeira “caça às bruxas” portuguesas na Galiza.

A figura de EGDC ferrenho defensor da identidade linguística e nacional da Galiza e Portugal agiganta-se ao proclamar em entrevista a Fernando António de Almeida no *Jornal de Letras* de Lisboa, em 25 de abril de 1983, na comemoração da Revolução

dos Cravos e cinco dias após ser promulgada a lei que PROIBIA o português na Galiza: “Sou galego de nascimento e galaico-português de vocação... A Galiza é um país semi-conquistado e eu não posso conviver com uma Galiza mediatizada pelo Estado central. Estou aqui [em Portugal] numa Galiza livre onde falo a minha língua e estou rodeado de pessoas que falam a minha língua...”.

Durante o ano de 1984 a Galiza combate em três greves gerais motorizadas pelo proletariado dos estaleiros navais da Ria de Ferrol, ASTANO, e o dos estaleiros navais da Ria de Vigo, ASCON. Em 14 de fevereiro, convocada pela INTG, realiza-se a primeira. Em 12 de julho, convocada pelas CCOO e INTG, realiza-se a segunda. A terceira seria em 29 de novembro, foi convocada pela INTG e CCOO. Todas elas contra a política económica do Partido Socialista Obreiro Espanhol encabeçado por Felipe González que esmagou violentamente o operariado e à Galiza privando-a de um meio de subsistência de tanta dimensão como os estaleiros navais de ASTANO na Ria de Ferrol até ao dia de hoje. Nesse ano de 1984, em 28 de junho tornaram clandestinamente os restos de Castelão à Galiza com fortes protestos do nacionalismo.

PENSAMENTO DE EGDC

A RESPEITO DA GALIZA EM 1984

Em carta de 12-XI-1984, EGDC escreve a JLFG: “Perguntas-me quê penso ou quê visão tenho da Galiza e da Espanha – vistas de fora, das terras amáveis da Lusitânia. A resposta está concretizada no poema 'Pátria', inédito de uma coletânea, de publicação próxima – espero. A minha desilusão, como se verá, das realidades presentes dessa nossa triste Pátria, é completa. Vejo-a mais colonizada do que nunca – e agora pelos próprios galegos, com Hino, Bandeira, Escudo e 'nacionalidade', tudo oficial, tudo autonómico – e tudo Entrudo. É um País (?) esperpéntico e carnavalesco. Nem o próprio Valle Inclán poderia ter imaginado nada parecido, nem de longe, com o regresso da ossada do pobre Castelão. Foi um caso patente de a Vida imitando a Arte! Da nossa arrastada língua é melhor não falarmos. De facto nunca se falou tanto dela e nunca ela foi menos falada. Foi transformada em

trampolim ao serviço do nepotismozinho dos politicastrozinhos do 'carro alegórico' da 'Xunta' e projectil de foguetório dos nacionalistas da oposição. É bola de futebol do partido dos partidos – mais nada. A luta insensata das grafias: Dum lado os 'xunteiros' com o seu castrapo oficializado – e do outro os 'reintegracionistas', cuja posição teria validade se não viesse viciada de nascença pelo facto de que na sua grande maioria – há valiosas exceções – parecem estar mais interessadados na 'liberdade' da Nicarágua ou da causa do 'povo palestino' do que no destino, bem precário, da identidade galega. Com motivo de um famigerado 'Congresso da Língua Galaico-Portuguesa', realizado há pouco em Ourense, – e para o qual fui designado um dos Presidentes de Honra – passou por aqui, pela 'Melrose', a organizadora do mesmo, uma professorinha muito espevitada, com o seu marido, um flamante industrial; vinham acompanhados de dois miúdos indómitos, um rapaz e uma rapariga, ambos de menos de dez anos. Qual não foi a minha surpresa quando comprovei que a única língua que esses dois pequenos usavam era o castelhano – ou o que eles e os pais julgam que é castelhano. Desde a minha chegada a Portugal este é o terceiro caso de filhotes (ou esposas de militantes nacionalistas) com uma total ignorância ou indiferença perante o idioma vernáculo. Idioma esse, que fatalmente está condenado a desaparecer dentro da próxima geração. Durará como língua falada o que durar o analfabetismo nas nossas classes trabalhadoras – do campo, porque nas vilas e cidades, todo o operário que se considera fino, evoluído antes morre que ser apanhado falando na língua ordinária, sinal que marca de maneira inequívoca o ilota. Nestas formas de conduta das classes cultas, a messocracia diariamente estabelece o seu distanciamento linguístico da 'fala' agreste das camadas humildes da população. O complexo de rejeição da língua como instrumento de comunicação social das classes letradas, ou alfabetizadas, não é de hoje. É bem sintomático que a própria Rosalia na sua correspondência com o marido, ou Pondal com os seus familiares, usassem exclusivamente o castelhano. Hoje, com o 'nacionalismo na moda', com a 'Autonomia', com um Parlamento autonómico, e com o Bilinguismo como política oficial, os 'señoritos' que

controlam tudo isso, e os outros 'señoritos' que pretendem chegar a controlar, fazem algumas concessões e a 'língua galega' é usada para, em ocasiões muito assinaladas, fazer discursinho folclórico de gaita e lacon con grelos. Até o próprio Fraga pode chegar ao fazer, e fazer assim uma boa figura de “galego enxebre”. Há que imitar as outras 'nacionalidades', bascos e catalães, não se pode ficar atrás. Mas é inútil tratar de auto-enganarmo-nos: Os que pensamos de outra maneira fomos – foram – e seremos sempre uma exígua minoria. Houve uma moda passageira – de reação contra o franquismo. Mas os galegos nunca se acharam a vontade com sê-lo. A maioria do nosso povo quer dissolver-se na cinzenta totalidade hispânica, ser mais uns provinciais, macacamente imitados do figurino madrileno. Que diferença com os bascos e catalães – que eu tão bem conheço! Enfim, tudo isto mais extensamente e mais feridoramente é o que eu – GALEGO da Diáspora, enxertado em anglo-saxão, e submerso esponjosamente no mundo luso-brasileiro – teria que ter dito em Ourense, descontentando gregos e troianos. Era forte de mais! Resolvi, prudentemente, continuar sendo o perpétuo ausente, dessa Ínsula Baratária que é a Galiza de hoje. Talvez foi sempre assim. Eu a conheço só da infância, num vale muito autêntico onde, sem ninguém ser galeguista professo, o galego era a língua esmagadoramente maioritária mesmo entre as classes superiores. Nessa base de facto – e com Rosalia, Valle Inclán, Curros, Pondal e outros à volta – eu inventei a minha Galiza, que vive só em mim. (Provavelmente o meu vale arcádico hoje já estará quase totalmente colonizado. Nunca lá conto ir). Eu resolvi tomar a 3.^a opção, e ao meu ver pessoalmente a mais válida: Não poderia, evidentemente, – depois de ser pioneiro com dois livros de aproximação lusófona – escrever no dialeto hoje oficializado; na grafia 'reintegracionista' não há hoje editora em que possa publicar – nem a única existente dessa tendência lhe interessa um escritor 'de fora', que não milita. Passei, pois, por um processo natural a ser um escritor galego que escreve em português – que de facto é a única norma culta que o galego possui. As minhas experiências com editoras galegas, e revistas, tem sido variada, e todas cómicas. Não é a menos faceta a de encontrar poemas meus (de Lua de

Alem Mar e de Rio de Sonho e Tempo), numa antologia publicada pela Galaxia – que editou aqueles dois poemários – e organizada pelo nosso amigo Paco del Riego, com a grafia original mudada para dialeto, mutilando inclusivamente a morfologia de algumas palavras – sem ter nem pelo menos a cortesia de consultar-me sobre essa tropelia literária. Naturalmente, pensou que eu não autorizaria o atropelo.

Da Espanha, como nação, pouco sei e pouco me interessa. Não sou espanhol. Nunca o fui, em espírito. Agora nem sequer juridicamente, pois, para evitar ambiguidades, fiz averbar, por coduto do consulado espanhol em Lisboa, no Registo Civil do Ferrol, a minha renúncia, em 1945, a nacionalidade e a minha adopção da cidadania americana. Sou, como costume identificar-me, Galego de nascença, Galaico-Português de vocação e Americano de nacionalidade – e em grande parte de cultura, como é natural. Foram 40 anos, e os capitais da minha formação, os que passei nos E.U.A.. A mais longa permanência da minha vida”.

ANTELÓQUIO INDISPENSÁVEL DE FUTURO IMEMORIAL

Em dezembro desse ano de 1984, com setenta e três anos de idade, EGDC data o seu “Antelóquio indispensável” com que começa o seu *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)* publicado em 1985.

Nele proclama a “PORTUGALIZA como radioso porvir... para uma Galiza livre... em que o Minho deixe de ser uma linha de separação política para passar a ser... paisagem comum”.

“A PORTUGALIZA que visionaram Pondal e Teixeira de Pascoaes”; o Bardo Pondal, no seu épico canto de combate pela Pátria libertada, *Queixumes dos Pinos*, atribui à boa raça lançal (Gentes de Breogão) [que será], serás atamento, nó, ponte... E os bons filhos do Luso, E os fortes irmãos, num só nóo, fortemente, Os dous constringirás... “A Portugaliza do Mestre Lapa”. A Portugaliza que EGDC e José Rodrigues Miguéis imaginavam em New York. José Rodrigues Miguéis nascido em Lisboa era filho de Manuel M.^a Miguéis natural de Paços de Borbém (Ponte Vedra). Escritor de *Seara Nova* no tempo (1922) de Raul Proença, Jaime Cortesão, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão...

Exilou-se contra o salazarismo em 1935 em New York onde fundou o Clube Operário, dizendo-se dele que foi do PCP. Casou em 1940 com luso-americana e teve nacionalidade norte-americana desde 1942.

“A Portugaliza que corria ancestralmente pela veias de Camões, Eça, Pessoa”. Luís Vaz de Camões (1524-1579) filho de Simão Vaz de Camões, fidalgo oriundo da Galiza e descendente de Vasco Pires de Camões, o seu terceiro avó, trovador galiciano medieval...

“A mesma Portugaliza que esteve sempre presente no sangue deste país [Portugal] desde o seu nascimento. A Portugaliza de Alfredo Guisado, João Verde e Maria Manuela Couto Viana”. Alfredo Guisado, filho e neto de galegos de Pias (Ponte Areias), nasce em Lisboa (1891-1975). Integrante do grupo da revista *Orpheu* com Pessoa e Sá Carneiro. Poeta, político, deputado, jornalista, foi do Partido Republicano, Governador Civil de Lisboa, Vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, deputado mais novo da Assembleia da República. Foi, também, um defensor do nacionalismo e agrarismo galego ocupando diferentes postos nas organizações agrárias e um dos responsáveis da tentativa de criar o Banco Galicia-Portugal. Um notável caso de militância em favor da UNIÃO NACIONAL DA GALIZA E PORTUGAL, da Portugaliza. João Verde, de Monção, reconhecido poeta na Galiza e em Portugal. Maria Manuela Couto Viana, nascida em Viana do Castelo de mãe galega, poeta, atriz, de família relacionada com o teatro; o seu irmão Manuel António herdará do avô o teatro Sá de Miranda. Este Manuel António queirosiano inveterado, deixou dito da mãe que embora “espanhola” falava muito bem o português e lia com inflexão perfeita. Fora a mãe “espanhola” que lhe pediu escrevesse a Rosa Verde. Reparem no filho denominando à mãe galega, de espanhola.

EGDC acaba o “Antelóquio indispensável” com o mistério e augúrio da mensagem profética do vate, do Bardo Pondal nos *Queixumes dos Pinos*: O denodado, heroico e glorioso combate a morte pela Pátria libertada.

“Antes haveria que escorraçar os vendilhões do Templo do verdadeiro nacionalismo que imporá o galego [fusionado com o português, num pequeno esforço de escolarização, quer dizer, de

alfabetização, de estudo e aprendizado do português] como língua real da Galiza em todas as suas dimensões oficiais e públicas”. EGDC marca tempo: “O qual poderia vir a acontecer... neste século XXI... à volta da esquina do nosso frágil Tempo nuclear”. EGDC marca o perigo de GUERRA NUCLEAR na fragilidade do Tempo.

“O momento atual é de conflito... com gritos de combate... de combate entre dous bandos que se digladiam diariamente tendo como cavalo-de-batalha o candente assunto da língua. O bando dos da Monarquia e o Franquismo, o bando dos enfeudados ao longo caciquismo eleitoralista do poder que usufruem os dois grandes partidos espanhóis do governo [do PSOE de Felipe González] e da oposição ambos de tradição unitarista. No bando dos da Monarquia e o Franquismo está a 'Xunta de Galicia' [sic] que de colaboração com algumas entidades 'isolacionistas' esclerosadas [e bem pagadas], engenhou e 'oficializou' de uma maneira maleficamente sub-reptícia umas aberrantes Normas [*Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego*] para condenar o galego a languidecer como um dialeto do espanhol... com o maquiavélico desígnio de perpetrar o seu funeral com liturgia autonómica...

Contra essa armadilha da Colonização de Novo Estilo levantou-se em onda cada vez mais alta o bando da mocidade universitária e trabalhadora que quer uma Galiza galega. À cabeça dessa juventude militam os 'reintegracionistas', em cujo triunfo eu tenho uma fé inabalável... Em poucas gerações poderá a Galiza contemplar-se... no límpido espelho da língua portuguesa [para ver] a sua imagem de Terra redimida e livre – e orgulhosa da sua voz... para tomar o seu lugar de antiguidade... [entre as pessoas] – que se exprimem na língua de Camões, de Rosalia, de Machado de Assis – perto de duzentos milhões de almas que ocupam uma sétima parte do Globo.

... Sem abjurar da minha identidade galaica... hoje dou um novo passo à frente para, como escritor galego, abraçar... [o português]. O português é a minha Ítaca perdida e achada... [E] tenho a convicção de que a única defesa contra a POLÍTICA LINGUÍCIDA dos 'espanholizantes' descansa na progressiva

adoção do padrão luso-brasileiro. Só por essa via poderá a nossa língua... adquirir... [porque como] Manuel Rodrigues Lapa apontou muito certamente... [a pessoa galega] 'não precisa propriamente de aprender português, usa-o com um pequeno esforço de escolarização'. Além de que o português não lhe impõe como o espanhol UMA DURA REMODELAÇÃO DA SUA CONFIGURAÇÃO PSÍQUICA”.

Chamamos a atenção para como aqui EGDC colocando a questão da escolarização, da alfabetização das pessoas galegas na sua própria língua e cultura – pessoas galegas em espanhol escolarizadas e alfabetizadas, espanhol que remodela duramente a sua configuração psíquica – não aprofunda na questão e não oferece mais alternativa do que o seu testemunho pessoal. Em nossa opinião, este dramático status psíquico coletivo que se impõe pela força e a repressão ao povo galego tem de ser estudado, diagnosticado e sobretudo combatido para a saúde mental, linguística e comunicacional das pessoas galegas. Tudo o qual enlaça com o do “verdadeiro nacionalismo” que para ser verdadeiro terá de assumir e resolver a tarefa da defesa das pessoas galegas na sua dimensão de alfabetização, linguística, comunicacional e mental, tudo em termos individuais e coletivos. O verdadeiro nacionalismo tem de alastrar vastas campanhas de ALFABETIZAÇÃO na nossa própria língua, ORTOGRAFIA e cultura a todas e quaisquer das pessoas galegas estiverem onde estiverem, pessoa a pessoa, aldeia a aldeia, vila a vila, povo a povo, cidade a cidade, país a país, continente a continente. Campanhas não institucionais, de base, com a pedagogia na nossa língua de Paulo Freire e a do *Manual de Alfabetização* de Helena Cidade Moura. Campanhas institucionais que obriguem a intervir na Galiza em defesa da sua língua, à República portuguesa, à CPLP e aos países que a integram. O nacionalismo galego só poderá ser verdadeiro se assumir essas tarefas relativas às pessoas que integram a população da Galiza.

A radicalidade dos conceitos do pensamento político de EGDC ficam exprimidos no que se segue: “Esse... renascer... vai produzir uma floração de poetas... [e a sua] tomada de consciência nacional, e com ela a da ancestral raiz COMUM com a língua e a cultura da

velha Lusitânia e um nítido sentido de afirmação de uma VONTADE HISTÓRICO POLÍTICA [da Galiza]. Com a República em 1931 pareceu que iam concretizar-se... as aspirações autonómicas... [Mas as] esmagou a guerra civil de 1936 – e a REPRESSÃO que se seguiu à vitória do fascismo. Toda e qualquer manifestação de exaltação catalã, basca ou galega era REPRIMIDA COM FEROCIDADE como atentatório contra a sacrossanta unidade do Estado Imperial. Desmontado o aparelho totalitário, o novo 'Estado das Autonomias' viu-se obrigado a reconhecer na Constituição a existência de 'nacionalidades históricas' e a outorgar-lhes um CAUTELOSO E ASTUCIOSO DIREITO AO 'BILINGÜISMO' – cujo propósito real, na SEMPITERNA POLÍTICA DE RÍGIDO UNITARISMO, é o de provocar o DESAPARECIMENTO das três culturas diferenciadas por paulatina 'morte natural'”.

E reparem que EGDC como Castelão compara o caso galego com o catalão e o basco para realçar as vantagens que a existência de Portugal têm para o caso galego e escreve: “Ninguém pode profetizar... qual... o destino do catalão e do 'euskera', em luta de vida ou morte... com a... língua do Estado Espanhol. Quanto ao galego... reiterar o prognóstico... isto é: Enquanto o português estiver vivo, o galego não pode morrer... Porque a diferença da Catalunha e Euskadi, a Galiza tem na outra beira do Minho, e do outro lado da raia, a sua própria língua, trabalhada e enriquecida por séculos de primordial cultivo... Um sermo politus que é também historicamente nosso... a norma culta que nos falta... para obedecer a todas as solicitações da vida cultural, social e estatal... – como língua que é de uma nação com oito séculos de vida independente [Portugal]... e com cinco de outra [Brasil]... Essa possante cultura consanguínea... é o apoio que nos há-de ajudar a triunfar nessa pugna histórica do pastor David galaico contra o colossal Golias gerreiro, armado de todas as armas linguísticas – e não só – que é o Estado Espanhol. Porque convem não esquecer que a que nós brandimos é uma simples funda, pois esse idioma renascido, que os poetas tomaram dos lábios do povo ILETRADO [ANALFABETIZADO na sua própria língua e cultura], ainda não deixou de ser uma 'fala' impressa... mas, como... disse Rodrigues

Lapa... 'não é nem poderá ser língua literária. Por uma razão muito simples: A língua literária do galego ESTÁ FEITA desde os séculos XII e XIII e chama-se hoje português'. Verdade esta tão patente como a de que no galego escrito 'entram formas arcaicas populares do galego-português com mistura aberrante de castelhanismos de toda espécie'. Contudo não deixa de ser verdade que desde os dias de Rosalia essa língua escrita adquiriu notável polimento, afastando-se... do cru dialetalismo localista... e criando uma certa koiné unificadora; e que nas últimas duas décadas, tem recebido... vocabulário, um sensível influxo do português – apesar da acirrada, e solapada, oposição... dos setores 'isolacionistas' e 'espanholistas' da direita reacionária... [e] nos do populismo proletarizante da esquerda radical. A opinião de que a mundificação e reconstrução da nossa língua tem de ser procurada na área idiomática lusíada, ONDE TEMOS O NOSSO PADRÃO FEITO, não é nova... Pode-se encontrar em quase todas as figuras significativas das nossas letras...”.

EGDC afirma o seu orgulho de ter sido o primeiro escritor galego, desde o Ressurgimento a levar aos factos essa ideia. Frisa que “em 1959 fui iniciador dessa reintegração no meu poemário *Lua de Além-Mar* com o que abri fogo nessa batalha... E numa “Nota” que era um breve manifesto, preconizava o abandono definitivo da **estapafúrdia grafia tradicional espanholizante**, proclamando a necessidade imperativa de reatar os nossos antigos vínculos com o espaço cultural luso-brasileiro ao qual de facto pertencíamos pelo verbo e pelo espírito. O único caminho era o de inserirmo-nos nesse âmbito universal, descobrindo a evidência de que 'o verdadeiro meridiano espiritual da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio'. Esse apelo não caiu em saco roto. Nele teve princípio a corrente 'reintegracionista' contemporânea – na que hoje enfileira o melhor e mais capacitado da nossa mocidade”.

EGDC proclama-se galego, esclarece que não é português e descreve a opinião do português médio relativamente à Galiza e a dos mais informados que “sabem que essa Galiza constituiu, com uma grande parte do Portugal atual, primeiro a Gallaecia romana e depois a Suévia bárbara. E que o pequeno condado no qual a nacionalidade teve origem era uma dependência da Galiza... e que

se formou... o galaico-português [de que] descende a língua portuguesa... e a 'frágil língua-dialeto' falada e escrita na Galiza atual. E que nesse veículo de expressão, originariamente comum, se produziu... um dos tesouros da poesia universal... nos nossos Cancioneiros primitivos. E que essa comunidade de língua [reparem na identidade do conceito com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa] e de criação sobreviveu durante mais de dous séculos após a separação dos Reinos da Galiza e Portugal... dos dois galhos dessa veneranda árvore linguística [Portugal] vingou, tornando-se voz e letra de uma PODEROSSA TALASSOCRACIA IMPERIAL, instrumento de um ESTADO INDEPENDENTE até aos nossos dias... A Galiza, reino insubmisso... foi sanhudamente subjugado... – e modernamente pelo ferrenho e obtuso centripetismo da 'Espanha' unitária. Nos alvares do Renascimento o velho reino galego, perdida – não sem heróicas resistências – a soberania, foi definitivamente submetido e SISTEMATICAMENTE COLONIZADO. As classes dominantes, vencidas, viram-se obrigadas... a abandonar o uso da língua vernácula, adotando gradualmente a do dominador castelhano. A língua escrita definha e morre... [e] a voz literária. O país entra na Idade Moderna inerte e isolado, governado por umas classes dirigentes e uma burocracia alheias, servidoras dos distantes centros de poder da centralizadora Coroa austríaca. Com uma nobreza abatida e empobrecida, sem burguesia, com uma Igreja castelhanizada ao serviço da Monarquia habsburguesa, a Galiza vai ficar sem vontade própria. E durante longos séculos ensimesmada e dividida interiormente em dois grupos: ... o das 'classes superiores'... minoritário... [de] uso exclusivo da língua importada – a única escrita... [e o do] bloco social, esmagadoramente maioritário,... o das classes trabalhadoras do agro e do mar, ILETRADAS [ANALFABETIZADAS] cuja comunicação oral, era – e continua a ser no vernáculo... marginalizado e estigmatizado como de servos da gleba... [que] teimosamente, com miraculoso empenho, conservaram... Esse mesmo Povo, durante o longo letargo da consciência histórica da Galiza, criou e preservou toda uma rica cultura popular... DURANTE AS ESCURAS CENTÚRIAS DO SILÊNCIO

GALEGO (sic) essa cultura... foi a única Pátria que sobreviveu. Nesse ghetto linguístico se conservou... intacto todo o que de substantivo havia no nosso etnos. O resto da sociedade sucumbe ao colonialismo... A língua nativa ficou privada de norma culta... preenchida por um castelhano de pobre importação, eivado de galicismos – vitimado como a língua nativa, pela erosão mútua desta diglossia... No Iluminismo... os Padres Martim Sarmiento e Jerónimo Feijóo... defendem ardorosamente a língua materna [galego]... e a sua comunidade com o português. No século XIX, sob o violento impacte físico da Guerra Peninsular e a influência do Romanticismo, acontece algo insólito: A Galiza acorda do seu letargo plurissecular... a 'fala' agráfica tão longamente desprezada começa a ser escrita: Primeiro como meio de propaganda política contra o invasor francês; mais tarde como arma de ataque das novas ideias liberais. E logo a seguir vai ser usada nos primeiros intuitos do seu restabelecimento como instrumento literário. (Seria mais acertado dizer-se estabelecimento visto na altura não haver consciência do passado que os Cancioneiros medievais representavam). Esse inesperado renascer... vai produzir uma floração de poetas cuja alta craveira lírica viria logo ser reconhecida, tanto na Espanha como fora dela. [Em nota a pé de página destaca a Rosalia de Castro, Curros Henriques e Eduardo Pondal. A primeira, segundo Salvador de Madariaga e Gerald Brenan 'a melhor poeta hispânica do século XIX']”.

No seu poema “Preito Mítico a Dom Pedro Pardo de Cela” publicado em *Futuro Imemorial*, EGDC define o Mariscal como o “herói e mártir da independência galega... 'que permaneceu leal até ao final... a esta Galiza livre... que é Portugal’”. E ainda “a Galiza... uma nação soberana... [com] a Liberdade perdida”. E acaba o poema: “incensar a tua figura de gigantesca estatura... sideral... na Ara da Pátria... [e da] galegidade ardente” do Mariscal Pedro Pardo de Cela.

No poema “Pátria”, para EGDC, a Galiza é “órfã de história e alienada alma... que [ele] poeta evangelista... inventa e mitifica... para [a] pôr num ninho de Glória imaginária num apócrifo Novo Testamento”.

No poema “Pavana Ritual para um Poeta Assassinado” [Federico

Garcia Lorca], EGDC define à Guarda Civil como “morcegos tricornes inimigos da Luz e da Beleza...”.

EGDC dedica a Manuel Rodrigues Lapa o poema “Sonho Vivo em Paisagem Morta”, datado em New York em 1975. Um poema contra os horrores da guerra: “E uma tarde de sol / morrer ainda outra vez / lambendo heroicamente as botas militares / no Vietname / ou dando hebraicamente / os dentes de ouro / às câmaras de gás / ou cuspidos pulmões aos pedaços / nas rochas Franco-regeneradoras / do Vale dos Caídos / ou entregando a alma / lavada com lixívia / e encravada / a um Comissário gordo / entre arames farpados / nas tundras da Sibéria /... Sempre a recomeçar / a afronta inexorável /... / das descargas / dos Esquadrões da Morte... Sempre as mesmas orgias sanguinolentas / dos Ouros / e das Copas / e as Espadas / e os Paus implacáveis / das torvas Utopias aplicadas... / e que decreto o Fim definitivo / deste insano terror destro e sinistro...”.

No seu poema “Presente Ausência” (1983), EGDC “no trapézio da Vida... / recordação apaixonada / por amanheceres e selvas / e desertos / e grandes rios com as suas cascatas / com horizontes cúbicos de cimento e janelas / de coqueiros de vento / de neves e vulcões apaziguados / e de ondas alterosas de caminhos marinhos / e ondulações no capim das pupilas /... /da Vida e da Memória / sempre comigo / até ao fim / da minha pessoal / circunstancial História...”.

Em “Simbad em Terra”, poema de 1984, EGDC confessa “Eu vaguei errabundo / por tão distantes terras e lugares / morei em lares tantos / vi tantos mundos dispares / ... / Senti / chorei / e ri / com todos eles / vivendo e desvivendo / a minha vida / ... / É esse pessoal periplo de altura / ... / no jardim submarino / do íntimo oceano / do meu confim humano / vem sempre à superfície / ... / em correntes amigas / e inimigas ressacas / de choque sempre vivo...”.

No poema “Restropectiva” (1978) EGDC escreve: “Tenho saudade funda / ... / de quanto aconteceu /... / A saudade que eu levo / ... / no meu mapa interior / é a dos actos / e os factos / maus e bons / naquele momentâneo suceder das coisas...”.

Em “Ária Triste dos Primeiros Setenta Anos” (1981), EGDC

objetiva: “A velhice é difícil /... / É um desafio ineludível /... / que há que enfrentar / ineludivelmente / Sem Espada / Sem Braço / sem vontade de luta / sem espera de ajuda...”.

No seu poema “Colóquio” de 1959 musicado por Mozart Camargo Guarnieri, EGDC “é o homem / exilado / desolado /... / Agora os homens todos / babélicos /... / procurando a Verdade / nos outros / no colóquio / E abraçados / juntaram uma voz / unânime e diversa / e gigantesca / que chegou às Alturas...”.

EGDC quer estar com Antero de Quental: “Poema Encontro Marcado” (1973): “O meu coração... estará... ao lado do coração de Antero”.

Em “Carnaval Vital” (1984), EGDC confessa: “E todas essas pétalas / da minha privativa mascarada / ... / umas eram de infância / brancas / ... / Mais tarde outras / azuis / e verdes e encarnadas / ... / também as houve negras e perversas...”.

Em “Mistagogia” (1965), assinado como D. C. Warnest: “E o Pensamento acorda alucinado / perguntando se a Hora / revelada / chegou / da Nova Aurora...”.

“Erotologia” (1983): “De todas as tragédias / do Amor / Não ser capaz de amar / é a pior...”.

Em “Radiografia Conjugal” (1982): “Eu sou o livro que tu lês / ... / O menino de aldeia original / o estudante insolente / revolucionário / o professor careca e sensual / contrito pecador filosófico / O devoto SEM DEUS meditabundo / descrente desolado / ... / o vago vagabundo de Terras / e de Mares / reformado cartógrafo de um mundo / ... / das mais diversas cores / e os mais vários lugares...”.

ROSALIA DE CASTRO, ANTOLOGIA POÉTICA, CANCIONEIRO ROSALIANO

EGDC em Guimarães Editores publica em 1985 o seu livro intitulado *Rosalia de Castro, Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, para comemorar o Centenário da morte da poeta. Livro dedicado todo ele à memória do saudoso amigo Francisco da Cunha Leão... [que] acarinhou sempre o sonho ideal da Portugaliza.

O primeiro que EGDC faz é dimensionar a Rosalia de Castro como

“a mulher poeta mais grande dos tempos modernos” em palavras do hispanista inglês Gerald Brenan; e “um dos mais altos valores da poesia universal” segundo Jacinto do Prado Coelho.

Para EGDC “Rosalia é mistério, é milagre e é mito mas a dimensão mais definidora da sua personalidade é a rebeldia. Rosalia foi rebelde, uma dissidente de corpo inteiro... Rebelde como mulher que se insurge, protesta, contesta os paradigmas de conduta que se impunham, asfixiantemente, à dignidade da condição feminina.

Rebelde como galega que defraldou a bandeira de defesa da sua Pátria – reduzida à condição de colónia cultural pela Castela, dominadora e assimilista, e à de feudo político-social pela Espanha opressora. A voz acusatória de Rosalia foi a primeira que se alçou para denunciar o GENOCÍDIO legal dum povo exangue; massa de párias obrigados a procurar em terra alheia o pão que na própria se lhes negava – e que deixavam atrás de si um matriarcado, triste e heróico, de inconsoláveis 'viúvas de vivos e mortos'. E ninguém até ela tinha tão inequivocamente manifestado tão veemente desamor pela falsa 'pátria' que com a lei da força devorava – e devora – o corpo e a alma da Pátria verdadeira.

Rebelde como escritora que, para cantar a silenciosa 'epopeia heróica' dos miseráveis, dos despossuídos, dos desherdados do seu património nacional e humano, opta pela desprezada língua desses espoliados, esses camponeses e pescadores que ela indignadamente considera 'a só e única verdadeira gente de trabalho do nosso País’”.

Chama a atenção a omissão do operariado como 'gente de trabalho' tendo em conta a atividade e relacionamento de Aurélio Aguirre, Manuel Murguia (nascidos em 1833) e Rosalia de Castro (nascida em 1837). Manuel Murguia deixou escrito do seu íntimo amigo Aguirre (os dous de ascendência basca), na relação deste com o povo galego: “Ninguém foi o seu dono como o nosso Aguirre... [que] alcançando certa reputação entre os chefes do Partido Liberal, viu-se de repente rodeado de um prestígio e uma força em que ele próprio não reparava nem podia valorar então, mas que contribuiu a aumentar o seu crédito e popularidade entre a CLASSE OBREIRA de Santiago”.

Conta Murguia que durante os anos da revolução de 1854, Aguirre “ia de oficina em oficina, de reunião em reunião, de casa em casa, e era recebido como um dos melhores: Falava e se lhe escutava como um oráculo, ordenava e se lhe obedecia, De aqueles LEAIS OPERÁRIOS, houvera feito mártires de uma causa, após de os contar como mártires sob as suas bandeiras”.

“É em 2 de março de 1856 que se realizou o Banquete do Monte de Conjo em que operários e estudantes ocuparam lugares alternados, confraternização a que se seguiu uma marcha em que cada estudante deu o braço a um camarada proletário”. Isto escreve Alberto Machado da Rosa na página 56 de *Rosalía de Castro, a mulher e o poeta*, publicada por Liovento em 2005.

Rosalía de Castro partiu para Madrid no mês de abril desse ano de 1856 depois do “artelhamento e realização do jantar em que participaram – segundo Francisco Rodrigues, pág. 52 de *Análise Sociológica da Obra de Rosalía de Castro*, publicada em 1988 – Aguirre, Pondal, Rodríguez Seoane, D. Camino, Murguia, talvez Paz Novoa, e a própria Rosalía” da qual tem a suspeita de ser forçada a ir para Madrid desterrada pela repressão do Arcebispo Garcia Cuesta e do Governador. Francisco Rodrigues conta de Aurélio Aguirre que “parece ser que era idolatrado em toda a Galiza até ao extremo de ser convidado a visitar Vigo pelos seus apaixonados seguidores”, segundo Murguia, da classe operária; e reiteramos a omissão do proletariado como classe existente na Galiza e mesmo participante em atos de tanto relevo político como o histórico Banquete do Monte de Conjo. Francisco Rodrigues escreve na página 39 da obra citada: “Ao existir uma propriedade aforada da terra em uma proporção das três quartas partes e NÃO EXISTIR INDÚSTRIA...” – não há proletariado, acrescentamos nós – embora Francisco publique uma parte de um artigo de Alfredo Vicenti, bom amigo de Rosalía e editorialista de *El Diálogo de Santiago*, publicado em 18 de julho de 1874, na nota 76 da página 84 da citada obra: “O artigo intitulado 'Ontem e hoje' analisa a indústria textil do linho arruinada... pelos linhos da Escócia e a Irlanda... melhoras [para] renascer uma indústria aniquilada... que deixou fama... em Padrão [de Rosalía], Viveiro e A Crunha...». Carvalho Calero, também citado por Francisco

Rodrigues, soma-se à omissão do proletariado como classe social existente numa Galiza revolucionária em 1846 e 1854 a onde, com certeza, teriam chegado as publicações de Marx e Engels desde 1844 até 1848, ano este em que publicaram o Manifesto do Espectro que percorre a Europa e também a Galiza, *O Manifesto Comunista*.

Continua EGDC: “Rebeldia, de Rosalia de Castro, que contem outra mais funda: A social... Ela é o primeiro poeta que na Espanha se subleva contra um sistema baseado na negação de pão e de justiça para os fracos, marcando o seu empenhamento na causa deles – e atacando os 'senhores' que ao seu redor vê, duros, prósperos e impunes.

Rebelde... como criatura humana... [condenada] a uma breve vida de obscuros infortúnios, desde o nascimento até à morte: Origens infamantes, infelicidade amorosa, insatisfação conjugal, existência nomádica de viúva de vivo, trágica perda de dous filhos, penúria económica – e finalmente a doença implacável e cruel que fez dela um enlutado fastasma físico, e com longo tormento lentamente a matou. Contra esse destino ela se revoltou...

Foi portanto uma rebelde total contra as leis humanas e divinas, da circunstância temporal em que viveu inserida. Mas há... uma... contradição... entre pensamento-sentimento... e conduta... O seu desafio foi essencialmente teórico... Nunca foi uma 'ativista'. O seu único atrevimento foi escrever – e escrever em galego... Alçou-se nos seus escritos contra a aceitação passiva das formas de vida tradicionais...”.

EGDC combate os tópicos que tentam tirar-lhe à obra de Rosalia de Castro todo carácter contestatário de rebeldia e de compromisso com os despossuídos da Galiza. Combate o tópico da “Santinha”, padroeira da Galiza, “Mater Dolorosa”, lacrimosa, mansa. Tudo promovido pelos poderes públicos espanhóis e franquistas.

Destaca EGDC que “há uma Rosalia... comprometida com o destino nacional do seu povo. Esta é a incomoda pedra no sapato para as autoridades porque berra o seu ódio contra 'os castelhanos' e afirma... que a Galiza nunca deveria 'chamar-se espanhola'. Há outra... defensora cálida dos pobres de Deus, dos humildes, de aqueles a quem se roubou tudo, inclusive o auto-respeito. É a

Rosalia profundamente cristã, radicalmente cristã, que... é capaz de encarar a violência como único remédio contra o TERRORISMO LEGAL. Esta é uma Rosalia que os 'conformistas' querem sonegar – e os 'revolucionários' querem sectariamente apresentar como assídua e aproveitada leitora do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels... Há uma Rosalia livre-pensadora, agnóstica, para quem não existe o além-túmulo, para quem não há nem justiça transcendente, nem um Deus para a executar. A verdade é que a Rosalia total... as assimila todas... e [as] ultrapassa”.

Relativamente à vida de Rosalia, EGDC resume: “Uma biografia opaca a da 'filha ilegítima de D. Teresa de Castro', mas a fama poética de Rosalia descansa em três poemários: *Cantares Galegos* e *Folhas Novas*, escritos na língua mãe, e *En las Orillas del Sar* composto em castelhano. Rosalia é, portanto, um escritor 'bilíngue'... sui generis... não se trata aqui dum escritor que... chega a dominar as duas línguas e a manejá-las com igual controlo e espontaneidade... a galega é a materna, a que mamou do leite de mulher anónima que lhe deu o peito na aldeia; língua que com certeza usou com total exclusividade durante a sua infância e adolescência... uma fala-dialeto, de comunicação puramente rural, camponesa, degradado resíduo silvestre, agráfico, da língua palaciana do antigo Reino da Galiza, outrora usada para trovar Afonso X, Rei de Castela e o seu neto D. Dinis, Rei de Portugal.

A outra era o castelhano, a língua oficial da Espanha, que ela rudimentariamente APRENDERIA na escola primária – se é que nessa altura existia em Castro-Ortonho escola – e nos vagos estudos secundários que se diz ter recebido em Santiago. Essa língua é a que COMEÇARIA a empregar diariamente só a partir da sua entrada no mundo figalگو-pequeno-burguês da mãe, no qual o 'castelhano' era língua de uso obrigado – e o galego considerado um 'patois' inaceitável entre gente 'fina', de cultura urbana”.

EGDC explica em nota que “a cultura de Rosalia DEVEU ser pobre e tardia. As suas leituras literárias PROVAVELMENTE começariam a partir da sua relação com Murguia. Os poucos autógrafos dela que sobreviveram estão eivados de faltas ortográficas que manifestam um nível de domínio apenas semi-letrado em espanhol... índice de uma escolarização manifestamente

modesta e um convívio bastante limitado, mesmo passivo, com a língua escrita.

Esse meio [o mundo da mãe], naquela altura era também 'bilingue': – castelhano na sala e galego na cozinha. Nesse plurissecular e peculiar 'bilinguismo' formou-se Rosalia. Num galego dialectal, sem faixa culta, bastardizado pela agressão cotidiana do 'acrolecto espanhol'. E num castelhano desprovido da base nutricia do humus vivificante do seu próprio substrato de base popular; que por ser de uma língua e cultura diferentes, era por sua vez agente de erosão do idioma dominador. Ambos igualmente 'incompletos'. Nessa área cinzenta, de choque, de engalfinhamento e corrupção glotológica, há que situar Rosalia. Em galego escreve na sua língua basilar, na que PROVAVELMENTE de uma maneira inconsciente nunca deixou de pensar – e com certeza nunca deixou de sentir. Mas nessa língua ela ERA ANALFABETA – TODOS OS UTENTES O ERAM – e tinha consciência disso, e abertamente o confessou. Escreve o vernáculo como ele era falado, sem normas, sem regras, sem distinguir o puro do impuro. Escreve a sua 'fala' natural de maneira natural – e quando por falta de recursos léxicos, ou por conveniências de rima, de medida ou de ritmo, o castelhano ou a hibridação, oferecem-lhe a solução, não hesita [Em nota EGDC ilustra a mistura de termos utilizados por Rosalia que confirmam a avaliação]. Com a língua oficial é diferente... tem regras, tem normas, tem gramática, tem ortografia... que aprendeu na escola, deficientemente mas aprendeu. Aí não tem liberdade, tem de escrever 'certo'. Mas... não é a língua materna dela... que não é sentida como própria... Na que escreve com cautelosa preocupação retórica... Ficamos com a IMPRESSÃO de que toda a sua poesia castelhana foi deliberadamente pensada em castelhano depois de ter sido sentida intimamente em galego... temos a SENSACÃO de que a língua alheia aperta-lhe no cós, ou vem-lhe curta de mangas. A pobreza e a rotina do seu vocabulário castelhano já foi apontada por observadores sagazes. Ora bem, ela era GENIAL, e... soube fazer dessa deficiência... uma virtude. E só com o seu instinto para equilibrar-se nessa perigosa corda bamba, tendida entre duas línguas, fez o seu percurso descontraída e iluminada, criando para o seu uso pessoal e intransferível dois 'idiolectos líricos'. Com um

deles deu nascimento a mais uma literatura, irmã da portuguesa, no galho ocidental do tronco ibero-românico – que sem esta estrela de primeira magnitude, talvez hoje não passasse duma curiosidade para filólogos caturras. E com o outro manifestou tal poder de singularidade que, como diz Cernuda 'constituiu caso aparte'.

A Rosalia dos Cantares [*Cantares Galegos*, publicado em 1863] é o povo. Para começar, porque insolitamente fala desse povo, na própria 'fala' dele... insurgentemente, levantando o protesto desse povo contra os seus OPRESSORES, de dentro e de fora. Rosalia é 'vox populi'... uma voz que ataca – uma voz que 'levantou uma bandeira, chamando às gentes à guerra' [como Aurélio Aguirre no brinde do Banquete do Monte de Conjo: Liberdade e guerra!... do povo contra os déspotas da terra]. Pelo seu carácter... reivindicativo poder-se-ia dizer que *Cantares Galegos* é o PRIMEIRO testemunho e até manifesto – lírico do nacionalismo galaico [Pense-se no esquecido João Manuel Pintos e a sua *Gaita Galega* publicado uma década antes, em 1853, que começa com a advertência: “Os que pensam que gentes mal escrito está com g...” e acaba em dezembro de 1853 com: “Nesta Pátria minha... inmortal Martin Sarmiento será”].

[Em *Cantares Galegos*] encontramos... a denúncia apaixonada dos carrascos do seu povo... que atinge extrema violência no poema... 'Castelhanos de Castela'... Rosalia foi capaz de muito amor, mas também de muito ódio. Poema... não superado... na valentia da sua raiva e malquerença contra o dominador, em toda a literatura galega moderna e contemporânea – nem em EFICÁCIA PANFLETÁRIA... 'A Gaita Galega' [poema] sobre o longo martírio da sua Pátria... que não devia chamar-se NUNCA espanhola. [Rosalia esclarece que] o 'Objeto deste livro' é... uma exaltação e combativa arenga em defesa da sua Galiza: da sua paisagem, do seu povo e da sua língua, coisas todas elas das que 'as mais ilustradísimas províncias espanholas' fazem troça, julgando a terra, os habitantes, o idioma 'o mais desprezível e feio da Espanha, quando acaso seja o mais belo e digno de louvança'.

Rosalia muito orgulhosamente [reivindica] esse idioma desprezado [ela] ligando vivamente o nosso ressurgimento como cultura diferenciada com o remoto e supostamente morto passado... dos

Cancioneiros galaico-portugueses que naquela altura mal começavam a ser tirados do pó dos arquivos e revelados ao público pelos estudiosos – o *Cancioneiro da Vaticana* de Teófilo Braga em 1878.

Referindo-se a *Cantares*, Rosalia disse: 'Um livro... escrito no... dialeto do país... ultrapassava por isso todo atrevimento'. E Carvalho Calero: 'Deu aos galegos um Evangelho poético onde aprenderam a boa nova da sua DIGNIDADE, o que poderosamente contribuiu para a formação da consciência galega moderna'.

Rosalia ofereceu aos seus coterrâneos 'um aprofundamento da alma galega em dimensão que vai do Passado até ao Porvir'. Rosalia partiu do ponto zero literário. Construiu 'ex-nihilo', devolvendo à fala da humanidade calejada do arado e a rede a perdida nobreza e dignidade ancestrais. Rosalia deu uma nova significação... à nossa língua e à nossa Nação.

Em *Folhas Novas*, publicada em 1880, Rosalia... declara que... 'a Galiza já não era a alma inteira do livro'... dá acolhimento 'àquelas outras composições que com maior ou menor acerto exprimem as tribulações dos que, uns atrás dos outros e de distintos modos, vi durante longo tempo sofrer ao meu redor. E sofre-se tanto nesta querida terra galega! Livros inteiros poder-se-iam escrever, falando do eterno infortúnio que aflige os nossos camponeses e pescadores'. [A omissão da classe obreira é reiterativa, não existe...].

Folhas Novas, dividido em cinco livros: 'Vaguedades'; 'Do íntimo!'; 'Varia'; 'Da Terra' e 'As viúvas dos vivos e as viúvas dos mortos', não apresenta unidade temática... Há poemas de protesto social violentíssimo: 'A justiça pela mão'... protesto de validade universal, feroso... – e convidativo à violência – contra os detentores do Poder e da Lei numa sociedade de rapina que nega... não apenas o pão e a justiça, mas também a dignidade. A vítima... é uma mulher, que com incrível direitura expressiva conta a sua história, impressionante, de crime e vingativo castigo.

O tema galego, que neste poemário tem como epicentro o drama da miséria e da emigração, atinge o seu tom mais iracundo e sarcástico de anti-castelhanismo no belíssimo poema intitulado

'Tristes recordos'.

En las Orillas del Sar foi publicado em 1884 em língua castelhana. Os críticos que desconhecem ou pretendem ignorar a peculiar situação linguística de Rosalia – o 'bilinguismo' a que já fizemos referência – encaram este livro em confronto inevitável com a sua obra em galego... Não temos certeza de que a data de publicação deste volume suponha que a composição dos poemas que o compõem seja posterior à dos livros em galego, pois... a penúria de informação cronológica é total”. Em nota explicativa, EGDC aventura serem muito anteriores aos da obra galega. EGDC, admitindo mesmo “o fator de amadurecimento” explicativo da diferença de “ambiente” lírico, [frisa que] “nada mais polarmente oposto, de qualquer ponto de vista, que o clima e espírito das línguas galaico-portuguesa duma parte e a espanhola doutra. [Que em Rosalia] poder-se-ia resumir o problema... dizendo que em galego Rosalia 'fala' poeticamente, ao passo que em castelhano escreve... Por isso *Orillas del Sar* é um livro estranho na literatura espanhola, até excessivamente original. Ver-se-á isto quando um APROFUNDADO ESTUDO PSICO-LINGUÍSTICO faça vir à superfície a 'galeguidade' essencial deste livro de Rosalia e a sua 'castelhanidade' cortiçal. O elemento de unidade do poemário: O sentimento aniquilador 'da solidão imensa do vazio’”.

Em nota explica EGDC que Murguia manipulou o livro... [parece que] “com o intuito de afirmar a solidez triunfante da fé católica” [de Rosalia]. Continua EGDC “No plano objetivo... a Galiza como tema, já no poema que abre a colectânea, intitulado 'Orillas del Sar' que constitui um canto exaltado às veigas de Iria Flavia... Ou no dedicado a 'Los Robles', no que com um tom bárdico – ossiânico, vindo de Pondal – evoca os carvalhos, 'árvore pátria', 'a gaita guerreira' e o 'herói galego' – duma gloriosa 'Edade de Ouro' dos 'calaicos', celtas pré-romanos. Porém, na composição que começa 'Jamás lo olvidaré!' volta a ouvir-se... a voz da Rosalia reivindicadora da nacionalidade. Aí encontramos referências às 'mãos estranhas', 'aos feros filhos do jardim de Espanha', à 'alheia vontade / que seu império exerce sobre o que é nosso'; e onde exprime o seu desejo de que 'a sua pátria não morra... que ressucite à vida que perdeu... para dizer ao mundo que a Galiza existe'. E

acaba queixando-se de que 'enquanto os tiranos cantarem vitória... a triste Pátria continuará a chorar, / sempre oprimida e sempre / da ruindade e da ignomínia pasto". EGDC acrescenta em nota explicativa... "a esperança redentora [de Rosalia] de que 'este povo sofredor que espera / silencioso no seu leito de espinhos / que a hora ressoe / e chegue esse dia / em que vença co'a sua mão segura / do mal que o oprime / a mão homicída'. O forte sentimento de justiça social rosaliano, tão claro na sua obra galega, não deixa de aflorar também neste livro, em poemas como 'Cuando sopla el Norte duro' ou 'Era niño y ya perdiera'.

O facto de a problemática lírico-religiosa centrar-se *En las Orillas del Sar* em língua castelhana será talvez devido a que a relação com a Divindade foi para a gente galega na língua de Estado. A Igreja foi de facto UM DOS AGENTES DA COLONIZAÇÃO LINGUÍSTICA MAIS EFICAZES. E, apesar da nova liturgia do Concílio Vaticano, a classe eclesiástica da Galiza, apoia maioritariamente ainda hoje o uso do castelhano – a despeito da circunstância de, pela sua origem camponesa, uma percentagem altíssima dos padres serem, desde a infância, galego falantes. Rosalia como todo o povo, rezou desde sempre as suas orações, numa língua alheia. Isso explica a presença dos castelhanismos que Carvalho Calero chama 'reverenciais' como 'Dios', etc.

O sucesso crítico da sua obra tardou. Não na Galiza... onde a sua glorificação foi instantânea, mas na Espanha. Mais de três décadas a seguir à sua morte ainda era ignorada. Foram os... da 'Geração do 98' os primeiros a denunciar esse escandaloso esquecimento. Azorin em 1913 inicia... campanha para 'romper o silêncio impenetrável' que rodeia Rosalia... excluída de todas as antologias da lírica espanhola, compiladas [mesmo por] Juan Valera ou Menendez Pelayo. A primeira de 1913 do hispanófilo inglês James Fitzmaurice-Kelly. A geração herdeira da de '98', a de '27', Lorca, Alberti, Gerardo Diego, Luís Cernuda, Dámaso Alonso, acabou de elevá-la ao Empíreo dos Poetas. Porém ambas essas gerações eram de 'dissidentes'. A Espanha 'oficial' sempre olhou de sobrolho franzido. Queixava-se Cernuda que a mais de setenta anos da sua morte ainda 'não parecia ter sido aceite na poesia espanhola'... devido à 'antipatia pela antipatia castelhana da poetisa" e no seu

'regionalismo intransigente' – visto ter escrito a parte principal da sua obra em galego”.

EGDC realça a influência de Rosalia em Lorca, apontada por Gerald Brenan, influência, essa, que ainda está a aguardar estudo. Ao compará-la com o sevilhano Bécquer, [Diaz Canedo disse] que ao pé dela... faz figura frágil de “poetiso”.

Rosalia, segundo EGDC, “corroborava a antiga verdade de que o único fim válido da Poesia é a celebração dos mistérios fundamentais da Vida: nascimento, copulação e morte.

'O anjo da nossa infância vive nos poetas sacros da Galiza, como o deus Pã, outrora, nos bosques da Arcádia. Os poetas da Galiza são poetas sagrados. Reveste-os uma auréola imaculada. A concupiscência do Verbo não os maculou ainda; e o espírito fulge na sua mudez esplendorosa'. São palavras de Teixeira de Pascoaes que parecem ter sido formuladas pensando principalmente em Rosalia”.

EGDC acaba a apresentação do livro em Estoril em julho de 1985 afirmando: “Este volume representa o preto renovado de Portugal à 'poética mudez esplendorosa' desta universal voz lírica da COMUNIDADE lusíada vinda da mais antiga à mais moderna das literaturas de expressão portuguesa”. Acrescenta uma NÓTULA BIBLIOGRÁFICA em que se queixa “das inúmeras gralhas e erros, do desleixo insuperável... do pomposo e trivial compilador e prefaciador, Sr. Vitoriano Garcia Martí, e das mal chamadas e funestas *Obras Completas* da maléfica Editora Aguilar de Madrid. *Obras Completas* que ficaram incompletas”. Marca a tarefa urgente para uma equipa universitária, para além de uma edição crítica da sua obra, o levantamento das bibliografias ativa e passiva da obra de Rosalia e fornece um certo número de trabalhos.

EGDC agradece ao florido açoriano Pedro da Silveira nascido na Ilha das Flores a sua ajuda como Chefe dos Serviços da Biblioteca Nacional de Lisboa; ao casal Antero de Miranda Mendes e Maria da Graça Freire, esta irmã da Natércia Freire; a Humberto Baquero Moreno que fora diretor do Arquivo Distrital do Porto e da Torre do Tombo, notável historiador qualificado de “o mestre de muitos mestres” e significativamente sócio efetivo do Instituto Cultural Galaico-Minhoto; a Francisco José Veloso; a António Manuel

Couto Viana, irmão de Maria Manuela; a Luís Forjaz Trigueiros e a Albano Nogueira. Na Galiza os agradecimentos irão para Jesús Alonso Monteiro, Pilar Garcia Negro, José Luís Franco Grande, Tino Vaz, Afonso Eyré. Na Catalunha, a Félix Cucurull e a Xavier Costa Clavell.

EGDC ao informar acerca do contido da Antologia queixa-se “da pobreza franciscana” da Biblioteca Nacional de Lisboa que não tem as edições originais completas de Rosalia nem uma página da rica bibliografia de estudos críticos, em várias línguas, a ela dedicados. Estende a queixa à literatura moderna galega... uma variedade mais das letras lusíadas... [Teófilo Braga já incluíra “Líricos galegos” no seu *Parnaso Português Moderno* de 1877 onde aparece Rosalia de Castro]... que os dois povos das duas margens do Minho constituíram uma unidade idiomática e literária inseparável... Que transcorrido um século desde a morte de Rosalia em 1885 houve em Portugal apenas uma edição da sua poesia, uma mísera edição de quinhentos exemplares numerados.

Um grande desconhecimento de Rosalia em Portugal, para o qual também contribui a “grafia exótica” [do espanhol] porque Rosalia usa indiscriminadamente castelhanismos, bastardizações, arcaísmos, dialetalização suficiente para afugentar um número considerável de possíveis leitores ou leitoras.

Para que Rosalia possa aparecer na sua verdadeira dimensão de poeta lusíada universal, frisa EGDC, “resolvemos, no centenário da sua morte, MUDAR DE ROUPA a sua poesia. Trajada com o vestido normal [ORTOGRAFIA] da COMUNIDADE LINGUÍSTICA à que historicamente pertence... Rosalia não foi traduzida... Apenas transcrita aos padrões... dessa COMUNIDADE [Chamamos mais uma vez a atenção acerca do conceito de COMUNIDADE LINGUÍSTICA que EGDC maneja como pioneiro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, uma década antes de esta ser criada em Lisboa em 1996].

Rosalia sem deixar de ser galega virou portuguesa. Porque assim seria a forma da sua poesia se a nobre língua comum galaico-portuguesa não tivesse sido espezinhada e proletarizada na Galiza pela BRUTAL COLONIZAÇÃO de que foi objeto primeiro por Castela e depois pela Espanha – pois Rosalia deixou

inequivocamente patente os seus sentimentos de indignada aversão patriótica por ambas”.

Realça EGDC: “Sendo este volume publicado em Portugal, constituindo, na sua intenção e no seu significado, UMA CONTRUBUIÇÃO PORTUGUESA às homenagens do Centenário da morte da grande Poeta, temos plena consciência de que tirando Rosalia do recinto [ORTO] gráfico e morfológico das formas linguísticas dialetais (que ela tem que usar, porque outras não havia...) estamos a prestar um serviço à UNIVERSALIZAÇÃO da sua poesia, e da CULTURA GALEGA cujo único futuro reside na sua reinserção cultural nesse mundo”.

EGDC antecipa a defesa da acusação de profanação recorrendo a Jacinto do Prado Coelho que escreveu: “adaptei a ORTOGRAFIA a certas normas vigentes em português. Sendo o galego uma variedade regional – regional e arcaica – do português, não é este o procedimento mais aconselhável?”.

Quanto à poesia de língua espanhola... o mister da tradução... complicado pelo facto da enganosa facilidade de transladar do espanhol para português – duas línguas irmãs, irremediavelmente separadas pelo mesmo vocabulário. E ainda aparentemente próximas na superfície como distantes no espírito e na palavra... EGDC acaba confortado... com a desoladora problemática da tradução poética [ou] a “Arte de fracassar”.

EDUARDO RUIZ PONS E AURÉLIO AGUIRRE

Respeitante ao contexto da vida e obra de Rosalia de Castro particularmente em Compostela parece de muito interesse o trabalho de José António Duran referenciado em 6 de outubro de 2013 e publicado em *La Cueva de Zaratustra*, escrito em espanhol, intitulado “Quem foi na realidade Aurélio Aguirre”, morto em 29 de julho de 1858, onde é qualificado de poeta insurrecional e se realçam as suas relações com Eduardo Ruiz Pons (ERP), este nascido em A Crunha em 1819 que passou a sua infância em Padrão, em Lestrove, compostelano de formação e morreu no Porto em 1865.

ERP começa com 13 anos, junto com a sua família, assistindo aos liberais portugueses (Pedristas) na guerra civil contra os miguelistas (realistas) durante o cerco do Porto que foi em 1832-

1833. O seu pai tinha uma empresa de sal que transportava através de portos portugueses desde Cádiz até à Galiza (Ponte Vedra-Padrão). ERP abandeirou a Milícia Universitária na revolução galega de 1846, refugiando-se em Portugal após a derrota da ação armada.

As relações de Aguirre com ERP estavam baseadas em amizade antiga que durará até à morte do poeta em 1858; também políticas em termos do que se conhece da biografia de ERP: Em 1858 era do Partido Democrata, uma das figuras de maior relevo, militando na extrema esquerda insurrecional (como o seu amigo Sixto Cámara), miliciano e internacionalista do movimento democrático europeu. Deputado em Cortes Constituintes (1854-1856) pela província de A Crunha, votara por destronar a Isabel II e defendia a República Federal Democrática. Organizou em Saragoça com ajuda dos carbonários o Partido Democrata constituindo em Aragão choças ou lojas secretas dos carbonários. Em 1861 imprimiu o *Programa Democrata* e foi preso. Fora absolvido e continuara preso por atividades carbonárias. Ficou livre e fugiu à França em 5 de agosto de 1862, passou à Itália e organizou a Legião Ibérica para ajudar a reunificar a Itália de Mazzini e Garibaldi (1862-1863). Foi para Lisboa e depois para o Porto onde publicou em 1864 *História da Causa de Saragoça* de 1861 contra ERP. Morreu nessa cidade em 1865 e foi considerado um dos mártires da causa republicana.

Continua J. A. Duran: “A causa política de Mickievich, a luta insurrecional de Mazzini, o talento militar de Garibaldi, o carbonarismo, etc. fundamentais para nos achegar a ERP, Sanchez Deus e os movimentos juvenilistas (A Jove Itália, A Jove Europa, A Jove Espanha, A Jove Galiza, A Jove Astúrias...) e seus análogos portugueses, estão ausentes, como se não houvessem existido nem tiveram nada a ver com a Galiza e o galeguismo liberal decimonónico, do século XIX. Porém, o hino dos 'Casacas Vermelhas' de Garibaldi concorria com o de 'Riego' e a 'Marselhesa' em todas as celebrações públicas da avançada política galega desde então até ao final de século... A presença na Galiza do iberismo e o carbonarismo com as suas choças clandestinas permanece AUSENTE da historiografia galega e galeguista... Esse

era porém o contexto internacionalista de Ruiz Pons, Aurélio Aguirre e do importante iberismo espanhol e GALAICO-PORTUGUÊS de aqueles tempos. [Eis a] Razão de que fora o Porto a cidade onde o desterrado ERP vai desenvolver a sua última atividade proselitista e onde se mantém a sua tumba, aliás, lugar de peregrinação durante décadas dos democratas galegos: Em 1868, o aguirrista Manuel Angel Corço (devoto de ERP) com os jovens democratas federais do Grupo Fonseca (Alfredo Vicenti, irmãos Muruais, Waldo Álvarez Insua, Valentim Lamas Carvajal, etc.) tentaram sem o conseguir trazer os restos de ERP para estar com os de Aurélio Aguirre em São Domingos de Bonaval em Compostela.

As relações de Aurélio Aguirre com Rosalia de Castro e a sua prima carnal, Maria Ermida e Castro, foram tão intensas como para que o aguirrista José Domínguez Izquierdo situara os versos de marca de Rosalia de Castro nas homenagens poéticas na *Coroa Fúnebre de Aurélio Aguirre* (Compostela, 1859) que começam: "Lágrimas tristes en mi dolor vertidas".

Em *Os insurreccionais*, a conexão Aguirre-Ruiz Pons é descrita por J. A. Duran: "No verão de 1855 em Compostela, para além da amizade de toda a vida de AA com ERP, o reencontro dos dois nesse verão, teve outras consequências: A atenção aos movimentos juvenis... Efetivamente, na Compostela clerical estava nascendo um movimento democrático de estudantes com a presença feminina de Rosalia de Castro, Maria Ermida e Castro, Eduarda Pondal, Peregrina Companhel e o que viria ser a Jove Galiza de Manuel Anjo Corço (S/C, 1841), isto é, a origem sociológica dos subscritores compostelanos de *La Flor* (Rosalia de Castro, Madrid, 1857) e dos cento e cinquenta subscritores compostelanos de *Ensayos Poéticos* de A. Aguirre: Os impulsores da *Coroa Fúnebre a A. A.* (Compostela, 1859)".

Segundo J. A. Duran, "não é possível, como pretende Murguia, AFASTAR Aurélio Aguirre deste movimento juvenilista internacional democrático-republicano-insurreccional de Ruiz Pons, a luta que este abandeirá (democratas-republicanos/República Federal Ibérica) após a morte de A. Aguirre, acompanhado do compostelano Ledonardo Sanchez Deus, um dos enlances galaico-

portugueses com a plana-maior de Garibaldi para constituir a Legião Ibérica.

No verão de 1855, a chegada de ERP a Compostela teve uma significação especial; os graves problemas da Galiza: Fome, peste, escasseza de subsistências. O ambiente em Compostela era cortante. Ambiente em que se celebra o Banquete de Conjo em domingo, 2 de março de 1856, em que Aguirre é o protagonista. O Banquete de clara inspiração ruizponsista foi com centenas de [escreve Alfredo Vicenti] 'filhos do povo que os amavam [a Aguirre e a Pondal] e seguí-los houveram, se necessário, o mesmo ao festim do que à BATALHA”.

Em outubro de 2013 J. A. Duran afirma que o texto do brinde de Aguirre NUNCA se publicou ÍNTEGRO. E escreve: “O forte despregamento do Exército regular em missão de ordem pública dada a desconfiança e a falta de controlo do Governo sobre as Milícias Nacionais”. Importa chamar a atenção de que A. Aguirre o mesmo que outros assistentes ao Banquete [não se menciona a Pondal], universitários e PROLETÁRIOS, eram milicianos nacionais [legais e armados].

Pondal, pressionado pela família e pela DURA OFENSIVA do arcebispo Garcia Cuesta e as autoridades eclesiásticas, retratou-se das palavras do brinde mas Aguirre aquando foi chamado a capítulo confrontou o prelado e pensou em se ir da cidade recorrendo a ERP.

O brinde de Aguirre nunca publicado “Jornalero, levántate y despierta / abandona un momento los talleres /.../ Vela por tus derechos si no quieres /...” era no original, que não foi lido, “Jornalero, levántate y despierta / abandona un momento los telares /.../ Echa mano de las armas si no quieres /...”: Trata-se de uma chamada à internacional proletária e democrática. Parece indiscutível que Aguirre esteve nesse movimento conspirativo e insurrecional: internacionalismo democrático mazziniano e ruizponsista.

Após a morte de A. Aguirre, em 4 de agosto de 1858, *La Discusión* (Madrid) publica: “Aurélio Aguirre um jovem de grandes esperanças para o partido democrático e para a literatura”.

Em A Crunha, na despedida a A. Aguirre, estavam todas as cruces

das paróquias da cidade, comportamento dos católicos que surpreendeu pela mudança da perseguição repressiva à homenagem. Em Compostela presidiu a reunião para honras fúnebres o seu amigo de toda a vida ERP que ali se encontrava.

Alfredo Vicenti, compostelano, escreve relativamente ao enterro de A. Aguirre em Compostela: “O Liceu da Juventude organizou tudo... as autoridades civis e ECLESIÁSTICAS colaboraram ANIMADAS. A juventude do Liceu e o operariado democrático esperavam o cadaleito no Cruzeiro das Crunhas e o levantaram em ombros seguido de todo um povo”.

J. A. Duran ainda destaca que Eduardo H. Bustilho (1836-1908) democrata asturiano que se havia iniciado – com Aguirre e Rosalia de Castro – na ação teatral do Liceu da Juventude de Compostela e acrescenta haver na *Coroa Fúnebre a Aurélio Aguirre*, num exemplar custodiado no Instituto Padre Sarmento de Estudos Galegos, um poema dedicado a Aguirre assinado pelo seu amigo ERP. E afirma que Eduardo Chão e o seu cunhado, José Ramon Fernández, de *La Oliva*, estavam por essa guerra insurreccional contra Nárvaez (1856-1857).

POEMA DE ROSALIA DE CASTRO A INÊS DE CASTRO E LUÍS VAZ DE CAMÕES

EGDC resgata e publica este significativamente CENSURADO poema de Rosalia de Castro [a relação rosaliana com Portugal], poema publicado originalmente em 1884 em Lisboa no *Almanach de Senhoras* para o ano 1885. O poema ficou no esquecimento [censura] até que Fermim Bouça Brey o resgatou em 1948 nos *Cuadernos de Estudos Galegos*. Rosalia de Castro canta a Inês de Castro e a Camões “que imortal a fez” destacando a origem galega do “poeta imortal”. Eis o poema:

“Desde as fartas ribeiras do Mondego / desde a Fonte das Lágrimas, / que na bela Coimbra, / as rosas de cem folhas embalsamam, / do Minho atravessando as aguas mansas / em misteriosas asas, / de Inês de Castro, a dona mais garrida, / e a mais doce e a mais triste enamorada, / do grão Camões que imortal a fez / cantando as suas desgraças, / de quando em quando a acarinhar-nos vêm / eu não sei que saudades e lembranças. / Lá

deu seu fruto a planta abençoada / com sem igual pujança. / Daqui o gremem saiu, sabe-o Lantanh / e a sua torre dos tempos afrontada. / Talvez por isso – ó desditosos – sempre / convosco foi o gremem da desgraça: / Tu pobre dona Inês, mártir do amor / e tu Camões da inveja empeçonhada. / Pesam dos génios na existência dura / tanto a fama e as glórias quanto as lágrimas. / A que cantaste em peregrinos versos, morreu baixo o poder de mãos tiranas. / Tu acabaste olvidado e na miséria / e hoje és glória da altiva Lusitânia, / ó pobre poeta imortal, em cujas veias / nobre sangue galego fermentava! / Esta lembrança doce, envolta numa lágrima, / manda-te desde a terra / onde os teus foram nados / uma alma dos teus versos namorada”.

Reparem nos versos de Rosalia de Castro “Atravessando as aguas... do Minho / em misteriosas asas de Inês de Castro”, talvez como o irmão desta a atravessar as aguas do Minho desafiando o rei castelhano? Conhecia Rosalia os factos históricos que provocaram o assassinato, crime de Estados, de Inês de Castro?

**A SOLIDARIEDADE
DE FEDERICO GARCIA LORCA
COM A LÍNGUA E A CULTURA DA GALIZA,
COM O POVO GALEGO:
A COLABORAÇÃO LINGUÍSTICO-LITERÁRIA
DE EGDC
COM FEDERICO GARCIA LORCA**

Relativamente a Federico Garcia Lorca, EGDC afirma que “morreu assassinado por um esquadrão da morte franquista... A expansão e prestígio da sua obra lírica e dramática é... universal. O poema que... incluímos, dedicado a Rosalia – **um dos seus favoritos** – faz parte dos *Seis Poemas Galegos* de Lorca publicados em Santiago de Compostela pela Editorial Nós em fins de 1935”.

EGDC explica a sua amizade com Federico Garcia Lorca e a sua intervenção na criação dos ditos poemas galegos de Lorca: “Como Eduardo Blanco Amor (EBA) apossou-se dos originais manuscritos [por EGDC] de cinco poemas... [para os publicar] na Galiza... em 'Nós' de Anxel Casal – também assassinado em 1936.

Depois da publicação de Santiago – da qual poucos exemplares sobreviveram à DESTRUIDORA FÚRIA FASCISTA – esses autógrafos ficaram na posse de Blanco Amor”, esclarece EGDC, desautorizando-o; “espúreo, canhestro, atentado” são alguns dos qualificativos contra os erros de Blanco Amor, “que Deus haja!” EGDC explica: “os meus silêncios em relação à parte que me coube na origem e criação dos *Seis Poemas Galegos*, hoje objeto de interesse crítico internacional; a descoberta dos meus autógrafos no espólio [de EBA] depositado no Arquivo da Deputação Provincial de Ourense e a sua publicação fac-símile por José Landeira Yrago em *La Voz de Galicia* e em *Grial...* fazem com que a natural reserva [da parte de EGDC] hoje não se justifique” e reproduz fac-símile do manuscrito original de “Velha Cantiga”, autógrafo da sua letra.

A questão central em tudo isto é: O amor solidário de Federico por nós, que cumpre resgatá-lo, agradecé-lo, proclamá-lo e elevá-lo, na sua elevada forma, ao mais alto da consideração da Galiza para com ele. Amor concretizado nesses seus *Seis Poemas Galegos* em compromisso solidário com a reprimida e proibida língua e cultura de um povo espoliado, humilhado e oprimido na sua luta pela liberdade que nesses seus anos [de Federico vivo] se desenvolvia. Na resenha de Manuel Curros Enríquez, EGDC afirma: “O seu discurso – como o de Pondal – ... de aspiração para uma língua literária cuidada, de nível expressivo superior ao da fala rústica usada pelos escritores precedentes – inclusivamente Rosalia. Talvez para isso influísse, como no caso de Pondal, a sua familiaridade com a literatura portuguesa”.

O POEMA TOQUE DE REBATE DE DEUS, TEMPO, MORTE, AMOR E OUTRAS BAGATELAS

Em carta datada em 24-II-1987, EGDC envia a JLFG cópia do poema “Toque de Rebate” datado em Estoril em dezembro de 1986. Este poema junto com outros serão publicados pela Editora Horizonte de Lisboa em 1988 no livro de EGDC intitulado *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*. Poema de natureza combativa, “badaladas contra o ‘Sistema’” serão os qualificativos do próprio EGDC. Eis o poema “TOQUE DE REBATE”, segundo

EGDC, “inteiramente refeito carregando as tintas combativas”:

“En la frente del pueblo dormido
el poema es una constelación de sangre”

OCTAVIO PAZ

“Tudo menos silêncio / em face do etnocídio / O Crime é sempre Crime / mesmo se o vitimado / passivamente aceita o assassínio / Ai, nossa Terra-Mãe! / Ai, como te matam! / E como dói / ver que os nossos algozes são / do nosso mesmo sangue / Os imbecis e duros / te encravam no madeiro / dum Gólgota sinistro / como a pior ralé do Povo Eleito / fez com o seu Ungido / irmão de raça e sangue: / o Cristo Salvador / E ignobilmente / a massa indiferente / a grei escura / acompanha o Calvário / diário e travestido / e sonolentemente testemunha / da Mátria a imolação / lenta e segura / Mas o poeta / se sentir / – como deve – / que faz parte da entranha do seu Povo / não pode ficar mudo / Tem que clamar / berrar com alarido / como fez São João / sozinho / no deserto / Oh, Mãe Galiza / acorda / acorda / acorda! / Não te deixes matar! / Não te entregues em mansidão inerme / como fez o Rabí de Nazaré / Ai / pelo amor de Deus / desperta do teu sono! / Teremos que chamar / para nos ajudarem a acordar-te / todas as altas e sagradas vozes / da nossa triste História / nossos Evangelistas e Profetas: / Rosalia e Pondal / Curros e Cabanillas / o Daniel / o Alexandre / p'ra gritarem também / desde o Além-Túmulo / contra os torvos Poderes: / as Mítras / os Capelos / os Tricórnios / e todo o Sanedrio de Santiago / Contra os Levitas / contra os Saduceus / contra os Fariseus / Contra o Poder Romano / de Madrid / que sorri / lava as mãos / e surrateiro espera / que a corja dos galaicos mercenários / lhe ofereça um sinal / de preto e vassalagem / a tua Crucifixão / a tua Paixão e Morte / e lhe presente / abjetamente / envolto num sudário / o Corpo inerte, frio e lacerado / desta nobre Nação / sacrificada / Venham todos os bons e generosos! / Vamos berrar / a pulmão pleno / contra o nefando crime / já quase consumado / da destruição do Verbo / ancestral, sacrossanto / da nossa Mater-Alma / Que como Ecce-Homo / ludibriado / com Coroa de Espinhos / amarrado à Coluna / e açoitado / com serviçal dureza / pelos sicários do Imperial Pilatos / amortece / numa infame agonia / tecida de apagada e vil tristeza”.

EGDC E O TERRORISMO DO ESTADO ESPANHOL

EGDC em carta a JLFG datada em 16-XII-1987 escreve:

“Essa nossa triste terra vai sempre de mal para pior – e atura, hoje como sempre, que a espezinhem e humilhem os espanhóis e a degradem os colonizados galegos que sempre abundaram. O que nos salva de 'ricochet' é que há bascos que lutam contra o terrorismo estatal de vaselina, com o terrorismo explosivo. No que infelizmente têm que ser vitimadas criaturas humanas – por ser impossível matar 'guardias (in)civiles' só. A ETA usa métodos criminosos – matando pessoas. Mas o Estado Espanhol – é supercriminoso porque usa todos os meios ao seu alcance para matar povos. O homicídio é condenável – mas o genocídio e o etnocídio é supercondenável. Matar corpos individuais – mesmo de membros da 'Malamérita' não é defensável, mas matar almas de povos é um crime de lesa-História. Há muitas razões – que tu de sobejo sabes – para eu não ir à Galiza, mas uma das principais é que eu teria que recusar, não digo a mão, mas até uma leve inclinação de cabeça, aos 'Garcia Sabell & C.^{ia}’”.

EGDC E O PAPEL DA GALIZA NA FORMAÇÃO DE PORTUGAL

Em carta a JLFG datada em 8-VII-1988, EGDC escreve: “[estou a escrever um artigo] sobre os galegos em Portugal desde Fernando Peres de Traba (Conde de Traba) amante de D.^a Tareija e candidato ao trono de Portugal, João Fernandes Andeiro, amante de Leonor de Teles, passando por Álvaro Peres de Castro e a sua irmã Inês 'mesquinha que só depois de morta foi rainha' e a galaica aristocrata D.^a Teresa Lourenço, também amante do Rei D. Pedro, o Cru (gostava de galegas o Pedrinho!) que lhe deu mais um filho bastardo, João, Mestre de Aviz, que viria ser o fundador da dinastia desse nome – o que daria aos castelhanos aquela bela surra de Aljubarrota. Na época moderna o sangue galego jorra pelas veias lusas. Baste dizer que os Três grandes das letras portuguesas: Camões, Eça e Pessoa, eram de ascendência galega.

A GALIZA EM FIALHO DE ALMEIDA

O outro tema no que estou a trabalhar é a 'A Galiza nos escritores portugueses', que também é rico. Neste fim de semana conto enviar o primeiro: *Pela Galiza* do grande prosador e contista Fialho de Almeida”.

Este deixou escrito que [a Galiza] “não diverge um ápice... [das] províncias portuguesas do norte, mencionadamente o Douro, Minho e Trás-os-Montes... [a Galiza] é afinal portuguesa de lei como as que o são... Oito séculos de fronteira não conseguiram borrar as comunidades de sangue ancestral... que tão fraternalmente junguem o carácter galego ao português... [a toponímia galego-portuguesa] revela uma unidade de raça e uma comunidade de origem que não é possível desmentir...”. Fialho de Almeida recorre a Teófilo Braga que no prólogo do *Cancioneiro popular galego*, de José Perez Ballesteros (1886) disse: “A Galiza na reconstituição das sociedades neo-góticas era o foco da civilização peninsular; aqui vinham os reis completar a sua educação, e a língua galega era a preferida para as composições poéticas das cortes em que se imitava a poesia trovadoresca, tão delicada na sua casuística sentimental. A Galiza perde a sua existência política, e por igual facto apaga-se a sua cultura, e cai numa atonia provincial em que só subsiste aquilo que é de origem estática inconsciente...”. E continua Fialho: “Do lado da Espanha o galego cultivado e literatizado absorve-se e transforma-se no espanhol, de quem hoje ainda difere completamente. Do nosso lado o galego cultivado e literatizado constitui o português, que continua sendo, mau grado o separatismo de oito séculos, da língua primitiva, a forma mais próxima e porventura aquela que se falaria hoje em toda a Península se a Galiza tivesse mantido o papel hegemónico que houve até a sua divisão em asturo-leonesa e lusitana. Por estas razões, nós, portugueses, diremos que há um monumento chamado *Cancioneiro da Vaticana* pelo qual dois fragmentos do mesmo povo se junguem, por mais que 'a boçalidade egoísta de uma política sem plano' conseguisse outrora quebrar-lhe a inteireza étnico política; e há uma razão de família pela qual o galego será sempre para o português um irmão terno, e é que esse irmão quase que ainda fala o português do *Cancioneiro* – do *Cancioneiro* que com *Os Lusíadas*, um dos mais altos cimos

da civilização peninsular ocidental.

Visto os postulados da história e gratidão filial que expostos ficam, poderemos dizer, sem maiormente ferir o escrúpulo científico, que *Portugal foi a primeira colónia galega*.

No dia em que as nações se conglomerassem exclusivamente por agregados de raça e não pelas eventualidades da história e da política, e em que portanto a *unidade portuguesa* fosse um facto, como a alemã ou a italiana, seria constituída por Portugal, Galiza e Brasil confederados, vivendo e trabalhando em uníssono, como as vísceras de um organismo autónomo e perfeito, havendo a separá-las apenas um rio chamado Atlântico, que elas sulcariam pelos barcos do seu tráfego e os frenesis da sua ação”.

O PORTUGAL QUE ENCONTROU EGDC DESDE 1977 ATÉ À SUA MORTE

Entre 1977 e 1994, EGDC conheceu dois presidentes da República: Ramalho Eanes (1976-1986) e Mário Soares (1986-1996). A estes seguiram-se-lhes, Jorge Sampaio (1996-2006), Aníbal Cavaco Silva (2006-2016) e Marcelo Rebelo de Sousa, o atual. À chegada a Portugal de EGDC, era Primeiro-Ministro, Mário Soares depois da sua vitória nas eleições legislativas de 25 de abril de 1976 – as presidenciais foram em 27 de junho de 1976. Sob a presidência de Ramalho Eanes sucederam-se dez governos chefiados por Mário Soares (I e II), por A. Nobre Costa (III), por Mota Pinto (IV-1978-1979), por Lourdes Pintassilgo (V-1979-1980), por Sá Carneiro (VI-1980-1981), este substituído por Freitas do Amaral após a sua morte em acidente de aviação em 4-XII-1980, por Pinto Balsemão (VII-1981 e VIII-1981-1983), por Mário Soares (IX-1983-1985) e por Cavaco Silva (X-1985-1987). Sob a presidência de Mário Soares decorreram os governos de Cavaco Silva (X-1986-1987, XI-1987-1991 e XII-1991-1995). Houvera eleições legislativas em 2 de dezembro de 1979, com vitória de Sá Carneiro; em 5 de outubro de 1980 ganhadas por Pinto Balsemão; em 25 de abril de 1983 com vitória de PSP com Mário Soares; em 6 de outubro de 1985, com vitória do PSD e Cavaco Silva que tornaria às ganhar em 19 de julho de 1987, em 6 de outubro de 1991. Em 1 de outubro de 1995 ganha-as António Guterres.

As eleições presidenciais em Portugal realizaram-se como dissemos em 27 de junho de 1976 ganhadas por Ramalho Eanes que também as ganha em 7 de dezembro de 1980. As do 26 de janeiro de 1986 – com segunda vota em dia 16 de fevereiro – foram ganhadas por Mário Soares, também como as de 13 de janeiro de 1991. As do 14 de janeiro de 1996 foram ganhadas por Jorge Sampaio.

POEMA A CASTELÃO DE JOSÉ JORGE LETRIA PUBLICADO EM 1989

“Passado está ao papel com estrelas de fogo / polvilhados os panos da tragédia / o homem que experimentou o exílio da fala / no exílio da terra, o que tingiu de orvalho / o eco das manhãs e se declarou insurrecto / quando até o sonho era rebelde. / Escreveu exílio ou esílio, galiza ou galicia? / A que portos rumou para não poder aportar / ao verde e à paz cantante das veredas, / por não lhe ser consentido o retorno / ao recanto mártir, à casa da mãe dos homens perfilados / nos dibuxos, das cousas esvaídas / no tumulto navegante de nunca mais voltar / convocando os outros homens para a praça / larga, lancinante das comuns peijas, letras de água, / materiais de vento, sinais de lume que da obra / fazem alma e da alma porta de vozes / onde o sol devagar se acoita. / Chamava-lhe troveiro ou trovador, jogral talvez, / e assim deixava quase tudo dito, que lírico / é também o impulso da mão que rasga na página a viagem do homem exilado de si nos exílios da terra. / Menino igual a neno, pobo igual a povo, / vocabulários gémeos de seiva e água mansa. / Rianxo corunhesa vila, Buenos Aires ancoradouro / da derradeira ânsia de dizer. Imóvel está agora / a mão que escreve o homem à altura do homem. / Retorna o coração à casa e com ele a boca / que disse liberdade e nela se cumpriu, / o galego universal que teimou em soletrar a luz / onde apenas sombra havia a castigar os dias”.

Este poema dedicado a Castelão de José Jorge Letria foi publicado em *Cartas de Afectos*. Lisboa, Livros Horizonte, 1989. Coleção “Horizonte Poesia”. Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores. Relativamente a este poema, EGDC escreve em Londres em 20-IX-1991: “Poema paradigmático... do homem de Rianxo e do seu apostolado nacionalista, cívico e artístico... da problemática da

Galiza atual... [mesmo com] a pugna ORTOGRÁFICA. Todos os galegos... têm dívida de gratidão com J. J. Letria por esta oferenda à nossa pátria. Especialmente porque em Portugal [hoje] poucas pessoas lembram... Castelão. Cujos nome e obra eram bem conhecidos... nos meios literários nas décadas de 30 e 50... [Castelão] manteve contacto e foi amigo pessoal de muitos dos homens *d'AGUIA* [1902-1932] – órgão da Renascença Portuguesa que tão relevante papel teve na vida lusitana no primeiro quartel do século que agora finda – e com o grupo de *SEARA NOVA* [1921] que em 1974 mudou a sua significação democrático-pedagógica, e o seu prestígio, quando os comunistas se apossaram da revista. Consta-me que conheceu António Sérgio em Madrid, em 1932, e Jaime Cortesão em Barcelona, em 1938, durante a Guerra Civil. Outro grande seareiro, o inesquecível Mestre Rodrigues Lapa... fez da aproximação galaico-portuguesa um ideal obsidente e uma causa vitalícia. Nesse mesmo ano [1932] publicou na *SEARA* um belo artigo sobre o patriota galego. E em 1951 organizou um número quadruplo de homenagem póstumo da revista (Fevereiro, Números 1204-1207).

Hoje... Castelão tem pouco eco... no além-Minho... e em grande parte POR CULPA NOSSA. Daí... a significação... desta “cantiga de bem dizer”... comove-nos nacionalmente pela sua exaltação do “galego universal que teimou em soletrar luz / onde apenas sombras havia a castigar os dias... [e] / da mão que escreveu o homem à altura do homem”.

No n.º 1 de 31 de outubro de 1912 de *Vida Portuguesa*, quinzenário de inquérito à vida nacional, propriedade da Renascença Portuguesa cujo diretor, Jaime Cortesão, escreve a nome da Renascença Portuguesa “juntamente com a reabertura da Universidade Popular do Porto, se encetaria a publicação dum quinzenário de inquérito à vida nacional sob o quadruplo aspecto do problema, RELIGIOSO, PEDAGÓGICO, ECONÓMICO E SOCIAL, tentando resolvê-lo, em harmonia com o espírito moderno, e especialmente em conformidade com as necessidades atuais e o original espírito da Pátria Portuguesa... nomeadas quatro comissões... Religiosa: Jaime Cortesão; Leonardo Coimbra; Teixeira de Pascoaes. Educativa: Alfredo C. de Magalhães;

António Sousa; Augusto Martins; Jaime Cortesão; Leonardo Coimbra; Rodrigues Santos [O plano prático: O operário]. Social: António Sousa; Armando Marques de Guedes, Cristiano de Carvalho, Fernandes da Silva [O proletariado. A fábrica e o campo... O ideário socialista... sindicatos... cooperativas. Escolas económicas e a sua influência no proletariado: colectivismo, mutualismo proudhoniano, o anarquismo, o sindicalismo. Inquérito à vida operária]. Económica: Albano de Sousa; Álvaro Pinto; Xavier Esteves [Proporcionalidade entre capital, trabalho, terra... Emigração... Agrícola (Rendimento, Hidráulica, Crédito)... Organização bancária... Assistência e Misericórdias. Penhores, Caixas Económicas... Empréstimos...]

HOMENAGEM A CASTELÃO POR RODRIGUES LAPA

Seara Nova, nos números 1204-1207 de 3, 10, 17 e 24 de fevereiro de 1951 publica uma homenagem póstuma a Afonso Daniel Rodrigues Castelão organizada por Manuel Rodrigues Lapa (MRL) o qual manifesta o seu grande amor por Castelão e a Galiza definindo Castelão como o paladino que lutou por ela “até ao último alento” e afirma que “a grande aspiração de Castelão era... A UNIÃO DA GALIZA E PORTUGAL”. MRL seleciona vários trechos de *Sempre em Galiza* e doutras obras ilustradas com desenhos de Castelão: i. Homenagem a Castelão. ii. As três lendas. iii. O sentido da emigração galega. iv. O carácter galego. v. A união galaico-portuguesa. vi. Terra estremenha e terra galega. vii. O intercâmbio galaico-português. viii. O caciquismo. ix. O Bó natural de Ranholas (*Os dois de sempre*). x. O retrato (*Retrincos*). xi. O retorno à terra. xii. No cemitério (*Um olho de vidro*). xiii. O afogado (*Cousas*). xiv. O problema da língua. xv. Pimpinela (*Os velhos não devem namorar-se*). xvi. Até logo Eleutério (*Cousas*). xvii. A condessinha. xviii. Dona Micaela. xix. O pai do Miguelinho. Nessa altura, o diretor da *Seara Nova* era Câmara Reys que substituiu a Raul Proença (1921-1941). O editor era José Bacelar e o Corpo Diretivo: Câmara Reys, Jaime Cortesão e Sarmento Pimentel. Na revista figurava: VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA. HOMENAGEM A CASTELAO Por RODRIGUES LAPA. Com um auto-retrato de Castelão do Álbum Nós.

NOTA PREAMBULAR DE EGDC

NA EDIÇÃO DE LAM E RST DE AGAL DE 1991

No ano 1991, a Associação Galega da Língua, presidida por Maria do Carmo Henriques Salido, publica num único volume os livros de poesia de EGDC, *Lua de além-Mar* (1959) e *Rio de Sonho e Tempo* (1963). Neste volume, na Nota Preambular, datada em Londres em 25 de Abril de 1991, EGDC esclarece algumas coisas e sobretudo proclama e reafirma as suas posições vitais ou vitalícias das que destacamos: “ter eu ido para o meu EXÍLIO madrileno com apenas doze anos, e ter convívio e amizade com alguns dos principais poetas das Gerações do 98 e 27, a língua de Castela pouco me tentasse como instrumento lírico”.

EGDC referencia a Nota de Autor de LAM que “representava uma INSURGÊNCIA doutrinal: uma bandeira defraldada não só contra a flagrante inadequação dialetal da nossa escrita [ORTOGRAFIA] mas também, e mais transcendentemente a favor da reorientação da nossa CONSCIÊNCIA DE NACIONALIDADE no sentido de REATAMENTO DE LAÇOS DE IDENTIDADE LINGUÍSTICA – E NÃO SÓ! – que outrora NOS UNIRAM ao mundo que o português criou... do DOMINADOR castelhano nos veu muitíssimo mais do mau que do bom... considerações... que me levaram a advogar pela aproximação à COMUNIDADE MUNDIAL consanguínea dos povos luso-falantes, que nos trará... essa universalidade mental da que carecemos – e que Castelão para a nossa Terra e Língua tão lucidamente desejava. Para isso a primeira coisa a fazer era ATACAR... a estapafúrdia escrita improvisada, que moldava a nossa expressão em padrões psíquicos alheios, e ainda por cima, dialectais. (Mal sabia eu que naqueles já distantes dias [1959-1963] que esta bucólica grafia viria – com uma mistura de maquiavelismo e paifoquice – ser oficializada por 'ukase' da 'Xunta de Galicia'). O primeiro passo a dar nessa aproximação era tornar a nossa escrita legível para os outros membros da COMUNIDADE lusófona. Para isto... rompi fogo... Desterrei... disfarçava... instaurei... prescrevemos... fizemos... dar esse passo à frente, decisivo... desterrando 'la terrible x'... reparos... à proposta ORTOGRÁFICA... que naqueles tempos de FERINA

REPRESSÃO... [Manuel Rabanal] em transparente simpatia com o 'liberal e tolerante' regime que em 1959 na Espanha vigorava. Na Nota de LAM... atacava... a vassalagem da Galiza ao sáfaro e esterilizante assimilismo castelhanista. E propunha... a recuperação da verdadeira tradição nacional... conservada intacta... do outro lado da raia minhoto-transmontana, por aqueles irmãos que souberam um dia libertar-se das duras algemas espanholas. Tinha eu já naqueles anos, tão distantes, consciência plena do que aquele sábio ilustre – e o mais afervorado amigo que a Galiza já teve – o Professor Rodrigues Lapa – viria dizer 24 anos mais tarde com a rotunda franqueza que o caracterizaba: 'A verdade, a terrífica verdade é esta: o galego, ou se perde devorado pelo espanhol, ou se salva, incorporado ao português, a sua língua natural, como PRETENDIA o grande Castelão'. Isto mesmo viria eu novamente a repetir, muito mais por extenso, em 1985... No 'Antelóquio indispensável' do livro *Futuro Imemorial...* [onde] eu examinava o nosso PROBLEMA NACIONAL e linguístico... no seu desenvolvimento histórico e na sua realidade atual, e reafirmava ainda com maior vigor as posições por mim assumidas em 1959. A minha longa experiência académica... fez-me perceber... que a única maneira de obter um lugar no currículo para a nossa literatura era ensina-la CONJUNTAMENTE com a portuguesa, ditando seminários como 'Rosalia de Castro e a poesia moderna de língua portuguesa'... Em vista dos resultados fiquei convicto de que para os nossos autores entrarem no concerto das letras internacionais, o único jeito era fazerem-no de braço dado com os portugueses e brasileiros – e portanto pela via da língua portuguesa... A língua e a literatura galega podem contar no mundo, reintegradas na família lusíada – e com um SISTEMA GRÁFICO COMUM que torne fácil o seu ESTUDO E APRENDIZADO. [a língua galega tem de] re-apropriar-se do opulento vocabulário culto do português, como coisa NOSSA QUE É POR DIREITO HISTÓRICO... Há que fazer que o galego contenha, no seu nível culto, o português. Pois, como também Rodrigues Lapa apontou – e eu subscrevo... : 'Um galego não precisa de APRENDER português, USA-O, com um pequeno esforço de escolarização' [e de desacomplexamento,

acrescentaríamos nós].

No 'Antelóquio' do *Futuro Imemorial* – que foi o meu segundo manifesto reintegracionista – eu dei outro passo avante... que foi o de proclamar-me *urbi et orbi* o primeiro escritor galego de expressão portuguesa.

Esta nova edição de *Lua e Rio...* apresenta-se... com a sua ORTOgrafia, totalmente conforme com o padrão da comunidade ecuménica luso-falante.

Para por ponto final, quero reiterar aqui – com a voz mais clara e sincera do que sou capaz – o meu propósito de contribuir, na medida das minhas humildes forças, à campanha de 're-galeguizar à Galiza, tornando-a o mais galaico-portuguesa possível'. Porque acredito... que essa é a única âncora de salvação da nossa língua, esteio basilar da NOSSA IDENTIDADE NACIONAL AMEAÇADA – pelos inimigos de fora e de dentro”.

RELACIONAMENTO DE EGDC COM JESÚS GALÍNDEZ

Em 12 de julho de 1993, EGDC desde New York escreve carta a José Luís Franco Grande em que afirma que conheceu muito bem a Galíndez, um NACIONALISTA BASCO FERRENHO, e que foi vitimado pela sua candura de pensar que em New York estava fora do alcance do monstro, Rafael Leónidas Trujillo, ditador da República Dominicana, o que organizou o sequestro de Galíndez em New York e que o matou depois de o submeter PESSOALMENTE às mais inimagináveis torturas físicas e psíquicas.

Manuel Vazquez Montalvão publicara o romance *Galíndez* com muito sucesso, baseado na vida e sequestro do exilado basco Jesus Galíndez Suarez, que como amigo frequentava a casa de EGDC e Margarida Ucelay. No dito romance aparece o testemunho de Francisco Ayala, Emílio González López (EGL) e Margarida Ucelay mas não o testemunho de EGDC.

Francisco Ayala qualifica de infúndio trujilhista que Galíndez fosse “informador dos norte-americanos”. “Eu conheci-o bem” afirma e “estive em antecedentes das iniciativas de Aguirre. Galíndez foi um mártir da liberdade... Víamos as suas idas e vindas pela ONU, pelos círculos de imigrados, sempre em um pulso definitivo contra

Franco, o mesmo pulso que o do famoso capitão Gustavo Duran... Só o tratava [a Galíndez] aquando o encontrava na casa de Margarida Ucelay de Da Cal com os outros professores espanhóis que estávamos em New York, lembro a Emílio González López, ao Dr. Negrin, o filho de Negrin... Não tomávamos a sério [a Galíndez] 'zascandil', intrometido... que estava sempre tecendo intrigas inúteis em batalhas sem pólvora... Politiqueio... EGL gostava mas eu não...”.

Emílio González López: “Esses chamavam às nossas portas. O que se passava depois, isso era coisa de cada qual. E nada se lhe escapava das tuas primeiras ou segundas intenções... [EGL deve pertencer a essa classe dos que não se surpreenderam aquando a desapareição de Galíndez] que demonstrou que parte do que nos contara Galíndez devia ser certo... A mim não me contou demasiadas coisas... tratei-o pouco... Exercia de basco... [Galíndez queixava-se] Ninguém me compreende nesta Babilónia... New York era a Getsêmani de Galíndez”.

Margarida Ucelay: “Se comportava como BASCO ESSENCIAL. Nunca tomamos a sério a Galíndez [coincide com Ayala]. Gostava insinuar que estava metido em tudo... presumir que ia de piquete em piquete... protestando... sabotando... trujilhismo e franquismo e sempre contando ameaças e perseguições que ninguém acreditava de tudo. Acreditava demasiado no que dizia e tratava de exercer a sua fé no meio de nós outros que já estávamos algo CANSADOS E DESENCANTADOS. Galíndez, um militante? Sim, com certeza era isso, um militante; era um agitador e eles não queriam ser agitadores. A guerra da Espanha tinha esgotado a sua quota de paixão e derrota e assistíamos às idas e vindas de Jesus Galíndez por toda a América ou por New York com a impressão de que cada qual perde o tempo à sua maneira. Ele envolvia-se sobretudo nas reivindicações dominicanas e porto-riquenhas. Via-se-lhe muito entre porto-riquenhos numa época em que eram considerados perigosos depois do atentado contra Truman na Blair House. Não entendíamos como Galíndez podia ter uma boa relação com as autoridades norte-americanas, presumia disso, e ao mesmo tempo relacionar-se com independentistas como Isabel Cuchi e Coll, a impulsora da campanha pela liberdade dos magnicidas falidos de

Truman particularmente Óscar Collazo, condenado a morte. Jesus [Galíndez] falava-nos dos seus contactos com Figueres, o presidente de Costa Rica, ou com Betancourt ou com Munhoz Marin e nós lhe sorriámos... Galíndez era incrivelmente alegre... Nós reconstruímos as nossas vidas arredor duma família e mantínhamos laços com familiares que havíamos deixado na Espanha... Galíndez era um ser solitário [conta o desgosto com o pai e irmão falangista ou quase]. Não tinha um grão nível de vida. Os primeiros anos em New York ganhava a vida escrevendo relatórios ou artigos que enviava a concursos de toda América Latina; colaborava com muito trabalho num livro que estava a escrever Aguirre; o lehendakari concedeu-lhe um cargo subalterno no Centro de Estudos Bascos da Columbia University, foi estabilizando e ocupou a vaga de Aguirre aquando esta foi para a Europa”.

Entendia EGDC a Jesus Galíndez? Conhecia bem EGDC a Jesus Galíndez?

Jesus Galíndez em 1950-1956 era delegado do Governo Basco em New York e representante do Governo Basco na ONU, também em New York. Segundo Manuel de Dios Unanue, Galíndez era observador reconhecido pela ONU. Desaparecido em New York em 12 de março de 1956, o de Galíndez, é hoje [7-IV-2019] um caso sem fechar pelo FBI e o Departamento de Estado dos EUA. Segundo David Mota Zurdo em *El final de Jesus Galíndez, Delegado del Gobierno Vasco en el Exilio*, Universidad del País Vasco, o governo de Aguirre convocara greve geral no País Basco em 1951, sem obter os resultados esperados e com graves consequências devidas à repressão franquista. Galíndez denunciou esta repressão na Comissão dos Direitos Humanos da ONU, na Liga Internacional dos Direitos do Homem, na Federação dos Sindicatos dos EUA, CIO. O julgamento pela greve a pessoas do PNB e uma socialista, estava previsto para março de 1954 e Galíndez solicitou ao Departamento de Estado dos EUA enviasse observador do Consulado de Bilbo ao julgamento e escreveu ao presidente Eisenhower solicitando-lhe o mesmo; reuniu-se com William B. Dunham da Office Western European Affairs do Departamento de Estado para desautorizar o relato franquista da

greve de 1951.

Ao julgamento de março de 1954 assistiram jornalistas, dentre eles, do *New York Times*, observadores internacionais e sindicatos internacionais. As condenas foram suaves...

Em agosto de 1954, Galíndez reuniu-se com Elwood M. Rabenold Jr., substituto de Dunham, para falar da política internacional e a designação de José Maria de Areilza como Embaixador franquista nos EUA, um alegado sintoma do debilitamento de Franco...

Galíndez chegou ao convencimento de que os EUA ajudariam aos regimes de ditadura para ir contra a URSS – Rabenold queria à Espanha dentro da ONU “para a democratizar”.

Em *El caso Galíndez: Los Vascos en los Servicios de Inteligencia de los EEUU*, de Manuel de Dios Unanue, publicado por Editorial Txalaparta em 1999, está documentado que em maio de 1951, Galíndez não tinha passaporte norte-americano, tinha apenas uma permissão de estadia nos EUA, não tinha a de “residência permanente”. Apenas tinha a Certidão de Identidade e de Viagens para Refugiados Espanhóis n.º 48AA20254 emitido pelo governo francês em 17-XII-1948 renovada várias vezes, a última em 12-XII-1950. Hoover diretor do FBI arranjará de imediato a situação do seu prezado espião, Galíndez... Foi no ano de 1950 que as prioridades anticomunistas dos EUA se aceleraram aquando Kim Il Sung entrou na Coreia do Sul para reunificar as duas Coreias o qual foi impedido pela força e a guerra dos EUA até hoje.

Manuel de Dios Unanue escreve que Galíndez “na qualidade de observador perante o foro internacional [ONU] que lhe permitia acesso a todas as delegações ali representadas, incluindo as do bloco comunista [foi espião para o FBI na ONU e para além disso] as suas análises sobre organizações revolucionárias latino-americanas e as avaliações que sobre as políticas nos seus respetivos países oferecia ao FBI, serviram mais de uma vez para compor o relatório de inteligência que DIARIAMENTE se apresentava ao presidente dos EUA e portanto impactavam diretamente na política exterior estado-unidense”.

Manuel de Dios Unanue, o jornalista nova-iorquino nascido em Cuba, documenta a rede de espionagem basca em diversos países (Galíndez-Aguirre) à disposição do FBI. Os espiões trabalharam

para os adidos legais que Hoover, diretor do FBI, tinha nas respectivas embaixadas dos EUA.

Documenta, numa palavra, que Jesus Galíndez foi prezado e apreçado espião do FBI e a CIA, espiando comunistas, independentistas, galegos e muita coisa.

Diferentes autores afirmam que o sequestro, tortura, assassinato e a desapareição de Jesus Galíndez foi organizado pelos irmãos Allen Welch Dulles, diretor da CIA, e John Welch Dulles, Chefe do Departamento de Estado sob a presidência de Dught Eisenhower nos EUA, em conluio com o franquismo e o trujilhismo. Um crime não de Estado mas de tri-Estado, um crime do tripé anti-comunista, contra a URSS, Eisenhower-Franco-Trujillo – com a participação de “el cojo”, que fora secretário de Milhão Astrai.

O agente do FBI, Rojas, NY 507-S (New York 507 Spanish?), Galíndez, foi eliminado por que se rebelou contra a mudança de política exterior dos EUA a respeito de Franco favorecendo a sua entrada na ONU. Jesus Galíndez considerou uma traição dos EUA o Pacto de Madrid entre Eisenhower e Franco depois de reuniões secretas para a instalação das bases militares norte-americanas em território franquista. Galíndez tinha o potencial de empanar ou desbaratar o acordo Franco-Eisenhower sobre as bases militares: Entorpecer os planos norte-americanos de a Espanha ser aceite na ONU. Jesus Galíndez era um perigo para os EUA pela informação que possuía e as suas denúncias podiam reduzir a orgulhosa democracia norte-americana ao abjeto nível de ditaduras como as de Franco e Trujillo.

Em 14 de dezembro de 1955, os EUA conseguem que a Espanha de Franco seja aceita na ONU – estava na OIT, UNESCO e OMS. Três meses depois, Jesus Galíndez é sequestrado em 12 de março de 1956, um dia antes de ser içada a bandeira da Espanha franquista na ONU em Nova Iorque. Seis dias antes estivera na morada de EGDC.

O caso Galíndez continua aberto. Stuart Mckeever, investigador e advogado tenta esclarecê-lo exigindo através dos tribunais norte-americanos que o Departamento de Estado forneça toda a informação secreta que possui.

Achamos que poderia abrir uma via para conhecer muito mais a

vida e atividades de EGDC como agente secreto durante a Guerra de Franco contra a República, durante a Segunda Guerra Mundial e talvez depois. Em qualquer caso o testemunho de Margarida Ucelay ajuda a conhecer talvez a vida e as conversas que se tinham na casa de EGDC.

DOIS LUSISTAS INSÓLITOS: FRANCO E FRAGA

Em 13 de março de 1994, quer dizer, quarenta e quatro dias antes da sua morte EGDC deixou escrito em Lisboa e publicado no n.º 38 de *Agália* “Nótula lisbonense DOIS LUSISTAS INSÓLITOS” em que denúncia e combate o ditador Franco e o seu ministro Fraga Iribarne. Como Manuel Rodrigues Lapa disse de Castelhão, poder-se-ia dizer de EGDC que combateu pela Galiza até ao último alento.

De Fraga, Presidente da Xunta de Galicia [sic], que se deslocou mais uma vez a Lisboa – [para] tratar assuntos de índole governamental – como seja, novas pontes sobre o Minho, novas estradas de comunicação rápida entre a Galiza e Portugal [nada diz da ligação ferroviária], além de outras matérias que tinham a dizer com os abundantes investimentos galegos neste país [Associação de Empresários Galegos] e em geral as relações bilaterais cada vez mais estreitas, afirma EGDC uma certa satisfação íntima de ver o Presidente da Galiza ser tratado e recebido como um Chefe de Estado pelas autoridades da República portuguesa. EGDC constata Fraga usar o galego, ao contrário de Fernández Albor; de González Lage constata o seu “castrapo” requintadíssimo.

Continua EGDC com Fraga sinalando que assinou um protocolo com a Universidade Nova de Lisboa para criar um Programa de Estudos Galegos nessa Universidade e proferiu uma conferência [à que parece assistiu EGDC] sobre Álvaro Cunqueiro no auditório do “Círculo Eça de Queiroz” cujo texto... enxameava de elementos lexicais portugueses. Vocabulário esse cuja presença em qualquer publicação da Galiza que aspirasse a um subsídio legal provocaria a imediata e fulminante NEGAÇÃO do apoio oficial. Fraga... exprimiu-se num galego que ele tentava aproximar do português... muito além do que defenderia um radical “reintegracionista”... Manifesta EGDC que a conduta linguística de Fraga “se não é

lusista, eu não sei que outra possa ser”.

Realça que numa entrevista em que desenhou os planos galego-portugueses do “Eixo Atlântico”, Fraga afirmou que galegos e portugueses “falam basicamente a mesma língua”. E acrescenta EGDC: “Quem não conheça, no seu dia a dia, a acirrada – e por vezes grotesca e maldosa – perseguição profissional, social e até pessoal à que estão submetidos na Galiza todos aqueles cidadãos que, no seu uso do seu direito, de qualquer maneira propugnem a aproximação linguística galego-portuguesa, pensaria, à luz do seu comportamento em Lisboa que o presidente Fraga é um lusista – alcunha 'pejorativa' com que as autoridades linguísticas da Xunta designavam os partidários dessa aproximação. Nada mais longe da realidade. O Dr. Fraga é inimigo fidalgo declarado dos lusistas na Galiza. O que ficou claro é que o ilustre Presidente fala de um lado da boca ao Norte do Minho e do outro ao Sul do belo rio: Um discurso anti-lusista habitual, em Santiago, e outro, pelo menos agora, insólito, em Lisboa. Temos confiança de que um dia não longínquo e por todas as raízes de toda a índole QUE ELE SABE TÃO BEM OU MELHOR DO QUE NÓS – este segundo discurso deixe de ser insólito para se tornar habitual em ambos os lados do Minho – e de ambos os lados da boca do Sr. Presidente da Junta de Galiza [sic]”.

Relativamente ao episódio protagonizado pelo “Generalíssimo D. Francisco Franco Bahamonde, Caudillo de España por la gracia de Dios”, escreve EGDC: “Seria óbvio lembrar até que ponto FERINO o Caudilho considerava as culturas periféricas de carácter diferenciado como daninhas para 'la sagrada unidad de la Patria'... Que a eliminação draconiana das línguas catalã, basca e galega era INELUDÍVEL para a criação da 'Espanña Una, Grande y Libre' que gloriosamente haveria ressurgir das cinzas fumegantes da Cruzada que trouxe como consequência a SANGUINOLENTA ceifa realizada na Nossa Terra contra todos aqueles que militavam, ou mesmo tivessem manifestado simpatia pela afirmação da língua e dos valores culturais do ethos galaico. Vêm logo à mente os nomes de alguns dos mártires vitimados pelo furor unitarista: Alexandre Bóveda, Ángel Casal ou os irmãos Gerardo e Dario Alvares Limeses – e tantos outros: a lista é longa.

Torna-se evidente que o Generalíssimo, por educação, por profissão e por convicção considerava o galego – independentemente da sua significação política – como um rude patois, de gente iletrada, principalmente camponesa, impróprio para uso por pessoas das classes educadas. Língua que ele até aos 15 anos – terna idade com que partiu para a Academia de Infantaria de Toledo – só teria ouvido de lábios dos serviçais do lar materno, ou de peixeiras ou vendedeiras [esquece EGDC que em Ferrol, a Sociedad Española de Construcción Naval tinha 2300 empregados em 1910 e 3400 em 1930, na sua imensa maioria do operariado, utente do galego ele e familiares, serviçais, peixeiras, vendedeiras, maioritariamente]. Atribui a Franco ignorância em tudo quanto se referisse ao 'Rexurdimento' da literatura galega... 'pois é sabido que a cultura humanística de Franco, mesmo em castelhano, era rudimentar'.

O assunto que serve de pano de fundo para o incidente que passamos a relatar é o Pacto Ibérico ou Bloco Peninsular, que desde 1939 até ao fim da Segunda Guerra Mundial aproximou os Regimes da Espanha e Portugal num 'Tratado de Amizade e não-Agressão' que tinha em vista ajudar as duas nações vizinhas a definir e manter as suas respetivas neutralidades – que foram para os dois Ditadores, dois difíceis equilíbrios de corda bamba. Os contactos diplomáticos relativos a esse Tratado culminam num primeiro encontro dos dois 'homens-fortes', em Sevilha, onde Salazar foi recebido por Franco, em 12 ou 13 de fevereiro de 1942. Em dezembro, este, envia o seu novo Ministro dos Negócios Estrangeiros a Lisboa. E no outono de 1949, ele próprio fez uma visita de grande espectáculo a Portugal: Entrou no Almirante Cervera, Tejo acima, desembarcando no Terreiro do Paço com toda a 'pompa e circunstância', indo depois a Coimbra para receber da Universidade um Doutoramento Honoris Causa em Ciência Jurídica [??!!], etc., etc., etc. ... Interessa-nos... um pequeno acontecimento linguístico do encontro entre os dois Ditadores... registado e posto em destaque pelos dois biógrafos de língua inglesa mais categorizados do Caudilho [Brian Crozier e George Hills]. Ambos são, em geral, OBJETIVOS – embora ambos manifestem certa simpatia pelo biografado. Os dois livros [destes]

apareceram em 1967 e contaram com a aprovação do Regime... Hills faz a crónica da entrevista em Sevilha... informa que Salazar foi convidado por Franco e que no encontro estava presente Serrano Sunher (Ministro dos Negócios Estrangeiros) e fornece o pormenor de que 'Franco spoke to Salazar in Galaico-Português wich Serrano [Sunher] could ill understand' [Franco fala a Salazar em Galaico-Português que Serrano mal podia entender]. 'The cunhadíssimo complained to his friends that he felt absolutely «on myown»' [O cunhadíssimo queixou-se aos seus amigos que se tinha sentido totalmente posto aparte]. Estes factos são confirmados por Crozier nestes termos: 'Dispensing with an interpreter, Franco talked to Salazar in his native Gallego dialect, wich is so close to Portuguese that communication was eiser than usually between Iberians of different nacionality' [Dispensando um interprete Franco falou-lhe a Salazar no seu nativo dialecto galego, que é tão próximo do português que a comunicação foi muito mais fácil do que normalmente é entre ibéricos de diferentes nacionalidades]”.

Acrescenta EGDC na mesma nota que Hills, linguisticamente mais bem informado do que Crozier, não se refere ao galego como dialeto nativo, senão como galaico-português. Anteriormente, Hills, já tinha informado o leitor de que a língua falada em Galiza era uma língua românica com uma antiga e refinadíssima tradição lírica, superior à do resto da Europa.

Prosegue EGDC: “Ficam claros... vários factos importantes: i. Que o Generalíssimo, coisa surpreendente [nem tanto], sabia falar galego. ii. Que fez espontaneamente [?] uso do vernáculo nas suas entrevistas com Salazar. iii. Que evidentemente pensava que o galego e o português eram a mesma língua. iv. Que o galego em vez do espanhol criava no seu relacionamento com o líder luso um clima de intimidade linguística que favorecia os seus objetivos diplomáticos. Além de permitir-lhe, como um dividendo adicional, distanciar o seu Ministro de Estado [Serrano Sunher] representante das tendências filo-Nazis na Corte franquista – que viria ser afastado do Governo pelo Caudilho antes de findar esse ano de 1942. Ambos biógrafos indicam a fonte donde tiraram o incidente em causa: *Documents Secrets du Ministere des affaires Étrangères*

de l'Alemagne, (Paris, 1947, 1955. Trad. Esistov) onde se refletem as conversas havidas entre Serrano Sunher e o Embaixador do Reich, Everhard Von Stohrer. O ministro espanhol informava regularmente o Embaixador alemão de todas as atividades internacionais do Governo, tanto as públicas como as secretas.

Temos, porém, que supôr que esse inesperado impulso por parte de Franco de dar estatuto diplomático a uma língua pela que ele devia nutrir profundo DESPREÇO CLASSISTA, foi com certeza uma manobra da raposia que o caracterizava. Teve consciência de que Salazar apreciaria favoravelmente a dispensa do interprete e a mudança para o galego como um ato de aproximação amiga, como, aparentemente, de facto, aconteceu. Ora, seja qual for a interpretação que se queira dar à motivação psíquica do ato, ela não destrói os factos acima enumerados – que hoje em visão retrospectiva, temos de qualificar – com os critérios dos SEQUAZES do Dr. Fraga Iribarne na Xunta de Galicia, de lusismo. Nesse dia de fevereiro de 1942, Franco comportou-se como um lusista *avant la lettre*, mas lusista, à mesma. É insólito, como foi o Presidente da Xunta há poucos dias em Lisboa”.

Nessa altura de junho de 1994, dentre outros, Docentes Contra a Repressão Linguística na Galiza levávamos anos sofrendo a repressão, denunciando-a e combatendo-a sem muita compreensão e menos solidariedade o qual dá ao posicionamento de EGDC, reiteramos, quarenta e quatro dias antes da sua morte, com oitenta e três anos, UM VALOR DE ESPECIAL RELEVO.